1952

MARÇO - N. 418

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS

NESTE NÚMERO:

Gibraltar é inexpugnavel?

QUEM MATOU O "CARRASCO"?

Aprenda a combater o calor!

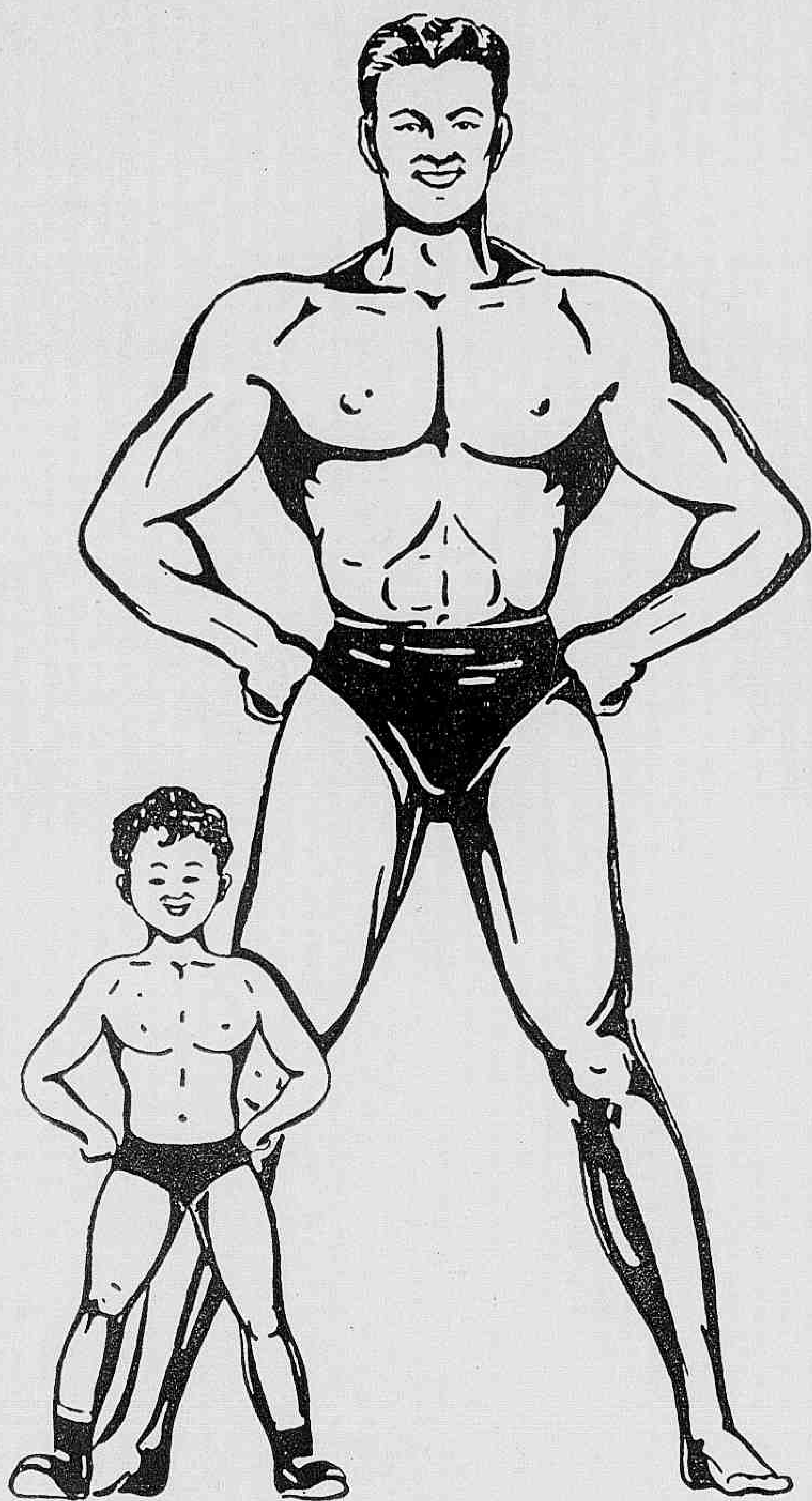
O divórcio... combatido pelos divorciados

O coração de Luísa

Novo romance de Henry Gréville



ARROZINA



O alimento ideal dos bebês

★

JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES

★

Encontra-se **ARROZINA** em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil

LABORATÓRIOS BALDASSARRI S. A.

RUA MARIA PAULA, 136 — SÃO PAULO

Filiais:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — **Distrito Federal**

PERNAMBUCO — PARAÍBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

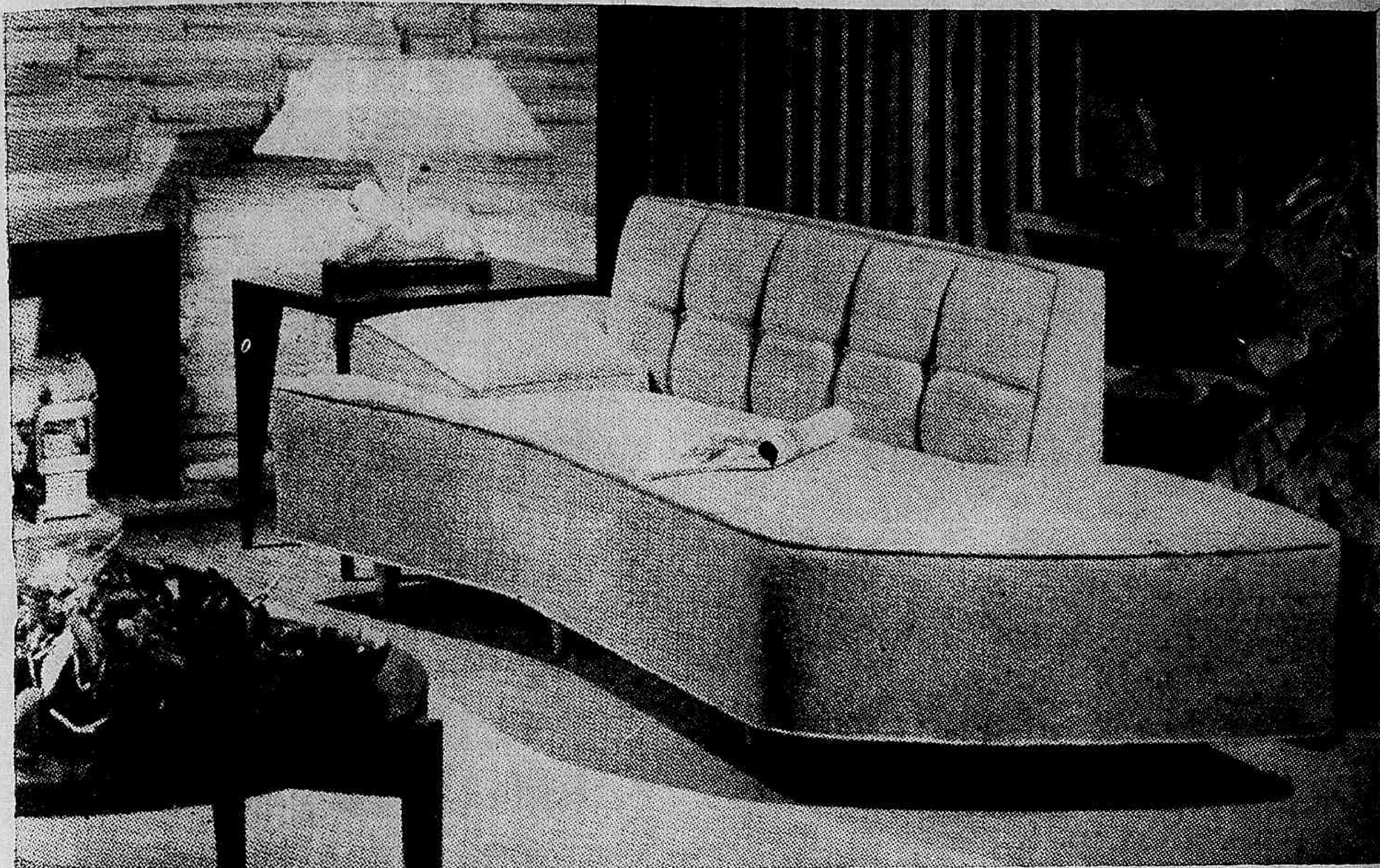
BAHIA — SERGIPE
Rua Dr. Gustavo dos Santos, 32 — **Salvador**

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Floriano Peixoto, 199 — Fortaleza

RIO GRANDE DO SUL
Rua Senhor dos Passos, 70 — Pôrto Alegre.

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Orçamentos executados
por técnicos especializados

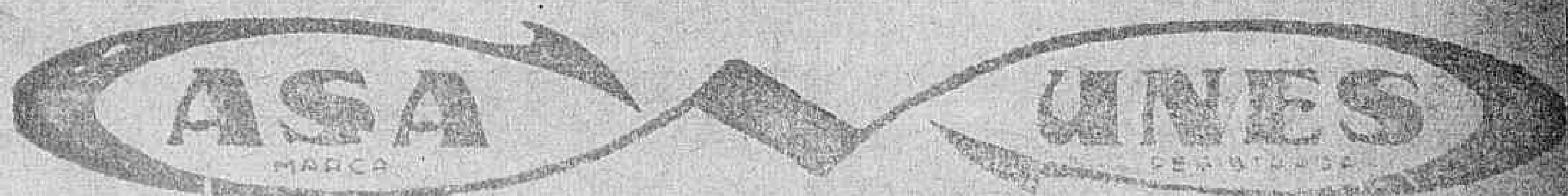
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores



GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de
nossas oficinas



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

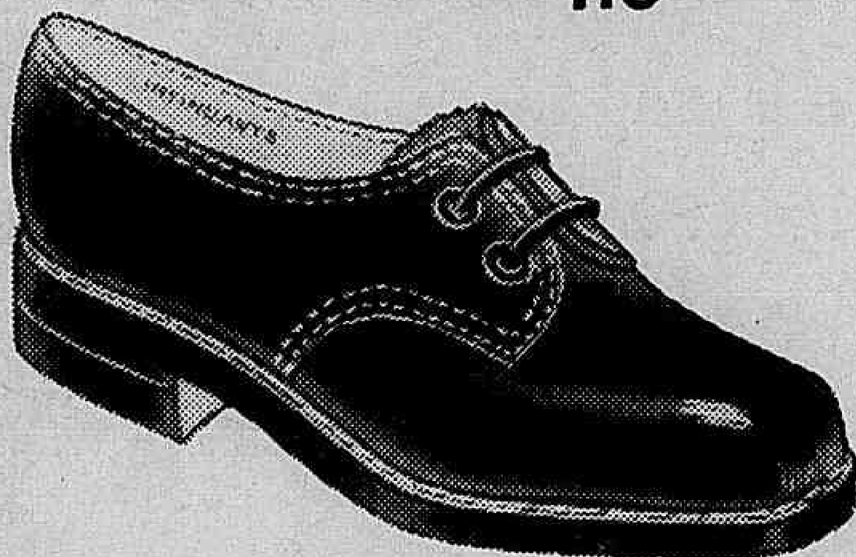
Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 32 Cr$ 140,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marron). Saltos de Borracha.

110 22 a 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 — Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, c/Salto de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 125,00 — 33 a 36 Cr$ 135,00 — 37 a 44 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos, rapazes e cavalheiros, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

A insinuante *é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.*

AT. SEMOG



Diretor: GRATULIANO BRITO

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

Telefona mais tarde...

Conto de **ARTHUR GORDON**

STEPHANIE Winter era uma deliciosa jovem senhora. Seu espelho revelava êsse fato, assim como também o provavam os assobios dos "lôbos", à sua passagem, e o olhar de inveja das outras mulheres. O encanto irresistível e desejável de Stephanie Winter era coisa fora de dúvida e não havia razão para que ela se preocupasse a êsse respeito.

Mas preocupava-se!

Nesta justa manhã, tendo lido alguma coisa sôbre as mulheres que perdem o amor e o carinho do marido por se apresentarem como **bombies** à mesa do café matinal, decidiu ficar quinze minutos, cheios, diante do espelho. Vestira seu **chambre** novo, de cetim verde. Refizera, um a um, cuidadosamente, todos os seus cachos e movimentara realmente com grande arte o **baton** sôbre os lábios, terminando por perfumar os lóbulos das orelhas, coisa que jamais fizera em tôda a sua vida, antes de ir lidar na cozinha. O resultado de todo êsse esfôrço foi muito ligeiro ou mesmo nenhum.

— Newson fêz, ontem, três "cestas" do centro do campo! — anunciou John Winter com voz radiante por trás de uma barricada de jornais.

— **"Oh, casamento!** — pensou a jovem Sra. Winter, com uma sombra no olhar. — **Casamento... Pedra tumular do amor!"**

— E' a terceira vez que consegue isto, neste campeonato! — insistiu o marido, empolgado, ao mesmo tempo que mordia a torrada.

— John — disse Stephanie abruptamente, sem qualquer **aviso prévio**. — Você acha que eu sou tão bonita quanto me esforço por ser?

— Bonita?

De vagar, a página esportiva desceu, deixando aparecer o rosto estupefato de John. Fêz uma careta, batendo as pálpebras, depois declarou, falando depressa:

— Uai! E' claro, tolinha! Muito mais bonita!

Essa alegre afirmativa não pareceu muito agradável a sua espôsa.

— Se isso é verdade — disse ela com voz enrouquecida e arrastada, como se lhe pesasse o que dizia — ... por que não me beija mais?

— Hein? Be... beijar você? — John parecia indignado. — Ora essa! Então não beijo você... todos os dias?

— Não como antigamente... — o olhar de Stephanie, muito triste, perdeu-se através da janela — ... quando éramos noivos! Então você me beijava trinta vêzes numa hora. Hoje...

— Hoje quê? — perguntou John, já agora com expressão menos surpreendida que zangada.

— Hoje... — disse Stephanie com certa rispidez. — Hoje não faz o mesmo!

— Ohhh! Então é isso, hein? — falou John, elevando perigosamente a voz. — Mas estamos casados, não é mesmo? Eu tenho que trabalhar para nós dois, não tenho? Se ficar o tempo todo beijando você, como poderei atender ao meu trabalho?

— Você sempre arranja tempo para ler o noticiário do basquetebol! — declarou Stephanie num tom carregado de veneno.

Seu marido ficou um instante fitando-a, atônito. Depois, de vagar, perguntou, enquanto a observava com grande interêsse:

— Você estará querendo insinuar que não a amo mais?

— Não é isso! — disse Stephanie. — Você me ama... creio. Mas não se empenha por demonstrar isso. Não me dá qualquer atenção. Uma mulher... (moveu as mãos, num gesto de desânimo) gosta de ser mimada, cortejada... Se **você**, por exemplo, me beijasse algumas vêzes, inesperadamente, apaixonadamente...

★

— Agora, quero que você entenda bem o que vou dizer — anunciou o marido com voz sêca. — Quando você procura aprender a assobiar uma nova canção, fica praticando o dia todo, não é verdade? Porém, depois que a sabe de cor naturalmente...

— Oh! Então é isso? — exclamou Stephanie, com os olhos quase saltando de assombro e de indignação. — Beijar-me é, para você, como assobiar uma velha canção, não é mesmo? Pois bem, agora também quero que você ouça alguma coisa: outros homens não sentem isso a meu respeito!

— Não? — repetiu John, sorrindo indulgentemente. — **Quem**?

— Tony Morgan, por exemplo!

O sorriso morreu no rosto de John, segundo Stephanie pôde observar com satisfação.

— Êsse... Êsse **mal-acabado!** Êle disse alguma coisa a você?

— Não; mas bem que gostaria de poder dizer!

O rosto de John mudara completamente. Na verdade, apresentava-se tão zangado que Stephanie como que subiu às nuvens, deliciada. Por que não pensara nisso antes? Observou as mãos de John, amarrotando furisamente o jornal.

— Agora estou pensando... Você dançou com êle mais de dez vêzes no Clube, na última noite de sábado, não foi?

— Não! **Êle** dançou mais de dez vêzes comigo!

— E suponho que êle tentou beijar você, quando apagaram as lâmpadas, à meia-noite...?

Stephanie, sem responder, ajeitou um dos seus cachos.

— Quero que você me entenda de uma vez — disse John, ameaçador. — Não quero tornar a ver Tony Morgan rondando perto de você! Está bem explicado?

— Êle não anda rondando nada! Êle... Êle apenas me admira... E' só!

— Oh! Êle admira, hein? Pois deixe-me dizer mais alguma coisa. Se alguma vez...

★

No outro canto da sala o telefone chamou. Estridente. Insistente. Stephanie se levantou para ir atender, fazendo esvoaçar o **chambre** novo e deixando um rastro de perfume. Só podia ser sua irmã, Caroline, como sempre. Infalìvelmente havia de telefonar quando estivessem à mesa...

Uma idéia a assaltou repentinamente, uma idéia brilhante, formidável — segundo pensou.

— Alô... Sim... (sua voz mudou repentinamente). **"Oh!"** (lançou um olhar furtivo e receioso ao marido). **"Oh! não!"** — disse com pressa e num tom de cumplicidade. — **"Não posso! Realmente, não posso!"** (Voltou as costas para John). **"Não!"** — repetiu numa voz quase cochichada. — **"Não deve telefonar mais. Não! Adeus"**.

Pousou o fone e ficou um instante imóvel. Ouviu o gemido da cadeira de John, quando êste a empurrou com violência. A seguir ouviu também a voz dêle, perguntando:

— Quem telefonou?

Ela se voltou para o marido e permaneceu calada, desafiante.

Êle voltou a recostar-se na cadeira.

— Está muito bem... Não precisa dizer... Eu sei quem foi!

— Agora ouça, John — disse Stephanie. — Não fique assim excitado...

— Excitado? — gritou o marido. — Quem está excitado? (Jogou o guardanapo contra o chão, com fúria terrível). Apenas vou matá-lo! E' só! Vou partir aquêle pescoço de taquara! Só isso!

Stephanie mal podia conter o riso.

— John, querido...

Êle, porém, não lhe deu tempo. Avançou para Stephanie. Suas mãos estavam sôbre os ombros dela, pesadas, rudes como se fôssem de ferro, fortes, violentas, **de-li-ci-o-sas**...

— Você é minha, entende? Você me pertence! Não pode esquecer isso!

Beijou-a. **Inesperadamente. Apaixonadamente.** Era uma coisa maravilhosa; ela se sentiu derreter como açúcar. Um dos cachos, parecendo também amolecer, ruiu sôbre os seus olhos. **"Oh, casamento!"** — pensou quase em delírio. — **"Casamento, exaltação do amor!"**

Êle ainda a beijou por muito tempo.

— Oh, John... — murmurou ela, afinal. — Querido, você vai perder a condução!

★

Êle lançou um olhar assustado para o relógio, apanhou o chapéu, que colocou de qualquer maneira sôbre os cabelos em desordem. Marcas de **baton** se espalhavam por seu rosto; porém, mesmo assim, nunca John parecera a Stephanie mais sedutor e alinhado! Já com a porta aberta êle se voltou para recomendar:

— Não se esqueça do que eu disse! — Depois saiu, fechando a porta.

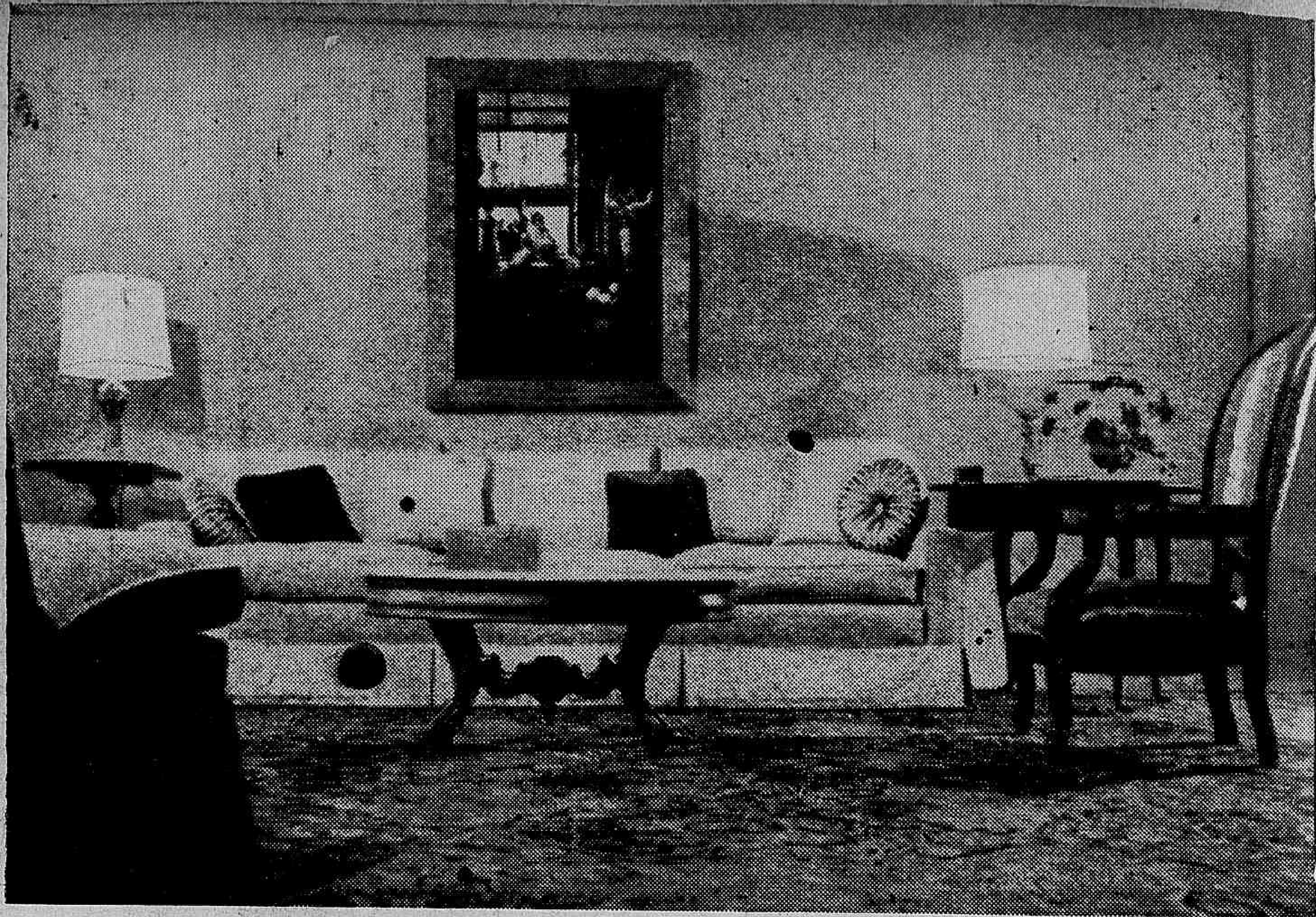
Stephanie logo caminhou para o telefone, sentando-se junto dêle, com ar risonho e pensativo. Queria estar bem instalada, pois ia telefonar para Caroline... Tinha que ser uma explicação longa a respeito de suas palavras idiotas de pouco antes... **"Oh, os homens!"** — pensou com indulgência. — **"Tão simples e tão infantis, todos êles! Era bastante saber como "apanhá-los"**... Levou o fone ao ouvido e ia compor um número quando a porta de entrada tornou a ser aberta bruscamente.

Por entre os dois batentes voltou a aparecer a cabeça de John.

— Esqueci de dizer, querida... Gostei muito dêsse **chambre** novo... (Observou o telefone, pousado no colo de Stephanie, e seus olhos logo se encheram de dezenas de pequeninos pontos luminosos de riso). Ah! Outra coisa mais... Se você vai falar outra vez com Caroline, dê-lhe lembranças minhas, sim?

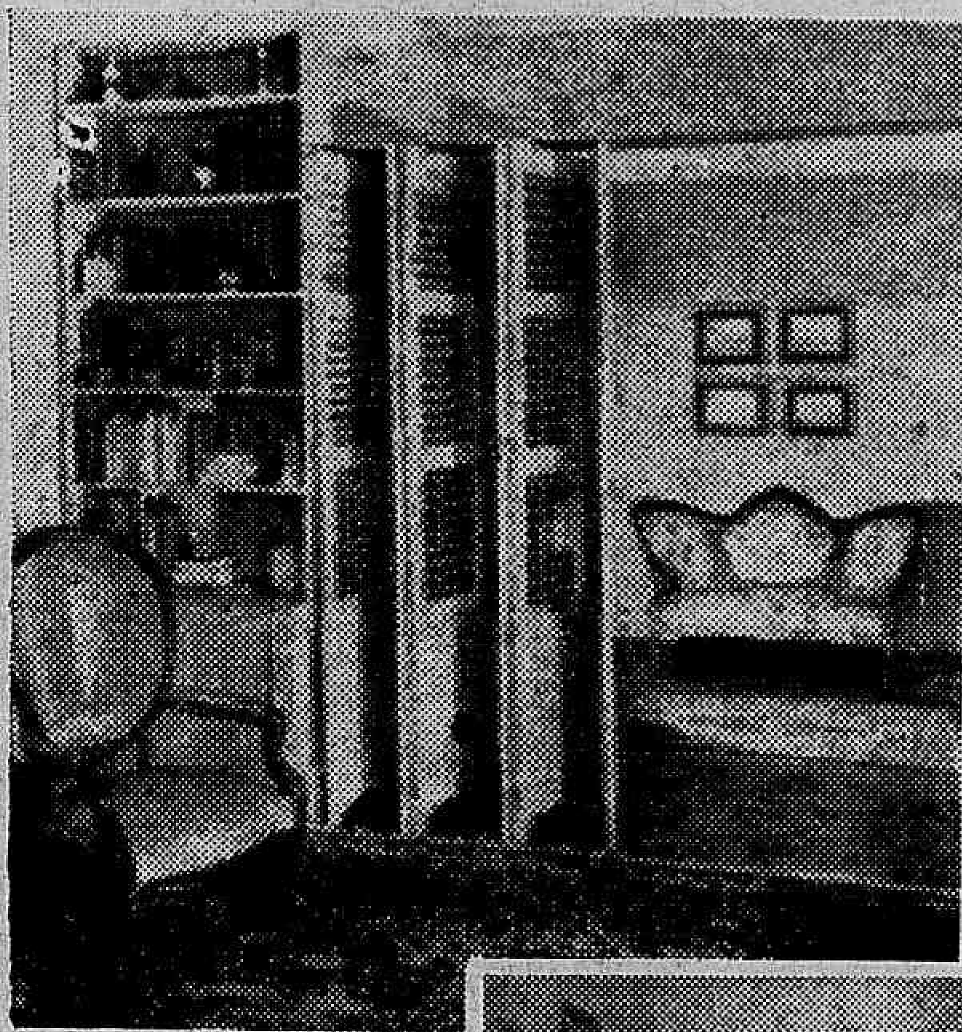
Franziu o nariz para ela, enquanto piscava um ôlho. Uma carêta amistosa — de cumplicidade — e muito carinhosa. Depois, em silêncio, fechou a porta.





Aqui está uma arrumação simétrica, utilizando-se um grande sofá ladeado por pequenas peças de estilos diferentes e que, em conjunto, dão a impressão de ambiente espaçoso.

COMO "*criar*" *espaço*



Uma impressão de mais espaço livre é conseguida com essa divisão muito larga e com porta de venezianas dobráveis, além da colocação estratégica da estante e da proporção dos móveis.

★



Êsse índio, talhado em madeira (ou qualquer outro objeto semelhante), pousado sôbre o ligeiro pedestal é precioso para um dêsses cantinhos de escada ou de corredor, que consideramos absolutamente absurdos. Tem grande efeito decorativo.



O leito imenso (mas cercado de mobiliário de pequenas proporções) ajuda muito para dar ao quarto a aparecência de muito espaçoso.



Os técnicos estão sempre imaginando mil e um modos de salvar a situação cada vez mais séria dos cômodos acanhados e, por isso mesmo, não ajudando uma boa arrumação ou, se esta é conseguida, piorando o problema angustiante do espaço e do bom-gôsto.

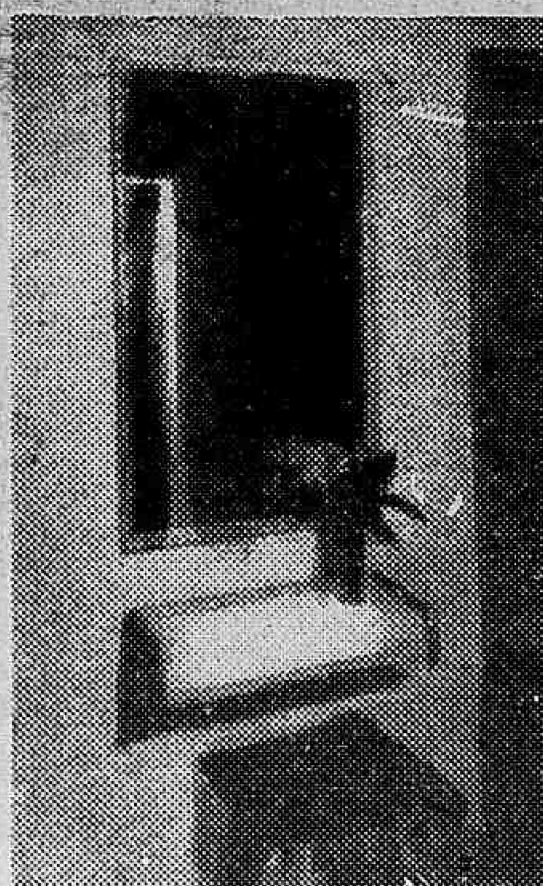
Os decoradores norte-americanos, indiscutìvelmente os mestres dos mestres, estão dedicados sèriamente à tarefa de resolver êsse problema e dia a dia apresentam sugestões, criam estilos, truques e "arranjos excelentes. Nestas páginas os leitores poderão aprender muito coisa...

Eis um canto de sala «assimétrico», com peças grandes e ajustáveis, a fim de proporcionar confôrto e deixar mais espaço livre.





Uma parede espalhada e uma janela «aumentada» pelo efeito das cortinas laterais são ótimos recursos para tornar grande um quarto pequeno. Observem o aproveitamento da janela para colocação da coiffeuse, assim como os gaveteiros laterais.



Para esta sala de jantar de móveis reduzidos, para deixar mais espaço livre é interessante, como recurso decorativo a disposição das três vitrinas embutidas, para bibelots e sob as quais corre um largo espelho que duplica a visão.

☆

Outro recurso para dar mais vida a um cantinho absurdo. Um espelho e uma mesinha embutida, com tampo de vidro fôsco e iluminada internamente. Um simples banquinho completa o conjunto.



— Você quer caviar, querida?

★



ÊSTE AUTOMÓVEL RESOLVEU O PROBLEMA DA CASA — O Sr. Kinoshita, japonês, residente numa cidadezinha do Lancashire, Inglaterra é assim como um êmulo do conhecidíssimo "Camondongo" carioca. Apenas, o Sr. Kinoshita é homem abastado e industrial. Sendo solteiro e decidido a enfrentar a crise de alojamentos, transformou seu automóvel em "residência". Sôbre o motor estão os utensílios de cozinha. O gabinete de "toilette" fica escondido pela porta, à direita do banco do motorista. No interior está um armário, mesa, cadeira. À noite as cadeiras se transformam em leito.

PRESÍDIOS E PRESIDIÁRIOS

DEPOIS da décima quinta fuga de prisioneiros, no mesmo ano, da prisão Estadual, próximo de Salt Lake City, alguém colocou uma tabuleta à beira da estrada, nas imediações daquela estrada: "Diminuir a velocidade. Os prisioneiros estão fugindo".

★

NA CIDADE de Joliet, Illinois, um prêso pediu em vão que prolongassem a sua sentença por mais seis meses, pois desejava concluir o seu curso de teologia.

★

QUANDO James Barnes foi finalmente libertado, após concluir a pena a que fôra condenado, na prisão municipal de Liverpool, Inglaterra, levou escondidos entre suas roupas três pares de sapatos, dos fornecidos pela prisão aos presos. Três dias depois era prêso e voltava para as grades, por ter sido pilhado tentando vender os sapatos roubados.

★

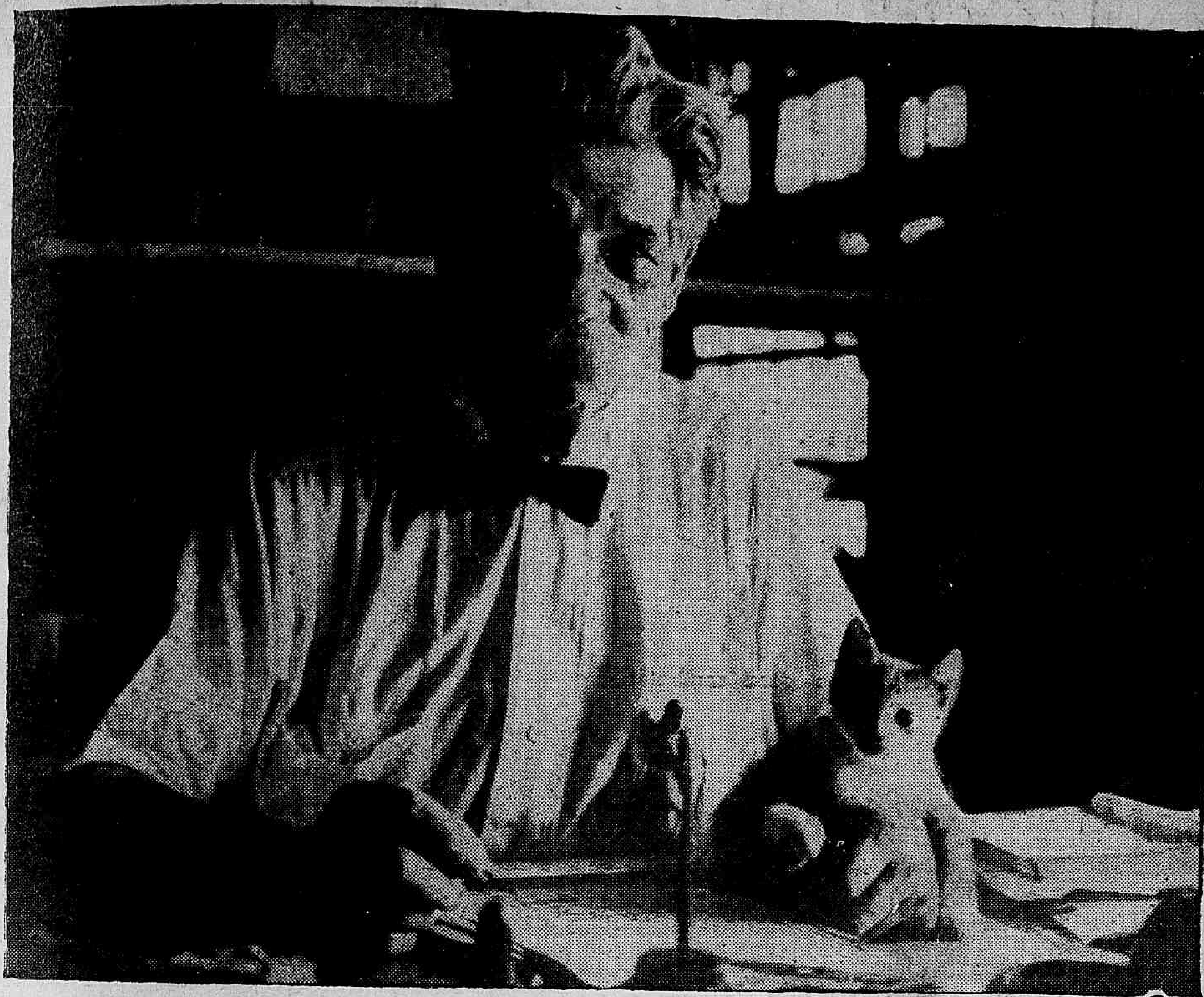
SEGUNDO relatório do Federal Bureau of Prisions, dos Estados Unidos, em média, os presos recolhidos às prisões federais, lêem 70 livros por ano.

★

UM HOMEM recolhido ao presídio de Cleveland, condenado como fabricante de dinheiro falso, acaba de ser processado por mais três atos como falsário. E' que o homenzinho, ali mesmo, na prisão, continuava passando dinheiro falso, entregando-o aos guardas para que comprassem cigarros e revistas.

★

CLUBE DO FURACÃO — E' composto de indivíduos residentes em Boston e que se encontravam **fora de casa**, por ocasião do tremendíssimo furacão, que passou à história com o nome de **Great Hurricane**, ocorrido em 21 de setembro de 1938. Todos os membros do clube se encontram repousando diante do **Back Bay Hotel**, ponto mais castigado pelo furacão. O clube tem sua sede nesse mesmo hotel.





ALGUMA COISA MAIS...

De uma entrevista com o Dr. Albert Schweitzer

NOTA Da Redação — O Dr. Albert Schweitzer tem sido chamado por muita gente de "o maior homem dêste mundo". Tendo começado como simples médico de aldeia, na França, chegou aos mais altos planos nos mais variados campos, tais como os da música, da teologia, da filosofia e da literatura. Estando com 76 anos, passou grande parte dos últimos 38 à frente de um hospital para 600 enfermos, no coração da selva africana.

Recentemente, aproveitando os poucos dias em que o Dr. Schweitzer estêve repousando em sua cidadezinha natal de Gunsbach, no maravilhoso Vale do Munster, na Alsácia, Bernard S. Redmont, repórter de "This Week", foi visitá-lo, a fim de obter uma entrevista. Desta, data vênia, damos, a seguir, um trecho ligeiro mas realmente edificante.

"NUNCA poderei esquecer aquelas duas horas que passei, sentado numa varanda florida, aberta para uma colina enfeitada com cerejeiras em flor e sentindo por tôda parte a fragrância dos vinhedos alsacianos. O sol tombava lentamente além do verde vale e o Dr. Schweitzer parecia esquecer a minha presença para ouvir muito interessado o que cochichavam os pássaros nas grandes árvores, **a sineta que o gado fazia repicar,** no seu cadenciado e poderoso caminhar, de volta aos estábulos, o zumbido ligeiro das abelhas retardatárias e o riso dos colegiais, em correrias ao longo das margens do rio.

Perguntei-lhe o que um homem normal poderia fazer a fim de atender ao seu famoso princípio de «Respeito pela vida» — e agir no sentido de ajudar a curar os males que castigam o nosso mundo.

Sua resposta foi esta:

— Fazer o que puder. Não é suficiente, apenas, **existir**. Não é bastante dizer: «Estou tendo o suficiente para viver e sustentar a minha família. Cumpro com os meus deveres. Trabalho. Sou bom pai e bom marido...»

«Tudo isto está muito bem. MAS E' PRECISO FAZER ALGUMA COISA MAIS! Estar sempre alerta e preparado para fazer o bem. Todo homem tem que estar atento, a fim de tornar-se mais nobre e compreender melhor a sua verdadeira finalidade neste mundo. Deve dar maior atenção ao seu vizinho e estender-lhe a mão sempre que fôr necessário. Enfim, ajudar sempre com gestos, coisas ou palavras. E sem pensar em pagamento! Contentando-se — e orgulhando-se — com o privilégio de dar! E jamais esquecer que não vive num mundo sòmente seu. Há muitos irmãos vivendo nêle, também.

A — DEVEMOS COMER POUCO?: — "Quanto menos comermos, durante a estação quente, menos calor sentiremos". Isso é o que mais geralmente é dito pelos "entendidos". No entanto.. recentes estudos rea-



Aprenda a

lizados no Pennsylvania State College, por intermédio do seu Laboratório de Nutrição, revelaram que um indivíduo se sente preguiçoso e abatido, no verão, **porque come pouco!**

Os doutôres especializados em dietas declaram que a necessidade de alimentar-se é determinada, no indivíduo, não pelo calor mas pela soma de energia que dispende. Se o seu trabalho e dispêndio de energias se equivalem, no inverno e no verão, a necessidade de alimentos há de ser similar numa e noutra estação.

SEMPRE que chega o verão estamos lendo em jornais e revistas muitos anúncios comerciais, **indicando êste ou aquêle recurso para combater** o calor. Muitos dêsses conselhos são como faca de dois gumes: livram o indivíduo do calor para lançá-lo no leito, com resfriados mais ou menos graves.

Para procurar resolver o problema com verdadeira eficiência aconselhamos:

1 — Fazer uma lista de todos os conselhos lidos e ouvidos para combater o calor. 2 — Jogar a lista fora.

A Ciência diz que muitas das "regras" geralmente aceitas para combater o calor são falsas — e algumas servem mesmo para que o indivíduo sinta mais calor. Aqui apresentamos alguns ensinamentos realmente úteis para viver melhor nos meses de intenso calor.

Por AMY SELWYN



Recentes estudos científicos revelaram que a quase totalidade das "regras" mais conhecidas nada ajudam ou ajudam muito pouco. Ao contrário, muitas delas tornam o verão **mais perigoso**.

Para uma fácil compreensão do leitor, vamos mencionar os conselhos mais comuns, citando ao mesmo tempo a palavra autorizada da ciência, a respeito.



B — DEVEMOS INGERIR ALIMENTOS FRIOS?: — Se o leitor costuma adotar essa tática, convencido de que se comer alimentos frios manterá o corpo mais fresco e, se comer alimentos quentes, sentirá maior calor, deve ler o que diz o Dr. L. Jean Bogert, professor de economia alimentar do Colégio de Agricultura do Estado de Kansas: Segundo a opinião dêsse renomado especialista e de inúmeros de seus colegas, o aumento de calor provocado por um alimento depende menos da sua **temperatura** que do valor **em calorias** que contenha.

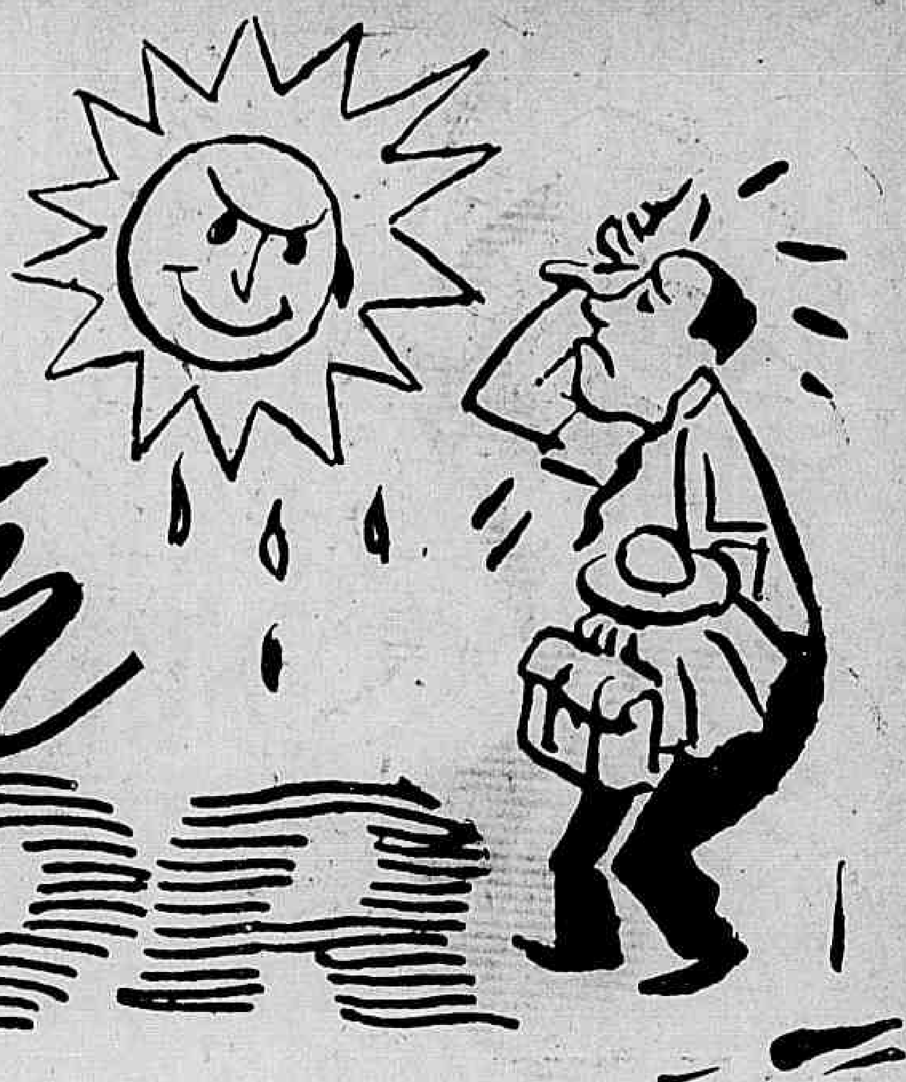
Nessas condições, embora um indivíduo absorva pequena quantidade de calor com a ingestão de alimentos quentes (enquanto esteja comendo os mesmos), por certo sofrerá muito maior calor se tomar uma canja de galinha, embora fria: Isso porque o segundo alimento tem mais calorias!

C — DEVEMOS EVITAR A CARNE DE PORCO?: — Não há nenhum perigo em comer carne de porco, desde que se cuide de cozinhá-la bem, a fim de evitar aquilo que, de fato, é perigoso nela: a **triquinose**. Porém, declara o "Bureau of Animal Industry", de Washington, em boletim oficial: — **"A carne de porco, quando propriamente cozinhada, pode ser comida sem qualquer perigo de infecção."**

D — OS GELADOS AJUDAM A REFRESCAR?: — O Dr. Edward F. Adolph, professor de fisiologia na Universidade de Rochester, "testou" essa noção... **ingerindo copázios de água gelada** e **assinalando num boletim as suas reações fisiológicas!** Pôde, assim, verificar que a água gelada

não resfria a temperatura do indivíduo **porque interfere com o mecanismo que regula a temperatura normal do corpo.**

combater o CALOR



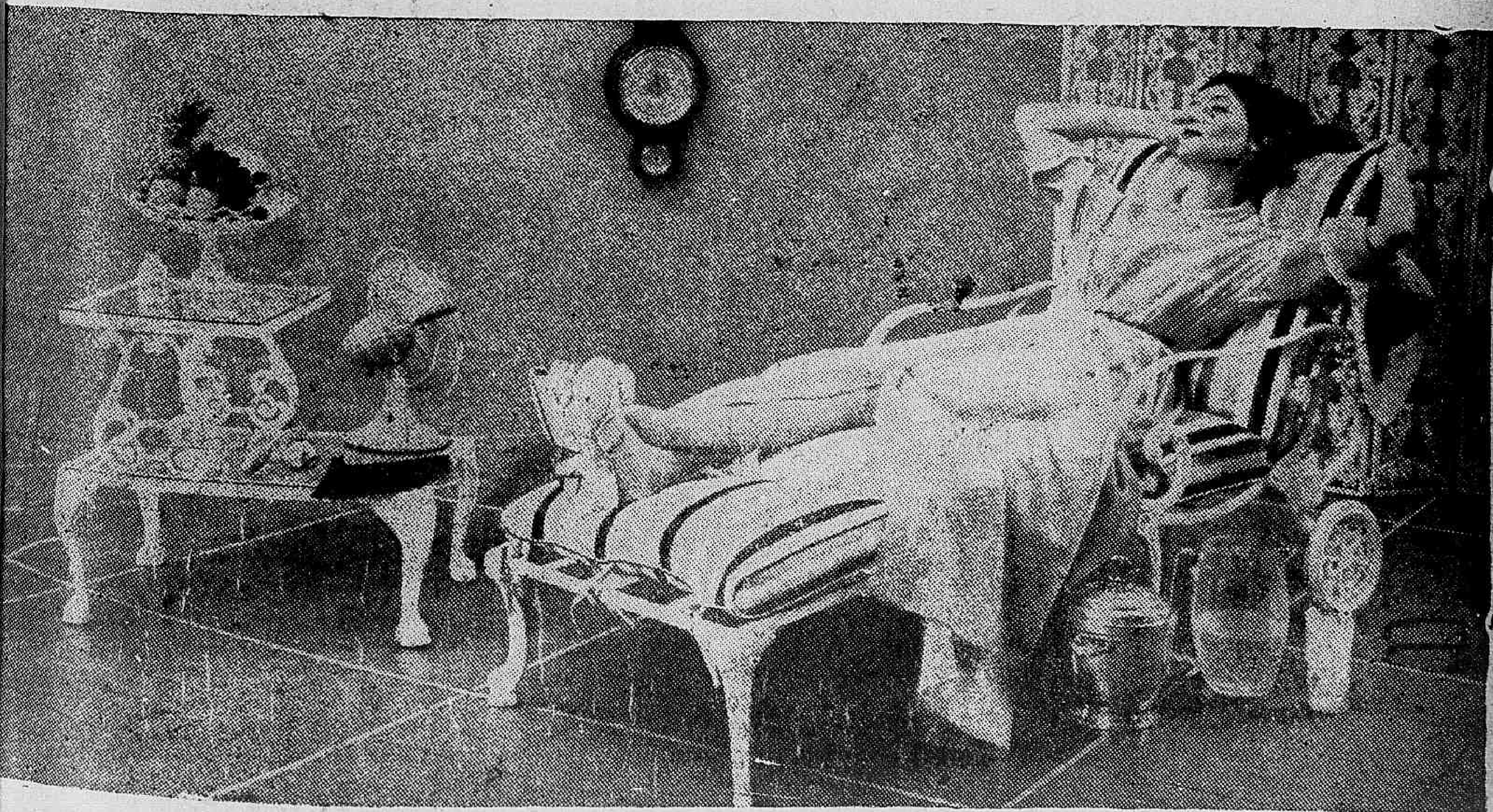
E — DEVEMOS COMER MAIOR QUANTIDADE DE SAL?: — Muita gente acredita que é indispensável dar uma quantidade **extra** de sal ao organismo, por meio da alimentação ou simplesmente tragando pílulas de sal... **para substituir o sal perdido com a transpiração.** Entretanto, segundo o "National Research Council", de Washington, um adulto normal consome ordinàriamente 10 a 15 gramas de sal, diàriamente — quantidade essa mais que suficiente para compensar a perda causada pela transpiração.

Por sua vez a "American Medical Association" concluiu que "o indivíduo que realiza um trabalho extenuante e transpira excessivamente pode necessitar de uma quantidade **extra** de sal. Porém, mesmo essa necessidade desaparece, **se a pessoa estiver incessantemente exposta a alguma alta temperatura, pois neste caso a sua transpiração será menos salgada.**

Quando um indivíduo ingere mais sal do que pede o seu sistema pode ser atacado de náuseas, cãibras, zumbidos nos ouvidos e tonteiras. Em certas pessoas que sofram de desordens circulatórias e do coração, o excesso de sal pode agravar sèriamente as condições gerais do organismo.

F — DEVEMOS EVITAR O ÁLCOOL?: — À parte as considerações morais, muita gente está convencida de que o beber aumenta o calor. Entretanto, os médicos informam que êsse efeito caloroso do álcool é determinado pela quantidade consumida. Naturalmente, se beber em doses fortes, o indivíduo se sentirá "afogueado", entrando a transpirar em abundância, podendo mesmo chegar a um estado realmente grave. Mas informam, também, que o beber ligeiramente e **uma vez ou outra** não tem acentuados efeitos.

Segundo declarações do Dr. Harry J. Johnson, diretor-médico do "Life Extension Institute", de Nova York, "o álcool é hoje em dia um alimento que produz algum calor durante o processo de assimilação". O importante é que **os outros alimentos proporcionam valiosos nutrientes e o álcool não.**

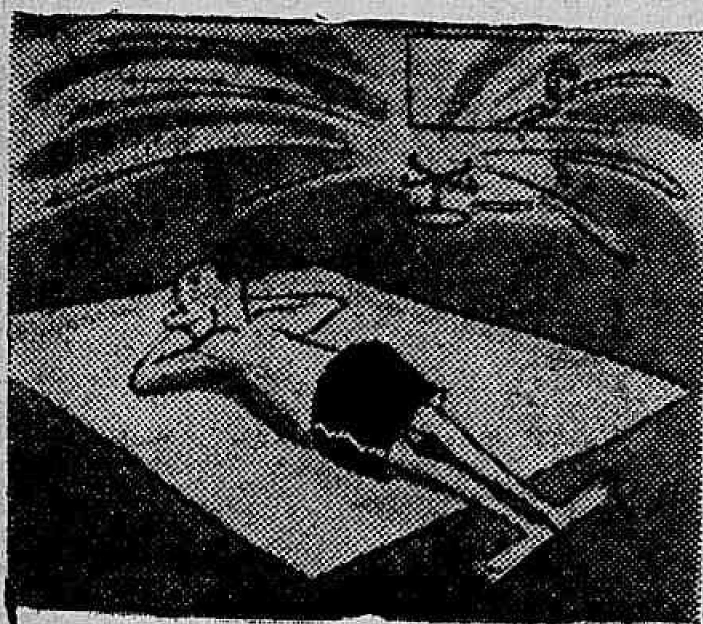






G — DEVEMOS EVITAR OS MOVIMENTOS E CAMINHADAS?: — Investigações realizadas recentemente pelo "Departamento Médico" do Exército Norte-Americano, revelaram que "se um indivíduo goza de saúde normal, quanto mais inativo permanecer mais afetado será pelo calor!"

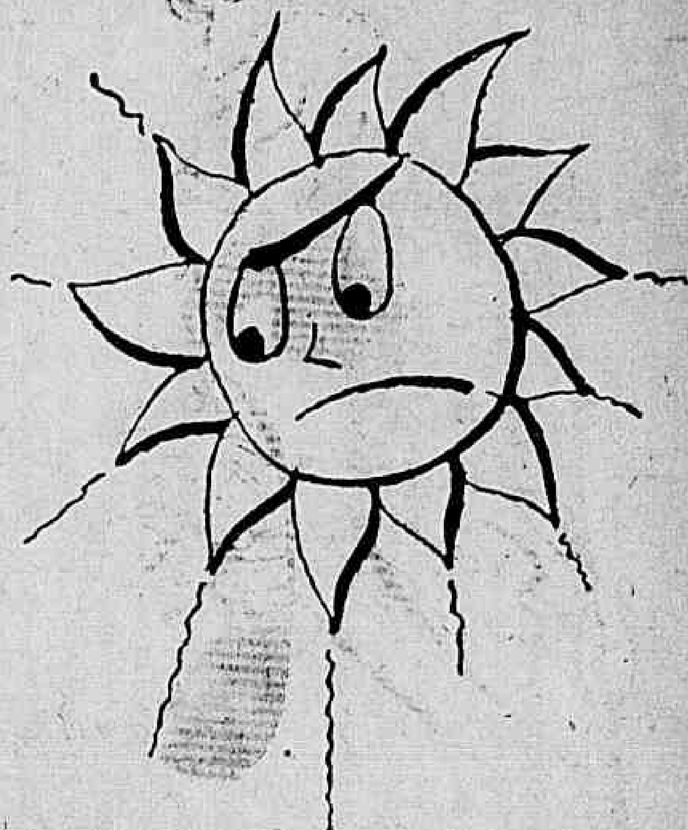
H — DEVEMOS FICAR SOB A AÇÃO DIRETA DE UM VENTILADOR?: — Evidentemente é muito agradável receber o jacto de um ventilador. Isso torna mais rápida a evaporação do suor e assim refresca o corpo e o ar que o cerca. Entretanto, não deve ser colocado voltado diretamente para o corpo do indivíduo, sendo preferível voltá-lo para o chão, a fim de que simplesmente **movimente o ar ambiente** e refresque o corpo de forma indireta.



I — O AR CONDICIONADO OFERECE PERIGOS?: — Cinco cientistas da Universidade de Illinois acabaram com essa crença quando reuniram duas dezenas de estudantes de medicina em um salão refrigerado e, ao fim de certo tempo, levaram os mesmos alunos para outra sala, **esta aquecida** e, finalmente, tornaram a colocar todos êles na sala refrigerada. Todos êsses homens realizaram um fácil ajustamento fisiológico, não sofrendo qualquer efeito prejudicial. Mesmo os indivíduos sofrendo de distúrbios circulatórios e de **coração**, nada **sofreram** submetidos à mesma experiên-



cia. Seus organismos realizaram rápido e fácil reajustamento. Os médicos puderam determinar que, durante um calor opressivo, há grande vantagem "se o indivíduo se colocar periodicamente em algum local que tenha ar condicionado". E' excelente, por exemplo, trabalhar em escritório com essa instalação que garanta temperatura igual, mais agradável e que dá ao organismo um utilíssimo repouso, livrando-o das alterações e alta pressão atmosférica reinante nas ruas.



J — DEVEMOS TOMAR BANHOS FRIOS?: — Os cientistas afirmam que um banho morno serve muito mais para refrescar o corpo. Mas também recomendam alguma coisa muito mais simples: mergulhar as mãos e os antebraços em água fresca — não gelada. Essa operação proporcionará grande alívio nos dias de maior calor.



ENFIM, CONSEGUIRAM!

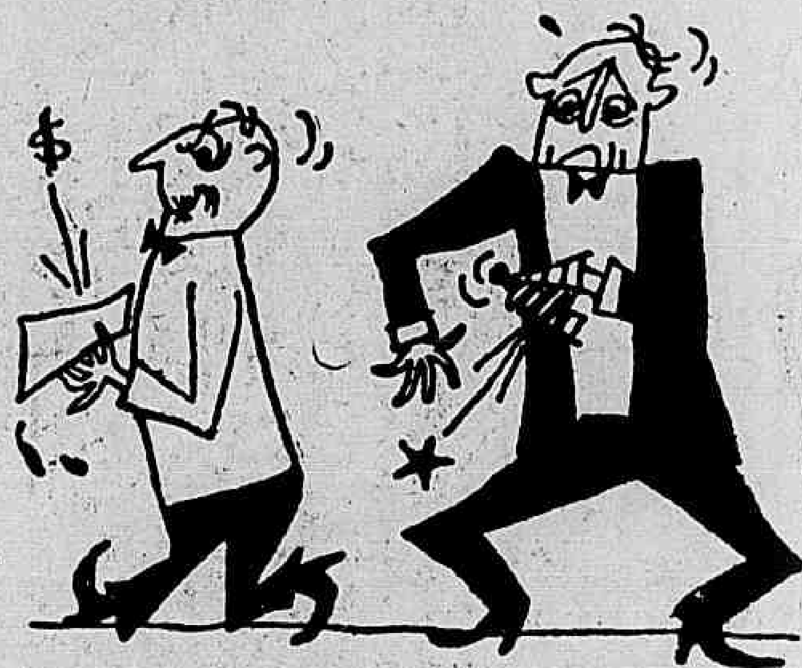
A Perseverança é a mais estóica das virtudes. Tem ela os seus heróis, antigos e modernos. Aqui citamos alguns que podem ser, realmente, comparados com Colombo, Job e a Tartaruga de Êsopo...

OS TEIMOSOS	SEUS PRÊMIOS
Mrs. Alma Hertel, Grand Rapids, Michigan.	**Depois de dezessete anos a nogueira que ela própria plantou e cuidou, finalmente produziu... uma noz.**
Lee Fowler Jr. de Highland Mills, N. Y.	**Depois de quatro anos de trabalho e 9.000 palitos (!), pôde construir uma réplica da mansão de seus avós.**
Aubrey Ivy, Birmingham.	**Depois de sair a caçar perus selvagens durante vinte anos, finalmente pôde apanhar um, com armadilha.**
Um criador de galinhas em Sydney, na Austrália.	**Depois de vinte e cinco anos de incessantes tentativas, conseguiu tirar dois pintos sadios e perfeitos de um mesmo ôvo com duas gemas.**
Mrs. W. F. Wicker, de Ontário, Canadá.	**Apesar de haver trocado várias vêzes a alça de madeira, continuou a usar o mesmo ferro de engomar comprado em 1928.**
V. L. Peterson, de Glasgow, Inglaterra.	**Depois de perder muita linha, muitos anzóis, de quebrar vários caniços e até mesmo de tomar meia dúzia de banhos forçados, pôde pegar a gigantesca truta, que perseguiu durante mais de 5 anos.**
William George Broderick, de Londres.	**Depois de trinta e três anos, obteve divórcio de sua espôsa, que o deixara definitivamente onze dias depois do enlace matrimonial.**
Peter Marichak, de Amsterdão, Holanda.	**Jamais esqueceu a aposta que fizera com Michael Mihalek a respeito de qual dêles seria pai primeiro, devendo o perdedor pagar ao outro um barril de «chopp» Marichak venceu a aposta, porém já então os amigos se haviam separado, seguindo cada um o seu destino. Recentemente, 48 anos depois, voltaram a encontrar-se os dois amigos e Marichak lembrou a Mihalek a velha aposta. O perdedor pagou.**

OH, O DINHEIRO!

A CONSCIÊNCIA DESPERTOU ATRASADA: — Um abastado fazendeiro da Califórnia voou recentemente até Nova York a fim de restituir 500 dólares, que êle mesmo havia furtado à companhia de bondes, da última cidade, quando ali trabalhara como condutor em... 1906!

★



ÚLTIMO RECURSO: — Um capitalista de Sutton, Virgínia, foi prêso e processado «por assalto», depois de haver apertado com a sua mão poderosa a mão de um mau pagador, até que êste assinasse, com a outra mão, um cheque no valor de 15 dólares, que saldava a sua dívida.

★

TUDO E' RELATIVO: — Em Santa Mônica, Califórnia, dois proprietários de automóveis pequeninos e acanhados, reclamaram contra a inspetoria do tráfego, alegando que não deviam pagar a mesma licença que os proprietários de carros grandes, pois ocupavam menos espaços nas filas, nos estacionamentos e atravancavam menos as ruas.

★

SEGURANÇA: — Uma proprietária de terras de Wellsburg, Virgínia, finalmente restituiu duas crianças, de 4 e 6 anos, que conservava como garantia do pagamento de 19 dólares que havia emprestado aos pais legítimos. Mas só o fêz depois que o **sheriff** ameaçou de iniciar processo contra ela, sob a acusação de «rapto».



E ESTA?: — Um funcionário público de **Superior**, uma cidadezinha do Estado de Winsconsin, foi multado em 50 dólares por haver furtado a máquina de cortar cabelo, da barbearia local. Não se livrou da multa, nem mesmo tentando explicar ao juiz que assim agira «porque sendo o preço de 1 dólar, quantia muito elevada para sua bôlsa, achara melhor roubar a máquina e passar a cortar o próprio cabelo».

O DIVÓRCIO COMBATIDO PELOS DIVORCIADOS!

SEJAM quais forem as condições da união, devemos reconhecer que quase todos os casamentos de hoje são prejudicados **de início**.

As razões são muitas e, aparentemente, sem remédio; pelo menos por muito tempo. Temos assim, por exemplo, a dificuldade de encontrar casa ou apartamento forçando a presença constante dos sogros; eis duas coisas que têm o efeito dos rochedos sob as quilhas dos navios. Um casamento apoiado em demasia sôbre os sogros é como um navio... ancorado sôbre rochas ponteagudas! Acabarão por roçar, usar, atravessar o casco!

A êsse propósito, as Associações Municipais Inglêsas Pró-Alojamento, acabam de revelar um fato bastante curioso e sôbre o qual não possuímos, infelizmente, qualquer documentação brasileira. Afirma o Superintendente geral dessas Associações que inúmeros divórcios são causados, na Inglaterra, pelo fato dos dois cônjuges viverem, por absoluta necessidade, **num mesmo quarto!**

Na verdade, os Inglêses tendem, no momento, a um ligeiro aumento dos divórcios. Mas há, para o caso, uma razão muito simples: a partir de meados de 1951, o Estado concedeu assistência gratuita, em matéria legal, nos casos de divórcio. E' evidente que vários milhares de indivíduos que até o presente não solicitavam divórcio por não ter o dinheiro indispensável ao processo, precipitaram-se para utilizar a nova lei...

Porém, a respeito de **um só quarto** para o casal, os testemunhos nos chegam de todos os lados.

— "Se os cônjuges pudessem ter quartos separados..." — isso é o que nos dizem juristas como Lord Dennings, membros do Parlamento como o Coronel Lipton ou sacerdotes como o Reverendo Bulman.

— "Se os cônjuges pudessem ter quartos separados... seriam, pelo menos, oito horas por dia durante as quais um dos cônjuges não poderia atacar os nervos do outro.

Essa é uma opinião que estamos inclinados a aceitar. Que diz o leitor? Sabemos, desde já, que há sôbre êsse ponto grande controvérsia. Porém os anglo-saxões, em todo caso, são rigorosamente pelo quarto separado.

Se, apesar de tudo, as oito horas de liberdade que a mulher terá sem o marido não forem suficientes; se ela não suportar mais o que considera



O DIVÓRCIO SÓ É ALEGRE NAS OPERETAS
O pai, obtido o divórcio, deixou a casa; mãe e filha choram abraçadas...



Bette Davis, a genial protagonista de «Jezebel», «Vitória Amarga», «Meu Reino Por um Amor», etc., continua procurando a felicidade conjugal. Atualmente, está fazendo a sua quarta experiência matrimonial... Será a última tentativa?

um jugo; se o anel conjugal lhe parecer o princípio de uma corrente, então escolherá a liberdade. Mas, desta vez, de maneira definitiva! Terá razão? Estará errada?

E' comum encontrarmos viúvas chamadas "alegres", e divorciadas que não o são menos. São felizes? E' muito possível que sua felicidade seja aparente, assim uma espécie de "fachada" cobrindo um incurável desgôsto e até mesmo um desespêro.

Conhecemos alguns casos em que a vida **em comum** se tornou insuportável para uma mulher de gênio difícil.

— "Se a situação é intolerável — pensamos — não deve continuar. Mas, que encontrará essa criatura... de **melhor?**

As mais aventureiras pensam logo em "saltar de pára-quedas". Mas, algumas vêzes, êsse pára-quedas não **abre** e sobrevém a catástrofe.

Depois de divorciada — e mau grado o concurso de certo número de "extras" (palavra terrível em sua vida) — não encontrou a felicidade.' Se tudo ainda pudesse voltar ao ponto antigo é mais que certo que, mau grado as traições do marido — mas com o consôlo de uma bela casa e uma situação mais segura — ela não pensaria mais em divórcio.



A divorciada de hoje quer, quase sempre, tornar a casar (em 72% dos casos). Está persuadida de que será melhor espôsa depois de suas desastrosas experiências.

Uma mulher que se divorciou três cu quatro vêzes constitui — diriam as companhias de seguros — um **risco perigoso**. E' o caso de certas criaturas tumultuosas. Inspiram pouca confiança e é provável que, se não puderam suportar quatro homens, o quinto corre muito risco de não ser feliz.



Então... deve a mulher divorciar? Para descobrir — muito tarde — que todos os homens desejáveis deixaram de ser livres... **e envelhecer?**

E se fôsse só a questão da sorte da mulher, em dificuldade para **retomar pé**, o divórcio não seria tão grave. Mas... os filhos? São êles as grandes vítimas!



Rita Hayworth, outra que já casou muitas vêzes e ainda não encontrou a felicidade desejada. Entre os seus maridos podemos citar o ator-diretor Orson Welles e o príncipe Ali Kahn

Os filhos serão incômodos. E, apesar de que todos os tabus referentes ao divórcio tenham sido abolidos, êles se sentirão "sem graça", no colégio, entre os companheiros.

Outrora o filho de uma divorciada era apontado com o dedo. Agora isso não tem mais importância. Mas, mesmo assim... Poderá ela receber em sua casa o novo pretendente?

Imagina, por acaso, que as meninas são cegas ou tôlas? Acredita que os meninos não tenham ciúmes dos homens interessados por sua mamãe?

A facilidade com que uma pessoa se divorcia, nos Estados Unidos, por exemplo, assombrou sempre o europeu como o próprio sul-americano. Entretanto, não é esta a opinião de Mr. Samuel Starr, advogado em Chicago e, justamente, **especializado em divórcios**.

Casado e marido feliz desde 1936, Mr. Starr desfruta nos últimos seis anos de crescente popularidade entre os seus patrícios. A origem dessa popularidade merece ser relatada.

Mr. Starr ganhava a sua vida tratando ùnicamente de casos de divórcio; mas não lhe agradava essa forma de exercer a sua profissão. A maior parte dos casos era para êle motivo de real tristeza e preocupação; compreendia que os motivos invocados pelos esposos para abandonar a vida em comum eram, em geral, muito fúteis. De cada cinco casos que se apresentavam, Mr. Starr conseguia reconciliar dois casais. Porém êsse resultado, contrário embora aos seus interêsses, não lhe parecia suficiente. Um dia, quando já desesperava de chamar à razão um jovem par, que teimava em concluir um divórcio, recebeu a visita de uma antiga cliente, divorciada, que lhe confessou seu arrependimento em têrmos tão comovedores que Samuel Starr teve uma súbita inspiração. Perguntou a sua antiga cliente se consentiria em defender diante dos seus novos clientes uma causa que êle, com sua eloquência pessoal, considerava impossível de ganhar. A divorciada-arrependida consentiu. Starr, imediatamente, fêz as apresentações e uma hora depois os candidatos ao divórcio não mais o queriam, preferindo continuar a vida... **em comum**. Depois, agradecidos, convidaram a sua boa conselheira para almoçar. Êsse fato fêz trabalhar a imagi-



Shirley Temple, que muitos de nossos leitores conheceram ainda muito criança, já cresceu, casou e teve a sua desilusão matrimonial (a primeira). Acima vemos quando assinava, perante o juiz, o documento que a libertava de John Agar, um péssimo marido



Joan Crawford começou com Douglas Fairbanks Junior (casamento de amor, explosivo e efêmero...), substituiu-o por Franchot Tone... e já teve mais dois maridos... Mas afirma que o divórcio não resolve!

nação de Starr. Pouco depois, teve a idéia de fundar uma sociedade intitulada **Divórcios Anônimos**, formada ùnicamente por mulheres divorciadas... e arrependidas dêsse recurso extremo. Mr. Starr organizou com elas batalhões de propagandistas contra o divórcio.



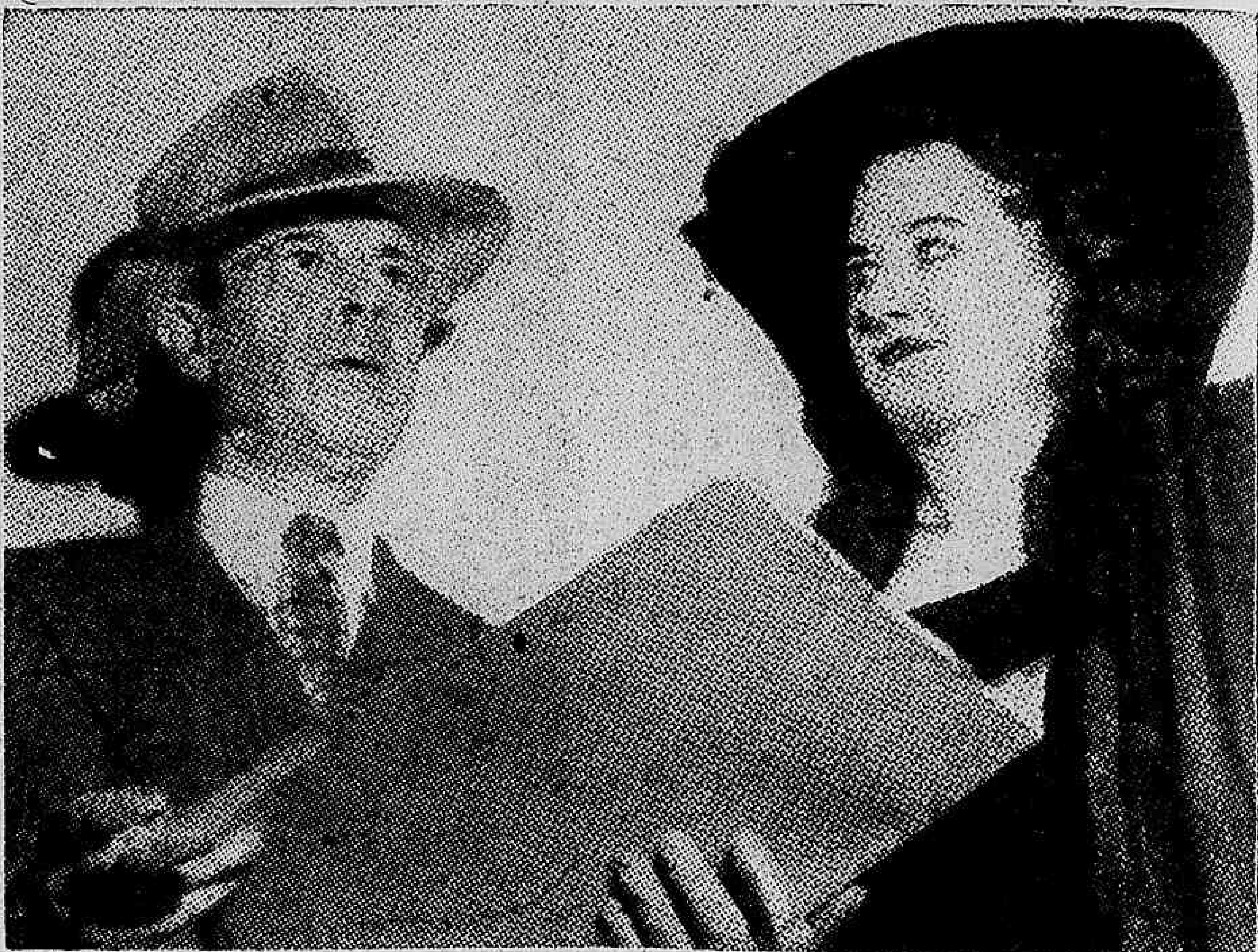
COMO AGEM AS "D. A."?: — A Associação das D. A. contava, a princípio, com meia dúzia de propagandistas, antigas clientes do citado advogado. Ficou resolvido que os membros do grupo guardariam o anonimato, a fim de evitar uma publicidade prejudicial. Ao fim de poucos meses os resultados alcançados pelas antigas clientes de Samuel Starr excederam tôdas as esperanças. O redator de um jornal de Chicago descobriu a existência da associação, relatando o fato. Imediatamente começaram a chegar ao escritório do advogado cartas, telegramas, chamados telefônicos de juízes, sacerdotes, médicos, professôres e mulheres divorciadas e espalhadas por todos os Estados norte-americanos, solicitando detalhes para fundar em suas respectivas cidades uma sucursal dessa associação.

A maioria dos membros da D. A. se compõe de mulheres de trinta anos, tôdas divorciadas, menos uma — que se alegre não o ser! Cada uma das propagandistas contra o divórcio tem o seu método pessoal e **paga do próprio bôlso a despesa, forçada pelo trabalho que realiza**. Essas propagandistas trabalham, em geral, duas a duas, pois já foi observado que, **se é possível — às vêzes — resistir à eloqüência de uma mulher, quase sempre a resistência fracassa ante os argumentos de duas**. Naturalmente, os membros da associação mantêm entre si contato permanente. Pouco a pouco aperfeiçoaram seus próprios métodos, adaptando-os aos diferentes casos que surgem. Por exemplo, um casal que tem dificuldades econômicas — e por êsse motivo deseja separar-se — é aconselhado por uma especialista das D. A. que se divorciou... pela mesma causa.



O MARIDO É DEVOLVIDO À ESPÔSA: — As D. A. dão provas de grande imaginação, prudência e delicadeza no primeiro contato com os casais decididos a separar-se. As discípulas de Samuel Starr fazem todo o possível por convencer aos candidatos ao divórcio, reunindo-os sob um pretexto qualquer. No caso de que um dos esposos esteja totalmente obstinado em sua idéia, os esforços das D. A. se dirigem para o outro. Eis alguns exemplos de êxitos logrados pela D. A. em casos que pareciam

ÊSTE ADVOGADO SE GABA DE CONSEGUIR O



O 1º MOVIMENTO para a obtenção do divórcio é realizado fora do tribunal, onde o advogado Hahn e a cliente, Sra. Josephine White, revêem o caso, antes de comparecer perante o juiz



O 3º MOVIMENTO é o que marca o recebimento da sentença, escrita e assinada pelo juiz T. Clarke. O tempo gasto foi de 3 minutos. Divórcios assim (60% do total em Los Angeles), são incontestáveis

LOS ANGELES GANHA DESTAQUE COMO A CIDADE MAIS

Ao contrário dos nomes de famosos ricaços e milionárias que deram a Reno e Miami fama mundial como cidades ideais para os que desejam divorciar, a grande maioria dos divórcios consumados em Los Angeles tem por causa a ruína da felicidade conjugal, provocada por diferentes razões e até mesmo por falta de dinheiro para as despesas, mas nunca por excesso de dólares, como ocorre com os divorciados das duas primeiras cidades. Em Los Angeles os esposos estão indo para o tribunal numa média de 80, diàriamente, e com tendências para aumentar. As idades variam de 16 a 72 anos e os candidatos chegam de diferentes

desesperados: Mary B., aos vinte e nove anos aparentava quarenta. Desde o nascimento de seu filho deixara de ter cuidados com a sua pessoa; pouco depois, como o marido entrasse a flertar com a secretária, pediu divórcio. Duas D. A., que haviam atravessado idênticas circunstâncias, explicaram a Mary que ela devia, ao contrário, reagir, vestir-se bem e estar sempre alegre e sedutora. Chegaram mesmo a tomar o compromisso de "melhorá-la", penteando-a e vestindo-a segundo a moda, levando-a ainda a lugares animados... e, finalmente, deram a criatura, novinha e bonita de "presente" ao marido, que imediatamente esqueceu a secretária.

O problema do marido rico, porém avaro, também foi resolvido pelas D. A. mediante a obtenção de uma conta-corrente comum ao casal. Nem os ciúmes, nem a 'famosa "crueldade mental" (causa de tantos divórcios nos Estados Unidos) podem resistir à experiência das divorciadas arrependidas. Estas mulheres começam por descobrir a verdadeira causa do divórcio, que é o mais difícil, pois que os motivos invocados, na maioria dos casos, são simples **pretextos**. Para realizar com êxito êsse trabalho essencialmente psicológico, as D. A. são auxiliadas por médicos e sacerdotes, quando o caso se apresenta difícil.



UM SONHO: A SOGRA MONTADA NUMA VASSOURA: — Durante as seis primeiras semanas de sua existência efetiva as D. A. agiram, só em Chicago, em trinta e nove pedidos de divórcio e conseguiram reconciliar trinta e três casais! A associação começou com cinco membros: em quatro meses êsse número subiu para cem, e diàriamente surgiam mais sócias. Em 1 de março de 1950 tinham sido recebidos mais de mil chamados de **auxílio** de todo o país, e mesmo do Canadá e Inglaterra. Samuel Starr legalizou sua original associação, que, naturalmente, não percebe qualquer benefício.

As D. A. de Chicago já possuem muitas sucursais, que funcionam ativamente em doze cidades dos Estados Unidos.

A maneira de proceder das D. A. felizmente, varia do sistema vulgarizado nas grandes cidades norte-americanas, onde funcionam muitos supostos "psicanalistas". Êstes, na maior parte das vêzes, são uns charlatões; ignorantes que abusam da ingenuidade de seus compatriotas. A profissão de "psicanalista" é, nos Estados Unidos, uma das mais lucrativas. Hoje o público vai consultar o psicanalista, conforme antes ia à cartomante ou ao grafólogo.

— Vi, em sonhos, minha sogra montada numa vassoura e voando

DIVÓRCIO DE SUAS CLIENTES EM 3 MINUTOS!



O 2º MOVIMENTO se refere a prestar ligeiro depoimento. Alegou crueldade mental. O marido recusava conversar, criando no lar uma atmosfera de silêncio que a fazia infeliz, nervosa e perder pêso...



O 4º MOVIMENTO (e derradeiro) é a pose obrigatória na sala de publicidade para os fotógrafos dos jornais de Los Angeles. Como antigo jornalista Hahn conhece o valor da propaganda...

DIVORCISTA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

Estados. Assim ocorre, em número crescente, porque Los Angeles tem advogados como Samuel Simpson Hahn! Hahn foi, sucessivamente, estafeta, repórter de jornal e praticante da advocacia. Nos últimos vinte anos tem vivido entre os infelizes do matrimônio; assim, pôde trocar o seu antigo salário de 75 dólares por uma renda de 25.000 dólares com o seu escritório «especializado» em divórcios. Em média consegue 10 a 12 divórcios por dia, embora não despreze a possibilidade de promover a reconciliação dos esposos (em 25% dos casos que se lhe apresentam). Êle próprio é casado — e muito feliz — há mais de 20 anos.



Mary Thomas alegou que o marido vivia com outra mulher, que o sustentava principescamente, pois jamais quis trabalhar



Robert Wissbaum, de 20 anos, teve seu casamento anulado por sua irmã e tutora. Fêz «manha» no Tribunal ao ouvir a sentença



Anna McGillivery declarou que o marido era cruel e queria forçá-la a beber, fumar e usar baton, porque as outras mulheres o fazem



Flora Linden acusou o marido de haver abandonado o lar em fevereiro de 1943, nunca mais aparecendo nem enviando dinheiro



Aida Torres acusou o marido de viver embriagado, gritando impropérios e, ainda, de espancá-la, de vez em quando



Barbara Babigan acusou o marido de ser insolente, bêbedo e de só aparecer em casa com intuito de tomar-lhe o dinheiro

em grandes círculos sôbre o telhado da minha casa! — explica uma mulher, muito séria, ao psicanalista, igualmente muito sério.

E o "doutor", muito bem caracterizado — óculos de aros espessos, rosto bem barbeado e feições impassíveis, às vêzes interrompe a sua cliente:

— Perdão. Para que lado estava a palha da vassoura? Isto é muito importante!

— Bem, doutor... Creio que estava montada sôbre o cabo, cuja ponta ficava para a frente... E, lá de cima, ela me ameaçava com o facão da cozinha!

— Ótimo, ótimo... — responde o "psicanalista", preparando-se para ditar uma receita. — A senhora seguirá exatamente as minhas indicações. Segundo parece a senhora está atacada de complexos de Romeu e Tamerlão. Mas é preciso tirar a limpo a posição da vassoura! Esperemos que tenha novos sonhos assim... Venha ver-me cada quinze dias. Serão cinco dólares a visita.

Nos Estados Unidos não há lei que impeça um honrado cidadão dar **dez dólares** mensais a um charlatão, que paga pontualmente os impostos. Há a assinalar que êsses falsos "psicanalistas" citam inumeráveis obras psicanalistas sôbre o freudismo e seus sucedâneos. Porém já agora foi empreendida enérgica campanha contra êsses farsantes, que muito têm concorrido para o índice elevado de divórcios, encaminhando mais de uma vítima para os advogados especializados em separar casais.



Margaret R Elder, casada recentemente, acusou o marido de ser jogador e de estar sempre exigindo dela elevadas quantias...



Frances Sanchez acusou o marido de crueldade e provou que o espôso trabalhava dois dias por semana e não tinha emprêgo fixo



Shirley Coats anulou seu casamento. Provou jamais ter vivido com o marido, um aviador, que a deixou logo após o consórcio

O SARGENTO WOODS TINHA MUITOS LAÇOS... E MUITOS INIMIGOS

QUEM MATOU O "CARRASCO"?

Woods gostava de falar da sua técnica de enforcador número 1 e gabava-se de trabalhar limpamente, porque usava material de primeira qualidade.

NINGUÉM podia prever o que estava para acontecer. Sabe-se, apenas, que houve uma rápida centelha — e, na madrugada de 25 de julho de 1950, John Woods morreu. Fôra eletrocutado pela cadeira elétrica que cuidadosamente preparava... para eletrocutar alguém!

Nunca, em tôda a história ocorreu morte mais bizarra — ou de maior coincidência. Isso, pelo menos, foi o que disseram os jornais. Entretanto, milhares de pessoas, em todo o mundo, juraram que a morte do sargento Woods, "o Carrasco n.º 1 do Exército norte-americano", não foi acidental, não tendo havido qualquer coincidência.

E assim continuaram a jurar, mesmo depois do relatório muito frio e muito lacônico das autoridades.

De fato, êsses milhares de indivíduos continuam convencidos de que **John Woods foi assassinado!** Insistem em que o homem que partiu legalmente o pescoço de mais de 320 pessoas, algumas das quais muito importantes, encontrara, afinal, alguém que o apanhara **a jeito**... alguém entre os milhares de mortais inimigos que tinham jurado "apanhá-lo" mais cedo ou mais tarde.

E tão invulgar — e mesmo sem precedente — foi a maneira como encontrou a morte que, provàvelmente, essas pessoas tenham razão de assim pensar.

★

Quem olhasse para John Wood talvez imaginasse estar diante de algum empregado de balcão numa casa de brinquedos. Nascido no Texas, o sargento Woods tinha o rosto corado como o **roastbeef**; era de estatura mediana, 1m.70, e pesava 74 quilos. Ninguém poderia suspeitar, pela maneira



Wilhelm Frick foi o único Nazista a não morrer corajosamente. Uma perna fraquejou no instante em que subia os treze degraus do patíbulo

fácil com que sorria, que tinha diante dos olhos um enforcador profissional.

Woods ingressou na "carreira" de **executor oficial**, em 1940, nos Estados Unidos, quase por acaso. Tinha 18 anos, quando foi assistir, por curiosidade, um enforcamento. O ajudante de carrasco não apareceu, por qualquer motivo, e alguém pediu ao tranqüilo Texano que tomasse o seu lugar. John aceitou. Depois, sempre que o carrasco adoecia, êle tomava o seu lugar e executava os condenados com habilidade e **de acôrdo com a lei.**

E gostava de contar detalhes das execuções, gabando-se de ser um carrasco **às direitas.**

— Antes de tudo — costumava dizer — é preciso usar uma corda apropriada, feita com fibra de Manila, com um mínimo de cinco e um máximo de oito polegadas de diâmetro. Depois é preciso esticá-la bem. Para isso é suficiente amarrar numa de suas extremidades um saco de areia pesando 250 libras (cêrca de 160 quilos) e pendurá-lo durante umas vinte horas, a fim de que fique bem distendido e flexível. Então, sim, a corda estará pronta para o trabalho de um bom profissional.

— "O enforcamento — dizia ainda — não é morte feia para ninguém. E', mesmo, muito mais humana do que qualquer outra forma de execução.

Quando era entrevistado, costumava, de brincadeira, passar a corda em redor do pescoço do repórter, declarando com seu tranquilo sorriso:

— "Vê? Dessa forma eu posso quebrar o seu pescoço num segundo e mesmo antes de que possa saber o que está acontecendo. E' coisa rápida como relâmpago!"

Woods gostava que reconhecessem nêle um profissional consciente, e vivia mesmo estudando a sua arte e procurando aperfeiçoá-la. Só o fato de alguém perguntar se alguma vez, em suas mãos, um condenado não morrera imediatamente na ponta da sua corda ou se esta havia alguma vez partido no instante do choque do corpo, era o bastante para fazer desaparecer o bom "sorriso de Papai Noel" do seu rosto largo e lançá-lo na maior indignação.

Foi êsse o homem que, no **"Dia D"**, desembarcou em "Omaha Beach", como um simples soldado. Foi então que o Exército descobriu o seu passado e pensou que êle ficaria muito melhor matando com uma corda do que com um fuzil. Por isso deram-lhe o pôsto de executor e as divisas de sargento. Woods, sempre consciencioso e dedicado, não tardou a ganhar o título de "Enforcador n. 1 do Exército".

★

Foi êle, por isso mesmo, o escolhido para enforcar muitos dos Alemães criminosos de guerra depois do pronunciamento do Tribunal de Nuremberg. Enquanto estêve na Europa, enforcou mais de 100 pessoas, inclusive alguns soldados Norte-americanos. Foi êle quem, pessoalmente, passou o laço no pescoço dos 10 maiores chefes nazistas, entre os quais, o Ministro do Exterior, Joachim von Ribbentrop e o Marechal de Campo Wilhelm Keitel.

Na verdade, Woods continuou na Europa, quando poderia ter regressado aos Estados Unidos, **openas pelo "prazer" de enforcar êsses nazistas.**

..— "Era coisa que precisava ser feita há muito

tempo. — explicou êle — E não podia perder essa oportunidade, e orgulho-me de ter sido o carrasco dessa gente!"

Só uma coisa o aborrecia:

— "Lamento muito que Goering tenha escapado! (por haver praticado o suicídio com veneno) — Fazia questão de enforcar **êsse**, especialmente!"

Sua espôsa — pois era casado — ao saber que Woods havia enforcado êsses 10 chefões nazistas, comentou simplesmente:

— "Êsse era o seu dever! Isso há muito devia ter sido feito. Eu teria orgulho, se meu próprio filho tivesse feito isso, caso fôsse o seu dever."



Segundo contou Woods, todos os Nazistas morreram com coragem e dignidade, com exceção de Frick. Êste, ao subir os treze degraus do cadafalso tremia tanto e as pernas tão fracas estavam que um dos guardas teve que o amparar.

— "Eram todos arrogantes! — contou Woods aos repórteres. — Era evidente que nos odiavam mortalmente.

"O velho carrasco dos Judeus, Streicher, olhou para mim, bem de perto e bem nos olhos: **"Os bolshevicks enforcarão vocês todos, algum dia!"** — firmou, fitando-me com olhos de fogo. Eu aguentei o olhar dêle e, em silêncio, tratei de passar a corda em seu pescoço.

"Aliás, êles nada sofreram, comigo! — continuou, com o seu incurável orgulho profissional. — Dez homens em 103 minutos — e um só dêles moveu uma perna, depois do salto! Foi Streicher. Bateu realmente uma perna, mas não muito. E mesmo assim, muita gente neste mundo deve ter dito que matei o homem muito depressa. Desejavam, com certeza, que êle estrebuchasse algumas horas!"

Woods usou uma corda para cada homem. Queimou-as depois. E podia ter feito uma fortuna, vendendo-as. Um cidadão, de Cuba, incorrigível caçador de "souvenirs" ofereceu-lhe dois mil e quinhentos dólares pela corda que enforcou Ribentrop!

Os Alemães tentaram espalhar a notícia de que os Aliados tinham ordenado a Woods que executasse mal os condenados, querendo assim dar a impressão de que os vencedores, sadìsticamente, tinham querido fazer os chefes nazistas sofrer mais do que o necessário. Porém Woods protestou, afirmando: — **"Comigo o serviço é feito limpamente!** Desafio que apareça alguém capaz de matar mais depressa do que eu!"

Alguns dos soldados da Polícia do Exército, que ajudaram Woods, durante essas execuções, empalideceram e tiveram que ingerir boas doses de **whisky** para recuperar a côr. Woods, porém, trabalhou como sempre: com calma inalterável.

Como fàcilmente se imagina — embora Woods tenha cumprido com o seu dever e não se possa censurá-lo pela execução dêsses figurões nazistas — tornou-se o homem mais odiado na Alemanha, depois dessas execuções. Centenas de fanáticos dêsses auxiliares mais chegados de Hitler, juraram



Engelbert Valentin Niedmeyer, ouve impassível as últimas palavras do sacerdote, antes do «salto» final. Niedmeyer torturou prisioneiros de guerra

matá-lo, logo que se apresentasse uma ocasião.

Certa vez, estando parado diante de uma perfumaria, em Paris, alguém disparou um tiro contra êle, do outro lado da rua e, errando o alvo, estilhaçou uma vitrina dois palmos acima de sua cabeça.

Em outra ocasião, estando em Heidelberg, para onde fôra enviado a fim de enforcar cinco Alemães, culpados de atrocidades contra aviadores norte-americanos tombados na Dinamarca, o cozinheiro alemão da cantina do exército, tentou envenenar a sua comida. Descoberto, o criminoso foi prêso e condenado à morte, tendo sido enforcado — com que prazer! — **pelo homem que tentara envenenar.**

— Êles não desistem de me "pegar". — afirmou Woods ao regressar, pouco depois, aos Estados

Unidos. Por isso um detective o seguia constantemente e êle próprio trazia no cinto dois enormes **revólveres "45"**, pois, como bom Texano, era hábil no tiro.

Porém, a despeito de todo êsse ódio que rondava o carrasco do exército norte-americano, apesar de muita gente haver jurado matá-lo, Woods conseguira sempre escapar ileso, com exceção de quatro dias de hospital, após a tentativa de envenenamento em Heidelberg. Pôde, assim, voltar à América do Norte gordo e bem disposto. Entretanto, apesar de tão distante da Europa e dos seus teimosos inimigos, nunca deixou de ter nos coldres, pendurados ao cinto, as duas terríveis armas de fogo.

Não ignorava que a vingança é sentimento de fôlego comprido e que não deixa passar uma boa oportunidade para ser concretizada.

Fora da Alemanha, Woods continuou à disposição dos tribunais militares, para enforcar quem subisse os degraus do estrado.

— Êsse negócio de enforcar não é uma sinecura! — costumava afirmar — Vocês não podem imaginar como dá trabalho!

E algumas vêzes confessava estar farto daquela profissão. Apesar disso continuou a ser, no Exército, o **Enforcador n.º 1.**

Quando os Estados Unidos realizaram experiências atômicas no pequenino **atoll** de Eniwetok, Woods para lá foi enviado como executor-oficial. Mas não levou seu nefando material porque na ilha havia uma cadeira elétrica, pronta para funcionar.

A vida se apresenta tranqüila para o sargento-carrasco nessa cálida ilha do Pacífico. Não havia muito trabalho e dessa forma não tardou êle a esquecer os sustos e traiçoeiros atentados sofridos na terra de Hitler. Eniwetok estava a uma distância de meio-mundo da rancorosa Alemanha, com 12.000 milhas líquidas formando boa barreira contra os seus inimigos. A vida passou a ser monótona e vazia para aquêle que tinha sido o homem mais importante de tôda a Europa.

Finalmente, surgiu a manhã cinzenta do dia 25 de julho de 1950. Woods despertou muito cedo e tratou de trabalhar. O tribunal militar havia pronunciado uma sentença máxima e a cadeira elétrica tinha que estar pronta para a execução.

Começou a trabalhar automàticamente, fazendo os gestos de sempre. Primeiro, naturalmente, tratou de verificar que a corrente estava desligada. A seguir testou os elléctrodos e fios, a fim de verificar que tudo dava perfeito contato. Examinou as correias e experimentou sua resistência, pois muitas vêzes o condenado se rebelava no último instante e fazia desesperados esforços para escapar da cadeira. Tudo parecia perfeito. Então...

Tremendo estouro e um brilho igual ao do raio pareceu sair da cadeira — que nunca soube o que acontecera. Quando a faisca justamente no ponto onde se encontrava John Woods... morreu, o mesmo aconteceu com êle.

— "Foi um curto-circuito" — explicou o relatório do Exército.

Porém, não foi exatamente isso o que se cochichou por tôda a ilha — e certamente em muitos outros lugares do mundo.

Porque foi dito no relatório oficial que, em Eniwetock, trabalhando como cientistas atômicos, em esfôrço comum com os técnicos norte-americanos, estavam alguns antigos membros do culto fanático de Hitler.

Esqueceram também de mencionar que a lealdade é um dever eterno para muitos homens — embora êsse sentimento possa ser mantido absolutamente secreto. Ou que um braço vingador pode atingir qualquer distância — especialmente quando estiver prêso a um juramento.

★

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



São muitos os que ainda hoje se recordam com saudade de Will Rogers, considerado um dos homens mais simples, mais inteligentes e mais sagazes do seu tempo. Como ator cinematográfico foi dos mais populares.

Recordo-me de um jantar no "Astor Hotel", em Nova York. Antes do seu início, Rogers, que era um dos organizadores da festa, abordou os futuros oradores no "hall" do hotel e com a sua maneira franca de falar, disse-lhes que teriam que limitar seus discursos a um máximo de dez minutos. Sendo oito os inscritos para falar, fàcilmente imaginamos a consternação de Will Rogers, quando um dos oradores fingiu ignorar o limite e falou todo o tempo que quis. Passaram vinte minutos, depois trinta e, finalmente, lá para os quarenta e cinco minutos, depois do início, o cavalheiro deu por encerrado o seu discurso.

— Desculpem se passei um pouco do limite marcado... Esqueci de trazer meu relógio... — disse êle, sentando-se.

— Mister... — disse Rogers. — Há uma folhinha naquela parede!

O IRÃ É IMPORTANTE PORQUE É FRACO!

UM SOLO RICO E UMA POPULAÇÃO PAUPÉRRIMA FAZEM DÊSSE PAÍS UMA PRÊSA TENTADORA!

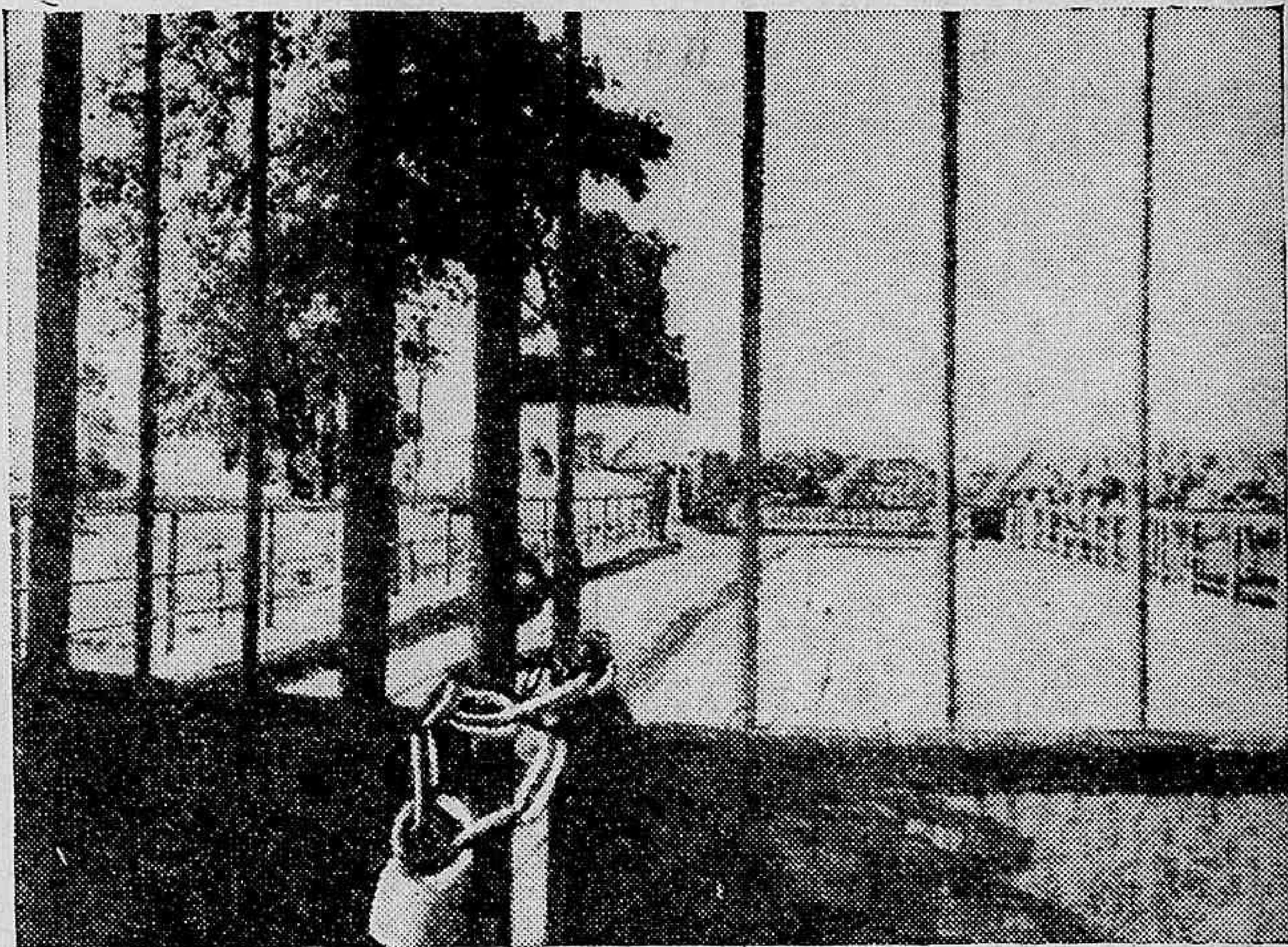
Por PHILIP TOYNBEE

O Irã — cenário de uma série de assassinatos, há meses, passou ao primeiro plano do noticiário, mais recentemente, em razão da crise surgida com a Inglaterra.

De fato, o Irã **é o mais importante de todos os países fracos** do mundo. E bem podemos afirmar que, justamente, a sua importância é, em boa parte, devida à sua fraqueza.

E' sabido que a sua fronteira com a Rússia tem apenas umas mil e quinhentas milhas de comprimento, o que vem a ser só um pedaçinho da imensa linha fronteiriça da União Soviética. Entretanto, essas mil e quinhentas montanhosas milhas oferecem amplo espaço para o desenvolvimento e marcha de gigantescos exércitos a uma simples ordem da Rússia. E — não esqueçamos — a prêsa é muito rica e tentadora.

O Irã não é apenas a "chave que abre a porta para a vulnerável — e estratègicamente importante — área do Oriente Médio. E' também um dos mais ricos países produtores de petróleo, em todo o mundo. Com os campos de petróleo do sul do Irã em suas mãos, não apenas a Rússia se beneficiaria com um importante refôrço para as suas reservas petrolíferas,como ainda privaria as potências ocidentais dessa respeitável quantidade do precioso produto. Mais ainda. Diante das suas tropas de ocupação estariam os férteis vales da Mesopotâmia, no Iraque; as riquíssimas planícies da Síria e do Levante; as costas de Israel e do Líbano e a imensa riqueza representada pelo maravilhoso vale do Nilo.



UM simples cadeado unindo dois carcomidos batentes de portão, no meio de uma ponte, em Astara, entre o Irã e a Rússia, simboliza, gràficamente, a vulnerabilidade do Irã a um ataque do seu gigantesco vizinho do norte. Os dois países têm, entre si, cêrca de mil e quinhentas milhas de fronteira.







TIPOS IRANIANOS:
Da esq. para a direita: mulher de sangue Armênio; camponês do norte do Irã; camponesa da Geórgia.



Mulheres muçulmanas, inteiramente protegidas por véus, passam ao longo das ruas estreitas, juntamente com um jovem iraniano vestido à ocidental.

Econômicamente, a prêsa é tentadora, porém não tanto quanto pode seduzir como posição estratégica... No momento atual não existe mesmo razão por que a Rússia deva hesitar em movimentar os seus exércitos através das passagens do Cáucaso e, para o sul, na direção do Golfo Pérsico e dos campos de petróleo. O exército iraniano não é lá muito entusiástico e está sub-armado; o país é um dêsses tentadores terrenos inteiramente abertos e que atraem irresistivelmente os vizinhos ambiciosos. Porém é certo que uma invasão do Irã significaria, naturalmente, uma declaração imediata de guerra total pelas fôrças da ONU. Poderia mesmo haver alguma ligeira ambiguidade relativamente à invasão de uma parte da Coréia pela outra.

Entretanto, o Irã é diferente: trata-se de um Estado soberano e membro da ONU. Se ainda não foi invadido é porque o seu invasor fatalmente estaria envolvido numa guerra geral. Sendo dos mais belos recantos da terra, o Irã é, também, um dos mais atrasados socialmente. Oitenta e cinco por cento da sua população depende, para viver, do plantio do solo, e uma enorme maioria se resigna a viver em condições vizinhas da estarvação. Por sua vez, a quase totalidade dos trabalhadores industriais está empregada nos campos de petróleo ou na milenária indústria de tapêtes. Os operários dos campos petrolíferos eram bem tratados pelos Britânicos. Tinham bom salário, assistência médica generalizada, ensino técnico e confôrto. As indústrias de tapêtes de Isfahan e Shadi, por sua vez, preferem empregar crianças de 6 a 10 anos de idade, recebendo salário miserável por dia de trabalho, êste executado em condições penosas e sem direito a férias.

A balança comercial do Irã é desastrosamente desfavorável e, aparentemente, não há reservas no Tesouro do Estado. Apesar de todos êsses ostensivos sinais de pobreza, o país é rico. Muitos Persas são desoladoramente pobres porque alguns dêles são imensamente ricos

A extrema corrupção da vida iraniana, em tôdas as camadas sociais, é um mal hereditário no Oriente Médio. Na verdade, talvez não convenha chamar a isso de **mal**; é, antes, um gênero de vida financeira, que todos reconhecem... e aceitam. Não há, por assim dizer, qualquer diferença entre um bazar comercial que pede infalìvelmente o dôbro do justo preço para as suas mercadorias e o riquíssimo político que se apodera de milhões do dinheiro público.

A razão por que êsses hábitos se tornaram, repentinamente tão ultrajantes é que o Irã assumiu ùltimamente uma "fachada" ocidental. Tem um "Parlamento", um sistema de ensino "compulsório e grátis" e os velhos **boulevards** de Teerã perderam certos ares orientais.

Tudo isso foi trabalho do falecido Reza Shah Pahlevi, pai do atual Shah e um aventureiro militar, que se assenhoreou do poder em 1925. Tentou fazer pelo Irã o mesmo que seu contemporâneo, Kemal Ataturk, fazia pelo país vizinho, a Turquia. Porém Reza Shah, apesar de "homem forte", nada possuía da imensa habilidade política de Ataturk e, além de tudo, tinha que se haver com um trabalho mil vêzes mais difícil. Procurando adotar uma fachada Ocidental conseguiu sòmente fazer do seu país uma espantosa anomalia. Grandes planos de reforma foram elaborados desde o fim da última guerra, embora nenhuma medida realmente efetiva tenha sido executada pela poderosa oligarquia que forma o Parlamento de Teerã. Em 1946, foi criada no Parlamento uma comissão de investigação, para apontar e reprimir a corrupção dos representantes do povo. Tal comissão era alentada pelos corajosos esforços do primeiro ministro Ali Rasmará. Êste, porém, não tardou a ser assassinado.

Segundo transpirou, então, um têrço dos Deputados eram culpados de flagrante corrupção.

Por tudo isso, dificilmente se encontraria em outra parte do mundo, melhor terreno para uma infiltração comunista e essa é, aliás, a razão principal por que o partido **Tudeh**, tão inclinado para o comunismo, ganhou tantos adeptos no último ano. E não há como impedir êsse desenvolvimento, dado que, sendo êsse partido considerado **clandestino**, suas manifestações são raras.

A grande oportunidade do Irã para melhorar de situação surgiu quando o Shah escolheu o General Rasmara como Primeiro Ministro, no outono de 1950. O de que o país precisava, urgentemente, era de um líder forte mas fiel à lei, e o Shah revelou invulgar visão ao escolher o único homem capaz de bem desempenhar êsse papel. Tratava-se de um homem hábil e consciencioso, sem as ambições comuns a todos os ditadores, quase sempre firmados em generais-políticos. Demonstrou imediatamente estar a par das condições das classes mais pobres do país e totalmente independente de combinações e compromissos financeiros ou de amizade, que sempre tinham perturbado a ação dos seus antecessores.

Pretendia viver em boas relações com o Ocidente, demonstrando que o Irã necessitava da ajuda das potências ocidentais. Desejava ratificar quanto antes o já tantas vêzes adiado convênio com a Anglo-Iranian Oil Co, pelo qual o Irã receberia 40 milhões de libras em **royalties** retroativos. Desejava também obter empréstimos da América do Norte a fim de melhorar as condições de vida do povo e tornar o país mais capaz para encarar a sério o progresso e a própria defeza de sua independência contra o seu colossal vizinho do norte.

Rasmara, porém, falhou em tôdas as suas intenções e até mesmo pagou com a vida a teimosia revelada nesse propósito. Durante os oito meses do seu govêrno, houve violenta recrudescência do partido **Tudeh**, uma deterioração nas condições sociais e, mais estranho ainda, uma definida e sensacional aproximação com a Rússia.

Isso se tornou evidente em novembro de 1950, quando Rasmara assinou um tratado comercial com o Embaixador soviético. Essa notícia foi recebida com gerais aplausos em Teerã. Os jornais nacionalistas e conservadores publicaram longos artigos laudatórios a Lenine e a Stalin, lembrando com satisfação que **o Irã fôra o primeiro país a reconhecer o novo Estado Soviético**, e aplaudindo essa nova aproximação entre os dois países.

Êsse tratado, porém, tivera a sua assinatura retardada, justamente por que Rasmara havia insistido para que os Russos negociassem ùnicamente com agências oficiais iranianas, controladas pelo Govêrno. Essa era uma medida de segurança no sentido de evitar que os Rusos tivessem livre contato com particulares do país. Quando, afinal, o tratado foi assinado, a imprensa deu a entender que Resmara acabara vencido pela resistência do embaixador russo sôbre êsse ponto. Porém logo se soube que a cláusula fôra aceita apenas "verbalmente" e, logo a seguir, com surprêsa maior, foi conhecido outro detalhe: os Russos tinham logo, entrado a negociar onde e com quem desejavam. Êsse foi o primeiro passo tomado com a melhor das intenções.

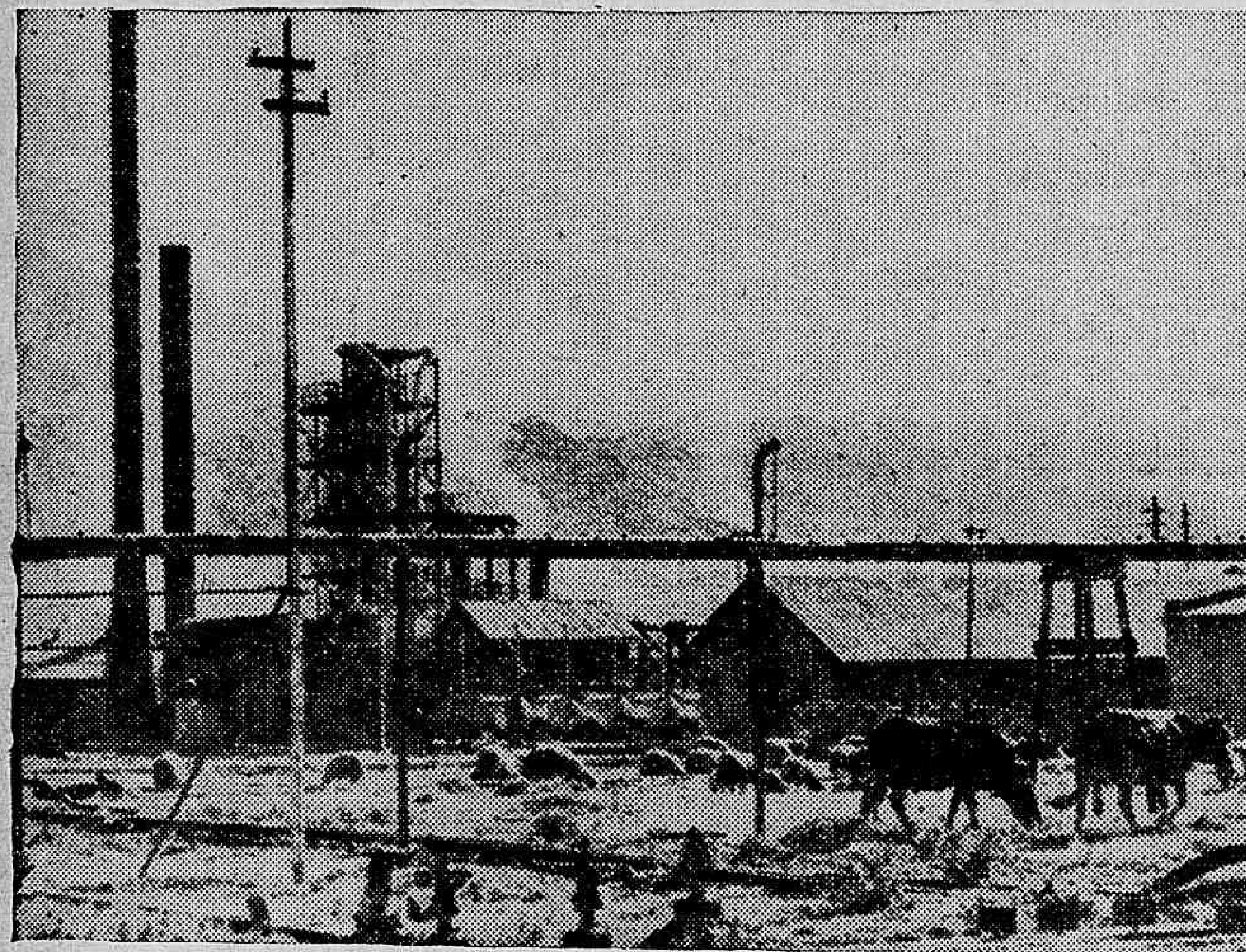


Vendedores das mais diversas mercadorias entulham as ruas cobertas de um bazar típico oriental.



Crianças armênias acompanham os maiores nos tempos da colheita miserável de um solo rochoso.

Mas logo surgiram outras providências. Assim, logo após a assinatura dêsse contrato, os representantes da "BBC", de Londres e da "Voice of America" foram banidos; os membros do partido **Tudeh**, que se encontravam nas prisões, fugiram graças a "golpes de ousadia" ou **à cumplicidade dos seus carcereiros**; ao mesmo tempo o contrato com a companhia inglêsa de petróleo foi desfeito pelo Parlamento, contra a opinião de Rasmara.



Refinaria de petróleo em Kermanshah, parte da crise anglo-iraniana. As reservas petrolíferas do Irã dão ao país tremenda importância.

No mesmo mês Rasmara foi assassinado e, na mesma semana, um membro do Parlamento solicitou dos seus pares que votassem pela expropriação dos campos de petróleo.

Com o fracasso de Rasmara restam poucas probabilidades de êxito para as nações ocidentais. O Irã passou a se aproximar mais e mais da Rússia. Os desesperadamente pobres sentem — e com muita razão — que nada poderá ser pior do que a sua atual situação. A classe média tem mêdo da Rússia e considera que uma atitude submissa é a mais indicada para o momento. Por sua vez os políticos profissionais estão preparados para trocar tudo quanto a Rússia desejar. Os intelectuais honestos, por sua vez, revoltados com a presente situação, aceitam a dominação comunista como a melhor das alternativas.

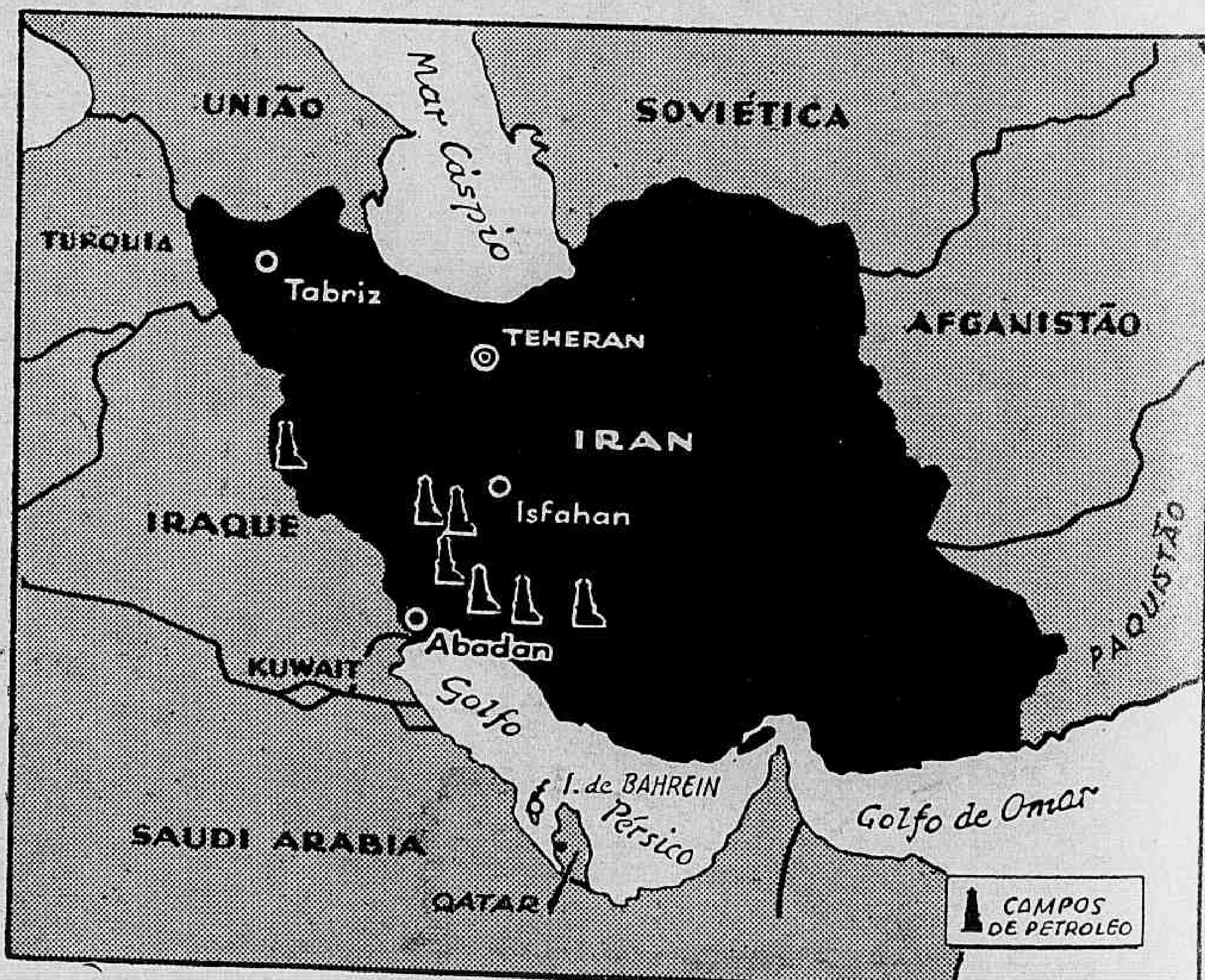
Existe, já hoje, uma pequena embora impetuosa facção comunista, que aspira sòmente demonstrar lealdade para o Estado Soviético. Acreditam porém, seus membros, poder explorar suas próprias refinarias de petróleo pois esta é uma verdade: nenhum país, no mundo, vê com bons olhos os seus mais valiosos recursos explorados por estrangeiros.

Quanto aos Estados Unidos, o Govêrno do Irã está sempre clamando que seu país, embora a contragosto, serviu de "ponte para a vitória", durante a guerra; que a ocupação aliada arruinou a economia iraniana e, por isso, espera agora, uma generosa ajuda financeira.

Sôbre êsse ponto, a visita do Shah aos Estados Unidos, em 1949, resultou num severo desapontamento. Tudo o que o Irã recebeu do Ocidente foram 500 mil dólares, de acôrdo com o programa do **Ponto Quatro**. Isso provocou uma cerrada campanha da imprensa contra os Norte-americanos.

No entanto, os Estados Unidos têm muita razão de pensar duas vêzes, antes de fazer um empréstimo ao Irã, pois têm diante dos olhos o exemplo da companhia britânica de petróleo, que oferece ao país um lucro mais generoso do que outro qualquer jamais feito por uma companhia a um govêrno.

Por que, então, os Iranianos recusam ratificar êsse contrato? Parcialmente, isso é devido ao fator nacionalista, já citado. Porém é devido, também, ao simples e lamentável fato de que cada facção política quer receber 40 milhões de libras... em suas



Estratègicamente colocado, o Irã é um país sêco, montanhoso e rico. Sua população é de uns 18 milhões de almas, inclusive uns 2 ou 3 milhões de nômades. Seu recurso principal é o petróleo.

próprias mãos. O resultado disso é que todos êles desejam estar **por cima** no momento de receber o dinheiro. A companhia petrolífera, como é natural, só pode aceitar o govêrno legal como participante dêsse contrato; a maneira como êsse dinheiro é dividido e malbaratado não tem para ela qualquer importância.

Nessas condições os Estados Unidos consideram que um empréstimo ao Irã será um péssimo investimento.

Por tudo isso é muito difícil saber como a América do Norte e a Grã-Bretanha podem agir no sentido de evitar que o Irã caia irremediàvelmente sob a influência russa.

A política de Rasmara èra a mais certa. O único meio do comunismo ser combatido nesse país seria a imediata reforma político-social e o combate ao pauperismo.

As províncias do norte estão sendo bombardeadas por sistemática campanha comunista, através de programas de rádio e cartazes que contam as "maravilhas" soviéticas.

Uma invasão russa no Irã não é uma imediata probabilidade. O Irã, no entanto, pode ser transformado num satélite soviético, sem que um só soldado russo transponha a sua fronteira. Porém a ONU estará alerta e preparada para impedir que isso aconteça, pois o Ocidente já dever ter aprendido que mais vale prevenir do que remediar...

★



— Quero um revólver barato. Vou precisar de dinheiro para o advogado...

PÚBLICO E PRIVADO

Quem passar por um dêsses postos de Telefone-Público terá um espetáculo semelhante. As cenas abaixo foram apanhadas por um tofógrafo novaiorquino, em Times Square, onde há um pôsto público com mais de 50 **cabines**, separadas da rua por uma simples vidraça. Isso, é claro, atrai os transeuntes que param para **rir.**



AMOR? —Oh, sim! A posição da cabeça, a maneira de empunhar os fones, o sorriso extasiado... tudo indica que êle fala com ela e que as coisas vão indo muito bem.



BOAS NOTÍCIAS? — Eis o que aparenta a exclamação alegre dessa jovem colored.

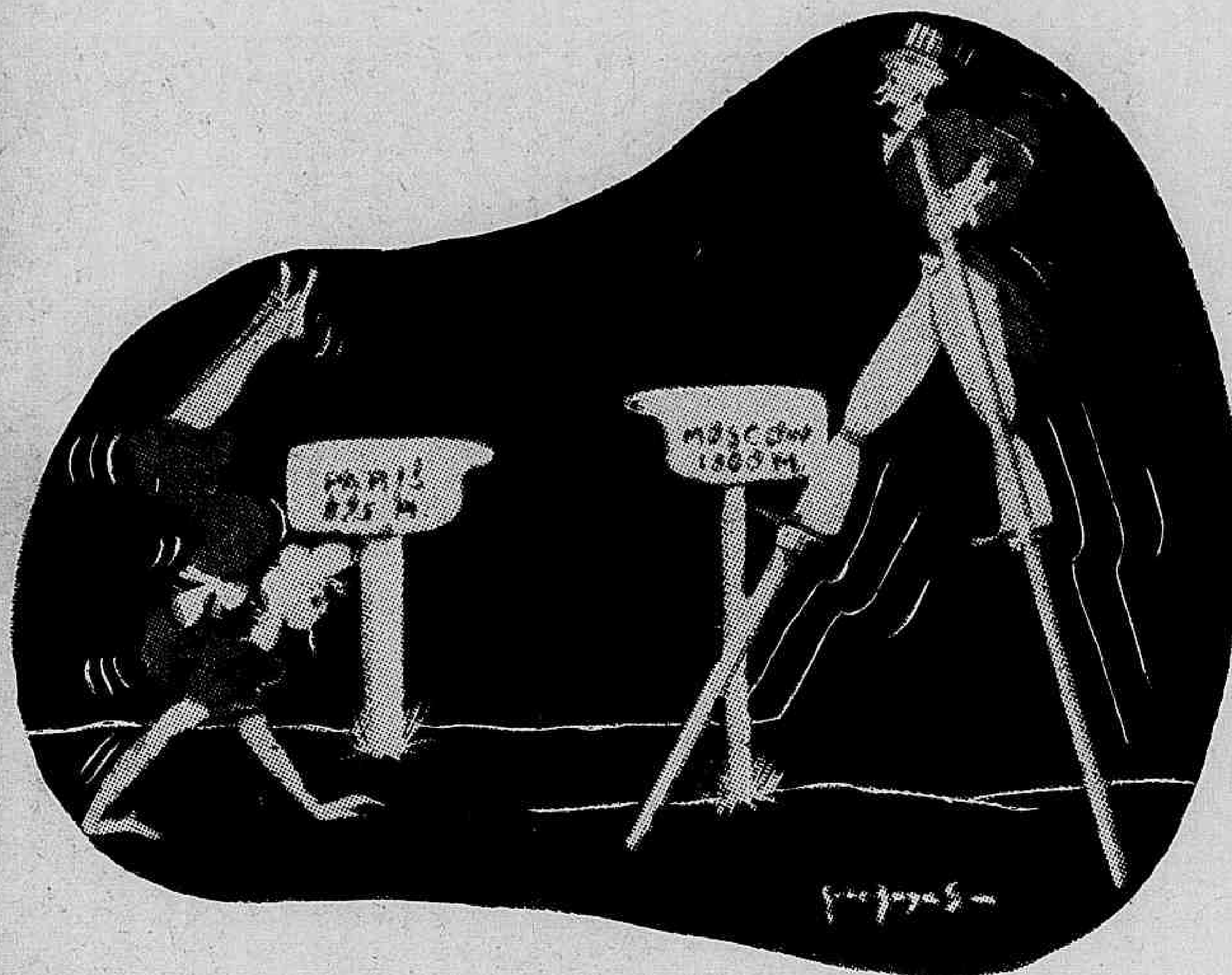


DÚVIDA? — Ninguém pode, realmente, saber a causa dessa expressão hesitante...



ELOQÜÊNCIA? — O interlocutor exige detalhes. Por isso êsse indivíduo entra a relatar tôdas as vantagens do negócio e sublinha cada palavra com uma gesticulação convincente.

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO



DOIS GRANDES RECORDES foram assinalados por pessoas que viajaram... com os pés fora do solo! Em 1891, Silvain Dornon caminhou as 1.800 milhas que separam Paris de Moscou, em 58 dias, andando sôbre pernas de pau. Por sua vez, em 1910, Johanna Hasslinger cobriu a distância de 875 milhas, que separa Viena de Paris, em 55 dias, com os pés para o ar e apoiada ùnicamente sôbre a palma das mãos.

★

AS CRIANÇAS mais sadias são as nascidas entre vinte e cinco dias antes e vinte dias depois do prazo total, a diferença entre êsses dois extremos podendo ser de dois meses. Fora dêsses limites terá uma ou mais insuficiências orgânicas, podendo algumas ser de maior gravidade.

★

EM 1902, um naturalista inglês, pesquisando sôbre a vida e os hábitos dos caranguejos, marcou e jogou no extremo sul do Canal de Suez um dêsses crustáceos. Em 1931, o caranguejo apareceu em Port Said, tendo percorrido as 101 milhas do canal numa velocidade média de 16 metros por dia, verdadeiro record em viagem constante para essa espécie de animal.

★

UM DE CADA quatro cinemas nos EE. UU. ostenta, atualmente, um dos seguintes nomes: Lyric, Majestic, Princess, Rialto, Ritz, Royal, State ou Strand.

MICHEL CHASLES (1793-1880), famoso matemático francês e professor da Sorbonne, é um ótimo exemplo de alta inteligência aliada à mais infantil credulidade. Aos amigos que o visitavam costumava exibir várias cartas, em francês moderno e papel também contemporâneo, afirmando que "tinham sido escritas por Lázaro, depois da sua ressurreição"!

★

UMA CURIOSIDADE NO MUNDO das pedras preciosas é o diamante que se apresenta com outro... cristalizado em seu redor! Na maioria dos casos conhecidos, as duas pedras diferem na côr e na formação do cristal.

★

SEGUNDO O DEPARTAMENTO DE COMÉRCIO dos Estados Unidos, o público norte-americano deixa, diàriamente, mais de um milhão de dólares sôbre as mesas dos restaurantes... como "gorgeta".

EMBORA O CORPO HUMANO, em geral, comece a perder calor imediatamente após a morte, os corpos das pessoas que morreram de certos males, tais como reumatismo, cólera, tétano, varíola e febre amarela, aumentam de temperatura durante um curto tempo, depois da morte, porque o metabolismo continua ativo mas o corpo deixa de irradiar calor, o que depende da circulação do sangue, já então inteiramente paralisada.

★

VIRTUALMENTE CADA família hindu possui e venera um "salagrama", pequena pedra considerada como representação do seu deus **Vishnu.** Sòmente os lares que possuem uma dessas pedras são considerados puros. Todos os pecados são anulados, se alguém beber água que tenha sido tocada e santificada pela pedra.

★

UMA PESSOA PESA MAIS ao meio-dia, quando o sol está no ponto mais alto do nosso céu, que em qualquer hora do dia. Pesa menos por ocasião da lua-nova, quando Sol e Lua estão nesse mesmo ponto. Isso é, pelo menos, o que afirmam os membros da American Philosophical Society, depois de recentes estudos.

★

O SELENIUM é o único elemento mineral que pode ser absorvido pelas plantas alimentícias em suficiente quantidade para que se tornem mortalmente venenosas para os animais.

★

UM ESTUDO DAS CONDIÇÕES DENTÁRIAS de 5.352 homens e mulheres, cuja média de idade era de 36.6 anos, revelou que, em média, haviam perdido 5.56 dentes, tendo 5.89 obturados e necessitavam de outras 3.39 obturações na ocasião em que foram examinados.

★

UM PESQUISADOR acaba de descobrir que as maçãs colhidas de macieiras plantadas em solo enriquecido com nitrogênio alcançam grandes dimensões, mas perdem muito de sua côr.

O CÉREBRO DO MORTO

Resumo de um romance de
CURT SIODMARK

O Dr. Patrick Cory levantou a cabeça. Tudo começara a vibrar em seu laboratório. O ronco forte dos motores de um avião voando muito baixo enchia aquela noite californiana. Um brilho esbranquiçado surgiu através das persianas, imediatamente seguido de um prolongado fragor, cortado de explosões.

Quase em seguida o telefone chamou. O médico reconheceu a voz de White, o guarda florestal. Um avião acabara de cair, não distante do seu refúgio!

— O colega do senhor, o Dr. Schratt está completamente bêbedo. Substitua-o e venha depressa, doutor.

O Dr. Cory prometeu seguir imediatamente. Depois voltou à mesa, colocada no centro do laboratório. O cadáver de um macaco ali estava estendido. O crânio do animal estava aberto. Do seu interior o cérebro fôra retirado sendo colocado pelo médico num aparelho de "circulação artificial". Por meio de um tubo fôra ligado à artéria vertebral e à carótida interna. O sangue, movimentado por uma pequena bomba, irrigava o cérebro. A seguir refluía pelas veias correspondentes e passava por tubos de cristal irradiados pelos raios ultra-violetas.

Uma fôlha de papel se desenrolava lentamente de um tambor. Uma ponta acerada com tinta vermelha nela desenhava uma espécie de ondulação curta e trêmula.

— O cérebro vive... — murmurou o Dr. Cory.

Com a ponta do dedo, muito de leve, tocou na bacia em que o cérebro se encontrava, mergulhado em líquido próprio. As ondulações do gráfico foram imediatamente ampliadas.

— "E' sensível!" — exclamou. Verificou o funcionamento da bomba, apanhou sua maleta profissional, apagou a luz do laboratório e saiu. Dirigiu-se o mais depressa que pôde para o local do acidente. Muitas luzes avermelhadas eram visíveis no flanco da colina.

O autor é um Alemão de Hollywood. Curt Siodmark é cenarista; seu irmão é diretor de filmagem. Juntos fizeram um famoso filme sôbre criminosos e que foi, justamente, o filme que o ex-pracinha norte-americano Howard Unruth viu duas vêzes seguidas, "antes de sair para a rua e... matar treze pessoas! (Ver "Bisturi em vez de Presídio" em EU SEI TUDO de janeiro — 1952). Curt sempre foi amigo e grande admirador de Fritz Lang. A atmosfera dêste romance é a dos filmes de terror e seu título original: "O Cérebro do Nababo".

O "CRIME" DO DR. CORY

O médico transporta para sua própria casa o único sobrevivente, um homem de idade avançada. Ali, examinando os papéis encontrados no bôlso do ferido, descobre que se trata do poderoso financista Warren Horace Donovan. O infeliz tivera duas pernas quebradas e agonizava.

Cory despediu seus acompanhantes e os homens da maca, ficando só em seu laboratório com a espôsa, Janice, e o moribundo.

Pouco depois, com o bisturi, praticava uma incisão semicircular no couro cabeludo de Donovan.

— A serra! — pediu êle a Janice.

....

Quando o Dr. Schratt, amigo e colega de Cory, entrou poucas horas depois no laboratório, o cérebro vivo de Donovan substituíra o do macaco no aparelho de "circulação artificial".

Horrorizado, Schratt observou o pequenino friso irregular, que formava uma curva sôbre a tira de papel do tambor.

Com voz trêmula, pediu:

— Patrick! Pelo amor de Deus! Desligue a bomba e deixe essa pobre coisa morrer em paz! — Cory simplesmente ergueu os ombros, sem nada responder.

Sôbre o papel se inscrevia, em ondas iguais, a atividade cerebral de Donovan. As ondas se sucediam, tôdas semelhantes umas às outras. O cérebro não pensava. Dormia.

O Dr. Cory bateu ligeiramente com um lápis contra o recipiente. Imediatamente a curva se modificou. O cérebro despertara! **E sabia que o médico estava ali, bem próximo.**

Os dois cientistas tornaram a fechar o crânio de Donovan, depois de o encher de algodão. Esconderam o ferimento sob espessos curativos e enviaram o corpo para a morgue, com um atestado de óbito em boa e devida forma. Não foram inquietados. Assim, hesitante entre o seu assombro e a sua curiosidade científica, o Dr. Schratt aceitou o convite do colega para instalar-se na residência do Dr. Cory, a fim de poder acompanhar essa estranha experiência.

Janice fôra quem insistira para que êle aceitasse. Não queria que o marido ficasse só diante daquela "coisa humana", cujo obscuro poder temia. O financista Donovan era uma personalidade inquietante. Revelara-se desprovido de escrúpulos a um extremo criminoso. Donovan possuía o maior negócio de vendas a crédito em todo o mundo. Suas maneiras rudes e mesmo a sua ferocidade eram lendárias. Era, portanto, o cérebro de uma fera que continuava a viver, a pensar e, talvez, a formar projetos, ali mesmo, no pequenino laboratório do Dr. Cory.

Êste mandara colocar seu leito ao lado do sinistro recipiente. Dado que o cérebro reagia às vibrações do aparelho, êle tentaria corresponder com êle em sinais **morse**.

— Donovan! — transmitia o médico. — Pode me entender, Donovan?

No décimo dia, a pena do encefalógrafo teve um estremecimento convulsivo e formou um sinal: o mesmo sinal, três vêzes seguidas.

O fenômeno se repetiu muitas vêzes. Porém Cory não obteve outro resultado.

— Só há um meio de comunicar com êle! — declarou o Dr. Schratt. — A telepatia! Experimente formar um vácuo no cérebro — acrescentou. — Talvez os pensamentos de Donovan se transmitam a você como as emissões de um pôsto são captadas por outro receptor.

— Vou pensar nisso — aprovou Cory. — Hei de encontrar um meio.

Foi nesse mesmo dia que Cory leu, no jornal da tarde, a notícia de que Donovan havia sido enterrado. Seu filho, Howard, e sua filha, Chloé, acompanharam o corpo. Êste, finalmente, fôra incinerado. A prova do roubo do cérebro desaparecera definitivamente!

O CÉREBRO FALA

Na manhã seguinte, Cory procurou o Dr. Schratt. Tinha um ar triunfal.

— Tentei a sua idéia da telepatia — disse êle. — Mas o cérebro de Donovan não é muito forte. Emite ondas de fraca potência. Temos que aumentar-lhe essa fôrça.

Cory instalou uma nova lâmpada de raios ultravioletas, juntou mais "serum" fresco ao sangue artificial e preparou novo plasma, enriquecido com produtos concentrados.

Desejava com isso **superalimentar** o cérebro!

Dia a dia êste aumentou de pêso. Sua capacidade elétrica cresceu ràpidamente.

Uma noite, cêrca de vinte e três horas, o cérebro de Donovan entrou finalmente em contato com o Dr. Cory.

Êste estava sentado, trabalhando. Repentinamente sentiu uma grande lassidão, uma espécie de fadiga muito suave, que se infiltrava em seu cérebro, abolindo pouco a pouco seu próprio pensamento e sua vontade.

Viu sua própria mão esquerda (Donovan era canhoto) apanhar a caneta e escrever.

A mão deixou a caneta repousar. Lentamente o médico voltou a si. Sôbre o papel havia uma assinatura: Warren Horace Donovan, cercada por um caprichoso traço que caracterizava a firma do financista.

Correu a verificar o gráfico. **O cérebro despertara!**

Mais tarde, quando o cérebro adquiriu uma energia ainda maior, o Dr. Cory começou a viver uma dupla existência. A sua e a de Donovan. O cérebro dêste, privado do corpo, utilizava o de Cory para agir.

O médico quis verificar se o cérebro conservava sua influência à distância. Viajou, em automóvel, para longe de casa. A 20 quilômetros do laboratório, movido por um impulso invencível, fêz meia volta e voltou para casa a tôda velocidade.

O cérebro o chamara!

— Já temos discutido longamente sôbre o bem e o mal da sua experiência — disse-lhe então o Dr. Schratt. — Pelo amor de Deus, pare com isso enquanto é tempo, Patrick! Suplico-lhe! Detenha essa bomba e deixe êsse pobre cérebro morrer!

Cory, porém, recusou renunciar a suas experiências.

Na noite dêsse mesmo dia, o Dr. Cory ouviu, numa espécie de meio sonho, um grito abafado e implorante, que vinha do laboratório. Depois, repentinamente, um grito de demente.

Correu para o laboratório. O Dr. Schratt rolava sôbre o tapête, apertando a própria garganta. Seu rosto estava púrpuro, o desgraçado sufocava...

Cory conseguiu separar as mãos do seu colega. Êste perdera os sentidos. Cory levou-o para um divã e, a seguir, examinou a sala. Num canto, o criado, Franklin, o observava, visìvelmente aterrorizado.

Schratt, evidentemente, projetava fugir. Sua valise estava junto da porta. A caixa que continha os fusíveis do aparelho de circulação artificial estava aberta. O chapéu do Dr. Schratt rolara pelo tapête...

— **Você queria matar o cérebro!** — gritou Cory, ameaçadoramente.

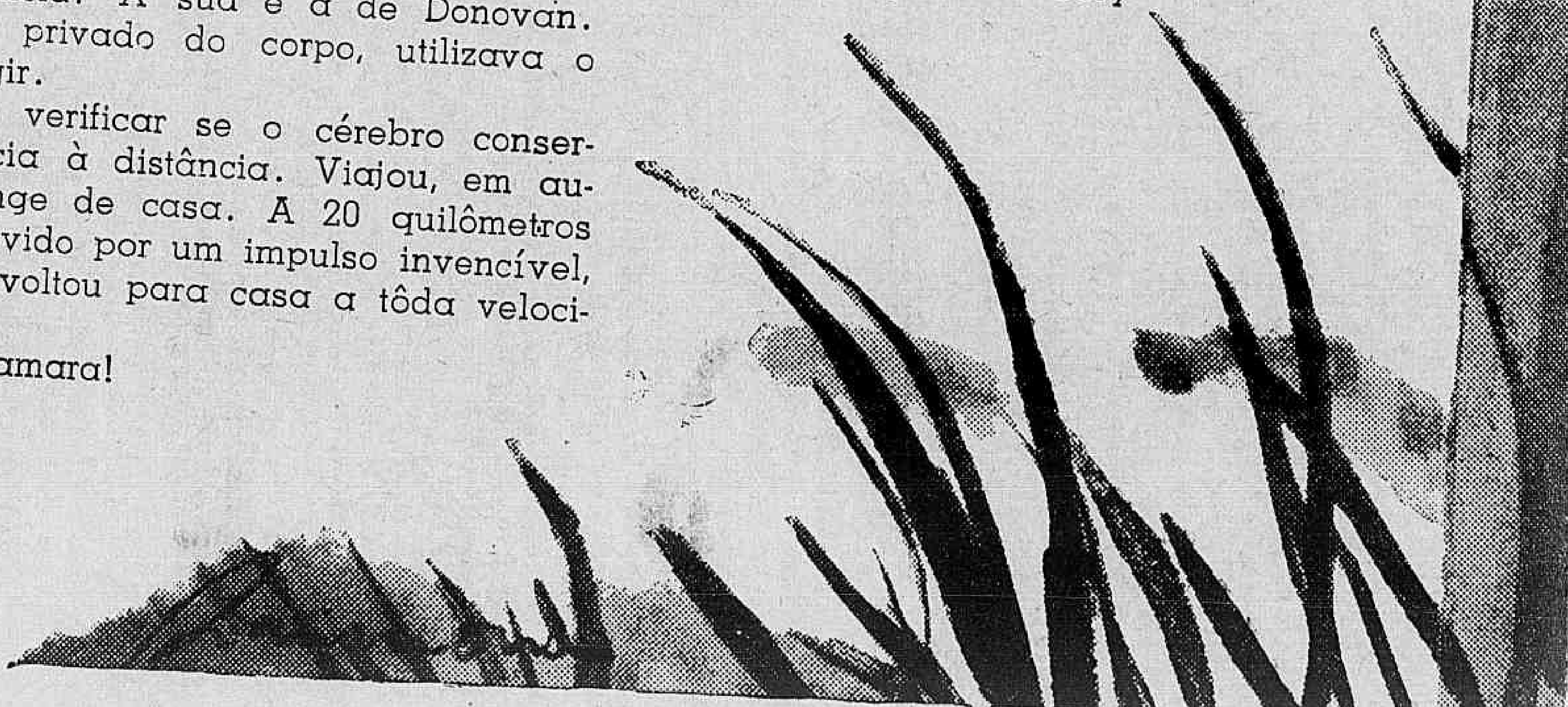
Schratt nada respondeu e, cambaleando, levantou-se do divã e deixou o laboratório.

O CÉREBRO QUIS ASSASSINAR...

O Dr. Cory procurou reconstituir o acidente.

Quem havia gritado?... Donovan?

Cory chamou Franklin. Êste sentou, lentamente, na cadeira que lhe fôra indicada, vigiando Cory





com olhar em que havia mêdo e horror.

— Você ouviu o Dr. Schratt chamar por socorro?

— Ouvi — disse Franklin.

— Que viu você, ao chegar?

— Vi que o senhor se lançara contra êle, tentando estrangulá-lo. Fui eu quem separou os dois...

O Dr. Cory compreendeu logo a medonha situação: Sentindo-se ameaçado, o cérebro lhe dera ordem de matar Schratt! Quando Franklin se intrometeu despertou o patrão de sua hipnose assassina. **O cérebro levara sua astúcia até convencer Cory de que Schratt tentara o próprio estrangulamento!**

Na manhã seguinte, Cory notou uma extraordinária mudança em Schratt. Não apenas não tornou a falar em deixar o laboratório, mas ainda se ofereceu para vigiar pessoalmente o bom funcionamento do monstro.

O cérebro de Donovan acabou de subjugar completamente o Dr. Cory, que, a partir de então, deixou, simplesmente, Donovan guiar todos os seus atos.

Certo dia êle se encontrou no hotel Roosevelt, em Los Angeles. O cérebro ordenara que se dirigisse ao Banco Comercial da Califórnia. Com gestos automáticos, Cory sentou diante de uma escrivaninha destinada ao público, encheu um cheque de cinquenta mil dólares, assinou-o com o nome de "Hinds" e entregou-o ao caixa. Alguns minutos depois, um dos diretores do banco o convocava ao seu gabinete.

— Recebemos de um Sr. Hinds grande quantia em dinheiro. Nenhum endereço. É to-

talmente desconhecido para nós. Especificou, porém, que só os cheques marcados com um ás de espadas sôbre a assinatura podiam ser pagos.

Exibiu o cheque a Cory, que verificou, com estupefação, que nêle havia, de fato, um às de espadas, desenhado sôbre "Hinds".

Meia hora depois, saía do banco com os bolsos recheados de notas. Que desejava fazer com êsse dinheiro o cérebro de Donovan?

Cory voltou para o hotel e esperou novas ordens. Despertava cada noite com uma medonha impressão de angústia.

Janice, sua espôsa, que se reunira a êle em Los Angeles, foi testemunha de uma dessas cenas de "posse".

Seu marido cessou de falar, sùbitamente. Ergueu-se como um sonâmbulo, e foi sentar-se diante da escrivaninha, logo começando a escrever. A **comunicação** terminou bruscamente.

Janice estava pálida e sua voz revelava um horror indescritível.

— Você... você escrevia com a mão esquerda! — balbuciou com um longo estremecimento.

Cory — ou melhor: Donovan — escrevera êstes dois nomes: Cyril Hinds — Nat Fuller.

Cyril Hinds era o nome de um assassino que esmagara a própria mãe, com o automóvel que dirigia. Nat Fuller era um famoso advogado de San Francisco.

Subjugado novamente pela vontade todo-poderosa de Donovan, o Dr. Cory foi visitar Nat Fuller.

— Estou disposto a pagar cinquenta mil dólares, caso o senhor consiga libertar Hinds — anunciou. — Quero que Hinds seja absolvido... Que um júri o declare inocente!

— Mas não há qualquer dúvida sôbre a culpabilidade dêsse homem! — exclamou o advogado.

— Não estou aqui para discutir êsse ponto. Quero e pago!

O advogado refletiu:

— Preciso de uns três dias para pensar. Talvez haja um meio de convencer o júri.

Cory, depois disso, entrou a fumar charuto, coisa que jamais suportara — **mas que Donovan apreciava**.

Uma noite, o Dr. Cory recebeu a visita da filha de Donovan, Chloé Barton. Soubera da ação do médico em favor de Hinds.

— O senhor pediu a Fuller que defenda Hinds... mas não sabe por quê? — murmurou ela, observando com terror a maneira como Cory segurava o charuto com os dentes e arrastava a perna esquerda... **exatamente como seu pai**.

— Eu sabia que êle não estava morto! — gritou ela, desesperada. — Eu tinha a certeza de que êle voltaria, um dia, de uma maneira ou de outra! Eu esperava!

Levantou os braços para o teto, enquanto de sua garganta saía uma longa e histérica gargalhada.

— "Odeio meu pai. Se êle ainda quer, do outro mundo, salvar Cyril Hinds da cadeira elétrica, é porque assim deseja resgatar uma outra morte da qual foi o responsável!"

E contou, a seguir, como seu pai iniciara a vida em San Juan, numa pequena loja de ferragens. Seu melhor amigo era Roger Hinds, o chefe da estação. Ambos se apaixonaram pela mesma moça, Katherine, filha do dono da loja de ferragens. Para eliminar Hinds, Donovan pediu-lhe 1.800 dólares emprestados e retirados da caixa da estação, jurando reembolsá-lo na manhã seguinte. Donovan, voluntàriamente, não restituiu o dinheiro, Hinds foi acusado de desvio de dinheiro e, abatido com o fato, matou-se. Donovan desposou Katherine e esta soube, poucos meses depois, tôda a verdade. Donovan lhe contou, intencionalmente, quando descobriu que ela continuava amando o seu rival eliminado. Katherine criou Chloé afastada do pai e mesmo fazendo-a odiar Donovan.

Com a velhice, um grande remorso veio atormentar Donovan. Só uma coisa lamentava em sua vida: sua traição contra Roger Hinds. Utilizava o nome de Hinds para seus depósitos secretos de dinheiro. Começou ainda a pesquisar, a fim de descobrir os membros da família de Hinds, com a intenção de dar aos mesmos dinheiro e favores, à guisa de reparação.

Quando descobriu que um indivíduo, Cyril Hinds, estava prêso, acusado de assassinato, decidiu aproveitar a oportunidade. Era uma vida que podia ser trocada contra a de Roger, que morrera por sua culpa. Êle próprio morrera antes de poder agir no sentido de libertar o prêso. Porém o cérebro monstruoso, mantido vivo por Cory, não havia abandonado o projeto!

LOUCURA ASSASSINA

Quando Cory tornou a encontrar-se com o advogado, êste declarou que conseguira obter a cumplicidade da maioria das testemunhas, **salvo uma**: uma menina de treze anos, que assistira da calçada ao pavoroso assassinato.

Cory foi repentinamente sacudido por uma emoção violenta. Donovan se apossara dêle novamente. Tomou nota do endereço da menina e ordenando a Pulse, o assistente de Fuller, que o acompanhasse, desceu do escritório e saltou para o seu automóvel.

Em sua prisão mental, impotente, Cory era prêsa de um mêdo atroz. Perdeu, bruscamente, a esperança de que a crise acabasse jamais e pudesse recuperar o contrôle do seu próprio corpo.

Parou o veículo diante do prédio em que residia a menina. Seus olhos tinham uma expressão terrível. Duas pessoas saíram da casa. Uma mulher idosa e uma menina pálida, linda, de uns treze anos aproximadamente. "Donovan" logo entrou em ação. Calcou furiosamente o acelerador. O automóvel saltou para a frente, subindo a calçada. Pulse, com um grito de horror, atirou-se com todo o seu pêso sôbre o volante. O automóvel escapou de capotar, com um longo gemido dos pneus...

— O senhor quase as matou! — gritou Pulse, desesperado e soluçando de raiva. — O senhor queria matá-las! Queria matar... essa menina!

Cory entrou numa loja e comprou uma garrafa de gin. No hotel encontrou Janice. Ela o fitou com terrível fixidez.

Pela primeira vez, Cory sentiu que Donovan tinha mêdo. Janice sabia sob que diabólica influência caíra o seu marido. E tentaria tudo para o salvar!

Cory esvaziou a garrafa de gin. Sabia que o

cérebro decidira, desde logo, desembaraçar-se de Janice. Era preciso avisá-la, mas como? Cory não podia fazer um gesto, pronunciar uma palavra sem o assentimento do cérebro de Donovan.

Saiu, parando numa casa de quinquilharia, onde comprou uma corda e uma mala. Colocou tudo no automóvel. Que desejava fazer Donovan?

— Vem comigo — disse Cory a sua espôsa.

Ela apanhou a capa e o chapéu e seguiu Cory. Contava loucamente com a própria fôrça. No entanto, sabia que caminhava ao encontro da morte.

Cory ajudou a espôsa a subir para o veículo, seguindo depois até um platô isolado, à beira do oceano. Ali parou o motor.

— **Por que você quer me matar?** — perguntou Janice tranquilamente.

— Não permito a ninguém atravessar-se em meu caminho — respondeu o cérebro pela voz de Cory.

Janice encetou, então, um desesperado esfôrço. Tentou comover Donovan. Com tôda a fôrça do seu amor por Cory, tentava convencer o monstro da inutilidade do seu crime.

— Se ao menos amassa alguém, o amor o impediria de prosseguir... — murmurou ela.

Depois, gritou, desesperada:

— Patrick! Você se salvará, se tiver confiança! Socorro, Patrick!

— Não sou Patrick — disse Donovan.

Ela leu em seus olhos a própria condenação à morte.

— Não! — gritou ela.

Cory segurava a corda com as duas mãos, dissimuladas às costas. Repentinamente avançou como um louco, segurando-a pela garganta...

. . . .

Cory, horrorizado, murmurou uma prece.

Repentinamente sentiu os próprios músculos livres do domínio de Donovan. Pouco a pouco **emergiu em seu próprio corpo!** Seus dedos afrouxaram. Janice não perdera os sentidos.

— Depressa! — gritou êle. — Tome o automóvel e fuja... **Fuja, antes que "êle" volte!**

— **Êle** não voltará mais! — murmurou Janice simplesmente.

No primeiro pôsto de gasolina da estrada, Cory tentou telefonar para o Dr. Schratt. Êste, porém, não atendeu.

Janice e Cory não pronunciaram uma só palavra durante as cinquenta milhas da estrada. Sabiam o que iam encontrar.

Schratt estava no laboratório, o rosto banhado em sangue. O grande recipiente de vidro estava quebrado. O serum manchara as paredes. As mãos poderosas e rígidas de Schratt agarravam o cérebro e seus dedos se enterravam profundamente nêle, rasgando-o. Era difícil imaginar o que se passara. Quando o cérebro havia atacado Janice, Schratt compreendera, observando as ondas tumultuosas da tira de papel registradora, que o cérebro estava ocupado em matar.

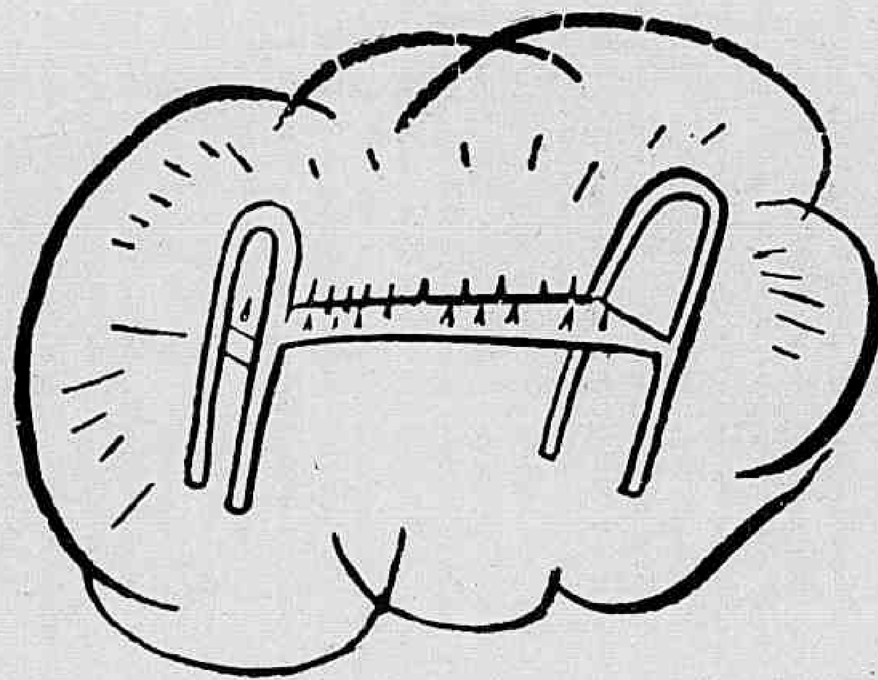
Não podia deixar passar a ocasião; atirou-se contra o aparelho de circulação artificial e arrancou tôdas as conexões elétricas.

Imediatamente, o cérebro deixara Cory e voltara seu furor contra Schratt. Num esfôrço desesperado matara-o parando o seu coração por ordem telepática. O cérebro morto, inerte, informe, parecia ainda mais formidável. Crescera a ponto de atingir os bordos do recipiente.

★

O PONTO DE VISTA DA INFANTARIA

(Uma anedota do post-guerra)





Depois de dois anos de serviço com a Fôrça Aérea, na Inglaterra e na África, voltei aos Estados Unidos, onde permaneceria umas duas semanas, no máximo, antes de ir reforçar os esquadrões que lutavam na área do Pacífico. Comigo, no mesmo avião, viajaram dois oficiais da arma de infantaria, em gôzo de licença. Ambos ouviram delicadamente a minha tagarelice, descrevendo como pretendia aproveitar os meus dez dias de folga, os hotéis de luxo em que pretendia dormir, as banheiras de mármore onde imaginara tomar banho, os «night-clubs» a que iria, etc., etc. Finalmente adormeceram.

Quando desembarcamos, em Nova York, tratei imediatamente de procurar um táxi, saboreando de antemão as coisas deliciosas que saberia oferecer-me. Infelizmente, um transporte oficial parou junto da calçada onde eu estava e um oficial, com voz firme, anunciou-me que eu passaria a noite em Fort Totten, para onde seriam enviadas futuras ordens a meu respeito.

Senti que qualquer coisa «queimava» dentro de mim e mesmo a «fumaça da raiva» cegou-me por alguns segundos. Porém, naturalmente, «eu tinha que obedecer»! Em caminho para o forte, pensei ainda nas coisas boas que tanto desejava e que, por certo, teriam que ser adiadas. Chegado ao forte, quase perdi a fala de surprêsa e indignação... porque, em vez do luxo e do confôrto do hotel com que sonhara, eu me via num quarto de paredes caiadas, cheias de buracos e manchas de tôdas as côres, chão empoeirado... e seis pobres camas sôbre as quais não havia nenhum colchão nem travesseiro.

Não havendo, porém, outro remédio, joguei o capote sôbre o estrado cheio de pregos e, praguejando como um possesso, ali fiquei algum tempo, procurando ajeitar o corpo da forma menos torturante. Estava já meio adormecido, quando vi chegar os dois mesmíssimos oficiais de infantaria que tinham sido meus companheiros de viagem. Ambos pararam como se tivessem sido petrificados, logo que penetraram no quarto. Depois, o mais moço, como se não acreditasse no que via, aproximou-se de um instrumento de suplício e passando sôbre êle uma das mãos, amorosamente:

— Mack! Veja!... — exclamou emocionado. — Uma cama de verdade!

GIBRALTAR é inexpugnável?

J. D. Villegas

O estreito de Gibraltar, as "Colunas de Hércules" dos antigos, abre-se entre a Espanha e o Marroco, unindo as águas do Mediterrâneo e as do Atlântico. Essa abertura é recente, segundo testemunham a identidade geológica das rochas da costa marroquina e da costa espanhola, além da presença, sôbre o rochedo de Gibraltar, de macacos absolutamente semelhantes aos símios do Riff. A profundidade do estreito é, aliás, relativamente pequena: cêrca de 450 metros e, mau grado o afluxo rápido das águas oceânicas para o Mediterrâneo e incessantemente evaporado pelo Sol ardente do seu céu magnífico, a comunicação assim feita é insuficiente para que o Mediterrâneo possa perder as suas características de grande lago: as marés do Oceano não se transmitem ao Mediterrâneo.

O rochedo, com cêrca de 424 metros de altura, o **djebel** Al-Tareg dos Mouros, em honra ao seu conquistador bérbere Tarik, que ali desembarcou em 711, permaneceu árabe durante tôda a idade Média, quando foi conquistado pelo Reino de Castela, após a batalha de Novas de Tolosa, em 1212. Permaneceu com a Espanha até o século XVIII, quando, durante a guerra de Sucessão, foi tomado pelos Inglêses (1704), que o guardaram até hoje.

Coluna de Hércules, chamaram os antigos, em reverência aos trabalhos de Hércules e porque era um dos dois pontos, na Europa e na África, que marcam o limite do Mediterrâneo. Ali, a tradição



COMO GIBRALTAR ESTÁ HOJE PROTEGIDO CONTRA UM ATAQUE POR TERRA: A nova trincheira líquida converteu a península de Gibraltar em uma ilha, ligada à Espanha por uma única estrada

oriental, afirmou que Hércules lançou, como chefe de uma primeira expedição Fenícia, os alicerces de uma civilização, como a **fronteira do mundo**. As duas Colunas de Hércules ficam à entrada oriental do Estreito de Gibraltar: na Europa, o monte **Calpeu** (coluna **Herculis Europa**); e, na África, o rochedo **Abyla** ou **Abylix** (coluna **Herculis Africana**). O nome de Colunas de Hércules vem do costume que tinham os Fenícios de marcar por meio de colunas os locais em que se estabeleciam. Chegados à extremidade oriental do estreito de Gibraltar, acreditam que os cabos que formavam êsse estreito, apontavam os limites da terra habitável, assim como da expedição de Hércules, o que era, portanto, o que o oráculo chamava de **Colunas**.

A essas duas colunas estão ligadas famosas lendas na antiguidade e cujo sentido indica que o Mediterrâneo era um lago sem qualquer comunicação com o oceano; uma grande comoção teria tragado o istmo que unia a Espanha à África. A existência dêsse istmo é uma verdade geológica incontestável.

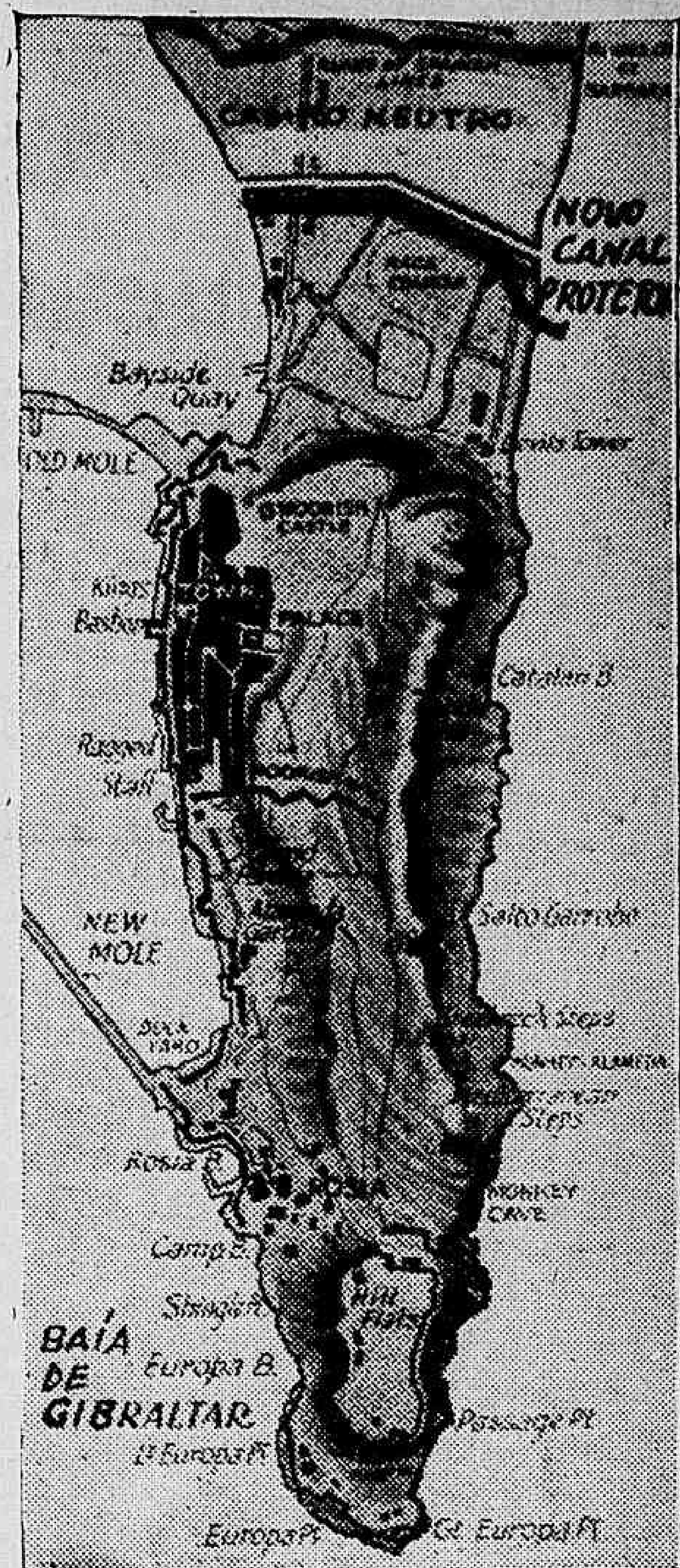
A importância de Gibraltar como **fortaleza-chave** do Mediterrâneo é geralmente conhecida. A sua história, entretanto, o é muito menos. Para os espanhóis, porém, é tema eterno.

De fato, nenhum outro lugar da Espanha serviu mais vêzes de campo de batalha. Antes de ser espanhol, nas duras lutas contra os mouros, sofreu nada menos de oito assédios diferentes, nos séculos XIV e XV; sendo já espanhol, nesta última centúria, vicissitudes diversas provocaram dois novos sítios; no século XIV foi assaltado por piratas mediterrâneos e, mais tarde, por motivo de ocupação inglêsa, Gibraltar foi atacado, por mar e por terra, sem êxito, outras cinco vêzes mais: em 1704, 1704-5, 1727 e 1781-82, agora pelos espanhóis, na ânsia de reconquistar a fortaleza.

Assim, em menos **de cinco séculos**, Gibraltar sofreu, através de seus diversos possuidores, dezesseis assédios diferentes, todos muito rudes e sangrentos, para não falar das atividades diplomáticas subsequentes para o seu resgate, iniciadas ainda nos dias de Felipe V, continuadas com Fernando VI, Floridablanca, o conde Aranda, Godoy, etc...

Gibraltar — **colônia inglêsa em território continental europeu** — é a Espanha, segundo famosa frase de Ganivet **espinho eterno.**

Os estadistas espanhóis mantiveram a lembrança dêste nome constante em sua memória. O próprio "Caudilho" disse sôbre Gibraltar coisas muito terminantes e substanciosas, tão substanciosas e terminantes que a partir de então, a Inglaterra passou a boicotar "a outrance" o ingresso da Espanha na ONU e a olhar com desconfiança a aproximação hispano-americana sob qualquer pretexto, mesmo como notável refôrço para o Pacto do Atlântico, e a posição geral do Ocidente contra o Oriente dominado pela Rússia.



O NOVO GIBRALTAR — Eis onde foi aberto o novo canal defensivo, na extremidade do território neutro, entre a Espanha e essa «única colônia britânica na Europa Continental



BEM AO LADO DO AERÓDROMO ESTENDE-SE O TERRITÓRIO NEUTRO COM A CIDADE ESPANHOLA DE LA LINEA AO FUNDO: O aeródromo foi construído nos terrenos do jockey club de Gibraltar, e o canal, que corre ao lado do mesmo campo de pouso para aviões tem a largura de sete metros, aproximadamente

Uma apologia do pensamento espanhol sôbre Gibraltar seria fácil mas perigosa no momento atual, pois para ela concorreriam os pensadores, políticos, historiadores e militares mais ilustres de Espanha.

Ainda recentemente, depois da guerra civil que levou Franco ao poder, surgiram três obras mais importantes entre uma dezena delas: **"A História de Gibraltar"**, de J. Carlos Luna; as **"Reivindicações espanholas"**, de Areilza y Castella, que aborda o tema, e **"O Estreito de Gibraltar"**, de Hispanus, que coloca a questão no aspecto geopolítico e... geobélico! O govêrno inglês também leu essas obras. E não gostou.

Agora, mais uma vez, crescendo de importância o tema de Gibraltar, desejamos abordá-lo com objetividade estrita e sem paixão partidária, que não poderíamos ter. Simplesmente informaremos ao leitor, como se se tratasse de um problema estratégico de um outro mundo. Gibraltar está construído por uma crista rígida e rochosa — mais um penhasco alto do literal mediterrâneo: **The Rock**, dos Inglêses; **El Peñon**, para os Espanhóis.

Antanho êsse enorme penhasco deve ter sido uma ilha. Seria, então, o autêntico Navio de Pedra". Porém, as correntes marinhas acabaram unindo-o, por um estreito e baixo istmo arenoso, ao continente. Constitui, pois, o que os fisiógrafos chamam um "tombolo", como o são igualmente — ainda na Espanha — Peñiscola, Santoña ou o monte Urgull, de San Sebastian; os três, como o próprio Gibraltar, repetidos campos de batalha e reiterados testemunhos de mil façanhas e excelentes posições táticas, que sempre foram.

A rocha de Gibraltar, de fato, com quatrocentos e vinte e dois metros no "Philon de Azúcar", deixa cair suas ladeiras verticalmente para Leste e o istmo espanhol, enquanto que o declive é menos áspero para a plataforma meridional da Ponta da Europa até à baía de Algeciras. Ali se abre para a ampla enseada peninsular, em uma espécie de escalinata, com sua



SOLDADOS BRITÂNICOS EM EXERCÍCIOS DE DEFESA EM GIBRALTAR — No correr da última guerra Gibraltar teve as suas defesas reforçadas, sendo ali instaladas baterias de todo calibre e uma guarnição de quase 20.000 homens, dos quais uma quinta parte constituída de artilheiros e engenheiros. Nota-se a qualidade calcárea da rocha. Ao fundo, embaixo, a cidade de Gibraltar

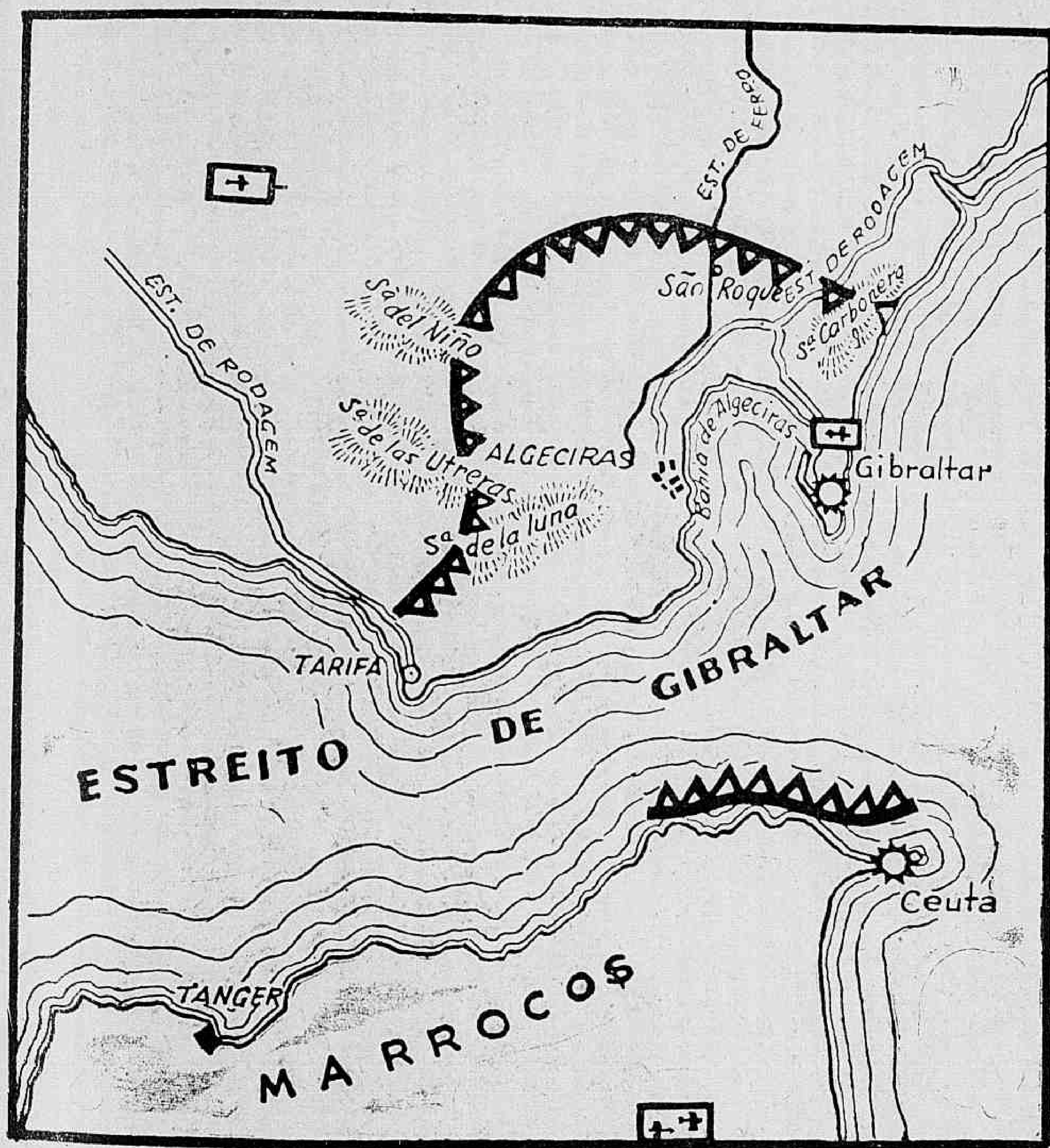


Fotografia tomada do mar mostrando no primeiro plano, à direita, o edifício-sede do Govêrno. Gibraltar não é só uma fortaleza. E' também uma cidade, com seu cassino, seu hipódromo (em cujo centro está o campo de pouso para aviões) e tem até uma Loteria do Estado, que dá ao Govêrno oitenta mil libras anuais

urbe e seus quartéis, diques, mastreações e demais serviços marítimos que lhe são essenciais; qualquer coisa como a sua própria razão de ser.

O "Peñon", que é calcáreo, está perfurado por múltiplas galerias. Em seu seio rochoso foi lavrada uma fortaleza subterrânea, da qual se vê apenas as janelas dissimuladas, pelas quais assomam canhões. Pela frente de terra, o istmo estreito e baixo torna a Rocha inteiramente inacessível. Além disso, um canal (terminado recentemente) constitui outro obstáculo difícil para o assalto.

Centenas de peças de todos os calibres, às quais se juntaram, ùltimamente, não poucas anti-aéreas talvez mil ninhos de metralhadoras, constituem o terrível armamento dessa posição que antanho só



GIBRALTAR É INEXPUGNÁVEL? — O mapa acima revela como Gibraltar pode ser investida eficientemente e sem grande perda em vidas para o atacante. Aproveitando as elevações que o cercam pelo território espanhol e a ponta norte do Marroco baterias de grosso calibre não tardariam a tornar impossível a vida na fortaleza (N. da R. — O mapa acima foi publicado na revista espanhola «Semana»).

pôde ser ocupada devido a circunstâncias especialíssimas, (como ocorreu justamente em 1704) pelos inglêses, **de surprêsa.**

Gibraltar ganhou, dessa forma, através da história, merecida fama de inexpugnável. Ainda hoje o será?

Eis uma pergunta bem diversa. Muitos dos sítios de Gibraltar, já citados, foram anteriores ao emprêgo da artilharia, que parece haver surgido no campo de batalha, como arma muito rudimentar, provàvelmente no sítio da vizinha cidade de Algeciras, em 1343, conforme relata Cleonard e segundo acrescenta outro historiador espanhol, ao mesmo tempo que os Mouros mantinham a comunicação com a África, desde Gibraltar, por meio de pombos mensageiros.

Ante aquela primeira "tormentaria", que foi a vovó da artilharia e mesmo ante aquelas outras armas de assalto, que com o tempo, foram aparecendo, Gibraltar se apresentava decididamente inexpugnável. Também foi inatingível para as surpreendentes e traiçoeiras lanchas-bombardeiras dos últimos tempos de assédio, e apesar de tão magistralmente conduzidas pelo almirante espanhol, Barceló. E o foi definitivamente, por último, ante o ataque das baterias flutuantes de D'Arson, supostas — um pouco precipitadamente — por seu inventor, a um tempo insubmergíveis e incombustíveis, **mesmo sob as "balas rubras", lançadas num assalto final pelo duque de Crillon, em cooperação com o Exército e a Marinha de Espanha.** As armas de fogo tinham alcance muito reduzido, na época. Sua eficácia era extraordinàriamente limitada. Gibraltar, por isso mesmo, saiu incólume da prova.

Depois, não sofreu mais sítios. Porém, já em fins da última centúria, Navarrete voltou a indagar sôbre a veracidade da propalada inexpugnabilidade da praça ante o ataque de armas que, então, pareciam tão contundentes como os novos canhões "Armstrong", de grosso calibre.

Os técnicos, em resposta, afirmaram não acreditar que tais armas fôssem suficientes para dominar a "Rocha". Porém, cinquenta anos depois, qual não é, já hoje, o poder da artilharia? Qual a enorme eficácia da velocidade e do alcance do seu fogo?

De fato, já não é necessário, como nos dias do duque de Crillon, aproximar-se da praça-forte para um ataque destruidor. Ao contrário; convém, até, ocultar-se de suas vistas, enterrar-se no fundo de algum barranco ou colocar-se nas anfratuosidades de alguma montanha para que, dêsse hemiciclo formado pelas elevações que envolvem a baía de Algeciras, como das posições espanholas da África, Gibraltar possa converter-se — sem necessidade de que um só soldado se lance ao ataque — num inferno inabitável.

A população, o cais, os diques, os armazéns, os navios fundeados em sua baía, os depósitos de combustível, tudo arderia, num instante, numa pira final impressionante! A velha **Calpe** ficaria convertida depressa em um vulcão.

Que a defesa subterrânea, as baterias no túnel, continuariam a resistir ainda por algum tempo, até acabar a munição, a água ou os víveres, não importa discutir. Gibraltar, sem base naval, sem cidade, sem diques, sem cais, para que serviria? A frota britânica o abandonaria, — se pudesse —

no primeiro momento. Até mesmo a aviação perderia, no próprio instante do ataque, o seu único aeródromo, **junto da fronteira espanhola**.

Gibraltar, decididamente, perdeu sua inexpugnabilidade! Perdeu-a, como perderam, também, tantas outras posições semelhantes, de estrutura topográfica igual e análogas possibilidades táticas.

Durante a última Grande Guerra, a Inglaterra, assim admitindo, evacuou a população civil da praça, que ficou habitada exclusivamente por quatorze mil soldados, dos quais quatro mil eram artilheiros e dois mil engenheiros!

Um dos últimos governadores inglêses de Gibraltar, Harrington, reconheceu de bom grado a impossibilidade de manter-se ali, em tempo de guerra, **salvo no caso especial de neutralidade espanhola.** Isso foi, justamente, o que ocorreu... e bem merece ser lembrado pela Inglaterra, quando se mostra tão adversária da Espanha em seu natural desejo de ingressar entre as Nações Unidas.

O famoso crítico militar britânico, Liddell Hart, também reconheceu o escasso valor tático de Gibraltar atual, segundo explicou, em certa ocasião, na revista norte-americana **Time**. Os planos germânicos de ocupar o **Peñon**, com pára-quedistas, como tinha sido feito, no início da guerra, com Roterdã, na Holanda, e Eben Emael, na frente belga, são conhecidos. E se não foram postos em execução não foi por falta de vontade de Hitler, mas sim pela oposição espanhola. Apesar disso, a grande importância que Gibraltar teve até aqui foi baseada mais em sua situação que em sua posição; em seu papel estratégico e não em sua aludida inexpugnabilidade tática.

Gibraltar ao serviço da esquadra inglêsa — a Inglaterra tem sido até hoje a grande Talassocracia moderna — era o ferrôlho do estreito. Se os navios inimigos fugiam dos seus canhões, os navios britânicos os buscavam. Partindo de Gibraltar policiavam o mar, acossavam ou afundavam os adversários e voltavam à sua base "guarida".

O estreito de Gibraltar foi sempre um ponto crucial no mapa das comunicações do mundo. Mais que nunca nos dias que correm: vinte e dois mil navios passam por êle anualmente. A tonelagem do seu deslocamento é três vêzes superior à que passa pelo Canal de Suez. E cada dia êsse tráfego equivale ao de mais de seiscentos trens de mais de cinquenta vagões cada um, além de doze mil viajantes.

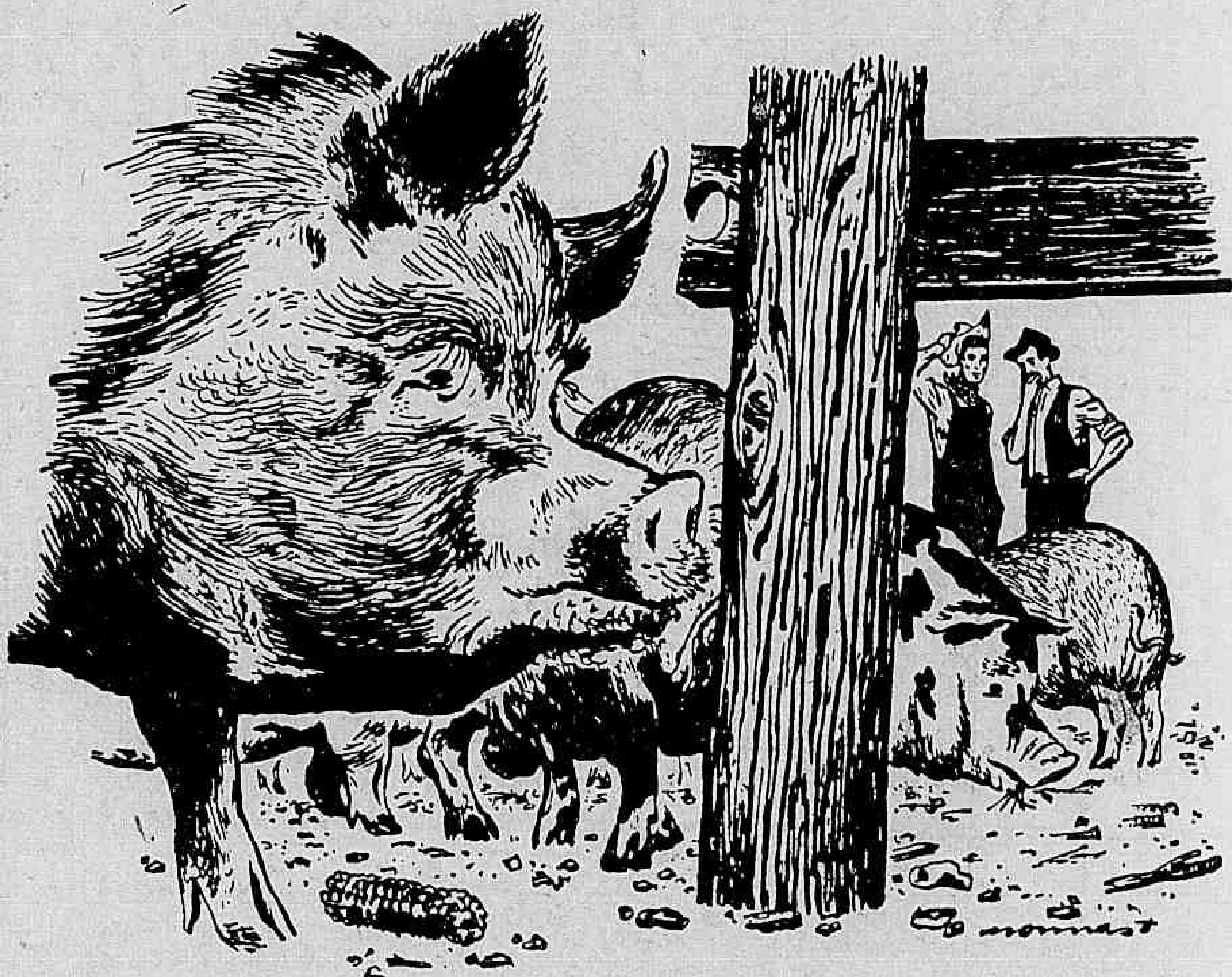
Gibraltar, entretanto, não é mais a "chave" do Mediterrâneo" ou sequer do "estreito". Sua utilização como base implica, há muito tempo, a tolerância tácita da Espanha. E' a Espanha, sem dúvida, quem possui ao longo de suas costas meridionais, a chave dessa passagem capital para as comunicações do mundo. Gibraltar não é mais, sequer, a fortaleza inexpugnável de antanho. A lenda secular foi apagada, de golpe, pelas possibilidades da nova artilharia, com seus enormes projéteis de uma tonelada de explosivo e seus enormes alcances; também pela potência da aviação de bombardeio, capaz de lançar carga devastadora, para não aludir a outros armamentos modernos.

E podemos recordar o que disse certo artilheiro famoso, em princípios dêste século: **"conquistar é martelar".**

Talvez, por isso, foi que o Generalíssimo Franco declarou, não há muito: "Gibraltar, hoje, não vale uma guerra." Talvez considere ser mais interessante esperar que caia, como fruto maduro, qualquer dia."



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO ?



Há dois anos eu possuía alguns porcos, que desejava mandar para Kansas City. Eram uns cinqüenta e aconteceu que um dos meus vizinhos tinha mais ou menos igual número de porcos que desejava mandar para a mesma cidade, embora para diferentes abatedouros. Para economizar, resolvemos que os porcos, tanto os dêle quanto os meus, seriam enviados num mesmo vagão, como um só despacho.

A fim de que não se confundissem os animais e pudessem em qualquer hora ser novamente separados e seguir seus diferentes destinos eu pintara de branco o flanco dos meus porcos, para tornar aquela futura operação fácil e rápida. Porém, quando se aproximou a hora de embarcá-los, imaginem qual não foi a nossa surprêsa ao verificar que todos os porcos pareciam ser meus... pois que, roçando uns contra os outros, estavam todos com os flancos pintados de branco.

Forçoso era separá-los quanto antes, para não complicar o problema no correr da viagem. Você sabe como resolvemos o problema? (Resposta à página...)

O CORAÇÃO DE LUÍSA

Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

PRIMEIRA PARTE

I

ESTAMOS na muito velha e muito nobre cidade de Bayeux, à sombra de uma soberba e altiva catedral, que domina a campina em redor.

Outrora, a diligência "Laffite et Caillard" atravessava a cidade sonolenta, despertando sôbre o piso desajustado a solicitude das solteironas por algum pobre cão vagabundo, enquanto, sentadas junto da janela, por trás das cortinas de babadinhos e os potes de gerânios, carregados de flores rutilantes, dupla proteção contra os curiosos do interior, viam passar, cheias de emoção, a pesada máquina que vinha de Paris, — de Paris! — para ir até Cherbourg — ou de Cherbourg para ir até Paris.

A diligência, carregada de correntes sonoras, com o gradeado enorme, onde eram alojadas as bagagens dos viajantes, atravessava as ruas ao trote de seus seis cavalos, indo parar em plena praça, diante da igreja, onde os que preferiam a vista de um belo monumento à absorção de um mau jantar, tinham tempo, à vontade, para apreciar o vôo circular e infatigável das andorinhas.

Depois veio a estrada de ferro, e as diligências desapareceram.

Ah! Quem, hoje, pára para ver as andorinhas girando em seu vôo caprichoso no céu azul, em redor das velhas tôrres? As diligências estão mortas, a estação da estrada de ferro, fica a um bom quilômetro de distância, e ninguém (salvo os Inglêses, nos belos dias do verão, com o "Guia Baedeker" em mão) aparece para trocar passos vagarosos em redor das catedrais!

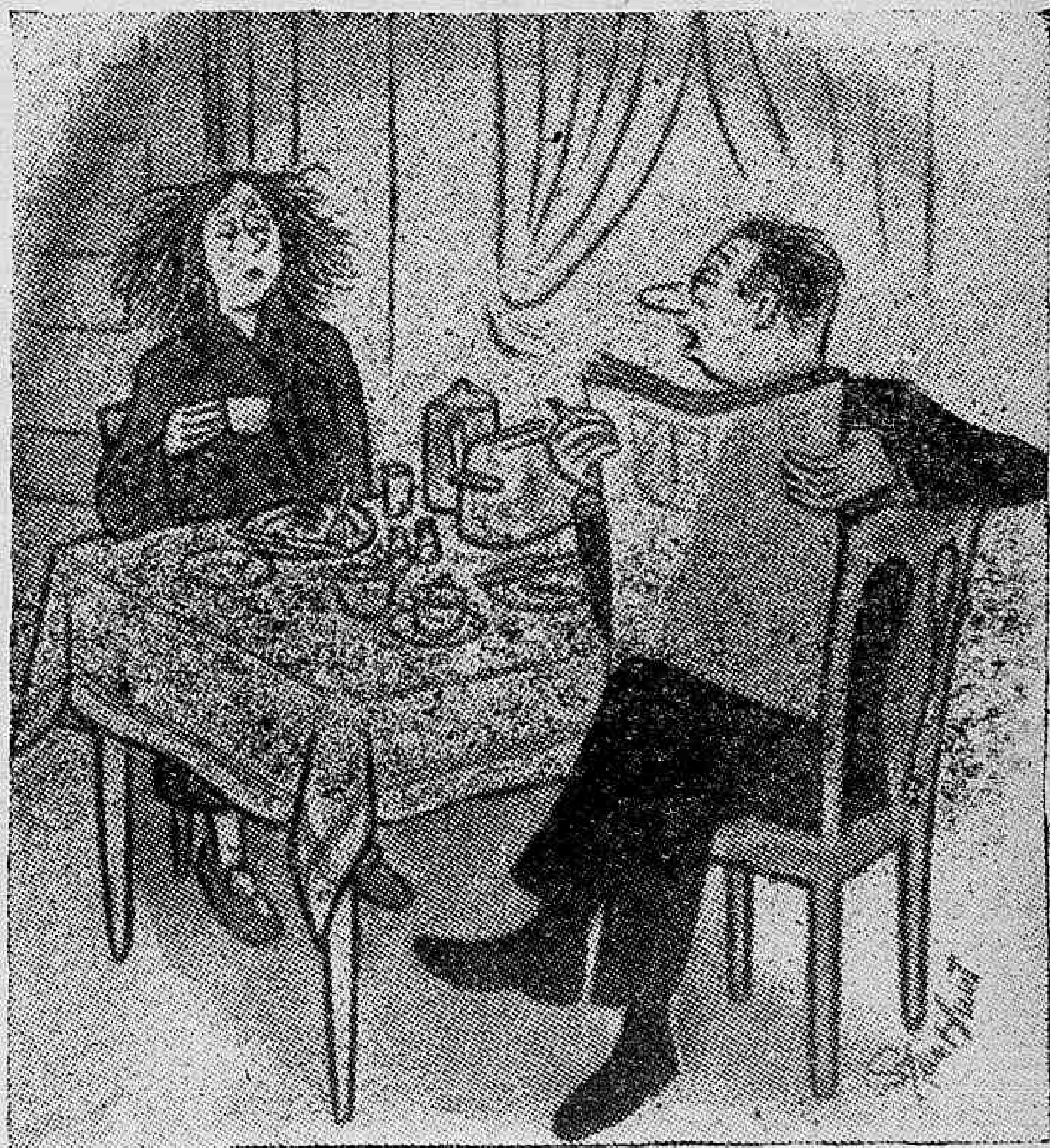


Há cêrca de cinqüenta anos, a cidade de Bayeux era, pouco mais ou menos, o que é hoje: uma boa e velha **aldeã**, com as suas ruas estreitas, onde enormes portões de madeira se abrem às pancadas do pesado batente de ferro, para grandes pátios bem cuidados, mas invadidos pelo mato, apesar dos teimosos esforços do "concierge". Havia, também, como hoje, duas ou três ruas mais largas, onde se concentrava o comércio, com o seu habitual movimento; em certas épocas, as ruas de pedra ressoavam sob a ferradura dos cavalos, por causa das feiras; depois, o silêncio voltava às ruas tranqüilas, aos pátios e cocheiras do hotel, aos salões de teto muito alto e animado por frisos esculpidos, belos e delicados, assim como aos portões alegres, às janelas tão grandes que nunca se estava certo de as ter fechado completamente.

E dos telhados ponteagudos da catedral, de um cinza velho e meigo, caía sôbre os habitantes das velhas residências e das casas pequeninas e modestas, a bênção regular e harmoniosa dos sinos, cuja voz cantante anunciava o nascimento, o casamento e a morte, e também as primeiras comunhões e as festas paroquiais, que dão a uma velha cidade de província a alegria passageira e o aéreo frescor dos pavilhões e estandartes flutuantes, dos vestidos de musselina, dos véus brancos, tão brancos pelo contraste com as muralhas, tão cinzentas em sua vetustez venerável.

Os viajantes que passam por Bayeux, encolhidos num canto de vagão, não se lembram mais de olhar como voam as andorinhas; só as mulheres, as mulheres moças fazem isso, às vêzes... Enquanto houver sôbre a terra andorinhas e mocinhas, em certos momentos da vida, quando o coração transborda, quando o destino se encadeia com o sonho, quando as mãos trêmulas não sabem se devem aceitar ou recusar o anel de ouro que transformará sua existência, as mocinhas, levantando o olhar para o céu azul, lá, muito alto, observarão as andorinhas em seu vôo palpitante e aparentemente sem rumo, procurando sondar o que procuram e esperam essas viajantes infatigáveis, no instante em que, também elas, vão iniciar um vôo para o desconhecido...

Porém as andorinhas sabem onde encontrar o seu ninho de inverno; da mesma forma sabem, quando retornam os belos dias, voar em linha reta para o ninho do verão; ao passo que as mocinhas nada sabem; nada... E por isso interrogam sempre, não sem melancolia, algumas vêzes, o invisível e mudo futuro.



— Você arranjou um novo penteado, depois de casada, querida?

A mãe de Luísa Belfroy se aproximou da filha com passo tão leve e manso que o som da sua voz fêz estremecer a sonhadora.

— Oh! Perdão, mamãe! A senhora me assustou...

A Sra. Belfroy conteve uma expressão magoada. Sempre exageradamente impressionável, a sua querida Luísa, tão pura e encantadora. Sempre fôra assim, pronta a ter mêdo, a assustar-se, estremecendo dolorosamente! E o pior era que êsses sobressaltos, tão depressa esquecidos e apagados nas outras pessoas, deixavam nela uma impressão longa e dolorosa.

— "Não é nada, mamãe — acrescentou Luísa com precipitação — A senhora bem sabe que não deve ligar importância a isto... Não tenho culpa! E' qualquer coisa mais forte do que eu...

— Sim, eu sei — respondeu a Sra. Belfroy — mas o que desejava era ver você lutar um pouco sèriamente contra êsses terrores; sei que não é culpada, mas você acha direito estar sempre a dizer: **"E' mais forte do que eu"**? Por mim, creio que essas coisas não devem ser mais fortes do que a nossa vontade. Isso, pelo menos! Mas seria preciso que você **quisesse** fazer um esfôrço!

— Era preciso, principalmente, **poder querer!** — disse uma voz forte e, a um só tempo, alegre e compassiva.

A porta do salão voltou a ser fechada, após a entrada do médico da família, um velho amigo e que, melhor que qualquer outra pessoa, conhecia Luísa e os sofrimentos secretos da sua vida moral.

— "Sra. Belfroy — continuou êle, aproximando-se — não queira exigir muito dessa criaturinha; ela é até mesmo muito corajosa e sensata; com a idade há de ser tão valente que todos vão ficar estarrecidos e amedrontados com a sua temeridade. Não é mesmo, **Luìsinha**? Dê o rostinho a beijar a êste velho resmungão de doutor... e conte-me um pouquinho o que estava fazendo, sim?

— Eu? Nada... Olhava apenas voar as andorinhas — explicou Luísa, fixando sôbre o seu velho amigo o olhar carinhoso dos seus meigos olhos azuis, um tanto medrosos sempre que ela deixava um instante de vigiar a si mesma.

— Ora! Isso pode ser uma ocupação, mas não é um **desfecho!** — disse o Dr. Brochaux — E que sugeriram a você essas andorinhas? Então, **Luìsinha**? Você casa ou não com êsse rapagão?

— Eu não sei de nada! — respondeu Luísa sem emoção.

A Sra. Belfroy não pôde reprimir um gesto de impaciência.

— —Aí está! E' tudo o que se ouve dessa menina! — disse ela com vivacidade — O senhor há de concordar, doutor, que não ouvir outra coisa senão isso, ao fim de oito dias é para exasperar uma criatura! Foi ela quem pediu oito dias para pensar; concedemos êsse prazo: ela ficou, aí mesmo, olhando o vôo dos pássaros...

— E a rezar na catedral — acrescentou o médico com voz cheia de ternura — Oh, sim! Eu tenho vigiado você, garôta! Vigio, sim; sem que pareça! Muito cuidado para que não cresçam asas em você... Vejamos... Vire-se de costas para mim...

Com mãos hábeis e ligeiras, o velho doutor palpava os omoplatas e a coluna vertebral de Luísa, que o deixava, pacientemente, acostumada a semelhantes **cerimônias.**

— Não... Ainda não estão crescendo, por enquanto. — disse êle, entre zangado e risonho — Mas, tenha cuidado, menina! Na vida real, os anjos não prestam para nada! Você tem tossido?

— Nem um pouquinho. — disse ela em tom indiferente.

— E come bem? Não muito, hein? Mas o engraçado é que você não é magra... E' o que se chamo de uma **"fausse maigre"**; tenho pesado você muitas vêzes, para saber... E quanto ao sono?

Luísa desviou a cabeça sem responder.

— "Ah! Você sonha muito, é?

— Algumas vêzes, doutor... Não muito!

Pronunciou essas palavras em tom suplicante.

— Hmm! Eu sei — murmurou êle — Sempre a mesma coisa? Pesadelos?

— Sim, a mesma coisa, porém nem sempre; afirmo!

— Ora, bem: pois case, se fôr por gôsto; não sonhará mais... ou então sonhará com os filhos e a luta que êles dão...

— Então, doutor — disse a Sra. Belfroy com um ar ligeiramente ofendido, pois era amiga da disciplina e mesmo êsses inocentes gracejos a levavam a assumir um ar severo — o senhor aconselha o casamento? Vai, Luísa, vai ver como está a mesa para o jantar... Não quero que falte qualquer coisa...

— Perdão, minha boa amiga — disse o excelente Brochaux, retendo a sua jovem paciente — O jantar pode esperar um pouco mais; preciso ainda da vítima; um instantinho só...

— Doutor... Êsses gracejos...

— São deploráveis, querida amiga. E' o que a senhora sempre diz e jamais ousei afirmar o contrário; sou, aliás, amigo do respeito, conforme a senhora sabe. Mas aqui é Luísa a principal interessada e por isso mesmo preciso dela, já que a senhora me honrou, solicitando a minha opinião. Vejamos, minha filha, você tem dezoito anos?

— Farei dezoito, amanhã! — disse Luísa com o ingênuo orgulho de mocinha.

— Ótimo! E você está bem, salvo êsses infelizes sonhos, que desaparecerão!

— O senhor pode afirmar isso? — perguntou a Sra. Belfroy, com insistência.

— Posso garantir, sim! — afirmou o médico em tom sincero.

Depois, voltando a envolver Luísa com o seu olhar carinhoso, acrescentou:

— Você é um pouco mais alta do que o comum das mocinhas da mesma idade, uma boa estatura, bem proporcionada... bem desenvolvida... está feita para ter uma dúzia de filhos!

— Doutor! — exclamou a Sra. Belfroy, totalmente escandalizada.

— Então, querida amiga? — Vai casar Luísa ou não? Irra! Quando se casa é para ter filhos, geralmente... E acrescentarei aqui, especialmente, que seria lamentável se Luísa não os tivesse! As pequeninas desordens nervosas de que ela sofre poderiam agravar-se em razão do seu desapontamento, pois sei que ela adora os **bebés.** Você gosta dêsse rapaz, Luísa?

Os olhos de Luísa erraram de sua mãe para o médico.

— Êle não me desagrada — disse ela — E' amável, tem um físico agradável...

— Olá! Você viu tudo isso? Então você tem

olhado muito para êle, sonsinha? Eu bem imaginava que as andorinhas sòzinhas, não chegavam para interessar você a êsse ponto!

Luísa sorriu, corou e baixou a cabeça.

Quando inclinava assim a cabeça, um pouco para a frente, seu rostinho lindo ganhava uma beleza misteriosa e quase irresistível. Os cílios marrons, sôbre os olhos azuis faziam êstes parecer negros, e a onda fina dos cabelos acinzentados davam às meigas feições uma auréola quase mística. Recordava, então, a célebre cabeça de cêra do museu de Lille.

— Desposa-o, então! — disse o médico — E seja muito feliz, minha filha. Aqui, êste velho amigo trouxe uma bagatela para ajudar você a ter sorte; mas não um dêsses amuletos que só deviam ser vendidos nas quitandas e nas barracas de feira! Mas uma simples lembrança, que vem de minha mãe e que você usará em memória de nós dois, ela e eu.

Com mão que tremia ligeiramente, remexeu no fundo de um bôlso e dêle retirou um escrínio, que logo abriu.

Era uma dessas soberbas cruzes normandas, em rendilhado de ouro, com uma alça igual, cravejada de brilhantes e que são geralmente chamadas de "Espírito Santo". Uma fita de veludo negro ainda se achava prêsa à alça. Ali ficara, desde a última vez em que a cruz fôra usada pela mãe do médico, vestida de admiráveis rendas de Valenciennes sôbre pesada e magnífica saia de sêda, conforme a **toilette** comum das ricas proprietárias campestres. Havia, sim, abastança nessas herdades do Bessin, a vida diária era simples, mas os armários imensos continham tesouros em linhos, sêdas e rendas, tudo hoje difícil de encontrar.

O rosto de Luísa ganhou a côr das rosas. Com gesto gracioso correu a atirar os braços em redor do pescoço do médico, como sempre havia feito, até bem poucos anos antes; depois fugiu com o seu tesouro, para contemplar à vontade.

— Que criaturinha deliciosa! — murmurou o bom homem, passando o enorme lenço sôbre os olhos. Um pouco criança, realmente, para o casamento, mas já é tempo de lhe restituir um sono normal; e, para isso, terá que mudar de vida! Outras idéias, outros hábitos, mesmo outras preocupações... Aqui, desde pequenina, foi ela muito... **guardada**, jamais querendo ouvir falar em hidroterapia... Há quantos anos ocorreu êsse lamentável acidente, minha boa amiga?

A viúva contou, com a ajuda dos dedos.

— Luísa tinha seis anos e meio; isso foi, portanto, há mais de 11 anos e meio.

— E durante todo êsse tempo ela sonhou com a catástrofe, tôdas as noites?

— Tôdas as noites! Na maior parte das vêzes, ela não se recorda de nada, ao amanhecer, julgando não haver sonhado; deixamos que ela pense assim, é claro! Mas, de tempos a tempos, ela grita e eu acordo, correndo para junto dela; trato de acalmá-la e ela volta a adormecer, não pensando mais nisso.

— Como foi que isso ocorreu, exatamente? Confesso que os detalhes fugiram da minha memória.

A Sra. Belfroy se instalou na sua poltrona favorita, como alguém que se prepara para recitar pela centésima vez uma história que sabe de cor.

— Bem... Foi em pleno verão; meu marido morrera poucos meses antes e eu não tinha ânimo para nada. Por isso, confiei Luísa à minha irmã, para fazer uma pequenina excursão de recreio ao Havre. Quando se falou em voltar, um amigo, que possuía uma pequenina embarcação, ofereceu a mesma para conduzir tôda a família a Caen. Seria uma viagem muito mais divertida, por certo! Aceitaram alegremente e, depois, já a meio da viagem, nunca se pôde saber como isso ocorreu — falou-se numa garrafa de **rhum**, talvez, escondida pelo foguista muito perto das máquinas, ouviu-se uma detonação e as chamas logo surgiram por entre as tábuas do convés! Entre o Havre e Caen não menos de duzentas ou trezentas embarcações por hora. Entretanto, nesse dia, por algum insondável mistério, uma hora inteira decorreu antes de que pudessem encontrar uma, e essa mesma não estava bastante próxima para prestar socorros. O pequenino **yacht** queimava; todo pintado de fresco e envernizado era exatamente como uma caixa de fósforos. Os passageiros se haviam refugiado na ré; era impossível lançar as canoas ao mar, pois havia uma cortina de chamas, no centro da embarcação...

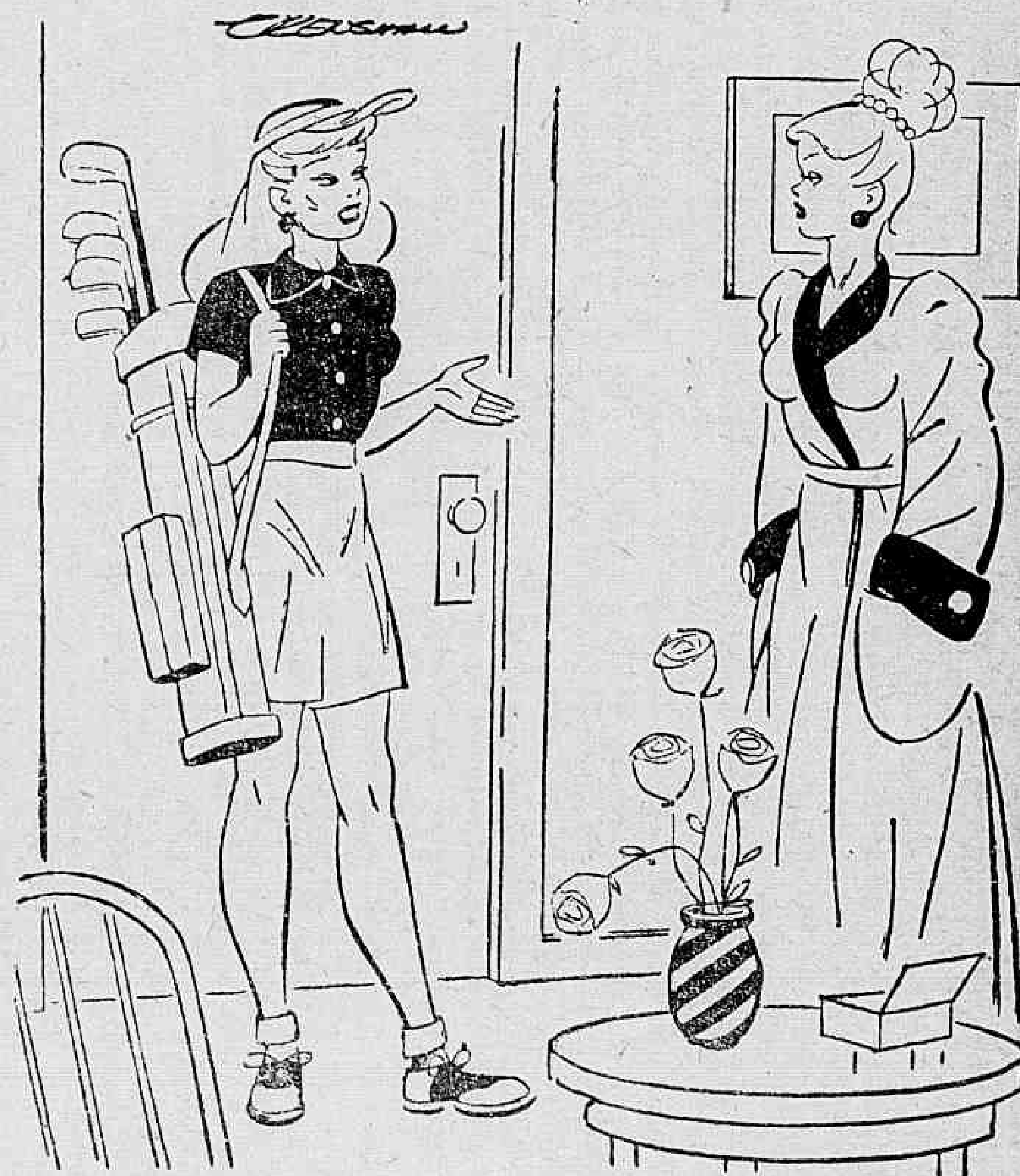
— Como acabou êsse horror? — perguntou o médico.

— Um barco de pesca, finalmente, surgiu, aproximando-se pela pôpa; os homens lançaram um cabo, com guincho, e assim foi estabelecido um **vai-e-vem;** isso, porém, no último instante! Como deve saber, êsses barcos de recreio têm sempre um pouco de pólvora a bordo; um quarto de hora mais tarde todos haviam abandonado o casco em chamas e o **yacht** explodiu!

— E Luísa, durante todo êsse tempo, que dizia?

— Nada. Não chorou nem gritou; fitava as chamas com pequenos estremecimentos.

O médico refletiu durante algum tempo.



— Golf? Oh, é simples. E' só arranjar um livro das regras, um livro de conselhos e um caderno de cheques.

— Eu devia ter sido chamado imediatamente! — disse êle.

— Nessa ocasião o senhor estava bastante enfêrmo, doutor, em Vichy. Chamamos um médico de Caen, que não descobriu nela qualquer desordem: disse mesmo que admirava a coragem e o sangue frio de Luísa. Infelizmente, ela conservou um mêdo incurável pelos acidentes de estrada de ferro ou de embarcações a vapor...

— Isso é natural!

— Nunca estêve doente, a não ser êsse estado impressionável e êsses sonhos, conforme o senhor sabe.

— E que deliciosa criaturinha! — murmurcu o velho clínico — Quando ela tiver o seu primeiro filho nos braços, não mais terá mêdo de nada! Há exemplos de casos semelhantes. Ela é adorável e de agora em diante será mesmo soberba. E, sem indiscrição... Qual é o dote?

— Cem mil, que se encontram depositados no cartório do tabelião Milliet, assim como todo o restante de meus bens.

— Isso é imprudente — disse o médico — um velho provérbio diz que **"não devemos colocar todos os ovos num mesmo cesto".**

— Oh! Um estabelecimento tão antigo, e um homem tão correto...

— De acôrdo; boa casa e gerente agradável, **demais** talvez! Mas, diga-me, Sra. Belfroy, segundo penso também estou convidado para o jantar desta noite?

— Certamente! — respondeu a viúva rindo.

— Pois bem, chegou a sua vez de ir ver como andam as coisas pela copa; enquanto isso, vou conversar um pouco com a minha jovem cliente; porque, se êsse rapaz lhe desagrada... ou, ao menos, não lhe é totalmente agradável...

— Hein? — exclamou a Sra. Belfroy, cujas idéias muitas vêzes eram perturbadas com as perguntas do médico — Não lhe agradasse? E por que, santo Deus?

— Como posso saber? Tudo é possível e, neste caso, teríamos que procurar outro candidato! — concluiu Brochaux — E' necessário que **Luìsinha mude** de vida, mas não pode trocar um cavalo cego por outro... manco!

— Que quer dizer com isso? — perguntou a Sra. Belfroy novamente escandalizada com as comparações irreverentes do médico.

— Apenas o que é justo e razoável — replicou o excelente homem, dirigindo-se para a sala de jantar.

— Êle disse que gosta de você? — perguntou o implacável inquisidor.

Luísa sorriu maliciosamente.

— Mamãe não o teria permitido! — disse ela — Simplesmente... insinuou isso.

— E você gostou dessa... insinuação?

— Mas... é claro!! — respondeu ela com essa sinceridade que a tornava encantadora. — Mamãe é muito boa, mas tem idéias próprias. Não é possível falar-lhe sempre como se desejaria... Para isso só tenho o senhor e a velha Jeanette... E, por isso mesmo, mamãe tem ciúmes de Jeanette.

— De mim também — disse o médico com uma gravidade cômica — Eis por que desejo que você tenha mais liberdade. Mas... em que se ocupa o cavalheiro que fêz essa... **insinuação?**

— Trabalha no banco Joliet; tem três mil e seiscentos francos por ano. Não é mal... Creio que mais tarde lhe darão sociedade.

O doutor resmungou qualquer coisa ininteligível.

— E, quer saber? — disse Luísa, rindo — Desconfio de que o Sr. Jacques Rieul tem ciúmes de mamãe. Se mamãe tiver ciúmes dêle... há de ser completo! Segundo parece, só eu não tenho ciúmes de ninguém! O senhor mesmo há de confessar que é um pouco ciumento, hein? Não gosta, por exemplo, que eu seja gentil com outros velhos amigos de mamãe!

— Você, menina, é um perigo! — declarou o médico, fortemente emocionado — Mas saiba que todos êsses ciúmes prometem mais pão negro do que brioches! Mais lágrimas que sorrisos... Enfim, conte comigo, em caso de necessidade. Ainda não estou caduco, graças a Deus!

Ouviu-se o batente de ferro cair sôbre a madeira da porta duas vêzes; o rosto de Luísa foi invadido pelo mais perfeito rubor...

— E' êle! — disse ela, a meia-voz — E correu a reunir-se à Sra. Belfroy.

Êsse ar de alegria e de atividade, êsse ímpeto mal contido pelo sentimento da etiquêta, falavam bem alto para o sutil psicólogo que se escondia nesse velho médico provinciano.

— "Ela o ama". — pensou êle, com uma sombra de melancolia — "A sorte está lançada, dado que ela gosta dêle! E ela tem razão, quando diz que tenho ciúmes! Mas cuidarei de não ser ridículo ou mau, ou as duas coisas juntas!"

Cinco minutos depois, fêz sua entrada no salão, examinando o visitante com todo o seu poder de observação.



Não tardou a encontrar aquela a quem chamava de sua "jovem cliente". Sentada junto da janela e fiel a seu hábito, ela olhava os pássaros no jardim, seguindo-os quando se perseguiam com pios alegres na tarde ainda banhada pelos tons de ouro de um sol que morria.

— Então, minha filha? Está pensando também em organizar um ninho? — perguntou êle, instalando-se junto dela.

As faces de Luísa se coloriram e um sorriso hesitante entreabriu sua pequena bôca bem feita.

— Gosta bastante dêsse homem, para viver sempre ao seu lado?

— Creio que sim! — disse ela, baixando a cabeça e alisando uma dobra da saia.



Jacques Rieul não era nem belo nem feio: antes bem que mal; suas maneiras exteriores eram corretas: nada de excêntrico em sua **toilette**; e, visìvelmente, o candidato estava apaixonado pela criaturinha que seria a sua noiva.

Não tendo nem pai nem mãe, via-se obrigado a fazer pessoalmente o pedido oficial, coisa sempre embaraçosa; mas desincumbiu-se melhor do que seria lícito esperar, em têrmos convenientes e concisos.

— Você aceita? — perguntou a Sra. Belfroy à filha, sentada ao seu lado, direita e imóvel, os pés recolhidos sôbre o bordo da saia.

— Sim, mamãe, se a senhora permite — respondeu ela.

Sem levantar o olhar, Jacques se inclinou sôbre a mãozinha que pousara sôbre a sua, beijando-a respeitosamente.

O médico os examinava, sem aparentar curiosidade. A expressão de felicidade, quase violenta, a alegria pura e bem feminina, que leu no rostinho encantador de Luísa, o teriam convencido, mesmo que já não o estivesse, antecipadamente.

— "Espero que ela não torne a ver **yachts** incendiados.! — pensou êle — "Já agora terá outras coisas na cabeça e no coração!"

II

COM os seus olhos de menina, ainda não muito desenvolvidos na arte da observação, Luísa pôde ver: a mãe tinha ciúmes do noivo; não compreendia como dezoito anos de ternura, de cuidados quase exagerados, de dedicação absoluta, chegando quase ao absurdo, podiam ser vencidos sequer igualados com três ou quatro meses de sorrisos e amabilidades, de olhares misteriosos, palavras reticentes, murmuradas por um rapaz por assim dizer desconhecido.

Certas mães criam as filhas para o casamento e atiram os braços para o céu, acusando o universo, caso os candidatos se mostrem atrasados de vinte e quatro horas sôbre o dia que mentalmente fixaram para o noivado; outras consideram os maridos elegíveis como ladrões, criminosos vulgares, dignos de ir parar na casa de correção, por tentar apropriar-se de um bem até então guardado cuidadosamente.

A Sra. Belfroy pertencia ao mesmo tempo a essas duas espécies de mães — por mais contraditórias que possam parecer — e agarrava-se a suas idéias com uma teimosia absurda e violenta.

Queria casar Luísa; queria que tal acontecimento se concretizasse por ocasião das dezoito primaveras de sua filha, mas não suportava a idéia de abrir mão dos seus direitos; seu genro seria uma espécie de "príncipe-consorte", anexado à família sem dela fazer parte exatamente; seria o marido de sua espôsa sem ser o senhor da casa; teria deveres, muitos deveres e quase nenhum direito. Para contrabalançar o que essa situação ofereceria de singular e mesmo de anormal o marido de Luísa seria alojado na bela e antiga residência, sob os **lambris** esculpidos; teria direito a uma boa mesa, graças aos cuidados de uma cozinheira realmente rara, mesmo para Bayeux, onde todos faziam questão da boa cozinha, e sua sogra seria para êle tôda graça e sorrisos.

A situação merecia ser examinada (mesmo aceita) por pouco que o pretendente fôsse dotado de inteligência.

Riel era muito inteligente, mas de um espírito estreito e limitado; via **claro**, mas não via **longe**; além do mais, sofria de incurável e prodigioso ciúme, chegando quase a ser uma enfermidade, e que se estendia a tudo em seu redor: homens, mulheres, coisas e animais.

Observava o imenso salão da residência com os olhos de um homem que não deseja aparentar um deslocado e que, realmente, se encóntra num meio inteiramente novo.

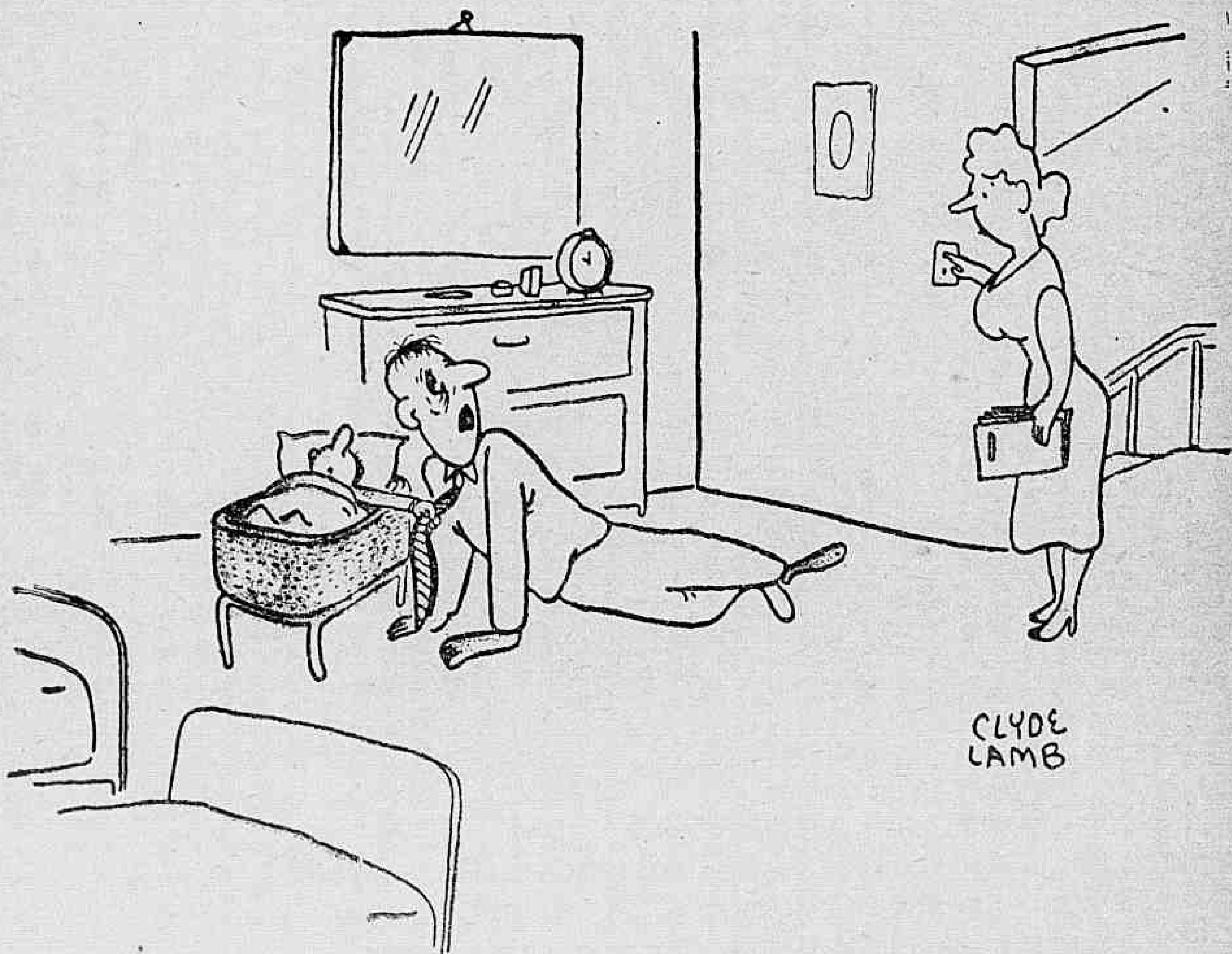
O luxo da Sra. Belfroy não era esmagador, mas sólido e de bom gôsto; e, para um homem cujo ideal se limitara ao mobiliário de trezentos e cinqüenta francos, com o armário de espelho e o leito de nogueira, como pode ser encontrado a três por dois, ali havia com que encher os olhos — e mesmo, também, o espírito.

Não chegava bem a compreender como pudera êle, Jacques Rieul, ser aceito como espôso por uma criaturinha tão fina e delicada, tão superior pela educação, nem como genro por essa Sra. Belfroy, tão altiva sob os seus ares de burguesa. Chegava a perguntar a si mesmo como pudera, êle próprio, ousar apresentar-se!

As respostas a essas perguntas não eram, porém, misteriosas; apenas ninguém as revelaria. Êle se apresentara, levado por seu patrão, o Sr. Joliet, que esperava ver entrar o dote de Luísa em sua casa bancária. A Sra. Belfroy o aceitara, porque seu gênio um tanto autoritário afastara vários pretendentes entre os mais desejáveis.

Além do mais, com uma imprudência que deveria ter servido de lição a muitas outras, ela não cessara de contar a quem a quisesse ouvir, os pesadelos de sua filha e seu estado impressionável. Ora, em província, essas coisas são um estigma de que ninguém se liberta fàcilmente.

E Luísa, por sua vez, o aceitara, porque era êle o primeiro rapaz autorizado a lhe falar a meia-voz, a lhe dizer palavras amáveis, insignificantes talvez, mas cujo tom misterioso formava as mais doces melodias. Aceitava-o porque êle a pedia; ama-



— Oh, sim! Êle adormeceu... adormeceu há mais de duas horas!

ces melodias. Aceitava-o porque êle a pedia; amá-lo-ia porque estava em sua natureza ser mulher meiga, amante e fiel.

— Não vai bordar, hoje? — perguntou-lhe Jacques, ao ver o cesto coberto por um corte de fazenda, atirado a um canto sombrio, em vez de estar no seu lugar de evidência, junto da janela, como de hábito.

— Não. — disse Luísa, corando — Hoje estou de férias. De resto, não sei mesmo quando recomeçarei êsse trabalho. Tenho bordado muito, ùltimamente.

— Uma véstia para monsenhor — explicou a Sra. Belfroy com ar importante — O mais belo bordado que já vi em muitos anos. Foi, aliás, o que monsenhor declarou!

— Oh! as senhoras de Bayeux têm fama de exímias bordadeiras — disse Rieul, graciosamente — Permitem que eu veja?

— Na catedral, em dia de grande festa, se ainda tiver essa curiosidade! — disse Luísa, sorrindo. Tinha, naturalmente, uma alegria meiga e, por assim dizer, secreta, que surgia repentinamente, como o raio de sol através da fenda de uma persiana, dando mais encanto e valor a suas menores palavras.

Riel permaneceu hesitante e ligeiramente embaraçado; não sabia dizer bonitas frases, senão em colquio, e os olhos do médico, por trás das lunetas de ouro, o intimidavam estranhamente.

— "Êsse não virá muitas vêzes à minha casa, quando estivermos casados" — pensou êle, despejando seu mau humor, de um só golpe, sôbre o inocente Brochaux.

O jantar foi, afinal, servido; Jeanette havia caprichado como nunca, o que favoreceu a alegria dos comensais; depois os noivos desceram os três curtos degraus do patamar e se encontraram no vasto jardim, cercado de altos muros, onde enormes árvores haviam crescido desde muitos séculos, e onde nenhum olhar indiscreto podia penetrar.

—. Estamos em nossa casa — disse Luísa, que adivinhava o pensamento de Rieul. Êle se curvou para ela.

— Oh, minha noiva adorada — murmurou — Se soubesse o quanto a amo! Se me pudesse amar, também, um pouquinho que fôsse!

Ela voltou para Rieul o seu rosto ingênuo. Ignorava da vida a grosseria dos instintos, o abuso que se faz das palavras que deveriam ser sagradas, a diferença que existe entre o amor de uma moça pura e um rapaz habituado à vida nos terraços dos cafés.

— Mas — disse ela — eu o amo... Jacques!

III

O casamento foi realizado em prazo tão curto que todo o mundo se surpreendeu. Ninguém desejava ver a encantadora Luìsinha Belfroy mudar de existência e de nome e, no entanto, as circunstâncias pareciam rivalizar de urgência para trazer a solução final, irrevogável.

A Sra. Belfroy se precipitava da costureira para a bordadeira, como se do enxoval da Luísa dependesse a paz da Europa; e até é verdade que, para a paz da Europa, a excelente senhora não se daria tanto trabalho, não sendo das que se interessavam pelas coisas do mundo.

Jacques Rieul amava sua noiva; não era coisa sôbre a qual se pusesse dúvida. E de que matéria seria feito êsse rapaz, caso a fresca e sorridente beleza de Luísa o tivesse deixado indiferente? Mas os últimos sobressaltos de uma vida de solteiro, embora vivida sensatamente, como é quase normal numa cidade de província, apesar de não muito **morna** — êsses últimos sobressaltos, traduzidos por partidas de bilhar, a consumação de **bocks**, os gracejos zombeteiros e as fortes pancadas sôbre o omoplata, não deixavam de ter um certo encanto: êle teria, de boa vontade, prolongado algumas semanas mais essa vida encantadora, na qual a Sra. Belfroy o cumulava de excelentes jantares, em que Jeanette lhe oferecia os mais graciosos sorrisos de suas faces enrugadas como a maçã depois de assada.

O doutor queria que Luísa se casasse; mas como, depois do noivado, Luísa dormia com o tranqüilo sono das crianças, não mais turbado por sonhos maus, também êle não estava apressado. Quem, pois, estava apressado?

Ninguém sabia... e todo o mundo se apressava! Em suma, tanta pressa houve que, três semanas depois da noite em que uma mocinha havia sido surpreendida em flagrante delito de olhar o vôo das andorinhas, uma bela fila de carruagens depositou sôbre os degraus da catedral uma sociedade seleta, no meio de uma multidão de curiosos de tôda espécie.

Foi preciso caminhar um pouco, a fim de entrar na catedral; pelo braço do velho médico, que substituiu seu pai, Luísa desceu os dois ou três degraus e, ao som dos órgãos ressonantes, entrou sob as altas e soberbas abóbadas, trêmula de felicidade.

Monsenhor casava a Sta. Belfroy! Monsenhor em pessoa! Isso não se compreendia! Afinal, que era essa gente? Simplesmente pertenciam à pequena burguesia!

Sim, mas que magníficos ornamentos sacerdotais ornavam a digna e nobre pessoa de monsenhor! Os assistentes compreenderam tudo quando viram o trabalho dos delicados dedos de Luísa brilhar sob os raios de sol, coados pelos vitrais centenários.

— Foi ela mesma quem fêz tudo aquilo?

— Exatamente, minha senhora! E também os desenhos!

— Mas... E' prodigioso! Essa menina bem que poderia ganhar largamente a vida!

— Era o que ia dizer... Aquilo vale bom dinheiro. Se fôsse possível encontrar uma tal maravilha nas lojas especializadas!

— Quanto poderá valer, na sua opinião?

— Bem... Isso, não sei... Na mão de um particular poderá não valer muito, mas numa loja... Nunca menos de três mil francos!

— Tanto assim?

E as boas comadres, eternas figuras de porta de igreja, juntando as mãos, em fervorosa admiração por um trabalho de agulha que valia "tanto dinheiro", quase esqueceram de inclinar a cabeça sob a larga bênção do Sr. Bispo!



Os recém-casados, depois de assinar os nomes no registro consagrado, agora unidos para a vida e a eternidade, tornaram a cruzar a longa nave da igreja, ao som dos órgãos... A Sra. Belfroy não desdenhara um só detalhe; queria que êsse dia fôsse uma solenidade inesquecível para todos.

Luísa estava linda e alegre como uma de suas queridas andorinhas; voltava-se incessantemente, sob os **lambaris**, distribuindo olhares e sorrisos.

O tabelião da família, Sr. Milliet, homem amável e de aspecto excelente, agitava-se quase tanto quanto a jovem desposada, sorrindo incessantemente. O dote de Luísa ainda ficaria em seu cartório pelo espaço de três meses, para certas verificações de contas, após o que os cem belos e bons mil francos que oferecia a seu felizardo espôso juntamente com a sua deliciosa e fina pessoa, iriam para o cofre do Sr. Joliet, banqueiro, homem respeitável e estimado em tôda Bayeux.

Enquanto que, de pé, junto do **buffet**, o tabelião e o banqueiro trocavam congratulações e sorrisos sôbre as taças cheias de champagne, imediatamente levadas aos lábios, não deixavam de se examinar prudentemente, sempre prontos a desviar por meio de um gracejo o que êsse exame pudesse oferecer de exagêro e mau-gôsto.

— Deliciosa a jovem senhora! — disse o Sr. Joliet.

— Adorável! Segundo ouvi dizer o senhor dará sociedade ao seu feliz marido?

— Sim, sim; logo que fôr da conveniência do estimado amigo confiar-me o montante do dote...

Desataram a rir ao mesmo tempo, com ar cortez e discreto. Os homens do dinheiro, dos negócios e dos arranjos comerciais parecem ter substituído, em nossos dias, os áugures dos tempos passados, que não podiam trocar um olhar sem desatar a rir. Todavia, o riso do Sr. Milliet parecia um tanto forçado...

O doutor se aproximou; as palavras que eram trocadas por êsses dois homens poderiam ser do mais alto interêsse para os seus ouvidos.

— E aqui chega aquêle que é mais forte que todos nós! — disse o tabelião — Aquêle que nos enterrará... se não tomarmos cautela!

— Conto muito com isso! — disse Brochaux gravemente.

— Doutor! O senhor é muito mais velho que qualquer de nós!

— Não muito, por certo, embora imaginem o contrário. Porém mais velho, sim; entretanto, não é essa uma razão para que não possa, de fato, enterrar... a ambos!

— Para longe! — exclamaram os dois comparsas.

A Sra. Belfroy se aproximou, radiante.

— Que há com os senhoras? Estão discutindo?

— E' o doutor, que deseja assistir ao nosso entêrro!

— Êle é muito capaz disso! — declarou a excelente senhora enxugando os lábios, com um lencinho de rendas.

Com um olhar enternecido procurou, no outro extremo do salão, sua filha, agora Sra. Rieul, que conversava com um grupo de amigos, ao lado do marido.

Jacques não estava com seu melhor aspecto, nesse dia. Nessa multidão de convidados não conhecia, por assim dizer, uma só pessoa, — o tempo do noivado tendo sido bastante curto para lhe permitir formar muitas relações, embora superficiais, — e por isso não conseguia esconder o seu descontentamento e mesmo o seu azedume. Por mais que se dissesse que Luísa lhe pertencia, que tôda aquela gente "não entraria em **sua** casa a não ser com a sua permissão", no momento estava deslocado, sentindo-se tolo e abandonado.

E acima de tudo tinha ciúmes, muito ciúme, de todos êsses homens e mulheres, de todos êsses rapazolas e meninotas, que se julgavam com o direito de beijar a sua espôsa. Quase a comiam de beijos... e ela consentia que o fizessem, sorridente mesmo, parecendo muito feliz com isso! Todo o mundo a tratava com intimidade, segurando-a



— Não sei como nasceu a lenda dos professôres distraídos...

por um braço, um ombro, mesmo pela cintura — tinham até ousado retirar-lhe o véu! Ela era a rainha da festa, enquanto êle ficava de fora, como um espectador, sem que se interessassem por sua pessoa.

Um pouquinho de boa vontade e de gentileza de sua parte, tudo teria mudado, num instante; teria sòmente que se aproximar um pouco mais de sua espôsa, dirigir-lhe a palavra com um sorriso, em vez de ficar, com ar amuado, enraizado num canto, aborrecido e aborrecendo; mas o seu imenso orgulho não lhe permitia fazer êsse pequenino movimento; preferia esperar que fôssem a êle... e ninguém se sentia atraído!

A multidão saiu um pouco para o jardim, para apreciar a bela mansidão do outono. Luísa, sempre cercada por seu esquadrão volante de mocinhas da mesma idade que ela própria, tratou de ir trocar de **toilette**, vestindo um simples **tailleur** de viagem; partiriam para a capital. Sim! Paris, êsse sonho de tôda provinciana! Passariam a "lua-de-mel" em Paris!

Não tardou a voltar ao salão, já pronta, enluvada, sorridente, como se aquilo fôsse uma festa campestre.

O médico a conduziu para um canto.

— Luísa — disse êle — Preste muita atenção: você casou com um homem ciumento, prodigiosamente ciumento! E sinto muito ter que acrescentar: também não é muito inteligente!

A jovem desposada encarou seu velho amigo com ar quase zangado.

— "Sim, sim... Não retiro o que disse — teimou o velho doutor — Mais até: sem ser mau... êle não é bom! E' terrìvelmente orgulhoso!

— Mas, doutor! — disse Luísa, empalidecendo — Não deviam ter consentido no casamento, neste caso!

— Êle só mostrou os defeitos pouco a pouco... E a maior parte, sòmente hoje, depois que vestiu a casaca para o casamento! Já se disse, muitas vêzes, que uma **toilette** de rigor em geral revela os defeitos ou as qualidades do seu dono... Cuidado, Luìsinha querida. Você foi sempre como um pássaro feliz... Trate de ser uma espôsa prudente. Tenho o coração sangrando, hoje, minha filha... Sangrando por você! A Sra. Belfroy bem podia ter visto tudo com mais cuidado... Infelizmente é incapaz de ver certas coisas. Mas, graças a Deus, aqui estou e, em caso de necessidade, você já sabe, não é mesmo minha querida?

— Oh, sim, obrigada, meu bom amigo — disse ela com os olhos cheios de lágrimas, enquanto Brochaux apanhava a linha cabecinha entre as duas mãos enrugadas, para depositar um leve beijo na fronte.

Rieul entrava nesse momento; imediatamente lançou ao médico um olhar carregado de ira; a Sra. Belfroy, que surgia junto da porta, recebeu outro olhar, igual ao primeiro.

— Que aconteceu, meu genro? — perguntou ela, detendo-se, estupefacta.

— Que assim nos vão fazer perder o trem, madame, com tantos beijos e abraços! — respondeu o recém-casado sem a menor cerimônia.

A Sra. Belfroy recuou como se tivesse recebido um sôco em pleno peito, tanto êsse genro lhe parecia diferente do outro. O médico sorriu, mas sem muita vontade.

— O senhor não perderá nenhum trem — disse êle — Tem tempo de sobra; e, mesmo, caso perdesse êsse trem, poderia resolver tudo, dormindo em Caen...

— E nossas males que estão em Paris? — rosnou Rieul — Obrigado! Não gosto de desfazer os meus projetos. Vamos, depressa, minha Luísa. Até breve, minha querida sogra; adeus doutor.

Antes de que pudesse voltar a si da violenta surprêsa, Luísa estava no **coupé** enfeitado com fitas brancas e que a conduziria à estação: o marido sentado ao seu lado.

— Vamos tocando! — gritou êle ao cocheiro — Hein? — exclamou repentinamente, passando a cabeça por uma das janelas — Que aconteceu aí fora? Será que **êles** nos seguem mesmo? Oh!

— Quem? — perguntou a jovem espôsa, ligeiramente intimidada, um pouco ofendida.

— Ora, quem... Sua mãe e êsse médico! Será que não nos deixarão partir tranqüilos?

— Isso é mais que razoável — disse Luísa, fugindo ligeiramente para o seu canto — E' muito natural que minha adorada mãe e meu velho médico, que me viu nascer, venham me beijar mais uma vez, na estação! E fico satisfeita por saber que tiveram essa boa idéia... Seria para mim uma tristeza não ver êsses rostos queridos quando o trem começasse a sua marcha.

Rieul mastigou algumas palavras indistintas, que Luísa não procurou compreender; sentia o coração pesado; uma infinidade de sentimentos confusos se agitavam em sua mente, e cada qual mais triste: o mais claro de todos era uma certa aversão pelas maneiras e as palavras do homem que, ainda há tão poucas horas antes, ela havia jurado amar até ao túmulo... Isso era coisa por demais complicada para um frágil cérebro de dezoito anos!

O **coupé** se deteve na estação; bom número de curiosos e também alguns amigos esperavam o jovem casal para lhe desejar boa viagem.

— Quanta gente e quanta estopada! — rosnou Rieul, decididamente atacado dos nervos — Dir-se-ia que vamos dar a volta ao mundo! Por oito miseráveis dias de férias, que pude conseguir com tanto esfôrço, francamente, não valia a pena tudo isso... e tôda essa gente!

— Mas, Jacques — disse Luísa com a sua voz mansa e meiga — essas pessoas me adoram! São amigos que quase me viram nascer...

O ciúme cravou seus cruéis incisivos no coração de Jacques Rieul. Ninguém o vira nascer em Bayeux! Ninguém gostava dêle nessa cidade para a qual o acaso o trouxera alguns anos antes. Era estimado, talvez, por ser honesto, sóbrio e de boa conduta; mas, órfão desde menino, criado por parentes distantes, todos mortos agora, êle ignorava o encanto dêsses laços de amizade — talvez um tanto incômodos, sim, mas de fato muito saborosos — que nos envolvem e nos acariciam... Tudo isso, para Rieul, era insuportável!

O trem chegou, não muito apressado; houve ainda bastante tempo para as despedidas, para as recomendações, os sorrisos, os apertos de mãos, tôdas essas pequeninas coisas perfeitamente ridículas ou encantadoras.

(Continua no próximo número)



CAVALOS DE ALTO PREÇO

(Episódio real)

EM fins do século passado, um bom cavalo era tão procurado e tão cotado como é hoje um automóvel, senão mais. Quando um proprietário embarcava um cavalo por conta própria ou para algum comprador, tratava, antes, de segurar o animal, principalmente se o cavalo tinha que embarcar para alguma viagem através do oceano, quando, lògicamente, havia maior risco de apanhar alguma enfermidade ou mesmo morrer. Entretanto, o alto preço dêsses cavalos, o grande risco dessas viagens **e a existência do seguro** deram ensejo a que aparecesse também... a fraude!

Em Fevereiro de 1888, John Machattie e Lambert Barron, criadores de cavalos em Aberdeen, Escócia, enviaram quatro "finíssimos animais de sela" de Hull, Inglaterra, para Boston, Estados Unidos, pelo transatlântico "Persian Monarch". Os animais foram segurados por 665 libras, segundo documentos em boa e devida forma.

O navio iniciou sua viagem em 23 de Fevereiro. Com os animais seguiu um dos empregados de Machattie, um moço de estrebaria, Andrew White... Como era usual nessas remessas de animais de alto preço, White era indispensável junto dos animais, não só para lhes dar o alimento especial de que careciam, como também para atender a tôdas as demais necessidades e, principalmente, cuidar de que estivessem bem protegidos contra os ventos gelados do inverno, mais rigoroso nessa parte do Atlântico. Apesar disso, em pleno oceano os cavalos morreram e foram lançados ao mar. O pagamento do seguro foi prontamente efetuado.

No espaço de mais três anos, Machattie & Barron deram a várias companhias de seguros, de Londres, um prejuízo superior a 5.000 libras. Até que, em Agôsto de 1891, mais uma vez embarcaram. Agora tratava-se de dois "stallions" de alta raça, para Nova York, a bordo do transatlântico "Buffalo".

Decorridos seis dias depois de iniciada a viagem, um dos animais enfermou. Um passageiro, chamado Lloyd Franklin, logo se apresentou ao moço de estrebaria, Alberto Catto, que acompanhava os animais, oferecendo-se para tratar do cavalo enfêrmo.

— Dê o fora daqui! — gritou-lhe Catto, com grosseria. — Eu posso tratar dêste bicho sem precisar da sua ajuda.

— Não sei... — replicou Franklin. — Talvez não saiba o que significam êsses sintomas... suor excessivo, olhos dilatados...

Fêz uma ligeira pausa, parecendo refletir. Depois concluiu: — Ou talvez saiba tanto quanto eu...

— Cuide lá da própria vida! — gritou Catto com maior grosseria. O outro rodou nos calcanhares, afastando-se, e êsse foi todo o incidente nessa ocasião.

O animal enfêrmo morreu — como também morreu o outro cavalo, sob cuidados diretos de Catto, poucos dias depois do primeiro.

Mais uma vez as companhias de seguro pagaram o prêmio devido pelos animais mortos. Porém Machattie & Barron não estariam tão tranquilos e felizes, se soubessem um pouquinho mais a respeito de Franklin. Êste era um homem com peculiar experiência a respeito de cavalos. Retornando à Inglaterra dias depois do início de 1892 foi imediatamente procurar os diretores de algumas seguradoras londrinas. Em Fevereiro, Machattie & Barron embarcaram oito "trotadores" para Captown, sendo quatro a bordo do "Pretoria", aos "cuidados" de Catto e outros quatro no "Warwick Castle", sendo moço de estrebaria Andrew White.

No dia 5 de março, uma hora depois do "Pretoria" ter passado Teneriff, um "trotter", segurado por 1.000 libras, morreu. Imediatamente o comandante do navio, Capitão Robert Reynolds, deu aviso do fato a um misterioso passageiro, munido de uma valise preta.

— E' uma pena! — disse Catto, indicando o animal morto. Terá que ser jogado ao mar.

— Oh, não... Isso não faremos! — anunciou o Capitão Reynolds. — Êste cavalheiro é o Dr. Alexander Waddell, o melhor veterinário da Inglaterra. Êle procederá a uma autópsia.



O Dr. Waddell encontrou estriquinina no estômago do cavalo morto. Imediatamente Catto foi levado para a prisão de bordo. Enquanto isso, no "Warwick Castle", outro veterinário agia da mesmo forma, relativamente a Andrew White...

Os animais sobreviventes foram vendidos em leilão em Captown, rendendo apenas uma quinta parte do total pelo qual haviam sido segurados. Os dois moços de estrebaria confessaram ter administrado o veneno em obediência às ordens dos patrões a quem serviam, isto é Machattie & Barron.

Em Junho do mesmo ano os quatro foram processados por fraude. Lloyd Franklin foi a figura central do processo. A certa altura o advogado de defesa, desejando confundir essa preciosa testemunha da acusação, perguntou:

— Foi o Sr. quem primeiro descobriu o que se passava?

— Exatamente.

—Diga-nos, Sr. Franklin, por favor. Como pôde

o senhor saber, logo ao primeiro olhar, que o animal tinha sido envenenado com estriquinina? Com certeza o senhor mesmo andou envenenando muitos cavalos, hein?

— Exatamente! — respondeu Franklin, sorrindo com a maior calma. — Durante muitos anos criei carneiros no Tyrol austríaco. Um dos processos pelo qual costumamos, lá, matar lôbos, que às vêzes aparecem, muito ferozes, embora em pequeno número, é o de envenenar um cavalo velho e deixar a sua carcassa para ser comida pelos lôbos. Êstes também morrerão, um pouco mais tarde, pois o cavalo é envenenado, com êsse propósito, com forte dose de estriquinina.

O júri gostou da resposta da testemunha, que deixou o advogado da defesa inteiramente desamparado. Os quatro homens foram considerados culpados. Catto e White foram sentenciados a três meses de prisão com trabalho forçado. Machattie & Barron a um ano, com trabalhos forçados, além da obrigação de restituição às seguradoras de tôdas as quantias recebidas por meio de fraude e o pagamento da multa de 500 libras, cada um, ao Estado.

★

Correspondência das trincheiras...

(Episódios reais relatados pelos «pracinhas» em suas cartas)

«Como demonstração de especial agrado e simpatia, Hal e eu fomos convidados para uma festa oferecida por uma tribo do Norte da África. Homens e mulheres nos receberam batendo as mãos acima da cabeça, em movimentos graciosos e ritmados. Porém o último pretalhão, na fila, mais nos chamou a atenção, devido a sua elevada estatura, o seu sorriso, de orelha a orelha... e o gesto mais amigo que o dos demais:

— «Veja, Hal! — exclamei. — Aquêle último parece simpatizar mais conosco...

«O suposto «selvagem», sacudiu a cabeça numa gostosa gargalha e falou:

«— Sim, sinhô. Foi o **seu** sargento qui deu licença para eu vir à festa também!» (De uma carta do Capitão J. P. a sua irmã, em Clinton, Illinois).

★

«Ontem à noite ouvimos um prolongado ribombo.

«— Que é isso — perguntou Nick. — Trovoada ou bomba?

«— Alguma bomba que vem chegando — disse eu, nervosamente.

«— Graças a Deus! — replicou Nick. — Estava com mêdo que fôsse mais chuva...» (Do sargento W. G., servindo em Pacífico, para sua espôsa, em Kansas-City).

★

«O grupo de artistas, de rádio e teatro, que invadiu estas paragens, em abril último, incluiu as primeiras mulheres que pudemos ver nos últimos dez meses. Quando a **troupe** se reuniu a nós, num grande almôço, muitos rapazes ficaram nervosos demais para pensar em comer.

Uma das pequenas deixou a marca dos seus lábios, pintados de **baton,** sôbre um copo... que nunca mais foi lavado, tendo sido colocado entre flores, numa vitrina do nosso salão de recreio.» (Trecho de uma carta do Tte. F. B., servindo no Alasca, a sua noiva, em Nova York).

★

«Voávamos sôbre Wake Island, a fim de **reconhecer** o terreno — contou-me S..., metralhador num «Catalina» — quando avistamos um soldado japonês caminhando por um areal. Carregava um balde d'água em cada mão. Com uma ligeira rajada crivei de baias o balde que êle carregava à mão esquerda. Fizemos uma volta e de novo estávamos sôbre êle. Com nova rajada arranquei-lhe o segundo balde da mão direita, fazendo-o rolar alguns metros, imprestável. Estava disposto a deixar o homenzinho em paz depois disso, quando o **filhinho do céu**, levando uma das mãos ao nariz achatado, fêz «fiau» para nós. Então, com nova rajada, amputei-lhe os cinco dedos da mão...

«— Que pontaria! — comentei.

«— Hein? A 300 metros apenas? Como seria possível errar?»

(Do Capitão-aviador R. B., servindo no Pacífico Central, a sua espôsa em Sta. Mônica, Califórnia).

«O «black-out» inglês é realmente... prêto. Ontem esbarrei violentamente contra um civil.

— Perdôe-me — roguei. — Pode me dizer para onde estou indo?

— Oh, sim! Está indo cair no lago da cidade. Eu venho de lá agora! (Do Tte. J. L., da Fôrça Aérea norte-americana, a uma irmã em Nova York).

★

«Eu fiquei no cais, observando os homens que, um a um, saltavam para a baleeira que os levaria de regresso ao seu navio, ancorado ao largo. O último a saltar foi um impertigado e jovem tenente, metido em irrepreensível farda. Falhou, porém, com o pulo e, perdendo o equilíbrio, resvalou e... caiu dentro d'água.

«O «patrão» da baleeira, vendo o acidente, curvou-se sôbre a amurada da embarcação e perguntou solicitamente:

«— Devemos esperar pelo senhor, meu tenente? (Relatado pelo tenente de fuzileiros. J. F., de uma base do Pacífico, a sua espôsa em San Diego).

★



PARA OS DESENHISTAS: — Eis como é possível improvisar uma boa mesa de trabalho. Uma tábua, fixada à parede com duas dobradiças fortes, uma lâmpada fixada convenientemente e, sob a tábua, uma trave de madeira, que se encaixa num suporte, que pode ser um simples puxador de gaveta. Quando em repouso, não ocupa espaço, ficando caída ao longo da parede.

O SEGRÊDO DO FAROL

"O monstro surgiu numa noite brumosa, para abocanhar a tôrre do farol, que o atormentava com o seu pisca-pisca interminável..."

RAY BRADBURY

ISOLADOS naquela imensidade líquida e gelada, bem distanciados da terra, ficamos aguardando para qualquer noite a chegada da névoa. Ela chegou, afinal, espêssa, viscosa, impenetrável. Havíamos preparado tudo para êsse instante, enchendo de combustível o depósito, limpando muito bem as lentes para haver a melhor luz no alto da tôrre de pedra. Sentindo-nos como se sentiriam duas aves marinhas entre o mar e o céu cinzentos, MacDunn e eu verificamos o bom funcionamento do sinal giratório (vermelho, depois branco e, novamente vermelho) que daria rumo seguro aos navios. E, caso não conseguissem ver o nosso sinal luminoso, certamente ouviriam a "nossa" **voz,** isto é: o profundo e poderoso **gemido** da "sereia", emitido cada vinte e cinco segundos e que, atravessando as imensas extensões marítimas, ia quebrar-se nas pontas rochosas, muito além, afugentando as gaivotas, endoidecidas, em tôdas as direções, como cartas espalhadas pélo vento. — Esta vida é realmente muito penosa e triste, mas a gente sempre se acostuma, não é mesmo? — perguntou McDunn.

— Sim... — respondi. — Graças a Deus você tem um bom gênio... e sempre tem bom assunto para conversar!

— Amanhã cabe a você ir à terra — disse êle, sorridente. — Dançar com as pequenas e tomar uns goles de gin...

— Em que pensa você, McDunn, quando eu vou à terra e o deixo só aqui?

— Nos mistérios insondáveis do mar — disse McDunn batendo com o cachimbo contra a palma da mão calosa, antes de carregá-lo de novo com fumo escuro. Eram 7 horas e quinze minutos da noite; uma noite fria de novembro. A lenha queimava em nossa lareira de tijolos enegrecidos; a luz branca e a luz vermelha estendiam sua cauda em tôdas as direções, num regulado movimento giratório; a "sereia" mugia pela comprida garganta da tôrre. Não havia qualquer cidade em duzentas milhas de distância, na costa. Apenas uma estrada, que cruzava um campo eternamente vazio e por onde raríssimos automóveis se aventuravam, e um estreito com duas milhas de água gelada, diante da nossa magra rocha, por onde cruzavam alguns poucos navios, anualmente.

— "Os mistérios insondáveis do mar!" — repetiu McDunn, pensativamente. — Quem pode saber como é o oceano? Êle rola, branco, assume tôdas as formas e tôdas as côres, nunca havendo duas iguais. Ninguém!... Ninguém pode saber! E, você quer ouvir? Uma noite, há muitos anos, eu estava aqui, sòzinho, quando todos os peixes do mar surgiram à superfície, aqui mesmo! Qualquer coisa os chamara de muito longe e de muito fundo até esta baía, todos trêmulos e voltados para a tôrre e para a luz... — vermelha, branca, vermelha, branca... Tão parados ficaram que, desta janela, pude ver os seus olhinhos engraçados. Mas confesso que tive mêdo, pois havia peixe como eu nunca vira. Alguns abrindo caudas iguais à do pavão. Repentinamente, quase sem ruído, retiraram-se, desaparecendo. E eram muitos milhões! Fiquei pensando por que teriam vindo assim, a um só tempo e em tal quantidade, e cheguei a imaginar... Sim! Sei que é estranho, mas procure você também imaginar como esta tôrre deve aparecer para êles, que vivem entre 5 e 100 metros abaixo da superfície. **Para êles é como a luz de Deus, brotando da tôrre e a tôrre afirmando isso com a sua voz monstruosa!** Nunca mais voltaram, aquêles pobres peixes... Mas você não acha, também, que enquanto aqui estiveram, êles imaginaram estar diante do **Criador?**



Estremeci e lancei um olhar medroso para a superfície lisa e sombria, formada pelas águas, até onde meu olhar podia chegar...

— "Oh! O mar está cheio de segredos! — disse McDunn sugando



Quando acabávamos de descer a escada a tôrre começou a cair...

nervosamente o seu cachimbo e batendo as pálpebras **como se visse coisas que eu não via**.

Êle estivera nervoso o dia todo, falando menos do que habitualmente e sem explicar a razão dessa transformação.

— "Apesar de todos os engenhos dos homens e dos tão decantados submarinos — prosseguiu — muitas centúrias passarão ainda, antes de que saibam êles o que se passa realmente nos grandes fundos oceânicos. Há ali animais que já viviam no ano 300.000 antes de Jesus Cristo... sendo alguns tão velhos como as caudas dos cometas.

— Sim... Êste é um mundo muito velho — concordei.

— Vamos subir. Tenho ainda alguma coisa realmente especial para contar a você.



Subimos os oitenta degraus, conversando e sem pressa. Chegados ao alto, McDunn tratou de apagar a luz interna da sala, com isso cessando de haver reflexão nas vidraças das janelas. Os dois grandes olhos da tôrre lançavam seus fortíssimos jactos luminosos, girando fàcilmente sôbre o eixo mergulhado em graxa. A "sereia" continuava a mugir poderosamente, cada vinte e cinco segundos.

— **Isto** grita como um animal monstruoso! — murmurou McDunn, como se falasse para si mesmo. — Algum gigantesco animal, perdido e só, gritando na noite, **como chamando um companheiro**. Sim. Aqui, sentado, talvez há mais de dez milhões de anos, chamando, chamando sempre, debruçado sôbre êste abismo, como a gritar: **Estou aqui. Estou aqui. Estou aqui**...

"E o abismo responde. Sim! Responde! você é novo aqui, Johnny, e eu tenho que ir ensinando alguma coisa desde já, **para que não sofra grandes surprêsas nos próximos três meses**. Nessa época do ano (falava sem deixar de estudar as ondulações mais espêssas da bruma)... alguma coisa vem visitar a tôrre do farol.

— Milhões de peixes, segundo contou?

— Não... **Outra coisa!** Nada disse, até hoje, porque você podia pensar que eu fôsse maluco. Porém, hoje é a última noite... Não posso esperar mais, pois segundo os meus apontamentos, feitos ainda no ano passado, esta é a noite em que **êle deve voltar!** Mas não entrarei em detalhes. Você mesmo há de ver. Terá apenas que sentar e observar. Se quiser, amanhã mesmo poderá fazer a sua mala, apanhar a lancha a motor, cruzar o estreito e, lá do outro lado, apanhar o seu automòvelzinho e pisar o acelerador, até alguma cidadezinha bem no interior do país — e passar o resto da vida dormindo de lâmpadas acesas! Não lhe farei qualquer pergunta nem criticarei uma tal atitude. A coisa começou a aparecer há uns três anos e esta é a primeira vez que alguém me faz companhia para verificar o fato. Espere e observe.

Meia hora passou, tendo havido entre nós apenas uns poucos cochichos. Quando comecei a me sentir cansado de esperar, MacDunn começou a descrever algumas de suas idéias para mim. Meu companheiro tinha "teorias" a respeito da própria "sereia".

— Um dia, há muitos anos, um homem, caminhando ao longo de um cais, parou sùbitamente fitando o oceano, numa fria tarde sem sol e disse: — **"E' indispensável fabricar algum sinal, como uma voz, para alertar todos os navios e dar-lhes o rumo certo. Eu farei uma voz assim, que possa falar noite e dia, através da bruma e que não possa ser confundida com outra qualquer**. Um som que encha os ouvidos e aqueça o coração de todo aquêle que o ouvir. Um som que lembre a todos a melancolia da eternidade e a ligeireza da vida...

Nesse instante a "sereia" mugiu acima de nós.

"— Eu mesmo imaginei esta história — explicou McDunn com a sua voz mansa — para procurar explicar por que essas coisas aparecem, todos os anos, para observar a tôrre do farol. E' a "sereia" que chama tôdas elas, todos os anos. A "sereia" chama — e elas atendem ao chamado.

— Mas... — tentei dizer.

— S's's'st! — fêz McDunn, levando um dedo aos lábios. — Ali (Com a cabeça indicava o mar). Veja!

Alguma coisa vinha nadando, de fato, na direção da tôrre do farol.

Aquela era uma noite muito fria, segundo já disse, como fria era a própria tôrre, com a sua luz giratória, branca, vermelha, branca, vermelha... e a "sereia", mugindo através da névoa. Não era possível ver muito distante, mas o mar ali estava, a nossos pés, indo e vindo sem parar, da côr de lama cinzenta, e ali estávamos nós, isolados, na tôrre comprida. Foi então que da superfície do mar quase gelado surgiu uma cabeça, uma enorme cabeça, reluzente e escura, com imensos olhos. Depois apareceu o pescoço e quando eu esperava ver surgir o corpo, continuou a subir o pescoço flexível e parecendo não ter fim. A cabeça subiu, assim, até uns doze metros acima das águas, dominando um belo, vigoroso e reluzente pescoço. Só então começou a aparecer o corpo, como pequena ilha de coral negro, conchas e caramujos, subindo do mais



A tôrre estremeceu,

profundo abismo. Finalmente, veio a cauda, interminável e vibrante. Ao todo, da cabeça à ponta da cauda, calculei que o monstro devia ter entre vinte e cinco a trinta metros.

Não sei mesmo o que eu disse. Qualquer coisa que não posso recordar.

— Quieto, rapaz, quieto! — cochichou McDunn.

— Isso é impossível! — murmurei, com os dentes batendo de mêdo.

— Não, Johnny... E' o mesmo que já existia a uns dez milhões de anos. Não mudou. Nós, sim — e o mundo — mudamos e tornamo-nos coisas impossíveis.

A fera ondulou vagarosa e com grande e escura majestade fora da água gelada, ainda muito distante. O fog veio e desceu sôbre o animal, momentâneamente, escondendo-o de nós. Um dos olhos do monstro colheu e refletiu de volta os jorros de luz do farol, vermelho, branco, vermelho, branco, como se emitisse uma mensagem de retôrno — em código primitivo.

— E' um dinosáurio ou outro monstro parecido! — gritei, recuando e agarrando-me ao corrimão de ferro da escadinha em caracol.

— Sim... Um qualquer, da tribo...

— Porém êsses bichos morreram todos!

— Não... Apenas fugiram para longe, para os abismos. Sempre mais para o fundo, sempre mais para o fundo... E isto que digo não é novidade, Johnny! Muitos cientistas já anunciaram isso. Desceram para o mais frio e mais escuro de todos os abismos...

— Que vamos fazer?

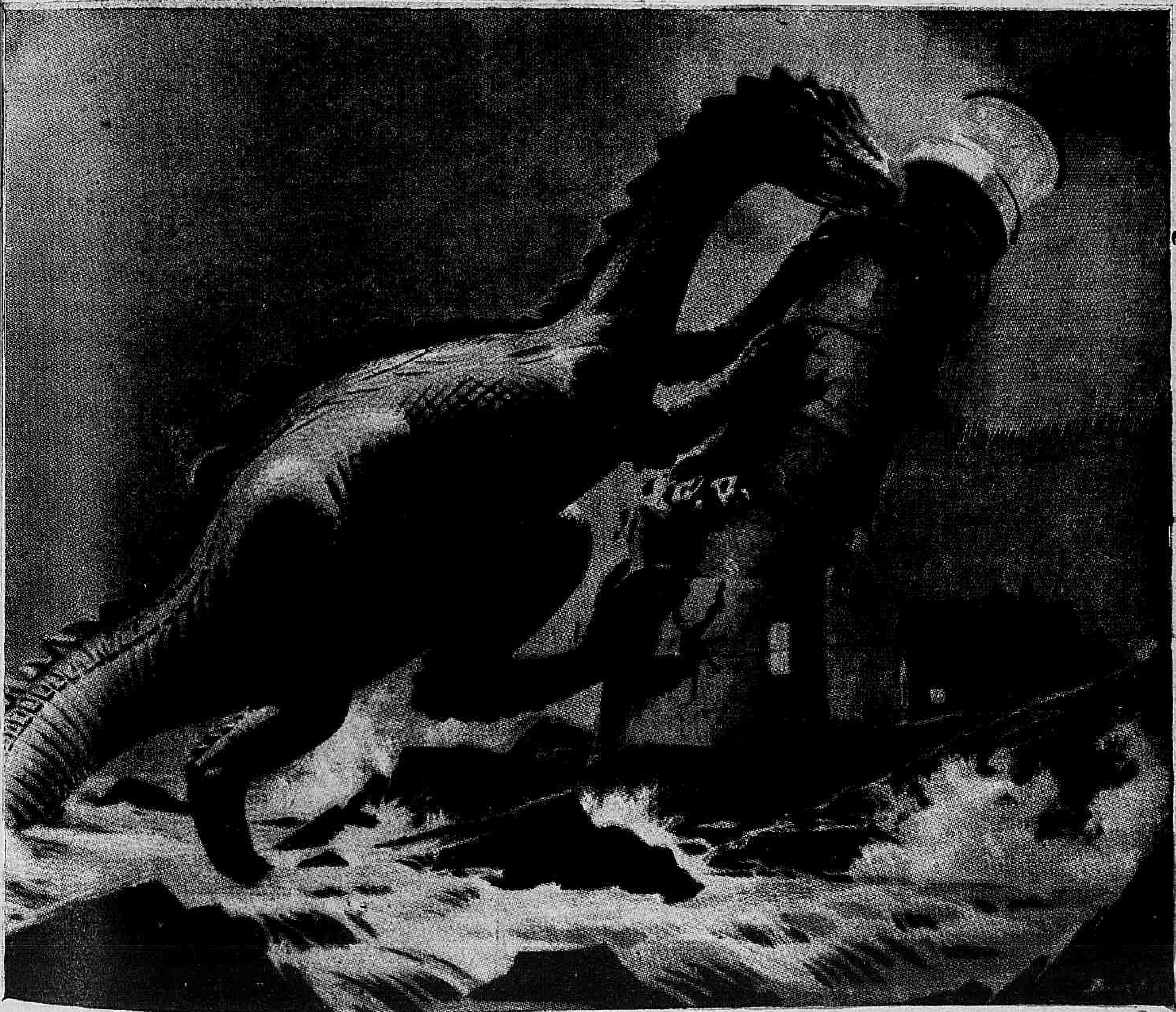
— Fazer? Temos o nosso trabalho, ora essa! Não podemos abandoná-lo. De qualquer modo, aqui estaremos mais protegidos do que em qualquer embarcação, tentando alcançar a terra. O bicho é do tamanho de um **yacht**. Talvez maior e mais forte...

— Mas que vem êle fazer aqui?

Neste mesmo instante tive a resposta que desejava.

A "sereia" mugiu.

E o monstro respondeu com outro mugido. Um mugido vindo através de milhões de anos, de vinte mil braças de fundo, de massas d'água e de lôdo! O monstro mugiu levantando a cabeça para a tôrre. A tôrre lançou novo mugido. O animal também. Novamente a tôrre chamou. Então o monstro, abrindo mais a bocarra crivada de dentes, como os de uma serra, tornou a mugir com mais fôrça; e seu mugido foi **exatamente** como o da "sereia"!



inclinou e começou a cair. A «sereia» e o monstro mugiram quase juntos...

— Então? — perguntou McDunn, cochichando junto de uma de minhas orelhas. — Compreende, agora, por que **êle vem até aqui?**

Em silêncio, fiz com a cabeça um sinal afirmativo — Durante todos êsses longos anos, Johnny, êsse pobre monstro lá ficou esquecido e ignorado, quieto, a milhares e milhares de milhas de distância e, com certeza, a umas seis milhas de profundidade; esperando, chamando todo êsse tempo! Talvez já tenha vivido um milhão de anos, essa criatura! Pense nisso, Johnny. Esperando... um milhão de anos! Você poderia esperar tanto tempo? E talvez seja o último da sua espécie. Quase sou capaz de jurar que é o último, sim! Seja como fôr, chegam os homens e resolvem construir êste farol, isto há cinco anos. Depois colocam nêle uma "sereia" e fazem-na mugir, mugir e tornar a mugir, justamente sôbre o ponto em que o pobre animal se recolheu para dormir e sonhar com as coisas do mar e da terra, quando no mundo existiam milhares como êle próprio. Porém agora vive só, inteiramente só, num mundo que não mais está feito para êle...

O gemido da "sereia" vem e vai, vem e vai e o animal se impacienta em seu leito de lama, lá no fundo; e os seus olhos se abrem como lentes de máquina fotográfica; e então êle se move, devagar, pois tem todo um oceano sôbre os ombros, pesado. Porém a "sereia" continua mugindo e seu mugido vindo assim, através das 20.000 braças de fundo, amigo e familiar, leva mais calor para o coração do monstro, que se endireita e começa a subir, devagar, muito devagar, gastando nessa manobra alguns meses, através das massas d'água, reajustando-se com a depressão, dia a dia, alguns centímetros mais, cada hora, a fim de se aproximar da superfície e continuar com vida. Era preciso subir pouquinho a pouquinho. Se surgisse, de uma vez, na superfície, correria o risco de explodir como uma bomba! Por isso deve ter levado uns três meses para vir até cá e ainda alguns dias mais, para nadar através das águas geladas até êste farol. Afinal aí está êle, Johnny! O maior e mais velho monstro de tôda a criação. E aí está o farol, chamando por êle; com um longo pescoço, igual ao dêle; levantando-se, como êle, do seio das águas; com um corpo tão grande como o do monstro e, o que é mais importante, **com a mesma voz!** Você está entendendo, Johnny? Está entendendo?

Sim. Eu via tudo isso. Compreendia tudo. Os milhões de anos de espera, absolutamente só, por alguém que devia voltar e que jamais voltou. Os milhões de anos de solidão no fundo do oceano...

A "sereia" mugiu.

— "No ano passado — disse McDunn com a sua voz rouca, a meu lado — essa pobre criatura andou nadando em roda, incansàvelmente, tôda a noite. Não se aproximando muito... Com mêdo, talvez. E também um pouco esfomeado, depois de tão longa viagem. Porém, no dia seguinte, inesperadamente, o **fog** desapareceu, o sol se apresentou forte e quente num céu azul e limpo. E o monstro nadou para longe do farol, agora cego e silencioso. Suponho que êle tenha estado pensando nisso o ano todo; pensando a cada minuto, perplexo...

O monstro, agora, avançava na direção do farol. A "sereia" mugiu.

"— Vamos ver o que êle faz... — falou McDunn. Esticando um braço desligou a "sereia".



O monstro parou, parecendo farejar. Seus grandes olhos, como duas lanternas, piscaram repetidamente. A bocarra medonha começou a abrir. Dela saiu um surdo rolar, como o de um vulcão. Voltou a cabeça para um e outro lado, como se procurasse saber para onde **fugira** a voz. Depois ficou de frente para a tôrre e reencetou a marcha contra ela. Já então os olhos do monstro pareciam conter fogo. Pareceu levantar-se, crescer e aproximar-se ainda mais da tôrre com expressão furiosa.

— McDunn! — gritei. — Torne a ligar a "sereia"!

McDunn fêz como eu recomendava; porém, antes de que a voz da "sereia" se fizesse ouvir outra vez, o monstro atacou a tôrre. Pude ver suas mãos terríveis, armadas de unhas poderosas e a pele escamosa, como a dos peixes, parecendo encouraçada. O seu ôlho direito, luminoso e mau, estêve voltado para mim, um ligeiríssimo instante, terrível e cálido. A tôrre estremeceu. A "sereia" mugiu; o monstro mugiu. Depois, feroz, abocanhou o alto da tôrre, raivosamente, despedaçando-a.

McDunn segurou-me um braço.

— Desçamos! — gritou.

A tôrre estremeceu e começou a rachar. O monstro e a "sereia" mugiram quase ao mesmo tempo. Nós, sem voz e com as pernas falhando, rolamos escadas abaixo. Assim chegamos ao térreo, procurando um refúgio entre os seus alicerces de rocha. A "sereia" emudeceu repentinamente, no meio de outro mugido. O monstro tombou sôbre a tôrre e esta veio abaixo. Encolhidos, entre os paredões de rocha, esperávamos a morte para qualquer momento, enquanto o nosso mundo como que explodia.

Depois, nada mais! Nada, além da escuridão total e do marulho das vagas contra as pedras. Isso... e ainda outro som.

— Ouça! — disse McDunn, surpreendentemente calmo. Ouça com atenção.

Ficamos um minuto, silencioso, aguardando. Então começamos a ouvir... Primeiro um silvo como o do ar sendo sugado violentamente por uma poderosa garganta, depois um doloroso lamento, o queixume comovente de um grande monstro que se sentia de novo só, abandonado. A seguir o monstro voltou a gemer e repentinamente gritou. A tôrre desaparecera! A luz também havia desaparecido! Aquela **voz,** que o chamara através de milhões de anos, morrera! E o monstro ali ficou, abrindo a bôca e chamando. Como o mugido da "sereia", outra vez, outra vez... E os navios distantes, no mar imenso, não vendo a luz, nada vendo, mas passando e ouvindo a **voz,** pensavam: **"Lá está a voz inconfundível, a "sereia" do farol de Lonesome Bay. Tudo "okay". Já dobramos a ponta do cabo..."**



O sol surgiu, quente e brilhante, na manhã seguinte, quando os socorros foram chegando para nos retirar dos escombros da tôrre.

— Isto tinha mesmo que cair — disse McDunn, com ar entendido. — Tivemos, essa noite, ondas

muito fortes... (Quando terminou beliscou-me um braço).

Não havia sinal do drama. O oceano estava calmo e o céu azul sem nuvens. O único sinal era uma grande baba viscosa e verde, cobrindo as pedras da tôrre, espalhadas pelas rochas negras. Uma nuvem de môscas zumbia sôbre aquela coisa. Mas não tardou que o mar lavasse tudo.

No ano seguinte, foi construída nova tôrre; mas já então eu tinha novo emprêgo e uma espôsa, além de uma boa casa com jardim bem cuidado, janelas enfeitadas com gerânios e cortinas e uma chaminé com o seu penacho de fumaça. Quanto a McDunn era o chefe do novo farol, construído segundo as suas especificações, em local melhor defendido e bem reforçado com aço e concreto ("**Para prevenir qualquer coisa**" — explicou-me êle, piscando um ôlho).

O novo farol ficou pronto em novembro. Para lá me dirigi, um fim de tarde, sòzinho; parei o automóvel num lado da estrada para olhar sôbre as águas cinzentas e ouvir o mugido da nova "sereia", uma, duas, três, quatro vêzes num minuto...

O monstro? Nunca mais apareceu.

— Êle voltou para o seu refúgio — explicou-me McDunn. — Voltou para o abismo... Aprendeu que não é possível amar seja o que fôr com exagêro, neste mundo! Voltou para o fundo dos fundos dos abismos, onde vai esperar outro milhão de anos. Ah, pobre criatura! Ter que esperar! Que esperar tanto, enquanto os homens vêm e vão neste miserável planêta! Esperar... Esperar sempre!

Fiquei sentado no meu automóvel, ouvindo. Não podia ver a tôrre do farol ou a luz de Lonesome Bay. Podia apenas ouvir a "sereia", mugindo, mugindo, mugindo... Como se fôsse o monstro, chamando...

★

PROBLEMAS MUNICIPAIS



O DIRETOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA de Calgary, Montana, queixou-se ao prefeito da cidade afirmando que não apenas êle próprio mas todos os seus auxiliares eram assaltados a tôdas as horas do dia, na Biblioteca, por intermináveis cidadãos que desejavam conhecer a resposta para centenas de perguntas "testes" de rádio e jornal. Mesmo em sua residência, à noite, não tinha tranquilidade, pois as campainhas da porta e do telefone não silenciavam um instante; até ali era perseguido pelos decifradores de "testes", com as perguntas mais absurdas.

★

A CIDADE DE MANSFIELD, no Estado de Ohio, acaba de receber do Govêrno Federal um prêmio pelo "**êxito de sua campanha contra o ruído**", porém as autoridades municipais até hoje estão para saber que medida foi essa que tomaram naquele sentido, pois nunca empreenderam qualquer campanha contra os ruídos.

★

EM MONROVIA, Califórnia, o Conselho Municipal ordenou que os inspetores do tráfego e outros guardas municipais evitassem o uso do apito, a partir de 21 horas, pois inúmeros cidadãos se queixavam de que êsses apito interrompiam o seu sono.

★

UMA DONA DE CASA d Akron, Ohio, moveu ação contra a Prefeitura local — e foi indenizada com 50 dólares — porque um dos lixeiros, distraìdamente, em vez de levar o que estava na lata do lixo, despejou no caminhão-transporte a roupa que estava numa cesta e que era para ser apanhada pela lavadeira.

★

QUIA PULVIS EST

Durante todo o jantar, o pai de família, bastante triste, dizia a seus filhos: "**Tudo não passa de pó; tudo não passa de pó...**"

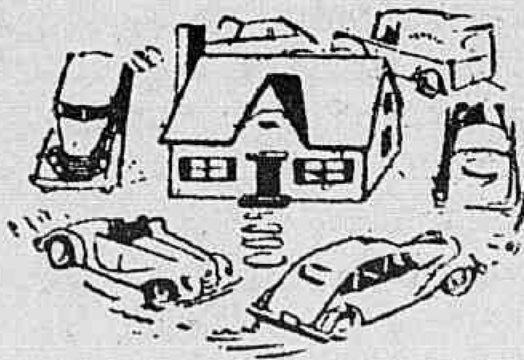
O filho mais moço acabou por acreditar no que ouvia e passou um dedo tímido sôbre as mesas. Repentinamente, correu para junto do pai.

— Papai; é verdade que depois da nossa vida atual, e antes da nossa vida futura, voltamos a ser pó?

— Sim — disse o pai. — E' absolutamente certo. Todos os mortos voltam a ser pó.

— Então — disse o garôto muito sério. — Há um cemitéri embaixo da minha cama!

★



AVISO: — Numa área residencial de Los Angeles, onde o congestionamento do tráfego é mais irritante, há um incessante buzinar. Recentemente, à janela de uma dessas residências, surgiu um grande cartaz, no qual se lia: "**Se vocês morassem aqui, queria que estivessem em casa agora.**"

AGUA ENLATADA





UM advogado de Boston, Massachussetts, Robert Morrison, conseguiu o que muita gente considerava impossível: enlatar água. Por um processo conservado em segrêdo, êsse causídico de 47 anos de idade, e que também é um dos chefões da "Multiple Breaker Co., uma fábrica de produtos enlatados, ajudado por um grupo de cientistas está hoje enviando para as fôrças armadas norte-americanas 150.000 latas d'água semanalmente. Essas latas são de fato expedidas para onde se encontrem marinheiros, soldados ou aviadores de Tio Sam. Por sua vez as organizações da defesa civil armazenam essa água enlatada — que pode assim permanecer indefinidamente — para enfrentar qualquer emergência.

Morrison começou tentando enlatar a água durante a última guerra... e conseguiu seu intento justamente quando a guerra terminou. Os usos da água assim enlatada são muitos e variados. Pode ser remetida para determinadas zonas do mundo onde a água local seja impura ou onde as explosões das bombas tenham contaminado os reservatórios. Pode também ser lançada em pára-quedas nas zonas flageladas ou ou em pleno mar, onde flutuam. A água contida na lata é esterilizada, podendo ser usada com vantagem nos primeiros socorros.

Morrison é visto, acima, examinando uma de suas latas e, à esquerda temos o flagrante de um suprimento de água enlatada, chegando a bordo de um navio da esquadra norte-americana, pronta a zarpar para longínquas paragens.

HITLER E O MISTÉRIO DE SUA MORTE

MARTIN BORMANN PREPARA O RETÔRNO DE HITLER

(Continuação)

Nascido de uma iniciativa do Exército norte-americano, conservado vários anos nos arquivos do Departamento de Estado e nos *dossiers* pessoais do Presidente Truman, o documento que estamos publicando — e que foi até recentemente confidencial — pertence, de fato, à história. Descreve o homem que foi um dos enigmas do nosso século, ao mesmo tempo que era um dos flagelos do mundo: Adolf Hitler.

★

(Opina um técnico francês, comentando declarações do comandante Hein Schaeffer, do submarino alemão «U-977», que se entregou às autoridades argentinas de Mar del Plata em agôsto de 1945, depois de passar três meses misteriosos em pleno mar.)

★

— **"A desnazificação da Alemanha foi um completo fiasco!"** — declarou o general norte-americano Lucius Clay, ao se referir à situação reinante nas diferentes zonas dêsse país.

Logo após à cessação das hostilidades, uma série de sabotagens foi assinalada na Alemanha, tais como fortes cabos estendidos, atravessando as estradas; árvores abatidas durante a noite e entravando as estradas utilizadas pelos exércitos aliados, bombas lançadas sôbre os tribunais de desnazificação, etc. Tais atos tinham por autores os membros do Wehrwolf — **homens-lobos.** Êsse movimento dirigido por alguns fanáticos se deslocou ràpidamente para ceder lugar a uma organização bem mais importante. Esta não se assinalou por qualquer ato de sabotagem. Sua atividade foi quase insuspeitada durante longos meses. Composta de antigos agentes dos serviços secretos alemães, tem por objetivo principal estabelecer no mundo centros de espionagem por conta dos nazistas.

Assim foram organizadas "fileiras", que permitem, sob o rótulo de tráficos comerciais, fazer chegar à Alemanha ordens provenientes da América do Sul e da Antártica. As mesmas "vias" permitem chegar até Hitler e seus fiéis: jornais, livros surgidos na Europa, documentação e até mesmo objetos pessoais, pertencentes aos nazistas, refugiados na Antártica.

Todo êsse tráfico é feito por intermédio de firmas instaladas na Suíça. Uma delas fêz chegar a Hitler, em julho de 1949, um "colis" vindo de Baden e contendo entre outras coisas um filme tomado pelo próprio Fuehrer, em Berchtesgaden, um documentário sôbre a batalha de Leningrado e também alguns filmes-educativos do regime nazista. Tudo proveniente das coleções pessoais de Adolf Hitler.

Êsse "colis", interceptado não distante de Lindau, pelo serviço aliado de informações, foi — depois de uma total projeção dos filmes — reposto em circulação. Poucos dias mais tarde, atingia Zurich, de onde a firma suíça se encarregou de o fazer chegar, por via aérea, à América do Sul. Porém, ali, o "colis" desapareceu misteriosamente e foi impossível encontrar seu destino.



MARTIN BORMANN ERA O BRAÇO DIREITO DE HITLER
E' êle quem dirige o movimento que prepara a ressurreição de Hitler

O diretor da firma suíça, organizadora dessas remessas, é um Alemão que se instalou em Zurich em 1944. Grande amigo de Martin Bormann, tra-

balha muito provàvelmente em ligação direta com êste. Em setembro de 1949, um casal de velhos criados da residência de Hitler conseguiu penetrar na Suíça com um passaporte de 48 horas. Jamais regressaram à Alemanha. Porém um inquérito permitiu saber que haviam tomado o avião para a Argentina. **Por que êsses velhos servidores partiriam, assim, para tão longe? Hitler, sem dúvida, os reclamou.**

A maior parte dos **gangs** internacionais, traficantes quase totais do ouro, das divisas, da in-



Um dos helicópteros utilizados pelos Norte-americanos em suas buscas misteriosas.

sulina, etc., trabalham também por conta de Bormann. Um membro dessas organizações foi vítima, há poucos meses, de um acidente banal, que revelou sua identidade: seu automóvel, entulhado de ouro, foi espatifar-se contra um caminhão.

Porém a principal atividade dos agentes de Bormann consiste em reagrupar os nazistas espalhados pelo mundo e, nos últimos meses, em preparar a defesa dos países árabes contra uma eventual ameaça soviética, instruindo e aperfeiçoando os quadros dos exércitos locais, que recorreram a seus serviços.

O implacável Martin Bormann é, sem sombra de dúvida, o responsável por tôda essa gigantesca organização. Em 1.º de setembro de 1945, êle anunciou pelo rádio: **"Hitler está vivo, encontra-se em território alemão e goza de excelente saúde".** Mais tarde, quando, por ocasião do processo de Nuremberg — no qual era julgado como grande colaborador — aproximou o dia da sentença, foram observados dois fatos estranhos e que só a tenebrosa atividade de Bormann pode explicar. **O primeiro foi o misterioso desaparecimento de Gerda Christian, ex-secretária privada de Hitler, e cujo testemunho era considerado de grande valor,** ninguém sabe como foi possível ludibriar a vigilância de que ela era objeto, para fazer desaparecer essa mulher, que não foi mais possível encontrar. **O segundo foi o não menos misterioso desaparecimento do Dr. Bergold, advogado encarregado de defender o próprio Martin Borman.**

Quatro meses mais tarde, em 11 de dezembro de 1946 o jornal sueco "Aftontidningen" publicou uma informação sensacional, segundo a qual Bormann passara duas semanas em Malmoe, cidade situada ao sul da Suécia, no correr do mês de abril precedente. Êsse jornal, que é o órgão do partido social-democrata sendo também sustentado pelas uniões operárias, afirmou que **a visita de Bormann tivera por fim a inspeção do grupo clandestino nazista, cuja sede estava instalada em Malmoe, grupo a cujos membros dera pessoalmente novas instruções para o prosseguimento de sua atividade, cuja finalidade é o retôrno do nazismo.**

No entanto, tôdas essas fôrças subterrâneas, disseminadas sôbre zonas afastadas umas das outras e constantemente perseguidas, seriam um fraco socorro se não pudessem contar com um potencial bélico superior ao do poder militar das Nações Unidas. **Hitler** e os **seus poderiam dispor de** armas **cujo efeito seria fulminante?** Ar**mas que devastariam tudo** à sua **passagem? O ditador** nazista e o **seu grupo estariam** preparando **armamentos cuja eficácia** ultra**passaria a da bomba** atômica?

Em 21 de junho de 1946, o magistrado Robert Jackson, procurador geral norte-americano no processo de Nuremberg, interrogou o ex-ministro dos Armamentos nazista, Albert Speer, **a respeito de um relatório segundo o qual, em certas ocasiões, os Alemães empregaram um foguete de desintegração atômica, para dar a morte rápida a 20.000 judeus, numa localidade vizinha do campo de concentração de Oswied.** Tendo Speer respondido que "jamais ouvira falar de coisa tão disparatada", Jackson apresentou-lhe o relatório em questão, revelando que os nazistas se haviam servido do projétil atômico na primavera de 1944, a fim de "poupar o trabalho de fuzilar ou asfixiar as vítimas" e porque **a nova arma desintegrava** os ca**dáveres e os edifícios, sem deixar vestígios.** E, durante o interrogatório de Speer, Jackson acrescentou que possuía relatórios revelando que "os nazistas tinhas construído na Silésia uma cidade especialmente para nela efetuar experiências e que a povoavam ùnicamente com os judeus retirados do campo de Oswied, antes de bombardeá-la com projéteis de caráter experimental."

Como se verifica, os nazistas já estavam bastante preparados e muito avançados na construção dessas armas novas e devastadoras, cujo emprêgo tinha sido iniciado por ocasião da ofensiva realizada contra Londres com as V-1. Os peritos inglêses e norte-americanos não hesitam em afirmar que... "um atraso de seis meses na ofensiva geral e conseqüente vitória aliada, teria dado aos Alemães a possibilidade de mudar em seu favor o curso das hostilidades!" **Hitler e seu grupo poderiam, em sua Berchtesgaden antártica continuar tais preparativos e fabricar engenhos de destruição novos e terríveis para tentar a desforra no momento oportuno?**

..Bem entendido, essa possibilidade depende dos fatores principais, que regem tôda produção industrial, a saber: pessoal qualificado, instalações apropriadas e, finalmente, matéria prima necessária.

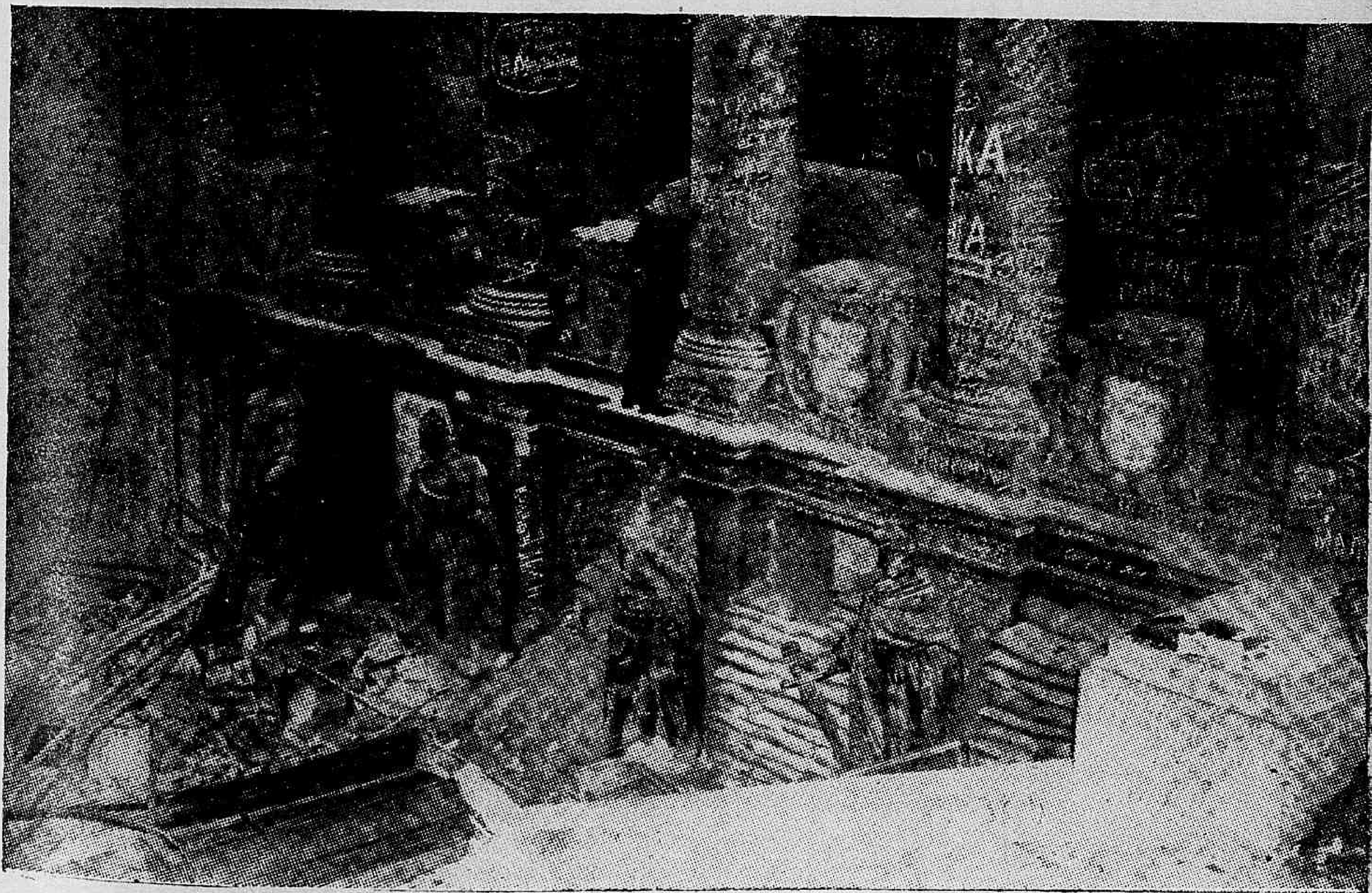
Quanto às duas primeiras condições, é permitido afirmar categòricamente o seguinte: **durante os quatro anos que já tiveram, os nazistas bem podem ter levado para a Antártica bastante homens qualificados e máquinas para produzir, em quantidade considerável, novos engenhos de destruição, tais como projéteis dirigidos e bombas atômicas — ou, talvez, armas ainda mais fantásticas e mais terríveis. Quanto às matérias primas, devemos considerar que o Sexto Continente, segundo já foi verificado, é um dos mais ricos depósitos geológicos do mundo. As expedições de Byrd permitiram descobrir mais de cem minerais distintos na Antártica, onde existem além de tudo, vastíssimas jazidas de carvão, de ferro, de cobre e de urânio. E, estando essas jazidas à flor da terra, não há sequer a necessidade, para sua exploração, de excavar profundas minas.**

Mais que um refúgio, o "Novo Berchtesgaden" é, verdadeiramente, um arsenal gigantesco, onde o ex-ditador do Reich, após enganar a vigilância dos que o perseguiam, prepara, atualmente, seu reaparecimento apocalíptico sôbre as terras da Europa, ainda fumegantes.

UM ANO APÓS TERMINADA A GUERRA: UM SUBMARINO PIRATA, NO ATLÂNTICO SUL — Em 25 de setembro de 1946, o "France-Soir", de Paris, lançou seus leitores em profundo assombro ao publicar, sob os títulos vistos, o seguinte telegrama: **"Dois anos após a derrota, um fato surpreendente ocorreu em alto-mar, entre as ilhas Falkland e o banco de gêlo antártico. A baleeira "Juliana II", inscrita no registro de navegação de Reikjavik, capitaneada por Christian Hecla, foi intimada a parar, inesperadamente, por um submarino de grande tonelagem, um "U-Boat", da marinha alemã, arvorando o pavilhão vermelho com largos bordos negros.**

"Depois de transmitidas as intimações usuais, a equipagem do submarino, em sua totalidade, enchia a ponte de combate, estando seus homens vestidos com capas cinzentas. Seu capitão se dirigiu para bordo do "Juliana II", usando para isso um barco pneumático, pilotado por cinco homens.

"Dirigindo-se ao comandante Hecla, cortêsmente, mas num tom que não admitia réplica, exigiu a entrega imediata de uma parte das provisões em gasolina. Seu interlocutor obedeceu e o Alemão, tirando então do bôlso uma carteira recheada, pagou règiamente o carburante em dólares. Levou mesmo sua prodigalidade, ao ponto de dar dez dólares a cada homem da equipagem. Enquanto se efetuava a operação de transbordo do precioso líquido, o oficial alemão, exprimindo-se num perfeito inglês, deu ao capitão Hecla informações sôbre a posição dos bancos de "baleias", informações absolutamente exatas, pois que, pouco depois, o "Juliana" arpoava dois cetáceos.



O Reichstag, o parlamento alemão antes de Hitler subir ao govêrno, em 1933, é hoje um casarão em ruínas, enegrecido pela fumaça dos incêndios e as terríveis explosões das bombas e granadas dos aviões e canhões aliados. Nas suas colossais muralhas, crivadas de buracos de balas e de estilhaços de bombas, um soldado britânico junta o seu nome aos dos milhares de soldados do Exército Vermelho. Muitas inscrições em russo começam: «Aqui morreu...» e foram escritas pelos camaradas dos que lutaram para conquistar o Reichstag na Primavera de 1945. O majestoso edifício, que custou cêrca de 150 milhões de cruzeiros, teve sua construção iniciada em 1884, pelo Kaiser Guilherme I e completada em 1894, já no reinado de Guilherme II. As estátuas de bronze são as de antigos imperadores germânicos. Em 1933, os Nazistas atearam fogo ao Reichstag, acusando dêsse ato os Comunistas e aproveitando o incidente para suprimir os anti-nazistas.

"Interrogado em Santa Cruz sôbre a sua eventura, o capitão Hecla, ao qual indagaram se havia prevenido, pelo rádio, à base naval das Falklands sôbre o seu misterioso encontro, o mesmo apenas retorquiu:

"Eu estava no mar para caçar baleias e não submarinos!"

"France-Soir" que afirmava haver recebido a notícia de Santa Cruz, acrescentou o seguinte comentário:

"Isto confirma os boatos da presença de vestígios da marinha de guerra alemã nas águas da Terra do Fogo e zonas inexploradas da Antártica."

Na verdade, a notícia causou certa emoção, especialmente na Argentina, onde ainda era fresca a lembrança dos dois submarinos, refugiados em Mar del Plata.

Embora a informação de "France-Soir" não tenha sido nem confirmada nem desmentida pelas autoridades competentes, em certos meios de imprensa a nota foi qualificada como simples **"canard".** Excluíram qualquer possibilidade de que, quase um ano e meio após o término da guerra, submarinos alemães ainda navegassem pelos mares do Sul. "Nenhum navio dêsse gênero — disseram, então, os técnicos — pode permanecer tanto tempo em serviço sem receber mais combustível e víveres, o que não pode ser conseguido subrepticiamente na zona das ilhas Malvinas, por onde navegam constantemente vasos de guerra e flotilhas de pescadores de baleias.

Essa argumentação, bem meditada, não tem qualquer fôrça convincente. Mas o caso parou aí, pelo menos em aparência, pois nada mais se soube da reação que possa ter provocado no Almirantado inglês, nem das medidas tomadas pelos responsáveis pela base naval britânica das ilhas Malvinas.



OS TRIPULANTES DOS SUBMARINOS ALEMÃES ainda estavam em atividade, no Atlântico Sul em 1946!

A informação apresentava um aspecto significativo e que, em suma, lhe dava um ar de veracidade. Antes de tudo, havia a questão do local onde se afirmava haver surgido um submarino misterioso. Segundo a informação, **a abordagem da baleeira ocorreu entre as Malvinas e a Antártica, isto é, a umas quinhentas milhas ao sul de Mar del Plata, justamente no prolongamento da rota seguida pelo "U-530" e o "U-977", antes do acontecimento que provocou a rendição.** A seguir, a estranha bandeira do submersível apresentava um detalhe digno de interêsse. Segundo o que narrou o capitão Hecla, o submarino alemão arvorava "uma bandeira vermelha com largos bordados pretos". Isso podia indicar um sinal de luto sôbre a bandeira nazista — que é vermelha, tendo ao centro a cruz suástica num círculo branco — um sinal de luto pela derrota sofrida. E, além de tudo, é preciso recordar que nenhum jornalista, por mais errado que fôsse, poderia inventar um "canard" tão simplório como o dessa notícia, cujo contrôle imediato poderia ser previsto pelo autor desde o primeiro minuto.

Supondo que a informação do "France-Soir" seja verídica — conforme parece ser — é o caso de perguntarmos: — **que missão cumpria êsse misterioso submarino alemão, nos mares glaciais que bordejam o continente antártico?** Tratava-se de um submersível perdido, que continuava a percorrer essas águas, em busca do "comboio fantasma" e não possuía mais combustível, após doze meses de peregrinações inúteis?

Talvez... Seria, realmente, muito difícil admitir que Hitler e os seus tivessam enviado um submarino — ou vários — em missão de patrulha através das águas que cercam o continente antártico. Esta teria sido medida inexplicável, uma maneira de agir extremamente arriscada e de pouca utilidade, pois que a presença de submarinos nessa altitude trairia nìtidamente a existência de um refúgio na Antártica.

Não se falou mais no "mistério da baleeira islandesa", mas o nome do **Sexto Continente** começou, desde então, a figurar com freqüência mais e mais acentuada, na imprensa mundial. Em menos de três meses, a Antártica foi o convergente de uma atenção e de um interêsse crescentes e isso sem que alguém pudesse explicar de modo satisfatório de que se tratava na realidade.

Os Inglêses foram os primeiros, um mês após à publicação da notícia de "France-Soir" a respeito da abordagem sofrida pelo "Juliana II". Em 26 de agôsto de 1946 o jornal londrino "Daily Telegraph" anunciou que uma expedição anglo-norueguesa fazia seus últimos preparativos antes de partir para as terras desconhecidas do continente antártico, sob a direção do professor H. W. Ahlmann, um dos cientistas especializados de maior fama do mundo.

Aparentemente, a notícia não despertou muito interêsse e ninguém pensou, a princípio, em estabelecer uma relação entre essa viagem e o desaparecimento de Hitler, embora a informação contivesse dados extremamente sugestivos, como se verá, a seguir:

— **"Esperamos** — declarou o Sr. L. P. Kirwan, secretário da "Royal Geographical Society" — **que a expedição revele os segredos do "oásis" livre de gêlo e de neve, que se encontra no interior do continente antártico. A existência dêsse "oásis", montanhoso e situado nessa vasta zona inexplorada, designada no mapa como "Terra da Rainha Maud", foi descoberta em 1939, pouco antes de iniciada a Grande Guerra, por uma expedição nazista."**

Um oásis no coração da Antártica! Um canto de clima agradável, sem gêlo nem neve, perdido entre as montanhas de uma região desconhecida, cuja superfície mediria milhares de quilômetros quadrados!

De fato, ninguém sabe se êsse "oásis" é, justamente, o refúgio de Hitler e se é ali, exatamente, que se encontra o "paraíso terrestre", mencionado

pelo Almirante Doenitz. Na verdade, a expedição do "Schwabenland" — ou uma outra, ulterior — pode muito bem ter descoberto não apenas um mas vários outros locais semelhantes. E' lógico supor que, se existe um oásis dessa natureza, também pode haver muitos outros. E qualquer dêles pode servir de refúgio a Hitler e seus companheiros.

Nada mais se disse ou escreveu sôbre a expedição anglo-norueguesa, que partiu já há seis meses, sem a publicidade de que geralmente são cercados êsses empreendimentos. Depois de fazer escala nas ilhas Malvinas, abordou a Terra de Graham, ali instalando um primeiro acampamento, sôbre os bordos da baía Margarida. Essa notícia foi publicada quase por acaso, em razão de um "Boletim" do "Almirantado". Depois tudo foi silêncio.

— Por quê?

De qualquer maneira, um dos objetivos principais — senão o único — dessa expedição anglo-norueguesa, consistia **em procurar um "oásis" descoberto pelos pilotos do "Schwabenland", em 1939.** O famoso "Intelligent Service" britânico teria indícios segundo os quais o ex-ditador nazista se encontra escondido nesse local ou em algum outro similar?

E' bem possível. Não devemos esquecer que o almirante Doenitz, que tinha sido o "inimigo número 1" da marinha britânica, durante a guerra — e cujos submarinos instauraram o desumano método que consiste em afundar navios mercantes sem aviso prévio — não foi condenado à morte em Nuremberg. O esperto marinheiro, que, há vinte anos, simulou loucura, pode ter "falado" para salvar a pele.

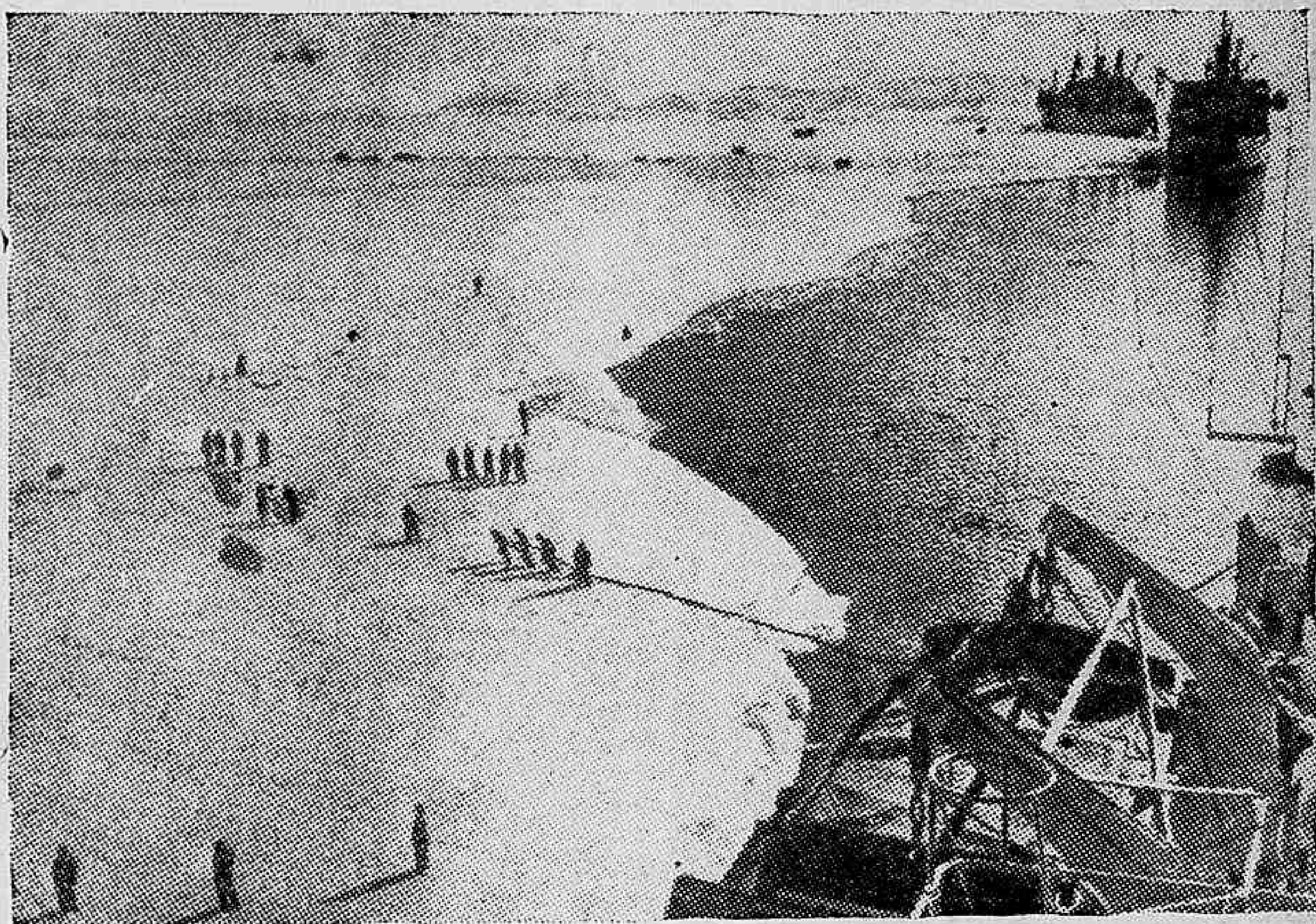
OS ESTADOS UNIDOS PROCURAM HITLER — A partir dos últimos meses de 1945, os Aliados não sòmente não acreditavam mais na morte do ditador, como começavam a desconfiar de sua "residência" possível. Na realidade, os Estados Unidos estavam nas pegadas do fugitivo e empreendiam a tarefa de organizar a sua captura.

Isto vale dizer que se encontravam diante de um trabalho dificílimo. Para ir à Antártica e capturar Hitler com seus companheiros — sôbre êstes ignora-se o número e o armamento que possuem — será preciso prover não uma expedição, mas um verdadeiro exército, auxiliado de vasos de guerra, tanques e aviões. Descobrir o "Novo Berchtesgaden" e apoderar-se dêle, será um trabalho exigindo o emprêgo de numerosas fôrças bem treinadas e convenientemente equipadas, em vista do clima e do terreno. E organizar um tal "exército polar" deverá constituir, sem dúvida, uma tarefa esmagadora, exigindo meses e muitos milhões.

A primeira comunicação de Washington, anunciando que "o Almirante Byrd fôra encarregado de organizar uma nova expedição à Antártica" não impressionou muito; porém uma segunda notícia, publicada cinco dias mais tarde, causou o efeito de uma bomba, pois anunciava que nessa expedição, tomariam parte numerosas unidades navais — inclusive dois porta-aviões e 4.000 homens.

A fim de prevenir uma polêmica possível a êsse respeito, o Departamento da Marinha se apressou a apresentar a expedição como uma "experiência antes de tudo militar", na previsão de que "um dia fôsse necessário operar em zona glacial".

Como era de esperar, espíritos mais desconfiados tentaram logo estabelecer uma relação entre a expedição Byrd à Antártica e às jazidas de minérios, muito fartas nessas regiões e suscetíveis



NUM ESPAÇO MUITO MAIOR QUE TÔDA A EUROPA recentes expedições provaram que é possível desembarcar — e viver!

de fornecer, à vontade, a matéria prima necessário para a fabricação da bomba atômica. A êste respeito, Byrd declarou: — **"Qualquer informação, anunciando esta expedição como uma corrida "atômica" é desprovida de fundamento".**

Certos comentadores diplomáticos de Washington acreditaram que a escolha da Antártica, para ali conduzir o pessoal da armada e experimentar as suas unidades, os seus aviões e outros engenhos da guerra moderna, havia obedecido, antes de tudo, a dois desejos: acabar com a preocupação dos Russos, inquietos à idéia de ver a marinha norte-americana realizar manobras nas vizinhanças do território soviético; garantir, pelo afastamento, o segrêdo dessas manobras.

Porém o fato dessa escolha para a realização de grandes manobras aero-navais, não deixava de ser muito estranho. Para efetuar exercícios polares ou subpolares, o exército norte-americano dispunha de um vasto campo de ação tanto no Alasca quanto na Groenlância. Era inconcebível que, com o só desejo de não ferir a susceptibilidade dos Russos, os Estados Unidos tivessem preferido efetuar essas manobras na Antártica, a mais de 20.000 quilômetros de seu território! Esta maneira de agir não apenas forçava uma despesa enorme, como equivalia, ainda, pura e simplesmente, a uma derrota diplomática em relação à Rússia.

(Continua no próximo número)

NOSSOS MOMENTOS DE MAIOR PERIGO

Muito cuidado... e ôlho no relógio! A ciência nos diz que há horas "mais especiais" para os choques entre veículos... e para as brigas com a espôsa...

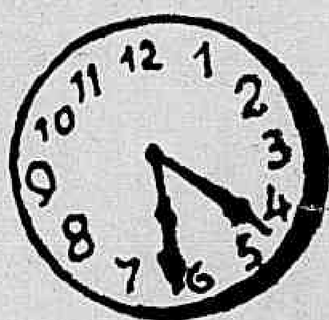
Por LEO GUILD

SIM, leitor. Muita atenção para o "tic-tac" do seu relógio. Dêle pode depender o seu "ticket" para o futuro.

Um homem, num "rabo-de-peixe", desce a estrada a 90 quilômetros horários, olhando para um e outro lado do caminho. Quais são as suas **chances** de terminar, ileso, o percurso? Nada boas... **porque são 7 horas da noite ou dezenove horas.**

Se fôssem 7 horas, **da manhã**, êle teria quatro vêzes mais probabilidades de sobreviver — e mesmo sem qualquer arranhão. Quatro vêzes mais desastres ocorrem, nas auto-estradas, às dezenove horas que às 7 horas. As principais razões? Visibilidade reduzida... e fadiga.

Através do dia e da noite, a hora é importante fator para decidir situações como essa. O rapaz que se prepara para pedir a pequena em casamento; a espôsa ao abrir a bôca para ralhar com o marido, por ter chegado atrasado ao lar; êsses e outros milhares de atos sofrem a influência do relógio.





Naturalmente, se o leitor é esperto saberá arranjar alguma interessante diversão para prender a espôsa em casa entre as 2 e 4 horas da tarde, pois é quando as mulheres realizam maior número de... compras em tôdas as lojas espalhadas pelo país inteiro.

Com expressão grave um médico se instala à cabeceira de uma criança enfêrma, atacada de forte crise de pneumonia. A febre é muito elevada. O doutor não esconde a sua preocupação. Consulta o relógio e declara:

— São dezessete horas e trinta. Se esta criança puder resistir até ao amanhecer, afirmo que estará salva!

TAMBÉM O CALENDÁRIO

O médico assim afirma porque sabe que **a resistência do nosso corpo é mais baixa às 5 horas da manhã.** Começa a cair a partir de vinte e uma horas até chegar à mínima resistência naquela hora matinal. Se passar dêsse **ponto perigoso** e atingir os primeiros instantes de recuperação do organismo, a criança estará salva, porque a partir dêsse momento voltará a ter maior resistência, enquanto a enfermidade começará a ceder.

Mas nem só o relógio pode alterar a nossa vida; também o Calendário! Julho, dezembro, fevereiro e março são os meses mais apontados como os de maiores probabilidades de acidentes mortais. E há boas razões para isso: época de fogos e balões, de folguedos de Ano Novo... e de Carnaval!

Mas vejamos o lado social da vida. Quando, por exemplo, o solteiro corre maior perigo? Os pedidos de casamento (provàvelmente inspirados pelo brilho da lua, das estrêlas ou pela astúcia da futura sogra) são feitos às moças, em geral, entre dezenove e vinte e três horas.

AS BRIGAS ENTRE MARIDO E MULHER

Se você é casado, deve saber o que vem a ser chegar em casa, depois do trabalho, às dezenove horas da noite, cansado, aborrecido e desejando ùnicamente poder repousar. Porém, logo à entrada, lá vem um azêdo ou zombeteiro comentário da espôsa, assim como: **"Por que você teima em usar essa gravata horrorosa?"** Então começa uma dessas perigosas e prolongadas discussões.

Sim; isso é muito comum, e os psicologistas concordam unânimemente ao afirmar que essas desagradáveis querelas começam **sempre** no início da noite. A razão? As horas de maior fadiga — e de maior perigo para a tranqüilidade do lar — são as que se estendem entre dezessete e vinte e uma horas. Quando um homem está fisicamente cansado, tudo o mais o aborrecerá, principalmente uma recriminação ou um comentário zombeteiro.

E agora temos uma cena que não tardará a ser vista na diretoria das nossas maiores seguradoras. O presidente, discursando para os seus pares, agentes e corretores, dirá:

— Senhores, a partir de hoje passaremos a segurar contra fogo nas taxas usuais sòmente das 10 da noite às 3 da tarde. Para as outras horas cobraremos uma "sôbre-taxa"!

Não acreditam? Pois, se as leis permitissem, isso logo seria feito. Porque as piores horas para as seguradoras, aquelas em que ocorrem mais incêndios, são, justamente, de 3 às 4 da tarde e de 6 às 9 da noite.

Qual a razão por que em sua maioria os incêndios têm início nestas horas? Simplesmente porque o cérebro humano começa a dar sinais de fadiga entre 3 e a 4 horas da tarde, e disso resulta um relaxamento geral dos sentidos; o zêlo "esfria" e começam a surgir os senões, as faltas de cuidado entre os trabalhadores.

Com o verão ocorre um fato curioso. Embora muito bom para os acidentes, que são em maior número, é péssimo quanto aos suicídios. Muito mais gente, de fato, pratica o suicídio nessa estação do ano que em outra qualquer. Os psiquiatras dizem que isso ocorre porque as pessoas menos felizes e menos sadias sofrem maior depressão espiritual vendo mais alegria e beleza em seu redor. **Por comparação consideram-se imensamente desgraçados.**

As mortes de crianças, por acidentes, no lar, são causadas geralmente pelo fogo. Duas mil crianças morrem, anualmente, nos Estados, vitimadas pelo fogo. As horas mais fatais são as que vão de meia-noite a três da madrugada.

Duas recentes tragédias de estrada de ferro nos

Estados Unidos (uma em fevereiro e outra em dezembro de 1950) forçaram a apresentação de um relatório e, neste, uma estatística informou que os trens podem sofrer acidentes em qualquer mês do ano, **menos em maio!** Incidentalmente os dois recentes desastres acima citados, ocorreram nas perigosas horas do início da madrugada.

Até mesmo os raios parecem ter as suas preferências, relativamente às horas. De fato caem mais raios nas últimas horas da tarde do que em qualquer outro instante de cada dia. Da mesma forma nascem duas vêzes mais crianças entre a meia-noite e o meio-dia do que entre o meio-dia e a meia-noite. Os obstetras afirmam que é isso devido ao estado das mães, cuja queda de resistência, cessando de lutar, deixa a natureza agir à vontade, seguindo o seu curso normal.

E' fato conhecido que os que trabalham em escritórios cometem mais erros entre 4 e 5 horas da tarde ou entre 5 e 6. As horas de melhor eficiência são de 10 ao meio-dia.

Quanto aos acidentes no próprio lar, mais numerosos e graves do que muita gente possa imaginar, os estatísticos também entraram em cena para anunciar que êles ocorrem mais geralmente entre as 9 da manhã e o meio-dia.

—Por que? — perguntará o leitor.

A resposta é muito simples: segundo explica o National Safety Council, de New York, organização que trabalha em estreita cooperação com as companhias de seguro e pode, portanto, falar com absoluta segurança (dado que tem ao seu dispor os relatórios das departamentos de acidentes pessoais, em tôda a nação), êsses acidentes são mais numerosos nas horas citadas porque é nessa parte da manhã que as donas de casa se entregam à faina da limpeza e da arrumação, lidando com vassouras, louças, panelas, frascos de óleo, garrafas de querosene, álcool e água-raz, ligando ferros de engomar, trabalhando com utensílios de jardinagem, trepando em bancos e subindo em escadas a fim de espanar móveis, pregar cortinas, etc.



E, antes de concluir, queremos dizer que até mesmo a jovem que pensa em fugir da casa paterna, escolherá entre 11 horas e meia-noite, quando esperam que os pais estejam dormindo. Depois dessa hora sentir-se-á medrosa e recuará ante a idéia da hora avançada e da escuridão das ruas, mesmo que o bravo D. Juan a esteja aguardando a poucos passos do portão.

Por isso, no futuro, mais importantes que as linhas das mãos, serão os ponteiros dos relógios. Não os percam de vista!



ACIDENTE! O lar é local favorito para acidentes — especialmente quando você está cansado.

SIM! NADA DISTO ESTÁ CERTO!

A ERGONOMICS Research Society, de Birmingham, Inglaterra, acaba de revelar, em longo relatório, que a altura-**standard** do assento das cadeiras — em geral de dezoito polegadas — não é a mais correta. Para que se tornem mais confortáveis, recomenda que seja adotada a altura de apenas dezesseis polegadas e meia. Tomem nota.

★

O SECRETÁRIO norte-americana do Trabalho, Tobin, revelou, recentemente, que, nos últimos nove meses de 1951, os acidentes do lar mataram duas vêzes mais norte-americanos do que as balas e as granadas nos campos de batalha da Coréia. No mesmo período, os acidentes não fatais foram sete vêzes mais numerosos do que todos os ocorridos com os soldados que lutam naquela península.

★

QUANDO um gigantesco cão São Bernardo, pertencente a um clube de «ski» de Boyne City, **Michigan, foi dado como perdido**, depois de terrível tempestade de neve, numerosos membros do clube organizaram uma expedição para salvá-lo. Encontraram o pobre animal, exausto, num banco de neve, deram-lhe boa dose de «cognac» e levaram-no, em maca, de volta à enfermaria do clube.

★

UM PESQUISADOR famoso, trabalhando para o New York State Department of Mental Hygiene, acaba de informar ao público que o tão falado «sôro da verdade» não é infalível, pois que muitas pessoas, sob a influência da droga poderão continuar negando-se a prestar informações ou — o que é muito pior — dizendo apenas mentiras, particularmente em se tratando de psicopatas.

★

O SUPERVISOR dos cursos de leitura, do College School of General Studies, de New York revela que os estudantes de saias batem, invariàvelmente, os homens nas leituras, devorando páginas e páginas quase três vêzes mais depressa do que os seus colegas de calças. Segundo o mesmo supervisor, isso revela a superioridade feminina quanto ao raciocínio e ao trabalho de dedução, o que significa que possuem cérebros superiores aos dos homens.



OS «MÉDICOS» e curandeiros das tribos africanas estão solicitando aos industriais de Londres mais e mais álbuns e caixas com «truques-mágicos», a fim de melhor ludibriar e impressionar os seus pacientes. Cigarros que explodem, líquidos que mudam de côr, travesseiros que «choram» quando nêles se pousa a cabeça, flores de colares que lançam jatos d'água quando alguém se aproxima para aspirar-lhes o perfume, etc., são as «mágicas» mais solicitadas.



A «VETERANS Administration» acaba de anunciar que continua pagando aos veteranos da «Guerra Civil» norte-americana, pensões no valor de meio milhão de dólares por mês. Nos 86 anos, decorridos desde finda aquêle conflito, os pensionistas já receberam quantia superior a 8 bilhões de dólares.

★

O JACKSON Laboratory, de Bar Harbour, acaba de descobrir que muitos coelhos não possuem... vesícula biliar! Em uma espécie examinada êsse órgão faltava em 10% de indivíduos! Num grupo de cem coelhos, de diferentes espécies, um de cada dezesseis não possuía vesícula biliar.

★

O DEPARTAMENTO de Agricultura dos Estados Unidos declarou, recentemente, que lamentava informar que apenas 2.000.000 de cavalos existem atualmente nos Estados Unidos. Não há muito tempo, em 1915, a população equina norte-americana era superior a 21.000.000!

★

UM MÉDICO do John Hopkins Hospital, de New York acaba de descobrir que não são as crianças fracas e doentias as que mais sofrem por ocasião de uma polio-epidemia, mas sim as sadias. Embora fortes e de saúde perfeita, são as mais vulneráveis a êsses vírus.

★

OS DIRETORES da «Southwestern Bell Telephone Company» ficaram, recentemente, horrorizados e mesmo encabuladíssimos quando souberam que jamais existiu um telefone na cidade de... **Telephone**, no Estado do Texas! Agora estão tratando deestender, urgentemente, uma linha até àquela cidade.

★

AS PESSOAS que gostam de dormir cobertas com pesados cobertores repousam menos do que as que cobrem o corpo com lençóis e outros agasalhos leves, para dormir. Segundo a National Association of Bedding Manufactureres», a razão está em que, para respirar normalmente, o indivíduo adormecido tem que elevar os cobertores com a fôrça dos pulmões 1.000 vêzes em uma hora!

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(Continuação)

As crianças, ao contrário dos pais, pareciam inteligentes, vivas e aproveitáveis. Respondiam com alegria a tôdas as nossas perguntas ou brincadeiras e foi fazendo-as saltar e empurrar umas às outras, para apanhar os vinténs que jogávamos, que proporcionamos aos velhos e moços momentos de distração. Divertiram-se muito com um apito de metal que eu soprava. Quando, por fim, presenteei-o à mulher que me pareceu ser a espôsa do cacique, a felicidade e a alegria daqueles aborígenes pareceu atingir o auge. Guiados pelo próprio cacique, visitamos tôdas as palhoças, em número de quatro. Essas palhoças, retangulares em plano, embora fôssem de tamanhos diferentes, eram tôdas de largura e altura uniformes, sendo a largura de cêrca de quinze pés. A maneira de construir era peculiar e de difícil descrição. A armação consistia em vergônteas verdes, com um comprimento de dezesseis a dezoito pés, que ficavam enfiadas no chão, com um espaço de dois pés entre uma e outra em duas linhas paralelas, com um afastamento de quinze pés. Estas vergônteas, nas palhoças prontas, eram curvadas em direção uma da outra, até que suas pontas se encontrassem. Nesta posição eram amarradas a um pau que, servindo de cumieira, era colocado em cima, ao comprido da palhoça. Havia outros paus, servindo de sarrafos, que eram amarrados, horizontalmente, sôbre as vergônteas curvadas. Era coberta de fôlhas de palmeiras, que vinham desde a cumieira até o solo. As duas extremidades da palhoça eram tapadas com uma armação de varas de bambu, também cobertas de fôlhas de palmeiras. A diferença era que, enquanto os lados eram curvos e formavam o telhado e a estrutura principal da palhoça, as extremidades eram de paredes retas, que não eram, absolutamente, necessárias para sustentáculo do resto da estrutura. Havia, em cada lado, uma abertura estreita para entrada e saída, coberta com fôlhas de palmeiras de maneira tal que, ao entrar ou sair uma pessoa, a única coisa a fazer era puxá-las para um lado.

Esta é a palhoça comum de todos os índios da tribo dos Coroados, quer selvagens ou mansos. Encontramos palhoças completamente iguais a essas, habitadas pelos Coroados selvagens que vivem em Corra de Ferro. Quando, dois anos mais tarde, visitei mais outras tabas de índios no rio Tibagi, vi que as ocas não eram diferentes das de Colônia Teresa. Os índios Botucudos, sôbre os quais terei muito que falar dentro em pouco, fazem as ocas diferentes, assim como também os índios Caioás.

Mas voltemos às ocas dos Coroados. A disposição interna era muito simples. Dos dois lados havia carreiras de fôlhas sêcas de palmeiras. Estas eram as camas dos índios, que dormem dez ou doze em uma oca, com a cabeça voltada para o lado e os pés virados para o meio da palhoça. No centro havia um espaço de cêrca de dois pés e seis polegadas de largura e, ao longo desta passagem, ardia uma fogueira ou mais. Encontramos, em cada oca, uma mulher agachada, cujo dever parecia ser conservar o fogo aceso durante o dia. O único alimento que vimos durante o tempo em que lá estivemos foi o milho, que êles assavam na fogueira. Em cada oca vi diversos papagaios e periquitos domesticados, andando pelo chão e comendo o que achavam e lhes apetecia. Vi, também, variado e grande número de arcos e flechas — estando algumas destas artìsticamente ornamentadas de pigmentos coloridos — pendurados na fôlha de palmeira, além de uma ou duas armas mais civilizadas, como machados e foices, mostrando que, embora os índios tivessem aprendido a fazer roças, semear milho e feijão todos os anos, não tinham ainda abandonado os costumes e as armas dos seus antepassados. De fato, há uma diferença marcante entre as palavras domesticado e civilizado. Êstes índios não tinham, evidentemente, feito muito progresso no que diz respeito à civilização.

Empregamos, mais tarde, alguns dêstes índios para trabalharem conosco, abrindo picadas e, mais adiante, direi algumas palavras quanto ao seu valor como trabalhadores. Embora êles compreendam o valor do dinheiro como meio de troca, sua inteligência não é suficiente para lhes mostrar que uma nota de cem mil réis vale cem vêzes uma nota de um mil réis. Por conseguinte, quando vão vender seus produtos, que são milho e feijão, ou então peixe e caça, na colônia, contam sòmente o número de notas que lhes é dado em troca e não o seu valor. Depois de receberem o dinheiro vão ao negociante que, geralmente, ouve falar destas transações, e espera estas criaturas simples para induzi-las a ir à sua loja. Lá, o negociante lhes mostra bugigangas sem o mínimo valor, como retalhos de fazenda de um vermelho espalhafatoso ou chita de um estampado vivo, pólvora misturada com areia e outros rebotalhos. Por coisas como essas êles entregam fàcilmente os mil réis que custaram a ganhar e o limite do grau em que êles são ludibriados depende da consciência do negociante, que se serve à vontade do maço de notas de mil réis, que o pobre e ingênuo índio entrega de mão aberta em pagamento.

Os índios percebem que são enganados pelos brasileiros, mas a sua ignorância não os ajuda a encontrar um remédio.

Um dos nossos empregados, um índio manso desta colônia, foi roubado desta maneira em seu ordenado de quatro meses. Saiu da loja do negociante, depois de lá haver deixado a importância de 180 mil réis, ou sejam 18 libras, com um chapéu de palha, uma pistola de bronze e um pedaço de baeta vermelha. Êle, em todo caso, parecia bem contente, embora um mês antes quisesse se rebelar porque seu ordenado não fôra aumentado de £ 4.10s. para cinco libras por mês.

Voltemos ao presente. Depois de ficarmos, por

algum tempo, na pequena taba, descemos até o rio para ver uma armadilha de pegar peixes, de que já nos tinham falado a respeito, pertencente aos índios. Essa armadilha fôra colocada num ponto do rio onde havia maior correnteza, mas, com a estiagem, o rio ficara encachoeirado, com uma queda total de cêrca de dois pés e duas polegadas. Na parte superior desta corredeira êles construíram uma barragem de rochas e pedras sôltas, deixando duas ou três aberturas, em determinados lugares, para a saída da água e passagem dos peixes. Nos canais assim feitos, colocaram o ponto convergente das varas de uma peneira, em forma de leque, feita de taquaras. Essa peneira, com as varas ligeiramente curvadas para baixo na extremidade superior, tinha um comprimento tal que, enquanto o seu ponto de convergência se encontrava diversas polegadas mergulhado, a extremidade oposta ficava, ao contrário, duas ou três polegadas acima da superfície, completamente fora d'água.

Os peixes, procurando uma saída, por baixo da correnteza, depois de terem sido impedidos pela reprêsa, eram obrigados a passar por êsses canais, de onde a fôrça da água os arremessava à outra extremidade do gradil, ficando êles, não só fora do alcance da correnteza que os trouxera, mas, também, impossibilitados de voltar à água, que agora tinham, apenas, a satisfação de ver passar.

A armadilha é assim muito simples e eficiente, embora tenha de ser freqüentemente arranjada, em virtude do nível instável do rio. Além disso, só pode ser usada na estação sêca. Na ocasião das enchentes a reprêsa é, geralmente, carregada pelas águas e, por isso, todos os anos, ela tem que ser trabalhosamente feita de novo.

Vimos diversos peixes serem apanhados enquanto examinávamos a armadilha primitiva. Eram conhecidos como cascudos, pelo fato de serem revestidos de uma casca dura, em lugar de escamas. As nadadeiras eram providas, cada uma, de um ferrão ósseo longo e ponteagudo que, sem dúvida, era usado como proteção contra os inimigos. Êsse ferrão é mais perigoso do que parece, porque o peixe em questão tem o hábito de fingir-se de morto e, quando vai ser apanhado, dá um salto inesperado para trás, ferindo severamente a mão imprudente. As lontras, que são os seus maiores inimigos, têm um modo especial de agarrá-los pela barriga, evitando, assim, o contato daquela perigosa arma. Pelo grande número de cascas, que costumávamos encontrar nas rochas que margeavam o rio, deduzimos que a lontra gosta muito do cascudo.

Durante nossa estada na colônia, os índios nos presenteavam fartamente com êstes peixes. Eram deliciosos quando assados nas brasas.

Outra espécie de peixe, completamente diferente e que tinha o nome de surubi, aparecia, ocasionalmente, à nossa mesa ao almôço. Êsse peixe não tem casco, nem escamas, nem arma nenhuma com que se defender. Êle é protegido pelos seus hábitos noturnos e pela sua côr mosqueada, que nos dificulta a visão, pois mal os distingüimos da lama em que vive. Os que os índios geralmente apanhavam pesavam de duas a três libras cada um. No entanto, um pouco mais rio abaixo, nós costumávamos pegá-los com doze e quinze libras, principalmente por meio de linhas de espera que deixávamos durante à noite e, também, por meio de rêdes.

Depois de visitar a armadilha de pegar peixe, pedimos a um dos índios para nos mostrar a sua habilidade com o arco. Êle então levou-nos consigo para uma floresta, que ficava atrás da aldeia, onde havia sido feita uma clareira. Aí, bandos de papagaios saíram das árvores e, esvoaçando, gritavam no ar, preocupados com a nossa presença.

Avisando-nos com um movimento da mão para que ficássemos bem quietos, o índio adiantou-se sòzinho e ajoelhou-se no meio da pequena clareira, com o arco na mão, a flecha já encostada no cordão e apontada na direção dos barulhentos papagaios. Durante um espaço de três ou de quatro minutos o Coroado ficou assim ajoelhado, imóvel como uma estátua, esperando que os papagaios pousassem novamente. Daí a pouco foi aquela algazarra substituída por um murmúrio peculiar aos papagaios, quando estão comendo juntos. Muito devagarzinho o índio suspendeu algumas polegadas do chão a extremidade do seu arco, e sem que lhe notássemos um só movimento do corpo, soltou a flecha que foi às grimpas de uma árvore.

A flecha foi recebida com uma tremenda gritaria; os papagaios abandonaram os ramos, soltando os gritos mais dissonantes. Chegamos ainda a tempo de ver a ave, que o índio havia atingido, caindo, aturdida pela pancada da flecha romba, entre os galhos e vir ao chão.

Parece-me que esta era uma das maneiras dos índios capturarem papagaios vivos. Sendo aves muito fortes, êles logo saem daquele estado de aturdimento que a flecha lhes infringe e voltam a viver — mas como prisioneiros.

Despedimo-nos de nossos amigos de pele vermelha, atravessamos novamente o rio, e encontramos o capitão Palm que voltava de uma excursão de três dias que fizera, de canoa, pelo rio Ivaí, correnteza abaixo.

As novidades que trouxera a respeito da natureza da região e da caça lá encontrada eram bastante animadoras para nós. Caçara galo silvestre, tinha visto muitos rastos de veados e de antas, e apanhara peixe suficiente para si e para os três homens comerem durante a excursão.

O rio tinha muitas corredeiras e a floresta às suas margens era tão densa que ninguém podia lá entrar sem abrir caminho. A região era cheia de elevados outeiros e barrancos íngremes. Êstes eram os principais obstáculos físicos que teríamos de enfrentar e vencer com nossos próprios esforços. Tôdas as trezentas milhas de região, que tínhamos diante de nós e nas quais teríamos de fazer uma vistoria minuciosa e científica, eram completamente selvagens e despovoadas. Para mim e Curling, a perspectiva de uma vida agreste nos enchia de prazer. Para os outros dois, que não tinham "nascido ou sido criados no campo", a mesma perspectiva não tinha tais encantos.

Nesta noite fomos todos jantar na casa do

diretor da colônia, de acôrdo com o convite que nos fôra prèviamente feito. Embora fôsse êle o primeiro homem do lugar, não morava numa casa muito grande. Sua habitação era feita de pau a pique, tendo apenas três cômodos e uma puxada que servia de cozinha. Quando entramos na sala de visita, que era também a sala de jantar, seus únicos ocupantes eram o Sr. Jocelyn Borba e um porco grande, que estava procurando virar a mesa, sôbre a qual o jantar já estava pôsto. Para fazer justiça, podemos dizer que êle bem merecia casa melhor. Quando, no decorrer da palestra, explicou que havia saído da Casa Grande para nos cedê-la — pois era aquela a maior e melhor casa de Colônia — percebemos a tolice de julgar-se pelas aparências.

A senhora, ao contrário do que vínhamos observando, sentou-se à mesa conosco ao lado do marido. Fomos servidos por uma negra muito feia, que dividia a sua atenção entre nós e o porco que, embora houvesse recebido um pontapé do diretor e pancada dada pela escrava, recusou-se a sair da sala.

Quando estávamos jantando, observamos o mesmo costume curioso de Ponta Grossa; o povo também apareceu para nos visitar. Houve uma vez, durante a refeição, em que contei cêrca de vinte indivíduos de pé ou agachados, encostados na parede, em volta da sala, fitando-nos silenciosamente. Não diziam nada e nem esperavam que se lhes dissesse. Comecei a cismar com aquela prolongada maneira de olhar. Por fim, para meu alívio (não sei o que os outros sentiram), êles começaram a sair um a um; quando acabamos de jantar, todos já haviam desaparecido. Quando conversamos com o diretor a respeito, êle, então, nos explicou que aquêles eram os caboclos do lugar e que apenas queriam nos cumprimentar. O Sr. Borba não se impressionava com a maneira ridícula da visita, como nós. Estava, sem dúvida, habituado com os costumes sertanejos, embora tivesse passado a parte principal de sua juventude na atmosfera civilizada de Curitiba.

Obtivemos muitas informações úteis do Sr. Borba naquela mesma tarde. Êle havia passado parte de sua vida na província e, por algum tempo, havia sido diretor de um aldeamento de índios, na margem do Paranapanema; visitei êste rio dezoito meses mais tarde. Julgando-se pelo que nos disse de sua vida presente e passada, era êle um homem bem conservado, não parecendo ter mais de quarenta anos.

Na manhã seguinte, depois do café, eu, Curling e o capitão Palm saímos para dar uma volta e conhecer a colônia, com o propósito de saber quais eram as possibilidades de se conseguir homens, comida e canoas — os três requesitos principais para completar a organização de nosso grupo.

A colônia era um pouco maior do que julgara no dia da minha chegada. Muitas casas pequenas, situadas à direita da colônia pròpriamente dita, tinham, naquele dia, escapado à minha observação, porque estavam ocultas por árvores e por elevações de terrenos. Visitamos tôdas as casas, e em cada uma delas colhemos informações valiosas, retribuindo assim as visitas que êles nos fizeram, na noite anterior, de uma maneira bem vantajosa para nós. O povo ficou contente por têrmos ido vê-lo e tratou-nos com simpatia. A quantidade de café, mate e cachaça que bebemos — pois em cada casa em que entrávamos uma ou outra destas bebidas nos era oferecida com insistência — e o grande número de cigarros que fumei, não tentarei aqui calcular. Os habitantes, em suas casas, mostraram ser mais palradores do que a burlesca visita da outra noite nos fizera supor. Muitos haviam andado do Ivaí ao Paraná e podiam nos dar informações úteis e de importância capital. Estas visitas, feitas de casa em casa, foram enfadonhas, porque a conversa tinha de ser feita por meio de intérpretes e, além disto, seus resultados principais não eram de natureza satisfatória. Era claro que só a colônia não podia nos fornecer todo o necessário em homens e provisões. No que se refere aos primeiros, parecia provável que pudéssemos obter um número suficiente para preender as nossas necessidades nos primeiros dois ou três meses — isto é, enquanto ainda estávamos a uma pequena distância de nossa sede. Mais tarde, quando fôsse necessário uma turma maior de homens para manter nossas comunicações, seria então necessário tomar outras providências, para trazê-los, de tempos em tempos, de outras cidades e povoações da província.

Em seguida, no tocante à comida: os brasileiros não queriam trabalhar conosco sem que lhes déssemos, em abundância, o seu alimento habitual, que consistia em *feijão, farinha* e *toucinho*. Também exigiam carne, ocasionalmente. Esta última todos concordavam que podia ser substituída por caça, como antas, veado e porco do mato, que eram encontrados em grande quantidade nas margens do rio, correnteza abaixo. O diretor já havia nos dito que os três artigos, mencionados anteriormente, eram absolutamente essenciais, porque nenhum brasileiro trabalharia um só dia sem isso.

O colono agora só plantava êstes grãos em quantidade necessária para o seu gasto durante o ano, não sobrando nada para ter de reserva. Se, portanto, tirássemos a maior parte dos homens capazes de suas roças, para virem trabalhar conosco, era evidente que, em pouco tempo, teríamos de arranjar de outras fontes alimentos não só para nós, mas para tôda a colônia.

De onde viriam então êstes gêneros alimentícios? Ponta Grossa e Tibagi eram as cidades mais próximas, daquele lado do rio e, do outro lado, a única cidade que havia era a pequena Guarapava. Tôdas duas ficavam a dois ou três dias de viagem de Colônia Teresa. Soubemos que os caminhos de burros, de Colônia Teresa para outros lugares, eram muito ruins durante as chuvas de verão, e que ficavam intransitáveis durante meses seguidos. Com o correr dos tempos, resolvemos organizar um depósito de gêneros na colônia e nomear um agente em Ponta Grossa, cuja obrigação era mandar, semanalmente, uma quantidade regular de mantimentos, enquanto as estradas estivessem transitáveis. Desta forma, nós nos precavíamos contra qualquer escassez de gêneros, durante os três meses seguintes, até que o capitão Palm voltasse mais uma vez. Se, en-

tão, achasse necessário, êle indicaria agentes adicionais para nós em Tibagi e Guarapava.

Veio por fim a questão das canoas. Como a exploração se realizaria mais ao longo das margens do rio, êste seria usado, naturalmente, como estrada.

A colônia não tinha muitas canoas. Parece que havia, apenas, duas canoas pequenas, feitas de tronco de árvore, além de uma que o capitão Palm já tinha comprado para nós. Em todo o caso viviam, na colônia, dois fabricantes de canoas, e a êstes demos uma encomenda, com urgência, de cinco canoas grandes.

A consideração e a determinação final dêsses planos ocuparam a nossa atenção até o dia 7. No dia 8 o capitão Palm partiu para Antonina, de volta para Miranda, onde faria uma visita aos terceiro e quarto grupos que já estavam terminando o trabalho, prometendo voltar a Colônia Teresa dentro de três meses. Mas — o homem põe e Deus dispõe — foi esta a última vez que vimos o capitão Palm.

CAPÍTULO II

Falta de iniciativa dos colonos. ★ Médico improvisado. ★ Um fandango. ★ O começo do verão. ★ O primeiro acampamento na floresta. ★ A "pólvora". ★ De manhã cedo na floresta. ★ Modo de vestir. ★ A foice. ★ A queda de um monarca. ★ Vamos comer.

Antes de levar o leitor ao seio das grandes florestas primevas, nas quais íamos agora encontrar o nosso novo lar, devo dizer mais algumas palavras sôbre o povo desta pequena Colônia Teresa, que forma uma das vanguardas da civilização do oeste, para o interior do Brasil.

Em primeiro lugar, não só pela idade como também pelo valor, devo falar sôbre a Mãe da Colônia — apelido dado por nós a uma senhora idosa, de mais de oitenta anos, conhecida na intimidade como "Maruca Velha", pelo duplo fato de ser ligada, por casamento, a tôdas as famílias da colônia, e pela hospitalidade sem limites que sempre oferecia, não só a seu próprio povo, como também a nós e a nossa turma de europeus.

Esta senhora era dotada de uma grande nobreza de caráter, que se notava ser natural. Era respeitada e amada por todos. Em seu tempo, muito contribuíra para o aumento de população da colônia, pois quase tôdas as crianças do lugar eram netas da Velha Maruca e os que não fôssem netos eram bisnetos.

Tinha cinco fortes filhos solteiros que ainda viviam com ela. Dêstes, dois foram nossos empregados por curto espaço de tempo. Eram tão preguiçosos — o orgulho brasileiro nêles era intensíssimo; isto é, consideravam vergonhoso qualquer trabalho — que ficamos satisfeitos no dia em que nos vimos livres dêles. Como empregados não valiam nada mas, na casa de sua mãe, como anfitriões, eram magníficos.

A preguiça e a falta de iniciativa pareciam ser o grande mal do povo da colônia, e isto era patente em tôda parte.

Embora o solo fôsse muito fértil e o clima próprio para o cultivo de frutas e legumes tropicais e temperados, não tentavam cultivar coisa alguma, nem mesmo os necessários à vida, como feijão, arroz e milho. Embora o povo não tivesse com que se ocupar durante nove meses no ano, não se via uma horta no lugar e creio que nenhum dêles nunca pensou em fazer, ao menos, um jardim. Devo, também, dizer que nunca ouvi pessoa alguma, na colônia, pronunciar a palavra *jardim*. Chego mesmo a pensar que ninguém saberia a sua significação se a pronunciássemos diante dêles.

Ainda que houvesse leite com fartura, não se conhecia a manteiga.

Vi a planta do fumo em estado nativo no ádito da mata: contudo, todo o fumo que se usava na colônia vinha de uma distância de 100 milhas ou mais.

A cachaça, que é feita destilando-se o caldo da cana de açúcar, era a única indústria verdadeira porque se interessavam e, assim mesmo, estava ela na mão de um alemão e não na de um brasileiro.

Para falar sinceramente, pode-se dizer que Colônia Teresa era muito pouco mais adiantada do que a aldeiola dos índios, do lado oposto do rio, que descrevi no último capítulo. Seus habitantes existiam, mas não viviam. Se houvesse um terremoto repentino ou uma enchente e êles morressem, pode-se dizer, com tôda segurança, que a sua destruição seria um acontecimento encarado com indiferença pelos habitantes de tôda a província — com exceção de nós. Esta colônia era um fardo que o estado vinha carregando desde a sua fundação, pois custara grandes somas de dinheiro, cuja paga havia sido o nascimento de meia dúzia de homens que serviram ao país, mais ou menos contra à vontade, na Guerra do Paraguai.

A culpa, entretanto, não caía tôda sôbre o povo. Uma colônia nova não pode ter oportunidade sem bons meios de comunicação com o mundo exterior. Os péssimos caminhos de burros que, neste caso, são os únicos meios de comunicação com outros mercados, não servem para fins comerciais, porque qualquer lucro que fôsse conseguido nos negócios seria absorvido pelas dificuldades decorrentes do transporte. No entanto, um ou dois homens, com um pequeno capital e mais um pouco de iniciativa pessoal, poderiam, creio, tornar Colônia Teresa uma aldeia importante no Estado.

De manhã, antes de sair para trabalhar, e à noite, depois de voltar, eu me via cercado de inúmeros pacientes, de tôdas as idades e de ambos os sexos, pedindo conselhos médicos e remédios os mais diversos.

Os conhecimentos que eu tinha da nobre ciência da medicina, ao chegar à Colônia, eram os mais reduzidos possíveis mas, por uma razão ou outra que nunca pude descobrir, fui, desde o princípio, elogiado pelos colonos e levado à dupla dignidade de doutor em medicina e em engenharia — e daí em diante, durante os dois próximos anos, retive a dignidade que me foi imposta sem contestação por parte de quem quer que fôsse.

O nosso grupo havia trazido grande quantidade de medicamentos e instrumentos cirúrgicos, que

desde o começo ficaram sob a minha guarda e, por meio dêles, esforcei-me, em tôdas as ocasiões que se apresentaram, para manter a minha reputação.

O número de casos de dor de dentes era espantoso. Era difícil encontrar-se um homem ou mulher, com mais de dezesseis anos de idade, que pudesse dizer ter dentadura sã, como era difícil passar-se um dia sem que eu fôsse chamado para usar o boticão no dente de alguém. Entretanto, não podia atinar a razão dêste mal tão generalizado ali. Só mais tarde vim a descobrir que a causa principal era o povo comer muita rapadura e tomar mate quente. E' provável que o mal resultasse, em parte, de uma certa doença endêmica que tanto fazia a colônia sofrer. Os médicos habituais eram as mulheres velhas, que tratavam com remédios caseiros feitos de erva e raízes que a floresta fornecia em abundância.

Uma noite, fomos convidados para um baile chamado "fandango", dado por um caboclo da aldeia, ao qual eu e Curling fomos juntos. Ao entrarmos na casa em que a festa se ia realizar, vimos que o chão era de terra batida e em tôda a volta da sala estavam as belezas da aldeia, encostadas à parede, metidas em limpos vestidos de algodão estampado, confeccionados cuidadosamente para a ocasião.

No centro da sala, onde não se via mobília alguma, achava-se reunido um grupo de cêrca de doze rapazes do lugar, fumando cigarros e conversando de chapéu na cabeça, parecendo não se lembrarem de estar na presença de senhoras.

Parece que a nossa entrada marcaria o início da festa. Os violeiros começaram a tocar e, pela primeira vez, os rapazes começaram a dar atenção às recatadas porém prudentes donzelas, que até aí tinham esperado, silenciosamente, o momento de se divertir. Cada um dos cavalheiros escolheu uma dama, formando-se dez pares que se dispuseram em forma de roda no meio da sala, e o baile começou.

Com um passo batido e lento, mas rítmico, os homens começaram, primeiro a dançar com o compasso da música, adiantando-se para o centro do círculo e depois voltando à primeira posição. As moças também batiam os pés, mas não iam ao centro do círculo. Ao fim de, mais ou menos, cada doze compassos musicais, homens e mulheres batiam palmas três vêzes, o que servia de sinal para que todos dessem mais intensidade aos movimentos do corpo e batessem os pés com mais fôrça no chão. Sùbitamente um dos dançarinos, com uma bonita voz, começou a cantar uma linda canção em perfeita harmonia com a música, sendo as últimas palavras da letra repetidas em côro. Parou então de cantar, ouvindo-se, apenas, o melancólico tum, tum, tum das violas e o ruído produzido pelos pés que continuavam a bater sem cessar. Daí a pouco um segundo dançarino começou a cantar, terminando, também, num côro geral.

Observamos que, em cada uma dessas ocasiões, os olhos dos dançarinos ficavam voltados para nosso lado, como se estivessem dirigindo-se a nós. Soubemos depois pelo nosso intérprete, que também estava presente, que estávamos sendo convidados para dançar.

De boa-vontade escolhemos, cada um, uma donzela das que ainda restavam encostadas à parede e fomos para a roda, no meio da sala.

Durante todos aquêles minutos, que não pareciam terminar, tivemos, como êles, de bater os pés, sacudir os braços, saracotear e bater palmas. À proporção que a dança continuava, a agitação ficava mais forte, a voz transformava-se em grito, o menear do corpo, antes gracioso, nada mais era que contorsões violentas, entrando em cena todos os movimentos característicos de uma dança guerreira de índios norte-americanos. Eu e Curling saímos sorrateiramente do meio dos dançarinos e ficamos a um canto.

A atmosfera da sala estava cheia da fumaça dos cigarros, através da qual as velas de cêra, enfiadas na parede, lançavam a sua luz triste e sombria. De repente a música parou; os menestréis já estavam com os dedos cansados, terminando, assim, a dança. O interêsse social entre os pares também acabou-se, sem-cerimônia de nenhuma espécie. O rapaz afastou-se da dama sem dizer palavra ou mesmo olhar para ela: e a donzela desprezada, não vendo mais necessária a sua presença ou colaboração, voltou, mais uma vez, ao seu lugar, onde permaneceu recostada à parede até começar a parte seguinte.

O dono da casa ofereceu refrescos, feitos de cachaça e água, assim como cigarros, a todos os rapazes presentes, que agora haviam-se reunido, novamente, aos grupos de três e quatro, no meio da sala. Durante a dança os pares não conversaram, e agora não se via nenhum sinal de cortesia dos cavalheiros para com as damas abandonadas.

Parece-me, entretanto, que êste modo de proceder não era conseqüência de indiferença ou falta de galanteria por parte dos homens, mas sim pelo costume geral que parecia proibir a mais ligeira intimidade entre os sexos. O longo tempo que fiquei nesta colônia agreste não foi bastante para me convencer da perfeita eficiência dêstes regulamentos severos de sua sociedade. Em todo caso, na falta de um padrão de educação melhor para as mulheres, êles são sem dúvida necessários.

No dia 13 de setembro, a estiagem de muitos meses, que a colônia atravessou, havia terminado. Caiu forte aguaceiro durante dois dias consecutivos. O rio começou a subir ràpidamente e o brejo, que havia em frente da aldeia, ficou povoado de sapos, que tôdas as noites faziam serenatas para os moradores, com o seu coaxar lamentoso e triste. Parece que é habitual, em grandes partes da província do Paraná, chover de meados de setembro até fins de outubro. Essas chuvas são, como os aguaceiros de abril na Inglaterra, quem marcam o comêço do verão. Começa a nascer o capim novo nos prados que foram queimados e o lavrador brasileiro inicia então o plantio de milho, feijão e arroz em sua roça.

No dia 16 as chuvas pararam e durante alguns dias tivemos um tempo mais estável. O clima, contudo, pareceu ficar, nestes poucos dias, mais acentuadamente tropical do que antes. Sentíamos mais calor, embora a leitura do termômetro não mostrasse grande aumento de temperatura. A atmosfera da floresta ficou mais carregada de

vapor e, nesta ocasião, começamos a sentir a existência dos insetos tropicais que, daí em diante, seriam para nós um tormento sem fim.

No dia 24 de setembro, saímos da colônia com destino ao nosso primeiro acampamento, que ficava na direção do Paraná, num local anteriormente escolhido à margem do rio. Como nenhuma das canoas que havíamos encomendado estivesse pronta, alugamos tôdas as disponíveis, não só da colônia como também dos sítios, para nos conduzirem, com a nossa bagagem, ao acampamento.

O lugar foi escolhido à margem do rio principal, perto da foz de um pequeno tributário seu, chamado "Barra do Doutor", pelo qual esperávamos ter a vantagem de comunicação fluvial entre o acampanmento e a linha de exploração que, segundo calculávamos, atravessaria o rio Barra num ponto a cêrca de uma milha da sua foz.

Outra vantagem era que êste lugar estava fixado nas proximidades de um sítio. Nossas tendas foram armadas ao lado de um rancho de madeira habitado por um dos filhos da velha Maruca que, a propósito, tinha casado com a própria sobrinha, e morava aí com a mulher e os filhos durante três partes do ano. Os animais criados no sítio eram porcos e galinhas e, por isso, podíamos ter também ovos à vontade, muito perto.

Nossa vida agreste começara aí regularmente. Com as primeiras claridades do dia, todo o acampamento se movimentava. Não ficava ninguém deitado depois do sol sair. Ao despontar da aurora eram todos expulsos da cama por uma môsca pequenina, que os camaradas chamavam de *pólvora*, talvez pelo fato de ser leve como a poeira ou por aborrecer muito, considerando-se o seu tamanho.

Não havia mosqueteiro que a detivesse, pois penetrava nas mais finas malhas.

No momento em que o primeiro raio de sol aparecia no horizonte, miríades dêstes bichinhos voavam do solo em nuvens escuras e se emaranhavam nos cabelos e barbas, assim como pousavam em tôdas as partes expostas do corpo, inserindo na pele a sua tromba minúscula porém venenosa, que produzia uma irritação, dando a impressão de queimadura, — tão intensa que nenhum homem podia mais dormir por um minuto sequer. Foi assim que despertamos, no nosso primeiro dia no acampamento.

Nós e a maioria dos europeus saíamos da barraca indo diretamente para o lugar em que as canoas ficavam arramadas, na foz do rio Barra, onde as águas eram profundas e serenas e, aí tomávamos um ótimo banho. Nossos camaradas brasileiros preferiam ficar acocorados em volta do fogo, no acampamento, fumando cigarros e chupando chimarrão, a banharem-se. O café ficava pronto às seis horas mais ou menos e às seis e meia várias turmas, A, B, etc., estavam nas canoas, gritando *"s'embora, s'embora"* com tôda a fôrça dos pulmões, ecoando seus gritos nos morros cobertos de floresta e dando animação à partida.

Às sete horas e, algumas vêzes, um pouco mais tarde, já se ouvia o bater do machado na floresta e um pouco depois o ruído ensurdecedor da queda de árvores, pois a larga picada era cortada, jarda por jarda, através de uma floresta de grossas árvores e fechada de arbustos.

Havia qualquer coisa de delicioso nestas manhãs na mata. A frescura animadora do ar e a beleza selvagem da vegetação viçosa das árvores e das flores, as gôtas cristalinas do orvalho brilhando sôbre as fôlhas das samambaias, davam-lhe um encanto que só pode ser apreciado por aquêles que o vêem e o sentem.

Estávamos no mês de setembro e a temperatura, depois das onze horas, subia para mais de 80º Fahr.; mas pela manhã, raramente ia além dos 60º. Os insetos só incomodavam, de fato, duas ou três horas depois de amanhecer o dia. Só uma coisa era necessária, nesta ocasião, para aumentar a nossa satisfação, que seria, então, completa: o que nos faltava eram roupas adequadas para ser usadas ali.

Os brasileiros só usam roupa de algodão e linho e por isto que estão sempre sofrendo de *constipação*, que é um estado mórbido produzido pelo resfriamento rápido depois de um trabalho vigoroso. Nesta ocasião eu ainda não sabia que indumentária servia para se usar, diàriamente, ali naquelas florestas. Alguém nos havia avisado na Inglaterra, que a única roupa para resistir ao uso, nas florestas do Brasil, era feita do mais grosseiro pano de velas de barco; se nós íamos para lá, teríamos de nos munir desta espécie de vestimenta. De fato, quase todos os engenheiros da expedição foram assim induzidos a proceder, fazendo uma roupa pesada e incômoda, pior que couro de boi. Era com êste material que eu, nesta ocasião, com a minha inexperiência, vestia-me da cabeça aos pés.

E' bem verdade que, assim vestido, me protegia dos espinhos, das cobras e provàvelmente também das onças. Mas, sob o pêso daquela roupa, perdia-se tôda a facilidade de movimentos e era com grande sacrifício que se andava através da picada, ficando com o corpo lavado de suor. Quando o calor do dia abrandava eu entrava num banho gélido, durante o qual sentia doer e enrijecer cada junta e cada membro do meu corpo. Sofri, por algumas semanas, esta tortura por mim mesmo imposta mas, depois que tive uma inflamação, que em poucas horas quase me causou a morte, deixei de usar esta roupa que mais parecia uma couraça, passando a vestir um costume de flanela. As pernas, do joelho para baixo, são as partes do corpo que estão mais sujeitas a ferimentos e arranhões nestas florestas. Para protegê-las eu usava um par de meias compridas e grossas, feitas à mão, por cima da perna da calça de flanela; quando estas acabaram, passei a usar polainas de couro de veado, curtido e preparado por nós. Completavam o meu traje de floresta um par de botas de caçar, uma camisa de flanela com um bôlso ou dois e um grosso chapéu de feltro de cortiça. Recomendo êsse traje como sendo o mais útil, o mais confortável e posso até acrescentar, o mais bem arranjado para aquêle serviço.

O mato baixo desta parte da floresta onde agora fazíamos a picada era fechadíssimo. Os cumes e as encostas dos pequenos morros, cheios de altos e baixos pois que eram aí a formação característica da região, estavam densamente co-

bertos de bambu. Os lados dos barrancos e o fundo eram cobertos de taquaras que se enlaçavam e de arbustos de espinhos, de modo que, pelas razões expostas, o trabalho de cortar a picada era necessàriamente lento e laborioso.

Nós tínhamos trazido um sortimento de foices inglêsas mas, como estas não pudessem ser empregadas na abertura da picada, tivemos de comprar foices brasileiras.

Todos os nacionais usam a foice para fazer roçado — esta ferramenta não pode ser melhorada, considerando-se o trabalho a que se destina fazer.

Pela fotografia que acompanha esta descrição, pode-se ver que aquêle instrumento se assemelha ao podão, com a diferença que a extremidade do gancho não é ponteaguda, porém plana e romba. Observa-se também que êle não é colocado em linha reta com o cabo, como acontece com o padrão comum inglês, mas prêso àquele por meio de um joelho curto. A vantagem da beirada romba, sôbre a ponteaguda, é clara para qualquer pessoa que já viu o emprêgo da foice. O joelho é também uma parte muito importante de seu feitio. Êle amortece o choque quando a pancada é vibrada num pau muito duro. E' em mato de pau assim resistente que ela é, freqüentemente, empregada; estando munida desta espécie de amortecedor, êste protege a duração do cabo e da própria ferramenta. Só olhar os homens abrindo a picada naquelas densas florestas tornava-se fatigante. O mato baixo consistia em trepadeiras e taquaras. Era um alívio para todos quando os machadeiros eram chamados para representarem o seu verdadeiro papel. Um silvícola brasileiro é, talvez, o melhor machadeiro do mundo; ninguém o vence.

— Machadeiros! Machadeiros! Ouvindo isto, os dois musculosos machadeiros, que há algum tempo vinham trabalhando na turma dos picadores, levantaram-se do chão onde estavam sentados, descansando de um trabalho que haviam acabado de fazer, e vieram tomar os seus lugares, mais uma vez, ao lado da árvore condenada. Com um olhar decidem para que lado deve ela cair e começa a exibição de fôrça, resistência e habilidade, qualidades essas que num brasileiro são raramente observadas, a não ser nessas ocasiões. Com golpes ritmados, vagarosos a princípio, porém firmes, que caem com precisão cronométrica, não se desperdiça nem um pouco de energia. Aparecem logo dois cortes em forma de cunha, sob os amolados machados, que agora rodopiam no ar e, cadenciadamente, caem em sucessão rápida sôbre o tronco. Os cortes em forma de cunha afundam cada vez mais, num espaço de quinze a vinte minutos. O suor lava as costas nuas dos homens, mas mesmo assim êles continuam desferindo os golpes sem diminuir a sua violência. De repente ouve-se um baque, e quem está em posição adequada percebe o tronco fazer um movimento sacudido para a frente, e as fôlhas tremeram como se sentissem a destruição iminente.

Animados pelo ruído da árvore, os dois homens agora competem-se na fôrça e na rapidez dos seus golpes sucessivos, cada vez mais rápidos. A árvore se vai movimentando lentamente, tão lentamente que o movimento só pode ser observado por causa dos cipós presos à ela, que de um lado vão-se estirando gradativamente, enquanto do outro ficam frouxos e formam uma espécie de barriga. O segundo e último sinal de advertência vem como o detonar de uma pistola. Os madereiros procuram refúgio, porque a queda de uma árvore provoca a queda de muitas outras. Seu trabalho está feito. Simultâneamente com êste segundo sinal, a árvore dá outro balanço mais pesado para a frente, desaparecendo com um estrondoso ruído nas profundezas da ravina, lá embaixo, entre um emaranhado de trepadeiras, cipós e vegetações de tôdas as espécies, que formam a abóbada superior de uma floresta brasileira. No seu tombo ela arrasta grande quantidade de parasitos, vegetação acumulada em centenas de anos, e amassa sob o seu pêso inúmeras árvores novas. Muito tempo depois da árvore ter assim desaparecido pelo precipício abaixo, ouve-se apenas o ruído estrepitoso dos galhos que se partem lá embaixo. Além disto, só se percebe, lá no fundo, o rasgo largo aberto na abóbada do arvoredo, mostrando que caiu ali um dos monarcas da floresta. A picada é sempre feita na orla de um profundo precipício e, às vêzes, com uma montanha de um lado e um barranco íngreme do outro. Desta forma, quando se tomba uma árvore, ela sai completamente do caminho, não servindo mais de obstáculo, absolutamente. Os madereiros, extenuados, limpam o suor das frontes, peito e braços, vestem novamente a camisa e deitam-se no chão, enquanto os picadores recomeçam seu trabalho estafante através da vegetação densa. E assim vai o trabalho na picada, até o sol chegar ao meridiano, quando se faz sinal de parada de trabalho para o homem que estiver mais perto. Êste, então, grita: vamos comer, comer, comer-r! Todos abandonam os machados e as foices, reunindo-se em volta do embornal de comida, aberto no meio da picada.

Por ser o patrão, eu recebi um prato feito de um pedaço do cerne da árvore do palmito e uma colher feita de bambu. A comida era a habitual: mistura brasileira de feijão com farinha, bem temperado com toucinho e sal. Êles punham uma quantidade regular desta mistura, a qual eu não achava tentadora, no meu prato — é verdade que é boa quando a gente está acostumado — depois do que os camaradas metiam as colheres dentro da saca e começavam a comer todos juntos e, às vêzes, sòmente com duas colheres para tôda a turma.

Há sempre um homem mais pacato que é escolhido para voltar ao último riacho, que a picada atravessou, para apanhar água. Xícara ou canecões não existem. Numa floresta brasileira, tanto estas coisas como pratos e colheres aparecem feitos à mão. Daí a poucos minutos o mensageiro volta com uma dúzia ou mais de curtos gomos de bambu, amarrados com um cipó, contendo, cada gomo, meia pinta de água. À esta hora a parte sólida da refeição já havia sido engolida e o brasileiro, fiel a seus hábitos, primeiro lava a bôca com um pouco daquela água e depois satisfaz a sêde bebendo a restante. Êste hábito de assim lavar a bôca depois de cada refeição é muito bom, embora não pareça dar aos nacionais a recompensa de bons

dentes. Eu fiquei tão habituado a êste costume dos camaradas brasileiros, que foi com dificuldade que o abandonei quando voltei para o Rio de Janeiro e tive de usar palitos.

E' curioso como neste ponto particular da higiene, o progresso segue em direção oposta à marcha progressiva da civilização. O índio e o brasileiro habitantes das florestas lavam a bôca depois de cada refeição. O povo do Rio de Janeiro, assim como a maioria dos moradores das cidades do continente, faz o uso livre do palito, o que corresponde a voltar um passo do ponto onde estão os índios; e nós, na Inglaterra, onde a civilização é a mais adiantada de tôdas, ignoramos êstes dois métodos religiosos de se preservar a saúde, satisfazendo-nos apenas com uma "toilette" feita de manhã.

Depois dêste repasto simples, porém sadio e substancial, segue-se um dos mais agradáveis minutos do dia. Uns puxam de seus cachimbos, outros de seus cigarros, e se deitam preguiçosamente no chão, ficando num estado de repouso onírico, pela influência combinada do calor, do zumbido de inúmeros insetos, que agora não ousam se aproximar, pela fragrância do forte fumo brasileiro, e pensa-se, durante êsses poucos momentos, que não há nada que se compare com a vida agreste.

Êste é o esbôço das características principais de um dia comum, sem novidades, na picada. A parte da tarde é apenas uma reprodução da manhã, e assim continuamos dia a dia, durante todo o mês de setembro. Depois dêste mês, os incidentes começaram a aparecer e a vida tornou-se muito mais variada e muito mais penosa.

CAPÍTULO III

Começam as dificuldades. ★ A primeira cobra encontrada. ★ A história de João Miguel. ★ Uma anedota interessante. ★ A cobra preta. ★ A vida dos insetos na floresta. ★ A abelha mirim. ★ Seu instinto maravilhoso. ★ Falta de gente para tomar mel. ★ O carrapato. ★ Os escaravelhos verdes e como pegá-los. ★ Uma brilhante exibição. ★ O grande besouro de fogo. ★ Novo plano de trabalho. ★ Campos de florestas.

No dia 8 de outubro, um mês exatamente depois do começo das explorações, o Grupo II sofreu a perda de um de seus membros. S—, que há muito tempo vinha mostrando não se habituar ao clima nem ao modo de vida que levávamos, foi forçado a renunciar em virtude do estado deplorável de sua saúde. Todo o seu corpo estava coberto de apostemas, que eram o efeito combinado do clima e das ferroadas dos insetos e, em conseqüência disto, achava-se completamente enfraquecido. Não vendo possibilidade da vida tornar-se mais fácil, o que lhe poderia dar uma chance de convalescença (pois íamos agora entrar no verão — estação que a nosso ver era a mais penosa) desesperou-se dizendo que nunca mais teria boa saúde, resultando disso jamais poder voltar a trabalhar. Curioso foi que no dia em que S— nos deixou, Lundholm também foi forçado a abandonar o trabalho. O seu sofrimento e os seus sintomas eram exatamente iguais aos de S—. Lundholm ficou impossibilitado de trabalhar durante quase oito dias, e assim, num só dia, perdemos a cooperação da metade de nosso grupo. Agora o trabalho que eu e Curling tínhamos era dobrado.

Alguns dias mais tarde vi, pela primeira vez, uma cobra na floresta. Estávamos todos sentados no chão, na picada, após terminarmos o almôço de meio-dia, fumando e conversando, quando um dos homens que estavam sentados de frente para mim gritou, de chofre: doutor! doutor! cobra, cobra!, levantando-se ao mesmo tempo e desembainhando o facão. A palavra cobra teve um efeito elétrico que atingiu a todos da turma. Os homens se levantaram num segundo. Não compreendendo o perigo a que estava exposto, não saí do lugar. Com o decorrer de um segundo vi uma jararaca de cabeça ereta, a linguinha dardejando e os olhos cintilantes arrastando-se sorrateira e silenciosamente bem perto de mim. Fiquei tão emocionado com a beleza do réptil, com a facilidade e a graça de seus movimentos, que esqueci de ter mêdo, e só quando o facão do empregado bateu-lhe em cheio, cortando-a em duas, foi que percebi como estivera perto de mim aquêle animal. O homem que matou esta peçonhenta cobra chamava-se João Miguel, um dos machadeiros que, segundo ouvi dizer, fôra uma vez mordido por uma jararaca. Enquanto êle dava cutiladas a torto e a direito no corpo retorcido da cobra, exclamava com veemência, como se não estivesse satisfeito em ter matado o seu inimigo: — *"Oh! bicho do inferno! Toma! Toma!"*. Isto mostrava a intensidade do seu ódio.

Conta-se uma história, que todos conhecem nesta parte da região, e que explica a razão dêste seu ódio. Um dia êle estava roçando, quando pisou numa jararaca que, no mesmo instante, lhe pregou os colmilhos no peito do pé. Depois de dar, com a foice, um golpe, com o qual esperava matar a cobra, correu o mais que pôde até o rancho mais próximo, que por acaso ficava há cem jardas distante.. Chegando lá, a despeito da dor que sentia, rasgou com o facão o lugar onde a cobra havia mordido, lavou com cachaça, bebendo depois alguns goles da mesma. Fazendo êste tratamento por algum tempo, a dor, afinal, começou a diminuir e outros sintomas, que êle disse serem de intenso langor, sensação doentia e falta de ar, também cessaram aos poucos. Em algumas horas ficou fora de perigo, sua vida estava salva. A cachaça o tinha curado. A parte curiosa da história, entretanto, ainda está por vir. Êle diz que na mesma estação, todos os anos, passa pelas mesmas sensações, exatamente como as que experimentara no momento em que fôra mordido, sendo que em tais ocasiões quase fica paralítico, sem poder andar ou mesmo mover-se, durante dois ou três dias. Creio não ser êste um fenômeno raro no caso das picadas de cobra, embora eu não tenha tido ainda uma explicação satisfatória para o caso. Os brasileiros têm muita fé na eficiência da cachaça, como remédio para mordidas de cobras.

(Continua no próximo número)

PRISÃO ABERTA

Por DAVID HUME

Mick apura bem o ouvido. Nenhum barulho vinha quebrar o silêncio em tôrno. Afasta os ramos e olha atentamente. A mataria encobria todo o muro naquele lôcal. Êle havia antes observado que, muito perto do muro, grande carvalho, de acesso fácil, cruzava os seus ramos com uma outra árvore situada no interior da propriedade. Sem hesitar um instante, Mick colocou seu revólver na algibeira, correu até ao tronco da árvore e começou a subir com agilidade. Logo que chegou a uma altura favorável, deixou o caule e seguiu por um galho que passava sôbre o muro. A operação não era muito fácil, e Mick se felicitou por haver feito tanto exercício em barras paralelas.

Logo que alcançou a galharia de outra árvore, foi descendo até ao tronco. Alí parou um pouco, a fim de respirar e observar em volta. Em seguida, começou a descer até chegar ao solo. Estava dentro da propriedade da "Colonia de Férias". A viagem aérea havia terminado. Achava-se êle num pequeno bosque de olmos, através dos quais êle percebeu, ao longe, pátios com gramas bem cuidadas e edifícios de tijolo vermelho.

Mick deu alguns passos e estacou: cinco ou seis homens, com uma distância de uns



(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

O Sr. Milsom Crosby, bastante rico, tinha uma mania: tôda vez que delinqüentes da pior espécie saíam da penitenciária de Ashburton, ia êle até lá e os conduzia a propriedades suas, dizendo que estava fazendo obra de alta humanidade: preparando os ex-sentenciados à vida social. Isso despertou a curiosidade dos detectives Cardby, da firma Cardby & Filho, os quais começaram a investigar. Inesperadamente, um telefonema os pôs em contato com Milsom, que manda falar-lhes pessoalmente por sua filha, consultando-os se querem tomar conta de um caso de desvio de rendas numa de suas emprêsas de Barcelona. Mas os dois detectives não aceitam o encargo e começam a investigar a vida que êsse Crosby estava mesmo levando. A êsse tempo estavam, pai e filho, trabalhando para descobrir grande derrame de cédulas falsas, tão perfeitas que se confundiam com as legais. Milsom Crosby não se conforma com a negativa dos detectives e os convida para conversar em sua própria casa, o que se dá, encarecendo o mesmo Crosby a necessidade que tinha de entregar o caso dos furtos de Barcelona a detectives da fama dos Cardby. Mas os policiais não aceitam e voltam para seu escritório, deixando Crosby indignado. Nesse interim, um antigo sentenciado de nome Kent, que estava sob a regeneração de Milsom Crosby, ao voltar para a companhia de seu pai, é alcançado por um auto em disparada e morre. Mick e o velho Cardby suspeitam de um crime: o rapaz fôra morto para não falar. E vão os dois, apressadamente, até à casa do pai de Kent, averiguar se há possibilidade em tais suspeitas. Em casa de Carter, pai do operário assasinado e ex-sentenciado que vivia sob a proteção de Crosby, os dois detectives examinam as circunstâncias e mandam proceder a exames químicos de manchas encontradas numa das mãos do morto. Os analisadores disseram, em seguida, que se tratava de anilina. De suspeita em suspeita, pai e filho decidiram ir dar uma busca nos arredores de Ringwood. O rapaz morto no acidente, e que estava na companhia de Crosby, dava ao velho Carter, seu pai, o endereço de New-Forest, perto de Ringwood. Para tomar o trem ou telefonar ao velho, Kent se servia da estação de Waterloo. Tomando seu carro Mick foi, em companhia do pai, averiguar os arredores e descobriram o quartel-general de Milsom Crosby. Com as maiores precauções, chegaram a um muro alto e Mick, subindo a uma árvore que servia de escada, olhou para o pátio. Viu, então, uma cena sensacional: um jovem passeava ao ar livre com um ancião de roupas surradas, que tinha as mãos prêsas a correntes. Era um carcereiro com o seu prêso. Depois de localizar o casarão, voltaram ao escritório e decidiram renovar a visita mas naquela mesma noite. Assim fizeram. Hospedaram-se num hotel dos arredores e, faltando um quarto para as dez, êles seguiram para a casa de Milsom. Depois de várias peripécias, conseguiram escalar o muro. Estavam em investigações quando Milsom chega em companhia de outros comparsas e, desconfiando que os detectives estavam por ali, pelo fato de ter Milsom descoberto o carro de Mick escondido sob umas moitas, manda soltar os cães e dar uma batida por todos os lugares. Um dos homens de Milsom é pôsto fora de ação por Mick, com violento golpe de cassetete. Os cães também não podem fazer nada porque Mick esparge um líquido especial para anular o faro dos cachorros. Milsom se enfurece com o insucesso e sai fora do muro na certeza de que os detectives estão por lá. Suas ordens são para que, logo que avistem os dois ou um dêles, atirem para matar. Pai e filho não se atemorizam e entram no covil. Estavam os dois naquele compartimento quando ouviram ruído e aos poucos a parede começou a fender-se, separando-se em duas. Uma jovem apareceu e êles a surpreenderam. Assustada, confessou que era prisioneira, com o pai, naquele covil. Os detectives resolveram obter informes por intermédio dela e começaram a dar buscas pelos corredores e outros salões e quartos do subterrâneo. Graças à moça, puderam descobrir que o velho que Mick vira antes passeando, algemado, no jardim, era o pai da jovem e a quem Milsom Crosby incumbira de preparar as tintas para o dinheiro falso. Depois de várias diligências, dominando os vigias e outros auxiliares do criminoso-mor, pai e filho voltaram para o local da parede que se abria e pediram à moça que a acionasse. Mas, com surprêsa, o motor não funcionou e êles ficaram prisioneiros no subsolo. Um dos capangas de Milsom, que fôra ferido quando procurava reagir, começou a rir da situação dos detectives. O velho pai da moça se lamentava, enquanto outros cativos, que trabalhavam à fôrça para o falsário, se resignavam com a sorte. Iriam todos morrer de fome. Com certeza, Milsom descobrira o que se passava e prendera os detectives como numa ratoeira. Mas Mick não perdia a esperança e, depois de muito calcular e procurar uma saída, remexendo por todos os lados, chamou o químico que trabalhava como um dos escravos. Não havendo outro recurso do que recorrer a um processo violento para escapar à morte lenta pela fome, Mick combina com o físico Talbot a preparação de um explosivo, e, meia hora depois, com as maiores cautelas, vai colocá-lo à beira da parede que daria passagem para fora da prisão. Todos aguardam, temerosos, o desfecho do plano de Mick. Foi aceso um pavio feito cordões de sapatos de prisioneiros e, mais ou menos à hora prevista, deu-se o estouro. Parecia que tudo vinha abaixo. O ambiente se cobriu

dez metros entre uns e outros, montavam guarda ao pátio, em passos de sentinela. Milsom Crosby tinha mobilizado seu pequeno exército com sérias intenções. A colonia de férias era defendida como se ela contivesse as jóias da coroa.

O detetive encostou-se a uma árvore e refletiu: não via mais que uma chance a tentar: a um lado do ajardinado, um dos homens contornava uns canteiros a cada uma de suas rondas. Se Mick o pudesse atacar, no momento em que êle não fôsse visto pelos seus companheiros, a operação lhe possibilitaria o ensejo de aproximar-se do edifício.

Dissimulando-se por detrás das árvores, Mick foi-se aproximando mais e mais do homem. Logo que êste, nos seus passos vagarosos, ficou de costas para Mick, êste olhou em volta para ver se alguém o observava e, verificando estar ainda seguro em seu plano, de um salto chegou a uma das moitas do jardim, escondendo-se convenientemente. Fica alí à espera que soem os sinais de alarma; porém tudo continua em absoluto silêncio. Mick toma ràpidamente sua decisão: se êle pudesse ganhar um abrigo antes da volta do guarda, preferia não atacá-lo, a fim de não despertar a atenção do bando. Correu, então, para o edifício e se meteu num hangar, no justo momento em que o sentinela reaparecia na sua ronda permanente.

Mick tinha tido o cuidado de contar os passos que o bandido tinha feito antes de desaparecer de novo. Em face disso, sabia em qual momento lhe seria possível sair do esconderijo sem ser visto. Tendo contado até trinta, levantou a cabeça e viu o homem já de costas, a passar a um dos ângulos do ajardinado, contornando-o. Mick se aproveitou da nova oportunidade e saiu para um depósito de carvão. Novamente esperou que o sentinela desse mais outra volta e correu



de pó e a parede fatal veio abaixo, arrastando largo trecho de soalho do andar superior. Mick mobilizou os homens e êle mesmo chefiou a remoção do entulho a fim de abrir passagem. Depois de horas de luta, com as vestes enegrecidas e as mãos sangrando, êle conseguiu chegar a um buraco no andar de cima. Mas era tanta a quantidade de escombros obstruindo a passagem que êle desanimou. Falou em particular ao seu pai. Esperaram que Gribble, atraído pelo estrondo, os viesse socorrer. Mas em vão. O tempo urgia. Era preciso sair daquela toca em desordem. Mick redobrou de esforços com os homens, que podiam ajudá-lo e conseguiu meter-se pela fenda. Mas recuou. Lá em cima lavrava perigoso incêndio e o compartimento por onde poderiam escapar estava cheio de fumo e as chamas crepitavam do lado de fora, não tardando que invadissem aquêle quarto. Mick voltou a falar ao seu pai. Era preciso agir sem demora. Muniu-se de um grande lenço de sêda e com o mesmo protegeu a bôca e as narinas contra a sufocação. Todos ficaram perplexos. O velho Cardby procurou dissuadi-lo da temerária aventura. Que esperasse pelas providências da polícia, pois estava avisada de que, se demorassem até à madrugada, viessem em seu socorro. Mas o rapaz não concordou e se atirou pelo buraco do soalho e enfrentou as chamas. Quase sufocado pelo fumo denso e o calor infernal que fazia, com o seu cassetete arrebentou uma janela, queimou-se nas mãos e conseguiu sair do ambiente. Ao chegar ao pátio, viu que os bombeiros ficaram admirados de sua aparição, pois, das pesquisas feitas por êles ao chegarem, parecia que não havia ninguém no casarão. O detective pediu que salvassem imediatamente as outras pessoas que estavam lá dentro, deixando para dar explicações depois. E, êle mesmo, comandando bombeiros e policiais, fêz introduzir na fenda um cabo de metal e retirou, um a um, os condenados à morte. Os criminosos comparsas de Crosby foram levados para o pôsto policial do distrito, enquanto Mick e seu pai, conduzindo os prisioneiros de Crosby, iam almoçar, limpar-se e descansar um pouco no hotel. Mick estava intranqüilo com a sorte dos seus protegidos, temendo alguma cilada de Milsom Crosby. O telefone tocou e êle foi atender. Era sua secretária comunicando que a filha de Milsom desejava falar-lhe. Mick deu instruções a Miss Rayne e contou ao velho Cardby o que se passava. Bastante ansioso para saber o que desejava dêle a moça filha do grande criminoso, marcou com ela um encontro longe da cidade, tomando tôdas as precauções, temendo traição. A jovem lhe expôs então que o pai estava desaparecido e jue ela vinha pedir a Mick que a ajudasse a descobrir-lhe o paradeiro; mas, quando ela lhe disse que podia contar muita coisa que o detective ignorava, Mick se dispôs a ouvi-la naquele hotel de Winchester. Depois de ter estado em conferência com a filha de Milsom Crosby, Mick se comprometeu a ir cair em campo para descobrir o paradeiro do chefe do bando. Mas, de volta para o hotel, conta a seu pai e ao detective Gribble tôda a história da filha de Crosby. Naquela mesma noite, passeando com Miss Jeanne pela ponte, quase é vítima de atropelamento por um auto em disparada. Caindo n'água com ela, Mick conclui que fôra vítima de um atentado. Mais tarde o telefone o chama e êle ouve de Milsom Crosby as mais sérias ameaças. Por fim, diz o chefe dos falsificadores que forçará o abandono do seu caso por Mick, porque tem a vida de sua mãe nas mãos.

Mick fica num estado nervoso culminante, mas não abandona o programa de agarrá-lo. Mick põe em prática seu plano de mobilizar gente afeita ao crime, a fim de dar caça a Milsom. Fala com Snow Curry, combina com Smasher Gates no Frith Hotel seguindo depois para falar à filha de Milsom, no hotel Warwick. Apesar de encontrar obstáculos, em virtude de ser madrugada, êle consegue que Miss Iris Crosby lhe venha falar e a leva para o seu escritório. A moça se surpreende com as providências de Mick, mas êle guarda silêncio. Sòmente depois que a teve sob seu poder, confessou o que queria dela: mantê-la prisioneira, até que Milsom Crosby devolvesse sua mãe, prisioneira do mesmo. Miss Crosby fica indignada, mas nada pode fazer.

Mick pede a Miss Rayne que telefone para Ringwood, chamando o velho Cardby. Logo depois sabe que Smasher Gates aparecera morto no Tâmisa. Restava Snow Curry. Mas êste também desiste. Mick estava desolado quando outro auxiliar lhe telefona. Era Pitch Mobley lhe dando excelente pista. Mick vai ao seu encontro e êste lhe mostra uma casa onde entraram três indivíduos suspeitos.

Mick fica de atalaia e, quando êles saem, segue-os discretamente. Êles saltam do carro e continuam a pé. Mick observa que alguns «espias» fazem sinais para os três suspeitos. Com a mão no revólver, êle descobre carregamentos comprometedores de uma casa impressora, num caminhão. Finge que quer alugar um escritório em frente e, com surprêsa, vê entre os suspeitos o impressor de Milsom, Percy Swale. Mick pede a Scotland Yard que lhe forneça um dos seus melhores detectives, e mandam Sandy, velho conhecido seu, para perseguirem juntos um carro suspeito. Depois de esperarem durante algum tempo, uma camionete sai do esconderijo dos bandidos e os dois detectives a seguem. Mais adiante ela pára e entra num portão para o pátio de grande edifício cercado de muro bem protegido de pontas de ferro. Era uma «Colônia de Férias». Mick pede a Sandy que volte para buscar reforços, porque êle ia tentar entrar sòzinho naquela fortaleza. Sandy não concorda e quer entrar com êle; mas Mick lhe expõe todo o seu plano e o outro se conforma, voltando à cidade.

para uma porta a um dos lados da casa. A porta cedeu à pressão do detetive e Mick se encontrou num vestíbulo bastante escuro. Sucedesse o que sucedesse agora, êle estava na fortaleza de Crosby!

Durante alguns instantes êle permaneceu sem mover-se, o dedo sôbre o gatilho do revólver. Tudo, porém, estava silencioso, e êle se dirigiu a uma grande porta recoberta de pano verde, que êle percebeu diante de si. Mick não esperou mais. Os policiais deveriam chegar, sem dúvida, dentro em pouco, êle queria estar lá dentro, para evitar qualquer dificuldade à entrada dos companheiros, caso êstes o tentassem.

Abrindo a porta, Mick descobriu um corredor, no fim do qual outra porta dava para um "hall". Mick se baixa e olha pelo buraco da fechadura: Butch Davies estava sentado em uma cadeira, as costas voltadas para a parede e a olhar fixamente a entrada. Sua mão direita repousava sôbre o joelho, e Mick viu que segurava um revólver.

O detetive suspira. Butch Davies havia viajado naquela camionete. Não podia perder mais um só minuto! Se Mick ficasse a olhar Davies, podia ser atacado pelas costas; e se se voltasse para o corredor, seria então Butch quem poderia lançar-se sôbre êle.

Não havia mais tempo para refletir. Ouvindo passos às suas costas, Mick se volta. Seus olhos vêem o rosto espantado de uma mulher, que vinha pelo corredor conduzindo um copo e uma garrafa de cerveja. Sem cessar de fitá-la, Mick procurou dominá-la com o olhar, e lhe fêz sinal para manter silêncio e aproximar-se. A mulher avança alguns passos, tôda trêmula, sob o olhar severo de Mick e sob a ameaça de seu revólver.

— Há aqui uma senhora a quem trouxeram para cá, esta manhã, murmura êle. Diga-me onde se acha, ou eu farei fogo!

— Ela está no primeiro andar, no quarto dos fundos, gaguejou a mulher, repassada de mêdo.

Mick a olha e hesita sôbre o que teria que fazer agora. O detetive desejava poupá-la; mas também devia, a todo preço, obter o seu silêncio, e não podia escolher os meios.

— Coloque êsse copo e a garrafa aí ao chão, — ordenou êle, enquanto remexia no bolso de sua capa.

A mulher obedece e, enquanto se baixava, Mick lhe assesta um golpe na nuca com o cassetete. A mulher desfalece e Mick a sustem nos braços, levando-a para um canto do corredor.

Chegara o momento de agir ràpidamente. A qualquer momento alguém poderia descobrir aquela mulher desfalecida e todo o seu plano estaria prejudicado. Mick respira profundamente. Aproxima-se da porta, abre-a bruscamente e, num abrir e fechar de olhos, se acha no "hall". Butch Davies se volta surpreendido.

— Fique tranqüilo, Butch, diz-lhe docemente Mick. Vim até aqui para exercitar-me no tiro ao alvo e, se você se mover, começarei por você. Levante-se!

O bandido fêz um sorriso contrafeito e estêve a ponto de atacar Mick. O detetive o previu por um gesto que Davies fêz com a mão direita.

— Se está desejando a morte, Butch, vai tê-la!

— Eu sabia que iamo-nos encontrar, Cardby, resmunga Butch. Se você...

— Levante-se e deixe a arma.

A voz do jovem era imperiosa e ameaçadora.

Não era mais tempo de tagarelar.

Capítulo XXI

A ÚLTIMA RONDA

— Eu não voltarei mais para Moor, Cardby. Prefiro morrer...

— Seu desejo será satisfeito se não levantar-se imediatamente!

Butch olha o cano do revólver apontado sôbre êle por uma mão firme; em seguida olha para o rosto de Mick. Não havia nos olhos do detetive, nem piedade, nem mêdo. Vencido, o bandido se levanta lentamente e deixa o revólver caír ao chão.

— Empurre com o pé essa arma para cá, ordena Mick. Mas se fizer o mais leve movimento para baixar-se, eu o fuzilarei.

Sem tirar os olhos de seu adversário e sem baixar seu revólver, Mick apanha a arma e a coloca no bôlso. Butch está vermelho de ódio e o seu rancor lhe injetava de sangue os olhos.

— Butch, diz Mick com voz áspera; eu sei que minha mãe está no primeiro andar aí num quarto aos fundos. Indique-me o caminho, e se você procurar enganar-me, será a morte imediata para você.



— E não se esqueça! O papagaio maior não é para vender. Êle é o nosso ventríloquo.

O bandido trinca os dentes; gôtas de suor se formam em sua fronte; êle ergue as mãos para as enxugar.

— Não faça isso! — Grita Mick. Não permitirei o menor movimento dos braços, pois não tenho nenhuma confiança em você. Previno-o de que meus nervos estão tensos. Aconselho ter mais cuidado com sua pessoa! Suba esta escada!

Davies se põe em marcha, com passo vacilante. Mick se irrita:

— Vamos, Davies; não tenho a intenção de passar o dia todo a esperar por você. Lembre-se de que já não é Milsom Crosby quem manda; mas um que não hesitará em meter-lhe uma bala na cabeça.

Entretanto o homem continuava a andar muito lentamente, contra a vontade de Mick. Por fim chegaram ao primeiro andar. Tudo parecia tranqüilo e deserto. Sem dúvida, tinham plena confiança na guarda externa, e julgavam dispensáveis outras precauções internas. Chegados ao fim do corredor, Butch se volta:

— Você achará sua mãe aqui, diz-lhe indicando uma porta.

— Abra-a e entre, ordena Mick.

— Não posso.

— Porque?

— A porta está fechada e eu não tenho a chave.

Mick o olha fixamente. Butch viu na expressão daquele olhar, na palidez de seu rosto e no movimento de seu dedo no gatilho do revólver, que a morte vinha chegando. Estremeceu e passou a língua nos lábios ressequidos. Mick estava na iminência de dar ao gatilho. Butch fala:

— E' possível que eu possa abrí-la.

— E' possível que você deixe de viver se não o fizer, respondeu o detetive friamente.

Butch sabia perfeitamente que Mick não era de brincadeira. Sem mais uma palavra, retirou uma chave do bôlso e abriu a porta.

— Entre primeiro, Davies, e se coloque contra a parede, manda Mick. Você sabe o que o espera, se procura fazer o menor movimento.

Meu filho! — Murmura do fundo do quarto a voz enfraquecida de Mrs. Cardby.

Mick sorriu de alegria sem nada responder, pois, naquele instante estava ùnicamente ocupado em seguir Davies.

— Mamãe, disse êle enfim; há mais alguém aqui?

— Não, respondeu Mrs. Cardby, avançando para o filho e lhe caindo aos braços.

— Não, não faça isso, mamãe querida, diz ràpidamente Mick. Vá depressa, retire a chave que está do lado de fora e feche a porta por dentro.

Butch diz em tom de pilheria:

— Até que enfim começa a ter mêdo, hein, Cardby? Agora que encontrou sua mãe, não está com coragem de a fazer sair daqui. Na verdade, não estou muito admirado, pois já esperava por isso.

— Você está muito enganado, Butch. Eu vou ficar ainda um momento aqui porque, quando formos embora, você também virá conosco.

— Isto é mais fácil de dizer do que de fazer.

— Não. Não é difícil de fazer, quando se está armado com um bom revólver e disposto a fazer uso dêle. Você compreende que, para mim, tanto faz vê-lo sair daqui pelos seus próprios pés, ou numa ambulância. Como tem sido tratada, minha pobre mãe?

— Não me deram nada a beber nem a comer desde ontem, e eu já me sinto muito fraca.

— Alguem experimentará, daqui a pouco, o mesmo tratamento, diz Mick com ar irônico. Quem a trouxe até aqui?

— Foi êle, respondeu Mrs. Cardby, indicando Butch. Foi êle quem me agarrou no instante em que eu saia do cinema e me meteu à fôrça numa viatura. Como vai teu pai, e onde está êle?

— Está muito bem e a senhora estará, dentro em pouco, ao seu lado. Vejo agora que estou devendo um pouco mais a você, Butch. Eu estava crente de que ia mandá-lo de volta a Dartmoor, mui simplesmente por uma dúzia de anos; mas, agora, vou providenciar coisa melhor.

— Também eu poderia achar algo de bom para você, Cardby. Você fala com tanta segurança por estar armado; mas, se eu ainda o encontrar desarmado, eu lhe mostrarei com quantos paus se faz uma jangada.

— Por exemplo...

— Dar-lhe-ei uma lição, como nenhum homem jamais recebeu igual.

— Espero poder proporcionar-lhe esta oportunidade. Você bem sabe que jamais recusarei diante de um bandido de sua espécie. Quando houver encontrado alguém que vigie os seus cúmplices, procurarei ver o que é possível fazer, a fim de achar uma chance para você bater-me.

Butch Davies esboçou um sorriso malvado e moveu as espáduas hercúleas:

— Os rapazinhos não deviam falar assim aos verdadeiros homens, pilheria êle.

A mãe de Mick tremia, muito pálida, encostada à parede. Até àquele instante ela ignorava completamente a vida perigosa que seu espôso e seu filho levavam; via agora a face bestial de Butch e a expressão de vingança de Mick, e a pobre senhora perguntava a si mesma se não estava sob os efeitos de um pesadelo?

Súbito Butch pendeu a cabeça para um lado, como quem fita o ouvido. Mick o observa e também escuta: vem de fora um ruido de vozes indistintas.

— Creio que os meus amigos da polícia acabam de chegar, diz Mick ao bandido. Suponho que os seus cumplices não se sentirão muito satisfeitos em voltar aos caminhos de Dartmoor. E desta vez Milsom Cros-

by não estará à saída do presídio, pois que também estará no meio de vocês todos.

— Você jamais o pegará, respondeu Butch, cujo rosto empalidecia à medida que as vozes iam chegando mais perto.

Mick teve um sorriso sarcástico:

— Você está muito atrasado, meu caro! Nós já o temos!

— Não creio, Cardby.

O detetive encolhe as espáduas:

— Creia ou não, isso não altera o caso. O que importa é que o seu patrão, êle próprio o crê, e êle está passando muito bem, obrigado, Butch.

Nesse instante fortes pancadas batem à porta:

— Abram! — Ordena uma voz de fora.

— Quem está aí? — Pergunta Mick.

— E' você, Cardby? — Indaga Sandy. Tudo vai bem! Abra. Queremos entrar!

— Pode abrir, mamãe. Diz Mick sem tirar os olhos de Butch.

A porta se abre e Sandy entra, seguido de um inspetor, de um sargento e três outros policiais.

— Meta-lhe as algemas, diz Mick, apontando para Butch. E me contem o que se passou lá fora.

— Chegamos com um pequeno exercito. Dominamos todos os indivíduos que estavam guardando o edifício, inclusive também prendemos uma mulher que estava desacordada no corredor.

— Vocês poderão achar ainda dois homens que estão "dormindo" ao pé do muro. Como sabem, precisei desembaraçar-me dêles para poder chegar até aqui. Mas, onde vocês puseram todo êste bando?

— Estão todos aí no "hall". Estão algemados e não parecem muito contentes. Creio que devemos descer para tocar a coisa para a frente.

— Um momento. Desejo que um de vocês conduza minha mãe a uma das salas do terreo, enquanto eu vou dizer duas palavras a Butch Davies. Sargento, deve haver alguma coisa de comer aí na casa; dêem algo a mamãe que a alimente. Está faminta.

Um dos policiais toma Mrs. Cardby pelo braço e, ajudando-a a andar, sempre a amparando, sai com ela da prisão.

— E agora, Butch, vamos às nossas contas, diz Mick. Você deve estar intrigado sôbre a forma como descobrimos esta sua "Colonia de Férias". Não é mesmo?

— Não me espanto de nada!

— E' curioso! Geralmente, quando eu envio algum de vocês para Dartmoor, a primeira coisa que me perguntam é "quem foi o traidor". Você não é diferente dos outros, Butch.

— Ninguém nos traiu, respondeu o bandido, erguendo a cabeça.

Mick encolheu os ombros:

— Você não passa de um pobre diabo. Você se crê inteligente, capaz de grandes coisas, e não passa de um sujeito de cabeça sem cérebro. Aliás, foi justamente por isso que Milsom Crosby o tomou a seu cargo. Êle não gosta de ter gente de tino a seu serviço...

— Não sei até aonde quer chegar, Cardby.

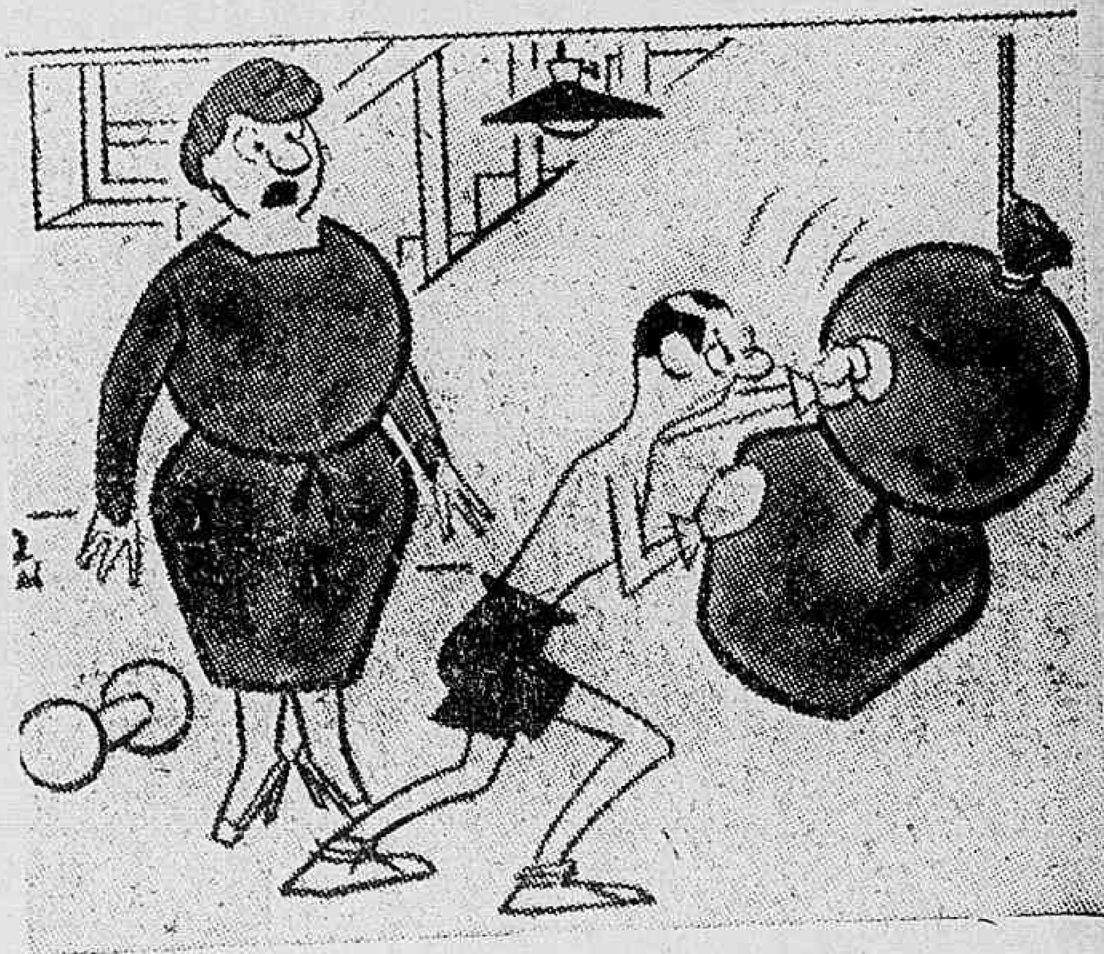
— Claro que você não sabe, e tenho mais esta razão para dizer que você não é inteligente. Crosby prefere que assim seja. Repare nos seus companheiros: são todos uns idiotas. E' êste o motivo por que sempre voltam para a detenção. Crê que Milsom Crosby aceitaria um homem que exigisse bons vencimentos pelo seu trabalho, e que refletisse, ao invés de obedecer cegamente, que soubesse proteger-se da polícia e, sobretudo, estar ao abrigo no momento justo, quando o chefe está bastante amparado?

— Como diz? Quer dizer então que foi o patrão quem nos traiu?

— Mas raciocine, se é capaz! Claro que foi êle! Vocês fizeram tudo o que êle esperava de vocês, e agora êle se dispõe a fugir sòzinho, quando deveria, antes dividir o fruto de seus crimes com todos os que o ajudaram. Evidentemente, isso não lhe agradaria muito; mas êle também não ignora que já seria difícil de fazer, a esta altura. Como é um tipo malvado, êle conhecia um recanto bem apropriado para você e todos os seus amigos. Êle sabe que, quando vocês estiverem metidos em Dartmoor, por uma dúzia de anos, poderá dormir tranqüilo. Por isto, esta manhã, a Scotland-Yard recebeu uma informação misteriosa: dizia à polícia, que todo o bando que interessava se achava reunido em uma colônia de férias. O resto você sabe. Pobre idiota que é; agora, as grades de Dartmoor se vão fechar novamente sôbre você, que não cairia nesta esparrela, se nessa cabeça ôca houvesse um cérebro, mesmo um igual ao de um pardal. Agora você vai pegar de dez a doze anos de prisão, pela ambição de ser igual a Crosby!

— Ah! Tipo cretino! Porco imundo! Êle me pagará isto, rosna Butch.

Mick sorri de comiseração:



— Mas, Policarpo, há necessidade de você passar uma fita em redor do «saco de areia»?

— Bem. Então é preciso esperar que êle vá com você para Dartmoor, pois que você não sairá de lá tão cedo!

— Bem. Eu esperarei, disse Butch com voz surda.

— Suponhamos que não tenhamos provas bastante para prender Milsom, insinua Mick, e que êle continue em liberdade, enquanto vocês todos estão nas grades. Que pensa você disso, Butch?

O bandido fica um instante a refletir. Rugas marcam-lhe a fronte. Mick tinha razão: à parte uma certa habilidade criminal, Butch não era inteligente.

Afinal, falou:

— Eu deporei contra êle.

Mick fêz um sinal aos demais policiais para que saissem do quarto, deixando o bandido com êle e Sandy.

— Ouça bem, Butch, diz o detetive, colocando o revólver na algibeira. Eu vou ser muito franco com você. Eu posso ajudá-lo muito, e, em troca, você nos poderá prestar bons serviços. Eu tenho sido muito duro com você, pois pensava que estivesse ao corrente da traição de Crosby. Mas fiquei surpreendido ao verificar que você nem ao menos suspeitava. Agora vou narrar-lhe como tudo se passou.

"Um homem telefonou esta manhã à Scotland Yard, chamando o inspetor Gribble; não o encontrando lá, fêz suas declarações a um outro inspetor. Disse à polícia que, se nós desejavamos prender todo o bando de Crosby, nada teriamos mais a fazer do que virmos a esta colônia de férias com uma fôrça de polícia, e que teriamos facilidade de meter as algemas em todos vocês, executado o chefe Crosby. Esta denúncia surpreendeu o inspetor que ouvia, pois reconheceu fàcilmente a voz de Milsom Crosby, e que era êle quem estava falando na outra ponta do fio.

"Agora, para provar que foi mesmo o seu patrão quem nos pôs na pista do bando, vou contar-lhe isto: o tal homem ajuntou ainda que podia ajudar-nos nas investigações concernentes a Crosby. Declarou que êste pretendia passar para o estrangeiro e chegou mesmo a citar o navio em que deveria embarcar. Quer ir conosco, Butch?"

— Sim, respondeu o bandido, cujos olhos brilhavam ferozmente.

— Bem. Continuo. Desde que soube dessa mensagem, eu disse à Scotland Yard que não era necessário ligar a menor atenção quanto ao que o denunciador dissera sôbre Crosby, pessoalmente. Eu já conhecia de sobra sua duplicidade e previ que êle queria apenas que a polícia prendesse a todos vocês, enquanto êle procurava salvar a pele. Vi também que êle transmitira tôda essa falsa história em relação a êle, a fim de poder partir tranqüilamente de um outro local. Êsse homem é ardiloso como o próprio diabo e eu conheço bem seu procedimento.

E Mick concluiu:

— Eu tinha absoluta razão. Foi Crosby quem os denunciou. Quanto ao vapor que deveria partir de West-Bay, não havia no informe uma linha de verdade. A Scotland-Yard mandou lá alguns agentes para verificar e êles nada encontraram que se relacionasse com a delação. Crosby sabia perfeitamente o que estava fazendo ao denunciar vocês, que nada mais fizeram do que brincar com fogo ao se associarem a êle. Cometeram o êrro de depositar confiança nesse homem mau. Foi um desastre para todos vocês. E agora, vão todos pagar pelo êrro cometido.

Êle também cometeu um êrro ao confiar em mim, replica tranqüilamente Butch. Não serei o único a pagar.

— Que quer dizer com isso? — Pergunta negligentemente Mick.

— Apenas isto: Milsom Crosby não é o único homem que pude denunciar. Conheço um outro que pode, igualmente, fornecer indicações bastante úteis. Seu nome é Butch Davies. E agora, ouça-me bem, Cardby...

Capítulo XXII

A CONFISSÃO DE BUTCH DAVIES

Mick e Sandy se instalaram ao parapeito da janela para acompanhar com os olhos a Butch, que passeava, para lá e para cá, no quarto que servira de prisão a Mrs. Cardby. O velho criminoso estava pálido de cólera. Já havia esquecido o detective que o aprisionara, para pensar, exclusivamente em vingar-se de Crosby, que, segundo tôda a evidência das palavras de Mick, havia atraiçoado os seus cúmplices. E, por fim, desembuchou:

— Quando eu estava em Dartmoor, recebi um recado de Crosby me informando que viria esperar-me à saída da prisão. Pouco importa a maneira por que eu recebi tal recado, mesmo em Princetown, onde há ouvidos por tôda parte. Assim, nós nos encontramos à saída e Crosby me propôs que trabalhasse para êle. Prometeu-me mil libras esterlinas se eu lhe obedecesse em tudo. Perguntei-lhe qual a espécie de trabalho que tinha a oferecer-me, e, depois de algumas hesitações, êle me declara que se tratava de assunto de dinheiro falso. De início eu não quis meter-me na história, pois sabia que êsse assunto é muito árriscado, mas êle me convenceu de que a imitação era perfeita e que os bancos recebiam as notas sem nenhuma suspeita. Contou-me também que possuia um gravador, um químico e um impressor de primeira ordem, bem como cêrca de trinta passadores que se encarregavam de fazer circular as cédulas. Terminei por aceitar.

Depois de ligeira pausa, o bandido prossegue:

— Desde o começo que a firma Cardby o inquieta e êle ordena a vários dentre nós, que nos preparemos para eliminar os Card-

by de nosso caminho. Êle ficou furioso no dia em que você, Mick, lhe telefonou comunicando que ia entrevistar um ex-condenado que estava a serviço dêle. Ordena ao rapaz que volte para sua casa, como se não mais precisasse dêle; mas, ao mesmo tempo, ordena a um dos seus homens que impeçam de o homem chegar a casa. Soube mais tarde que um auto o matara. Não soube quem fizera êsse serviço, e, para dizer a verdade, isso não me interessava de forma alguma. Crosby me ordenou, em seguida, que partisse para Cresset-Lodge para ver se tudo alí ia bem, pensava que você não tivesse sabido o endereço de sua vítima, e, assim, não se houvesse decidido a fazer investigações aos lugares mais suspeitos. O resto já sabe. Quando Crosby soube que você estava na adega, quase morre de rir, e declarou que ia então dar cabo de você e de seu pai. Fechou tôdas as saídas do andar térreo e tocou fogo na casa. Logo que vimos que as chamas estavam bem vivas e que tornariam em cinza todo o edifício, partimos para Londres. Alí, Crosby nos dá os endereços de lugares onde devíamos dissimular-nos, até que êle nos chamasse novamente. Êle mesmo desapareceu da circulação. Ontem, depois do meio dia êle veio ver-me. DeDeclarou-me que era preciso permanecer tranqüilo pelo momento, e que temia que Swale tivesse tentações de se vingar dêle, por tê-lo feito passar pelo perigo de ser queimado vivo lá no subterrâneo de Cresset-Lodge. Entretanto, encontrou meios de falar-lhe, declarando que ignorava sua presença na adega, quando o incêndio começara. Preveniu-o, nessa ocasião, que ia mandar transportar todo o material de impressão para um outro lugar. Swale aceita tôdas as explicações e Crosby me deu instruções para procedermos a mudança das instalações. Foi assim que viemos parar aqui. Crosby me diz que êste refúgio existia desde alguns meses e que êle o instituira como recurso para despistar. Foi para cá que êle mandou trazer as notas falsas, esperando momento oportuno para pôr o dinheiro em circulação. Êle mesmo trouxe para cá alguns indivíduos, e aqui os detinha até segundas ordens. Deve ter feito muitas outras coisas, mas eu ignoro.

— Teria mesmo Swale acreditado que Crosby não tivesse a intenção de assassiná-lo? — Pergunta Mick.

— De certo acreditou. Crosby é ardiloso, e quando quer persuadir uma pessoa, qualquer um vai na lábia!

— Quando você conversou com Crosby, disse-lhe sôbre o que ia fazer e onde tencionava embarcar?

Butch Davies fita Mick com ar de deboche e pilhéria sarcástica:

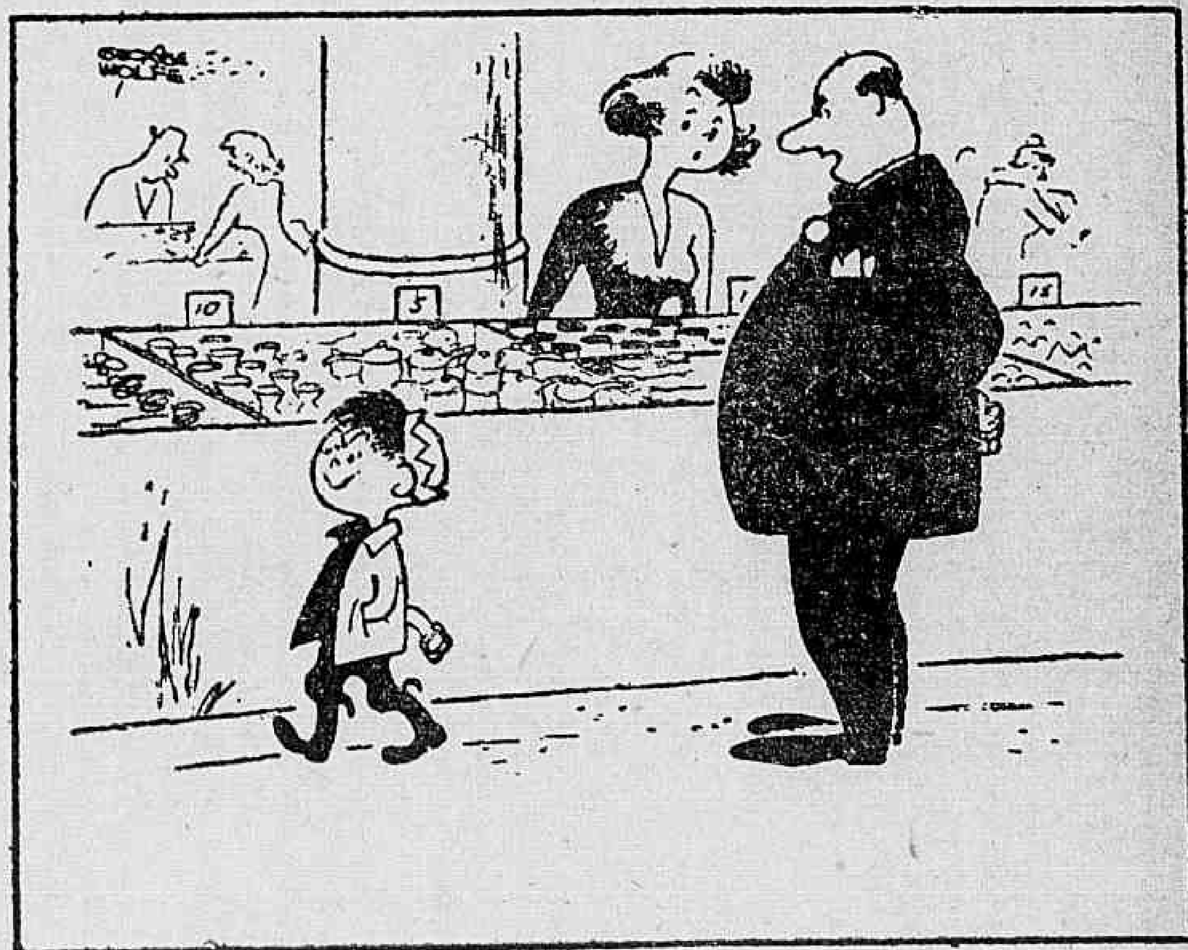
— Você já me disse que eu não tinha cérebro, Cardby, e que Crosby sabia muito bem disso e, por essa razão me convidou. Ambos se enganaram comigo, e é chegado o momento de rir de ambos!

— Folgo muito em ouvir isso, Butch, mas... explique-se.

— Crosby nada me disse a respeito dêsses pontos, falo sèriamente. Mas podia ser que Butch não fôsse tão botucudo, tão idiota como vocês pensam. Não espero, talvez, que alguém me informe de suas intenções. Sempre procuro informar-me por mim mesmo, sem dizer nada a terceiros.

— Começo a admirá-lo, Butch, disse Mick fitando o bandido com ares muito sérios, como se, na verdade, estivesse espantado com a revelação de grande habilidade. E o incentivou: — Como diabo pôde você penetrar nos íntimos segredos de um homem como Milsom Crosby?

— Não sou assim tão imbecil como faço crer a muitos, continuou Butch, já muito contente com o seu sucesso. Crosby me tomava por imbecil, não é isso? Pois sim... Você vai ver se eu sou tão tolo para deixar-me embrulhar por um sabidão hipócrita como êle! Então, êle veio ver-me às duas horas da madrugada. Alguém o acompanhava e todos dois foram para um dos recantos da casa esperando que eu me vestisse. Êles pensavam que a porta que nos separava estivesse bem fechada; mas, logo que ambos se sentaram, tive o cuidado de deixá-la entreaberta, disfarçada a abertura por uma cortina que recobria o lado em que estavam. Certo que não foi muita chance para êsse demônio inteligente que é Crosby! Ouvi bem o que êle dizia a seu companheiro, ser preciso partir pelo menos umas duas horas antes do momento previsto. Eu estava curioso de saber mais alguma coisa e continuei à escuta. Seu comparsa respondeu que seria muito fácil chegar a Wantage em duas horas, e, de lá, não havia mais que três milhas a percorrer. Então Crosby replica: "Eu não quero correr nenhum risco! Se você não estiver pronto para partir às quatro horas da tarde, pior para você". — O outro respondeu: "Não se inquiete, deixaremos isto aqui às quatro horas precisas". Ao que Crosby ajuntou:



— Vigie êsse garôto! Anteontem armou, uma por uma, tôdas as armadilhas para camondongos!

"Durante quantas horas voaremos à noite?" — "Não mais que uma hora e meia — diz o outro. — Tudo isto me pareceu muito estranho, mas como eu jamais acreditaria que Crosby fôsse tão hipócrita que nos denunciasse, não pensei mais no caso.

Os olhos de Mick Cardby brilhavam de maneira singular como se o fogo do seu apaixonado interêsse em pegar Milsom viesse para fora de seu espírito, enquanto Sandy estava inquieto, sem poder ocultar sua ansiedade.

— Parece-me que Crosby vai tentar sair da Inglaterra, agora que todos vocês vão para o lugar onde, justamente, êle desejava que todos estivessem, anota Mick.

— Eu lhe confio o resto, diz Butch com voz de ódio a Milsom Crosby; eu lhe prestei, um grande serviço, e só quero uma maneira de ser recompensado: defenda-se de Milsom Crosby e o remeta para Dartmoor. Eu me sentirei plenamente satisfeito.

— E você o esperará na penitenciária? — Pergunta Mick.

— Justamente. Eu o recepcionarei lá, responde Butch com um sorriso sinistro.

Mick consulta seu relógio. Eram duas horas. Êle e Sandy pegaram Butch, um em cada braço e com êle desceram as escadas até ao andar térreo onde se achavam os outros policiais.

— Inspetor, conhece por aqui um pilôto que aceite fazer para nós uma excursão de cem quilômetros, aí pelos ares? — Pergunta Mick, e acrescenta: — E' assunto muito urgente.

— Não conheço ninguém por aqui; mas o senhor achará tantos quantos queira, em Cambridge.

— Bem. Telefone à polícia, faça o favor. Comunique que nós o Inspetor Sandy Collins, da Scotland-Yard e eu, estamos aqui e que precisamos, com urgência, de um avião. Diga-lhe que arrangem um que esteja na hora de voar e que nos espere, que chegaremos lá ràpidamente, mas recomendamos que escolha um aviador que não seja muito nervoso e que não tenha mêdo de diligências arriscadas. Naturalmente o pilôto será pago. Diga-lhes, sôbre tudo, que é urgente!

O inspetor corre ao telefone e Mick vai ver sua mãe.

— Um dêsses agentes vai buscar um carro para levá-la de volta a Londres; desejo que a senhora vá diretamente para o nosso escritório e lá espere, com papai, o meu regresso. Diga-lhe que tudo vai bem e que, proximamente, terei boas notícias a anunciar-lhe. Recomendo sôbre tudo, que a senhora não se inquiete, querida mamãe; agora já não há mais nada que temer.

— Mas, para que quer você um avião, Mick?

— E' que aqui está muito quente, e eu tenho precisão de ar fresco. Diga a papai para não fazer nenhuma declaração à polícia acêrca de Butch Davies, antes de falar comigo, assim como não dar liberdade à jovem Iris Crosby, pois que tenho algumas coisas a dizer a respeito dela.

Nesse momento o inspetor voltava do fone.

— Então, caro inspetor, que há de novo?

— O inspetor Mailey me prometeu de preparar tudo para vocês. Acha que, com um pouco de chance, o avião estará à sua disposição à sua chegada.

Mick e Sandy se precipitaram para o portão.

— Sejam bem sucedidos! — Grita Butch sem ocultar sua alegria.

A viagem a Cambridge foi verdadeiro recorde de velocidade. O carro de Sandy e Mick corria a tôda fôrça, e Sandy o guiava a cantar ao volante.

Mick o olha de bandinha e vai pensando com seus botões que êsse rapaz animoso e valente, seria excelente aquisição para a firma Cardby & Filho.

Chegamos a Cambridge às duas horas e meia, parando diante do pôsto policial.

O inspetor local, que já os esperava, veio ao encontro dêles.

— Achei o homem que vocês desejam, diz êle. Chama-se Pat Corfe, um jovem homem que está exultante por fazer essa expedição com vocês, e que já está aguardando sua chegada, e pronto para voar. Eu vou acompanhá-los até ao aeródromo.

A quinhentos metros da cidade, entraram êles num campo, vendo-se a um lado, um hangar. Em frente ao mesmo hangar, estava um pequeno avião de quatro lugares, pronto para decolar. Um homem ainda moço, esguio, inteiramente vestido de couro, faz uma saudação com o braço a agitar-se no ar e corre ao encontro dos detetives.

— Pat, diz o inspetor, apressento-lhe o famoso Mick Cardby.

O aviador lhe estendeu a mão. Seus olhos brilharam.

— Mas isto é uma beleza! — Exclama êle. Há muito tempo que eu desejava conhecê-lo, Sr. Cardby!

— Chame-me apenas de Micy. E aqui está Sandy, da Scotland Yard.

— Por Deus! — Exclama Pat, eis-me entre os maiores dêste mundo! Agora me digam: o que posso fazer para merecer tanta honra!

— Bem, vejamos: o mais hábil dos falsários da Inglaterra decidiu escapar por meio de uma viagem de avião. Às quatro horas da tarde, isto é, dentro de uma hora e um quarto, êle deverá levantar vôo de algum campo perto de Wantage. Não sei exatamente onde, e é por isso que não quis ir de auto; mas, parece-me que, se sobrevoarmos a região, poderemos descobrir o local preciso, de onde êle está prestes a fugir.

— Certamente. Estão prontos para partir agora?

(Cont. na pág. 91)

Vida do Campo

AS PLANTAÇÕES DE BORRACHA NO NOVO MUNDO

A borracha é um produto que pode, em verdade, reclamar como sua pátria o hemisfério ocidental. As fontes vegetais indígenas dêsse rico produto originaram principalmente das regiões mais tropicais do Novo Mundo, extendendo-se, porém, até um pouco mais acima da fronteira sudoeste dos Estados Unidos.

Embora o hidrocarbonato da borracha tenha sido elaborado, até certo ponto, por exemplares de umas 1.500 espécies de plantas, poucas dessas espécies o produziram em quantidade suficiente, ou em qualidade satisfatória, para alcançar valor como produtoras do mesmo. Em geral, a borracha que se encontra dentro das células especiais ou em sistemas do látex da maior dessas espécies, está tão misturada com resinas, gomas e outras substâncias que se torna muito difícil de obter, numa forma relativamente pura. Dentre as plantas das quais se obtém a borracha, destruindo-se ou desintegrando-se a fonte da planta, sòmente o *Guayule* (*Parthenium argentatum*), um arbusto indígena das regiões áridas do sul dos Estados Unidos e do norte do México, alcançou relativa importância como produtor de borracha.

Poucas árvores e trepadeiras, oriundas da África e do Sul da Ásia, principalmente a *Funtumia elástica, Landolphia Sps., Crystostegia Sps.*, e *Ficus elástica*, lograram certa importância como fontes naturais de borracha, quando esta se encontrava disponível sòmente de fontes selvagens indígenas, ou quando a extração de borracha foi cerceada por restrições impostas ao comércio, pela guerra ou por decreto governamental. Nenhuma delas, porém, demonstrou ser uma fonte satisfatória para plantações de borracha.

Nos primeiros contatos que os visitantes europeus tiveram com os nativos das Américas verificaram que êles utilizavam a borracha para fazer bolas, e como camadas impermeáveis para tecidos. Grande parte dessa borracha supõe-se ser proveniente de *Castilla elástica*, árvores nativas das primeiras regiões que visitaram. Esta espécie foi empregada em plantações, em diversas épocas, mas não pôde dar uma produção substancial equivalente à da *Hevea*. A *Manihot glaziovii*, uma espécie oriunda das regiões áridas do Brasil, foi plantada em algumas das primeiras experiências e, no sudoeste dos Estados Unidos, faz-se uma considerável plantação comercial de seleções melhoradas da *Parthenium argentatum*. Tôdas estas fontes, juntamente com a *Hevea* silvéstre do Vale do Amazonas são responsáveis por, aproximadamente, uns 2% do total da produção mundial, que, antes da guerra, ascendia a ... 1.500.000 toneladas anuais, num valor de 756 milhões de dólares, ao preço fixado nos Estados Unidos durante o ano de 1941.

A SELVA DE TAPAJÓS PROPORCIONOU MATERIAL DE SEMEADURAS ÀS PLANTAÇÕES DA OCEANIA

Interessante, entre as principais colheitas do mundo, é nossa informação com respeito à origem da semeadura de uns ... 3.500.000 hectares, que foram plantadas com *Heveas*, nas regiões tropicais do mundo inteiro. Tôda essa extensão, com raras exceções de pouca importância, foi plantada com a descendência de uma coleção de 70.000 sementes, das quais sòmente cêrca de 2.800 germinaram e sobreviveram. E' bem possível que algumas das árvores das quais Henry Wickman (que mais tarde se tornou Sir Henry Wickman, em reconhecimento à sua contribuição à agricultura do Império Britânico) recolheu essas sementes em 1876, estejam ainda em pé, no pequeno planalto às margens do rio Tapajós e que, de algum modo, contribuam ainda produção nativa da borracha, na Bacia do Amazonas.

Sòmente os genes que estavam presentes neste arvoredo de um sítio muito restrito, estão à disposição dos agrônomos que, posteriormente, trabalharam nas

plantações de Sumatra, Java e Malaia, em suas tentativas de aumentar os rendimentos e adaptar melhores as árvores de *Hevea* ao cultivo das plantações. As árvores de *Hevea* que cresciam espalhadas pelas altas margens do Tapajós, onde há um grande e acentuado período de sêca acompanhado frequentemente, de fortes vendavais, na época da troca de fôlhas (invernada), rara vez ficaram severamente dafinicadas com a principal enfermidade da *Hevea*, a *Dothidella ulei*. As heveas dessa área não foram sujeitas a uma seleção natural bastante rigorosa para desenvolver uma satisfatória resistência a esta enfermidade, que protegeria as árvores quando estivessem plantadas na densidade de uma plantação, em terrenos onde o meio ambiente fôsse menos favorável que o de seu pequeno planalto nativo.

Felizmente para a indústria que se desenvolveu mais tarde desta coleção de sementes, Wickman não levou as sementes que transportou consigo, esporo viável de alfôrra sul-americana da fôlha (*Dothidella ulei*). *Se* Wickman incluiu esporos viáveis, êstes se perderam na travessia, ou durante o período em que os rebentões estiveram nas estufas de Kew Gardens. As posturas não levaram a enfermidade às plantações que se fizeram com elas no Ceilão, na Malaia e em Java. O contrôle drástico da exportação do material de sementeira de *heveas*, mantido, posteriormente, pelos países sul-americanos, evitou que a enfermidade fôsse transmitida às principais áreas de plantações do mundo, com as coleções subsequentes de *Hevea*, como poderia ter acontecido. A expansão das plantas na Oceania e a busca de sementeiras, com qualidades superiores para produzir altos rendimentos, não foram perturbados, em absoluto, pela necessidade de desenvolver resistência a esta maligna ferrugem de fôlha.

A FERRUGEM DA FÔLHA IMPEDIU O EMPRÊGO DA *HEVEA* NAS PLANTAÇÕES DO NOVO MUNDO, E DEU ORIGEM A EXPERIÊNCIAS COM OUTRAS ESPÉCIES

IIsto não sucedeu nas regiões donde a *Hevea* é nativa. Sòmente em limitadas regiões, que estavam favorecidas com extraordinárias condições climáticas, as tentativas para estabelecer a *Hevea* nas plantações de Trinidad, Guiânia, ou no Vale do Amazonas, resultaram em árvores completas e produtivas. Em geral, êstes esforços terminaram em fracassos, depois que a ferrugem da fôlha havia destruido tôdas, ou a maior parte das fôlhas de cada novo brôto que aparecia, no espaço de uns poucos dias.

Durante os períodos de altos preços da borracha, grandes capitais americanos, europeus ou locais, foram invertidos no México, América Central, Panamá e América do Sul, para estabelecer plantações de borracha. Depois que se divulgaram intensamente todos os riscos relacionados com o plantio da *Hevea*, a maioria das plantações se fizeram com árvores da espécie chamada *Castilla*. A produção destas árvores foi baixa, com as severas práticas de incisões comumente usadas. As referidas plantações raramente continuaram por longo tempo em mãos dos primeiros donos, depois que as plantações de *Hevea* no Ceilão e Malaia começaram a produzir em grande escala. O total das perdas dos investimentos que sofreram os interessados nessas plantações, legou à borracha, como caracteristica de plantio (nas regiões tropicais americanas), uma prostração permanente, da qual não se recobrou ainda.



O dr. M. J. Langford mostra ao sr. J. J. Blandin, ao dr. R. D. Ranas e ao autor dêste artigo a grande resistência de um clone de pais selvagens.

Quando as plantações da *Castilla* fracassaram, em virtude do alto custo do plantio e de a qualidade da borracha ser baixa em comparação com a *Hevea*, muitas das árvores sobreviveram por entre a vegetação selvagem que as cercou. Êstes sobreviventes serviram como fontes de muita borracha de *Castilla* que ajudou, tão vitalmente, à produção de materiais bélicos na última guerra. Ainda que não pareça haver necessidade alguma para se considerar a *Castilla* como sendo uma árvore de plantações para o futuro imediato, há justificação para se dar alguma proteção a esta árvore nas selvas, pelo seu valor, como fonte de emergência.

A borracha *Guayule* foi adaptada ao cultivo de plantação, principalmente pelos esforços do dr. David Spence McCallum e de seus colegas, nos laboratórios da Inter-Continental Rubber Co., em Salinas, Califórnia. Êste grupo científico, que teve recentemente ajuda de agentes governamentais e universitários, melhorou os rendimentos da borracha, diminuiu o conteúdo de resina e desenvolvem a maquinaria para o cultivo, colheita e elaboração. Entretanto, apesar das notáveis melhoras que se fizeram nas plantas, e da substituição do trabalho manual pelas máquinas para manipular a colheita, não foi possivel ainda reduzir o custo de produção, até o ponto que lhe permitia competir com a *Hevea, melhorada, numa base do custo direto*. Diz-se que a borracha do Guayule é particularmente adaptável para o uso em certas combinações com substâncias sintéticas. Pode ser que encontre um lugar permanente na agricultura de algumas regiões áridas, entretanto, parece pouco provável que, num futuro próximo, abasteça uma maior proporção de borracha de plantação que no momento presente.

Neuhuma outra espécie vegetal conseguiu a posição dominante da *Hevea brasiliensis Muell. Arg.* na produção da borracha, nem parece provável que o consiga. E' possível que os materiais sintéticos continuem substituindo um pouco de borracha nos pneumáticos dos automóveis e outros artigos que usam grandes quantidades de borracha. O alcance desta substituição dependerá, principalmente, da legislação que determine a norma nacional a seguir com respeito à fabricação dos sintéticos. Mesmo ao preço que se calcula, pode-se produ-

zir um sintético com os métodos mais modernos (um cálculo está entre 28 e 33 centavos de dólar o quilo), as primitivas plantações de *Hevea*, melhorada, com uma exportação sem restrições, puderam operar com lucros nos anos anteriores à guerra. E' impossível determinar a quantidade de potencial ou o custo da borracha que vem de plantações da Indonésia e Malaia, antes que se resolva, por si mesmo, êste período de inquietude social. E' certo que as tarefas diárias aumentaram e que a produção do trabalhador diminuirá naquela região da Oceania. Estas mudanças baixaram a diferença entre o custo de produção de borracha na Oceania e o das Américas.

Aproximadamente 85% das áreas de plantações de *Hevea*, inclusive as plantadas pelos nativos, estão cultivadas com uma mistura casual de plantas descendentes das árvores originais de Wickman. Éste tipo de material de semeadura produziu um rendimento anual de 500 a 550 quilos de borracha sêca por hectare, nas grandes plantações européias, e um pouco mais que isso nas possessões nativas, densamente cultivadas. O sr. H.N. Whitford, da Rubber Manufacturer's Association, decobriu que os seringueiros nativos traziam de suas plantações cêrca de 3,65 quilos de borracha sêca, para cada dia de colheita do látex. Ésses homens geralmente empregavam sòmente parte do dia na colheita do produto.

Um contrôle cuidadoso do sistema de cortes e das enfermidades do painel das mesmas, permitiu aos seringueiros de fazendas dirigidas por europeus, recolherem de oito a nove quilos diários de borracha sêca destas árvores não selecionadas. Nestas plantações, um só homem, no local de extração, pode atender ao produto de dez ou mais seringueiros por dia.

Os restantes 15% das plantações da Oceania, tôdas propriedades de europeus — incluindo as dos norte-americanos — foram plantadas com árvores originárias de um extenso programa de hibridação e seleção. Cêrca de 20 milhões de árvores de sementes estiveram sob estudos e se pode notar seus rendimentos durante um ano ou mais para selecionar as superiores. Os descendentes destas foram propagados por enxertos de golfão. As provas demonstraram um indício do valor dos *clones* (*) para outras experiências em maior escala.

Os progressos foram aumentados e acelerados a níveis superiores aos que ocorreram em arvoredos naturais, por meio de combinações formadas por cruzes gerativas, entre as melhores plantas descobertas nas povoações florestais naturais. O têrmo médio de rendimento de uma plantação que provinha dêstes progenitores superiores, frequentemente era igual ao de seus pais. Isto indica que o têrmo médio foi aumentado, mediante a seleção e uma geração de hibridação, a um nível aproximadamente três vêzes o têrmo médio dos arvoredos de onde saíram seus antecessores. Muito poucas dessas combinações, ou das novas combinações que compreendiam mais de duas gerações de cruzes, dentro dêste escolhido material, haviam sido sangradas, antes de cessar o estudo nas áreas da Indonésia e Malaia, pela chegada dos invasores japonêses. Portanto, parece razoável a suposição de que o melhoramento de *Hevea*, não alcançou, ainda, um máximo de rendimentos, quando progrediu tão ràpidamente nestas primeiras gerações. Esperamos, com ansiedade, os informes acêrca dos rendimentos de gerações avançadas, as quais deverão ter chegado à maturidade quando

(*) *O conglomerado de organismos individuais descendentes por reprodução assexual, por estacas ou enxertos, de um indivíduo produzido sexualmente.*



Heveas de «três elementos», numa plantação. Sob a abóbada que está mais próxima do solo, vemos um cêpo de uma espécie resistente. Entre êle e a parte sangrada da árvore, está o tronco de um clone de alto rendimento, mas sem resistência. A copa é, também, um clone.
Foto da Oficina de Indústria Vegetal, U.S.D.A.

voltem a se normalizar as Índias Orientais.

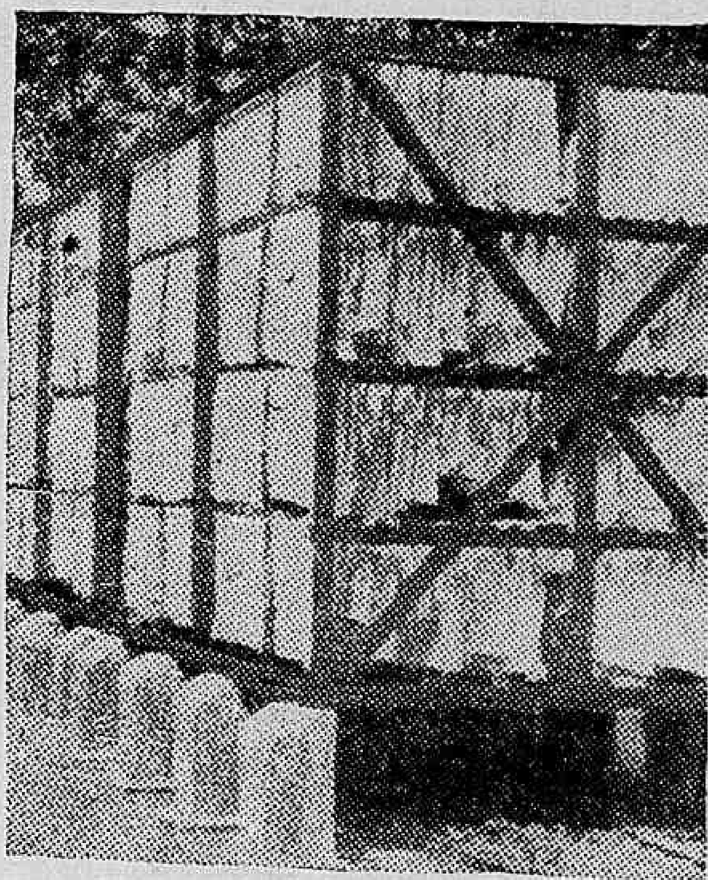
Em adição a um aumento no potencial do rendimento das árvores, o programa de seleção eliminou, quando foi possível, aquêles *clones* que eram, anormalmente, sucetíveis a uma degeneração dos condutores do látex (cordões pardos), ao dano severo dos ventos à renovação irregular dos cortes nos painéis das incisões e às árvores com um hábito de ramificação que não suportariam a concorrência de plantações de grupos de *clones* misturados.

Os melhores dos *clones* que deram origem à seleção de uma árvore extraordinária, obtida das plantações naturais, deram um rendimento comercial em alta escala, correspondente a três vêzes o do arvoredo de onde foram selecionados, ou seja, 1.660 kgs. por hectare por ano. Os melhores dos *clones*, que resultaram de hidridações controladas, deram 2.210 kgs. nas grandes parcelas experimentais. Os seringueiros, trabalhando nas referidas árvores, trazem à estação colhedora o equivalente de 18 a 27 kgs. de borracha diários. Com um mínimo de 300 dias de colheita, um seringueiro que trabalhou com esta classe *Hevea* pode recolher 5.450 kgs. de borracha anualmente.

Como se compara esta retribuição com a do índio que busca a borracha nas árvores silvestres? A Rubber Development Corporation fêz uma intensa comprovação da colheita anual dos seringueiros no Vale do Amazonas durante os anos de guerra, e informou que êsses rendimentos variam desde tão sòmente 200 quilos na região de Iquitos, no Peru, até 800 quilos na do rio Beni, na Bolívia.

A vantagem relativa do trabalhador empregado por uma fazenda, é reduzida em razão do capital requerido para preparar a plantação a ser por êle trabalhada e pela manutenção e tarefas da central de recolhimento, que o ajudam a elaborar o látex recolhido. Entretanto, quando descontamos êsses fatôres, descobrimos que o seringueiro que trabalha com *clones* melhorados, numa fazenda, tem uma superioridade muito acentuada em sua colheita anual, quando se compara com o seringueiro da selva ou com o pequeno proprietário de uma fazenda na Sumatra, os quais trabalham com árvores de um rendimento relativamente baixo.

Não é necessário que as plantações das Américas em perspectiva passem por êsse período de desenvolvimento econômico em que se encontram, como os indonésios, com o terreno disponível que têm plantado com borracha de baixo teor produtivo. Aqui podemos plantar os *clones* de alto rendimento, e as plantações americanas terão a vantagem de níveis de produção equivalentes aos dos máximos 10% da indústria da Oceania. O Conselho Econômico e Social Inter-Americano, da União Pan-Americana, informou que em 1944 estavam ocupados na colheita da borracha, em fontes silvestres, na América do Sul, cêrca de .. 69.185 homens. Mesmo na época dos preços extremamente baixos, muitos dêsses seringueiros continuaram explorando a borracha. Não seria uma boa economia auxiliá-los a plantar melhor borracha perto de suas habitações e aproveitar, portanto, as vantagens desta maior eficiência do trabalho e da utilização do solo? Não podemos explicar a produção da borracha pelos índios amazônicos, sôbre a base de uma retribuição atrativa; entretanto, se estão tão tenazmente apegados ao seu solo, é possível que a borracha cultivada lhes traga uma vida mais frutífera, em sua ocupação habitual.



Abaixo: Fôlhas de borracha limpas e uniformes, provenientes do trabalho de muitos seringueiros em Sumatra. Para o seu preparo são requeridos poucos trabalhadores.

Não sòmente conseguem um lucro muito pequeno por seus esforços, como estão sujeitos a condições anti-higiênicas, escassez de cuidados médicos e alta mortalidade. Taperas pobres e temporárias são o que lhes dá guarida; o alimento, freqüentemente é escasso e pobre na qualidade e os serviços médicos não podem chegar a suas remotas vivendas. Com um só hectare dos melhores *clones* disponíveis — de copa enxertada com um *clone* resistente — o seringueiro poderia viver melhor, trabalharia nas cercanias de sua casa e obteria sete vêzes a borracha que consegue extrair agora num ano de trabalho.

A concentração da produção de borracha em pequenas unidades de uma área plantada, faria possível que os seringueiros vivessem em casas permanentes, mais confortáveis, de onde se facilitaria abastecimento de alimentos e a assistência médica. Apesar das vantagens que usufruiriam no plantar da borracha para substituir as de origem silvestre, o impulso para realizar esta troca não partirá dos próprios seringueiros; pelo menos, enquanto êles não virem em sua região unidades produtoras que estejam dentro de suas posses. Se estas unidas se estabelecessem por uma agência do govêrno local, estimulariam a propagação dêste tipo de plantação.

A despeito dos primeiros fracassos para estabelecer o negócio das plantações de borracha nas Américas, o desenvolvimento das mesmas tomou novo impulso ao entrar em vigor o "Plano Stevenson" para restringir a exportação da borracha das principais áreas de produção do Império Britânico. A Ford Motor Company adquiriu concessões ao longo do rio Tapajós, no Brasil, com um milhão de hectares, de onde planejou exportar madeira e outros produtos florestais e, mais tarde, plantar o terreno limpo com uma cultura de borracha. A United Fruit Company, importou algumas sementes de "Árvores Mãe", selecionadas, de alto rendimento, da plantação da United States Rubber Company, em Sumatra. A United Fruit, por essa época, encetou também umas plantações pequenas de borracha em terras de Costa Rica, Honduras e Panamá, as quais não tiveram ul-

terior utilidade para o cultivo da banana, depois que se haviam infectado com o "mal de Panamá" (*Fusarium cubense*).

A tentativa de Ford em explorar madeira amazônica e outros produtos da selva foi iniciada em época inoportuna. A depressão econômica que dominava o comércio mundial na época em que êsses produtos estiveram prontos para os mercados, não permitiu a introdução lucrativa dos mesmos. A maquinária existente para trabalhar a madeira não servia para muitas daquela região, que eram extremamente duras; o sistema de secamento em fornos era desconhecido para muitas delas, e era muito difícil obter-se grande quantidade de madeira que se mantivesse na mesma forma que uma das amostras. As seringueiras recém plantadas, de sementes locais, sucumbiram aos ataques da ferrugem sul-americana da fôlha, as pragas de insetos que se ignorava inimigos da *Hevea*, na selva, propagaram-se até se converterem em pestes assoladoras. A Companhia viu-se obrigada a abandonar os planos de plantações de borracha, para uma expansão em grande escala, até que pudesse conseguir um contrôle satisfatório de algumas das referidas plantas.

Sòmente uma pequena porção de área plantada de *Hevea*, pertencente à United Fruit, era de material melhorado. Quando fracassou o "Plano Stevenson" e os preços da borracha baixaram novamente, esta Companhia compreendeu que os ínfimos rendimentos que poderia obter dos arvoredos não melhorados, não podiam manter uma operação lucrativa, e resolveu abandonar suas plantações no Panamá e em Costa Rica. Na época em que as abandonou, as plantações estavam aparentemente sãs. Sem dúvida, quando o autor lá chegou, em 1935, com o sr. B.E. Bookout — Superintendente Agronômico da United Fruit —, as árvores que restavam estavam severamente desfolhadas pela *Dothidella ulei*. Todavia, não se conhece a maneira pela qual chegou esta enfermidade ao Panamá e Costa Rica. Essa plantação de Costa Rica foi comprada mais tarde pela Goodyear Rubber Plantations Company, e se transformou na base para seus estudos sôbre os métodos do "mal sulamericano da fôlha".

A Goodyear Rubber Plantations Company havia estabelecido, em 1928, uma plantação na ilha de Mindanao, nas Filipinas; como passo preliminar fazia outras plantações eventuais nas Américas. Os melhores clones de tôdas as fontes disponíveis foram ali plantados tão logo lhes foi possível consegui-los. Em 1934, quando o Acôrdo Internacional de Restrição da Borracha limitou a exportação da mesma a todos os principais centros de produção do mundo, foi também proibida a mudança de plantas produtoras de borracha, fora dos territórios compreendidos pelo Acôrdo. As Filipinas não se uniram ao Acôrdo e a coleção de *clones* da Goodyear foi a maior existente fora da zona restrita. O iminente conflito na área do Pacífico, o perigo de ter tôda a fonte de sua principal matéria prima em uma pequena parte do globo e o risco inerente de ter êsse material controlado por associação de produtores, foram os fatores que influiram para se tomar em consideração as possibilidades da produção da borracha, em escala de plantação, nos trópicos americanos. Os elevados rendimentos que podiam ser obtidos dos *clones* que a Companhia tinha em suas plantações, nas Filipinas, compensariam a diferença de salários entre os trópicos americano se os da área do Pacífico, onde a maior parte da produção da borracha era de árvores de rendimento escasso.



Um seringueiro brasileiro coagulando e secando a borracha no fumo de uma fogueira.

Com êsse fim, fêz-se o embarque de 1100 *clones* para uma nova propriedade que se formou nas margens do Lago Gatúm, no Panamá. Êste ia ser a base para a distribuição do material de semeadura; e a produção comercial foi planejada para outra propriedade de que a ferrugem sulamericana da fôlha havia chegado a Costa Rica antes de nós teve um efeito distruidor nos planos para o estabelecimento de uma plantação comercial. Em seu lugar, fêz-se imperativo o início de um programa para controlar êste cogumelo nocivo, desde que as plantações iam ter esperanças de sobreviver com êxito, em qualquer ponto dêste hemisfério.

Uma viagem de estudos à ilha de Trinidad, às Guianas — onde Sthael estudou durante muitos anos esta enfermidade —, e às plantações de Ford no Brasil, encorajou muito pouco as tentativas para controlar êste cogumelo com formicida. As condições favoráveis do clima na região do Tapajós haviam permitido aos *clones* do Pacífico, que as Plantações Ford haviam importado antes que o acôrdo referido proibisse o acesso a êles, desenvolverem-se um pouco, apesar dos danos sofridos na estação das águas. O dr. J. R. Weir havia tentado contrabalançar êste ano, enxertando a 1,8 metros do solo, com gemas de *Hevea gyanensis*, e assim obteve árvores com certa resistência às enfermidades. Êste sistema surtiu efeito naquele clima favorável, onde os *clones* do Pacífico poderiam alcançar uma altura apropriada para o enxêrto de copas pouco danificadas por doenças, mas não era, ainda, a solução dos problemas em Costa Rica e Panamá, onde a enfermidade paralizava o crescimento das árvores e cerceava seu vigor, antes que tivessem suficiente tamanho para lhes dar uma copa resistente. O pessoal da Ford tinha feito uma observação de um valor extraordinário para o programa da Goodyear, e estimulou os que tinhamos sob nossas ordens a continuarem a campanha contra o referido cogumelo. Tinham descoberto que um grupo de mudas colhidas nas ilhas freqüentemente inundadas, nas cercanias da foz do Amazonas, e também uma coleção de algumas delas da cordilheira dos Andes, banhadas pelas nuvens — ao longo do rio Acre — tinham níveis médios de resistência e doenças, que pareciam ser mais elevados que a resistência máxima exibi-

da pelas semeaduras do Tapajós. Conquanto o arvoredo de Tapajós fôsse a fonte básica da plantação da Goodyear e dos *clones* melhorados, ia ser necessário regressar ao Amazonas para apanhar os *genes* que dariam às árvores que possuíamos, a resistência necessária para protegê-las contra as enfermidades.

Os arvoredos resistentes tinham rendimentos bastante baixos. Os da região da bôca do Amazonas, descobriu-se mais tarde que chegavam tão sòmente à metade dos rendimentos dos arbustos não selecionados do Tapajós. Era óbvio que uma plantação não podia competir com os altos rendimentos das fazendas da Indonésia, quando plantada com semelhante material, assim como não o podiam as plantações de *clones*, sem a resistência às doenças. O pessoal das plantações da Ford utilizou a vantagem do clima, que lhes permitiu desenvolver os *clones* do Pacífico, até alcançarem o tamanho apropriado para o florescimento, e cruzaram êstes *clones* com as árvores resistentes. Dêstes cruzamentos resultaram algumas famílias de plantas que tinham um alto grau de resistência. Os primeiros ensaios com estas plantas indicam que os materiais eventuais da sementeira para plantações da *Hevea* nas Américas, terão sua origem entre êstes cruzamentos ou entre os que, mais tarde, preparou o sr. D.A. Beery, Jr., que trabalhou nas plantações da Ford, num programa mantido, cooperativamente, pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e o Instituto Agronômico do Norte, em Belém, Pará, no Brasil.

Quando a emergência da guerra colocou em perigo as áreas mundiais de plantações de borracha, foram reunidos fundos para que o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos ajudasse o desenvolvimento das plantações de borracha no nosso hemisfério. Primeiramente, fêz-se um estudo das regiões adequadas para estabelecê-las. Chegou-se a acordos cooperativos com muitas das repúblicas americanas, as quais garantiram um intercâmbio livre de material de semeadura melhorado, e de informação útil. Êstes foram de valor essencial para o subsequente desenvolvimento das plantações.

Antes de dispor das facilidades do referido estudo, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos enviou o dr. M. H. Langford à plantação "All-Weather", da Goodyear, no Panamá. Ali desenvolveu êle um sistema de aspersão, que controlou satisfatòriamente a enfermidade nos viveiros. Mais tarde, em Turrialba, Costa Rica, adaptou seu instrumental e sistema para controlar, igualmente, a doenças das árvores que tinham resistência à mesma, as quais estavam plantadas pela vastidão dos campos. Esta prática converteu-se na chave de todo o programa de contrôle da ferrugem sulamericana da fôlha. Êste sistema tornou possível a proteção dos *clones* não resistentes, de alto rendimento, em tôdas as zonas climáticas, até que se lhes pudesse dar uma copa de origem resistente.



As Heveas são sangradas próximo ao solo; não é necessário trepar-se por elas. Um seringueiro sangra 400 ou mais árvores num só dia.

Os drs. E.W. Brandes e R. D. Rands, na sede do escritório da Indústria de Plantas, dos Estados Unidos, em Beltsville, e o pessoal técnico da Estação Central Experimental de Turialba, sob a direção do dr. Ernest Imle, mantiveram constante contacto com os progressos e as necessidades dos investigadores em cada um dos grupos cooperativos dos governos e das emprêsas particulares. Êles se ocuparam da distribuição dos materiais de sementeiras em escassez e de assistir tècnicamente aos projetos constituindo, outrossim, uma agência para tôda informação que surgisse em qualquer ponto do programa.

Embora a investigação essencial não houvesse sido feita antes de surgir a emergência, o fim da guerra no Pacífico (e da emergência) veio encontrar o cultivo das plantações de borracha firmemente estabelecido em muitas das repúblicas da América Tropical. O dr. E. W. Brands incluiu em um comentário preliminar da publicação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos — "Cooperativa Inter-Americana para Fomento das Plantações de Borracha" —, um quadro que mostra a extensão das novas plantações, no final do ano de 1945, o qual publicamos a seguir:

RESUMO DAS PLANTAÇÕES DE *HEVEA*, BASEADO NAS INFORMAÇÕES INCOMPLETAS DOS COOPERADORES

País	*Cálculo aproximado de Hevea, no final de* 1945
Brasil	6.400
Colômbia	204
Costa Rica	960
Equador	—
El Salvador	—
Guatemala	452
Haiti	2.600
Honduras	325
México	139
Nicarágua	50
Panamá	50
Peru	27
Rep. Dominicana	12
	11.219

Os dados que serviram de base para o quadro acima, parece que não incluiram os seringais pequenos, de emprêsas de colonização e outras fazendas pequenas. Estas foram, às vêzes, supervisionadas por técnicos do govêrno local, e foram, em parte, subvencionadas pelo govêrno para ajudá-las no desenvolvimento de sua emprêsa.

"Até 1946, 1.518 hectares de *Hevea* foram semeados no México; espera-se que o número total de cultivadores, que é presentemente de 650, mais ou menos, aumente para mais de 1.000, durante a próxima estação das chuvas. Atualmente, o vale de El Palmar, Vera Cruz, e a área Tabasco-Chiapas, ao sul do México, são as regiões onde se está semeando a borracha.

O México tem o mais intenso programa subvencionado pelo govêrno, dos que se estabeleceram até o presente nas Améri-

cas, para ajuda aos pequenos proprietários de plantações de borracha. O desejo expresso das autoridades agrícolas dêsse país é o de produzir suficiente borracha de *Hevea* em seu território, para atender às exigências de sua indústria de artigos de borracha, que estão crescendo com grande rapidez. O México também deseja proteger seus meios de transporte de futuras faltas de pneumáticos, se uma nova emergência interromper o abastecimento do exterior.

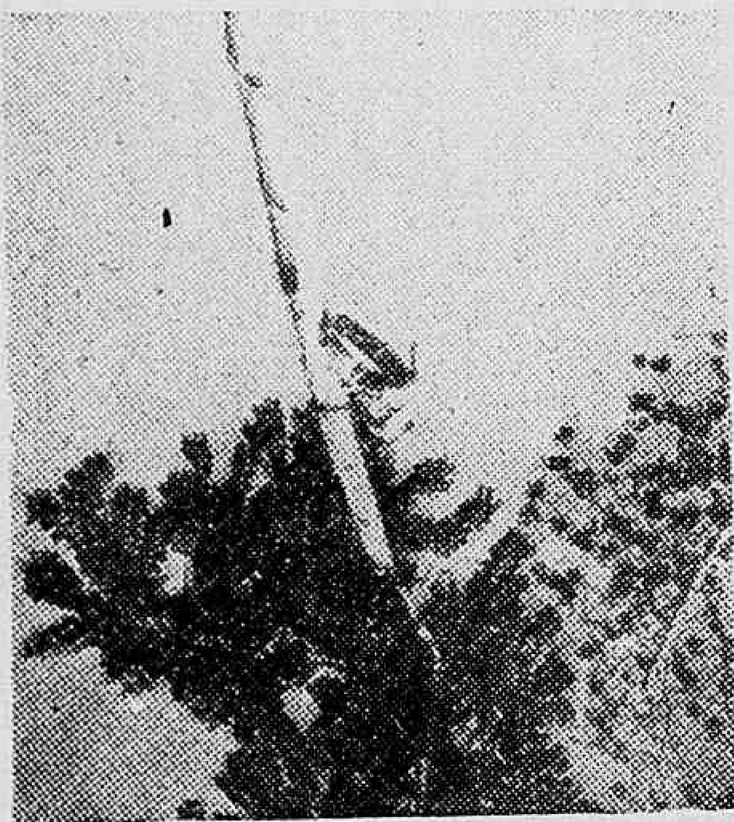
O opúsculo ("A Borracha), também se refere à *Hevea* plantada em Haiti. Estas plantações foram feitas, principalmente, pela Sociedade Haitiana-Américana de Desenvolvimento Agrícola (SHADA), como uma contribuição à nossa necessidade de borracha durante os últimos anos. Diz-se que grande parte de superfície plantada originalmente foi abandonada, e que a extensão que se continua plantando é de sòmente 560 a 650 hectares.

As plantações de *Hevea* no Brasil constituem-se, principalmente das que tinha ali a Ford Motor Company, as quais foram vendidas ao govêrno brasileiro depois que a Ford cessou o fabrico de pneumáticos e não mais precisou de uma fonte própria de abastecimento de borracha crua para as operações de sua indústria. As referidas plantações estavam constituidas, na sua maior parte, por *clones* do Pacífico, de alto rendimento, os quais já haviam sido enxertados com copas resistentes à ferrugem. A produção começou nessas fazendas, nas quais há grandes quantidades de valioso material para enxertos, tanto em fontes da Oceania como de tôdas as secções do Vale do Amazonas. Estas plantações são administradas pelo govêrno brasileiro, por intermédio do dr. Felisberto de Camargo, que é o diretor do Instituto Agronômico do Norte, em Belém. E' certo que, sob sua eficiente direção, a coleção de material para as sementeiras prosperará, produzindo grande quantidade do mesmo para as plantações futuras.

A Colômbia subvencionou viveiros e, até certo ponto, a plantação da *Hevea*, em conjunto com um programa de colonização de fazendas. Peru, Nicarágua, Guatemala e Costa Rica, mantém estações experimentais cooperativas, nas quais há em disponibilidade material de propagação dos *clones*, de alto rendimento, do Pacífico, e também *clones* para formar copas de resistência comprovada. Em alguns casos fornecem-se plantas e enxertos dêsses viveiros aos agricultores que desejam estabelecer pequenos seringais. Em outros lugares, elas são vendidas a um preço nominal.

A United Fruit Company plantou *Heveas* de alto rendimento e com copas enxertadas, em escala de plantações, em Honduras, Guatemala e Costa Rica, de acôrdo com seu programa de substituir as bananas por novas culturas, nos terrenos que já servem para o cultivo daquelas.

Terminou-se a plantação e já



As árvores Castilhas requerem seringueiros ágeis, e muito poucas podem ser sangradas por dia.

foi iniciada a produção em escala experimental, da cultura de 1.100 hectares que a Goodyear Rubber Plantation Company tem em Cairo e Costa Rica. Os resultados das incisões de prova, copa enxertada, de cêrca de 20 *clones*, comparam-se, intimamente com os rendimentos dos mesmos *clones*, quando tinham suas próprias copas e foram sangrados pela primeira vez em Sumatra. Ainda que a copa empregada para o exêrto fôsse de rendimento potencial baixo, parece que influiu pouco na capacidade dos tecidos interiores da casca do tronco para elaborar o látex. Resultados semelhantes foram obtidos em outras sangrias experimentais que se efetuaram nas plantações da Ford no Brasil, e entre as poucas árvores que se sangraram, na plantação do Instituto Inter-Americano de Ciências Agrícola do Panamá.

A borracha é um cultivo que tem muitas vantagens atrativas para o proprietário de uma pequena extensão de terras, nos sítios em que se pode desenvolver. Quando as árvores chegam à sua maturidade, pode-se tirar uma colheita em qualquer época do ano, que se pode converter em dinheiro corrente e soante em uma ou duas semanas. O produto tem um alto valor por quilogramo e pode ser armazenado sem se deteriorar; as qualidades para o mercado são fàcilmente determinadas e o preço é fixado, claramente, pelo mercado mundial. As árvores podem ser sangradas intensamente para que dêem um rendimento maior, quando há uma necessidade urgente de lucro ou então não precisam ser sangradas — sendo que elas não sofrerão por isso — quando houver outro trabalho a ser feito. As chuvas imprevistas durante a colheita destroem sòmente o trabalho de um dia e não afetam o de tôda a estação, como sucede no caso da colheita de feijões ou de arroz. Quando as árvores chegam à sua maturidade, requerem pouco cuidado; com razoável cuidado durante a operação das incisões, continuarão dando borracha por 25 anos ou mais.

Dois fatores (além da inércia natural e do conservantismo dos agricultores do mundo inteiro), são os responsáveis pela lenta aceitação da borracha como cultura entre os pequenos fazendeiros da América. E' óbvio que o primeiro é a falta de capital para nivelar e preparar o terreno, comprar as sementeiras e atender às árvores, durante cinco anos, antes que iniciem sua produção. Êste problema foi resolvido pelos agricultores indonésios, mediante o cultivo de plantas alimentícias, que semeavam entre as novas árvores de borracha, até que estas dessem sombra ao terreno e pudessem combater as ervas por si mesmas. Numa série de experiências efetuadas nas fazendas da Goodyear Rubber Plantation Company, em Costa Rica, aprendemos que êsses *intercultivos* entre as seringueiras jovens não lhes davam tão severa concorrência como as plantas silves-

tres. A plantação, a formação da copa e o desenvolvimento melhoraram consideràvelmente nos terrenos onde se cultivavam essas culturas alimentares.

O segundo fator é que o agricultor nativo interessado no cultivo da borracha verificará que o obstáculo principal, em conexão com esta cultura, no momento atual, é que êle não pode executar as numerosas e complicadas práticas de horticultura que se requerem, agora, para obter uma árvore de *Hevea* resistente e de alto rendimento em sua fazenda. Entre êstes requisitos, contam-se: um viveiro, de preferência de sementes de um arvoredo resistente, que contenha de quatro a oito posturas para cada árvore que se pretenda plantar; êste viveiro deverá estabelecer-se pelo menos um ano antes de se começar a plantar o campo. Ao mesmo tempo, plantam-se alguns tôcos enxertados com *clones* de alto rendimento, para ajudar a multiplicação do material para enxertos. A êstes, com frequência, é preciso aplicar formicida se se tratar de uma área onde exista a ferrugem. Quando as posturas têm um centímetro, ou pouco mais, de diâmetro, enxertam-se num ponto equivalente a uns 10 cms. da terra, com botões de multiplicação dos *clones* de alto rendimento, cortando-se a ponta da planta para forçar o crescimento dos referidos botões. O rebento que se desenvolve deve ser protegido com pulverizações, até que tenha o corte marron, na altura de 1,80 mts. do tronco. Uma muda de um *clone* com resistência comprovada, que seja cortada, tendo rápido crescimento e diminuta possibilidade de se romper com o vento (quando usada como copa), é, então, enxertada nos troncos de alto rendimento, numa altura de 1,80 mts. do solo. Quando se corta a parte superior dos troncos para forçar o desenvolvimento do enxêrto resistente, e se o tempo é perfeito (isto é, úmido e nublado) para plantar, plantam-se no campo os troncos enxertados. Para maior segurança, convém deixar as árvores na estufa, até que atinjam uns 60 centímetros de casca parda, no rebento resistente. A árvore tem agora dois anos, é robusta e apresenta o problema de precisar uma cova maior para ser plantada, maior cuidado na operação e bom tempo para assegurar um desenvolvimento perfeito, efetivo.

Os horticultores competentes têm dificuldade para planejar tôdas as operações que acabamos de descrever, bem como para prover a quantidade necessária do material de semeadura, no momento em que o tempo estiver propício e o terreno pronto para ser cultivado. Como é natural ,o homem que não tem a experiência daqueles, e planeja iniciar sua plantação com 500 árvores, ou algo menos, tem que ficar completamente desorientado. Geralmente, não fará uma nova semeadura, a menos que logre colocar as árvores em condições tais que possam sobreviver, com um cuidado mínimo.



Tirando da almácega de um viveiro uma muda de Hevea brasiliensis **enxertada, para transplantá-la no campo.**

A LÃ NA PELETERIA

O fomento da ovelha karakul com o fim de explorar sua lã para a manufatura de peles depende, em grande parte, do plano de criação por cruzamento, segundo firma o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

De acôrdo com êsse plano, cruzam-se os machos de puro sangue com ovelhas de raças não peleteira e gerações descendentes, sucessivas são, por sua vez cruzadas com os melhores machos karakul obtíveis.

Dêsse modo, a seção de indústria animal do centro de experimentação do mencionado Departamento em Beltsville, Md., tem usado, em seus cruzamentos experimentais, ovelhas de três raças distintas. A melhor qualidade peleteira de cada cordeirinho recém-nascido é comparada com um conjunto de peles comuns.

Começando por ovelhas Corriedale de lã de qualidade média até fina, demorou ao menos seis gerações de cruzamento para se conseguir que a qualidade comum de peles chegasse ao nível das de karakul de puro sangue.

Como velhas Highland Blackfaec (de cara negra) de pêlo basto, o níxel dos karakul de puro sangue foi conseguido na quinta geração, e com ovelhas de Navajo em três.

Torna-se necessário empregar o cruzamento contínuo quando o país em que se deseja o bom karakul é escasso de karakul de puro sangue. Mas mesmo nesses a qualidade da lá varia, quanto ao seu valor na peleteria. E' necessário ter-se um plano bem estudado para se obter os melhores animais de peleteria, com o objetivo de serem usados para alcançar um nível elevado e uniforme quanto às suas peles.

PORCOS CRIADOS NO PASTO

A produção de porcos é mais intensa, naturalmente, nas zonas produtoras de cereais, mas também se pode aumentar sua produção proporcionando-lhes pastagens ou forragem.

As substâncias minerais poderiam ser mantidas constantemente em um caixão ou manjedoura, ao alcance das rêses. A das bezerras leiteiras deverá conter uma mistura mineral de 1%.

PRISÃO ABERTA

(Cont. da pág. 82)

— Espere um pouco. Êsse local deve estar situado antes de Wantage, e, examinando o mapa, parece-me que deveríamos descrever um triângulo. Examine você mesmo, Pat, e verificará, justamente o que quero dizer.

— Claro. Desejam um equipamento de aviador?

— Sim, preciso de um casquete e de óculos, e talvez que pudessemos precisar ainda de um pára-quedas. Estamos dando caça a um endiabrado indivíduo, você sabe...

Cinco minutos mais tarde o avião decolava com violenta vibração de motores e se eleva ràpidamente sobrevoando os bosques circunjacentes. Mick ajusta seu pára-quedas sem nenhum mêdo; mas êle conhecia muito bem a Milsom Crosby, para não descuidar-se de nenhuma precaução. Retira seu revólver, examina-o atentamente e passa para Sandy o que tomara a Butch Davies. Pat, que observara os seus movimentos pelo retro-visor, acena com a cabeça em sinal de aprovação.

O avião voava agora a cêrca de dois mil metros acima do solo, e o frio estava forte. Sandy canta uma canção, "A Última Ronda", da qual Mick e Pat, alegremente cantavam os estribilhos, em côro.

Às quatro horas menos vinte, Pat se volta para os companheiros e designando um ponto no solo um pouco adiante, exclama:

— Lá está Wantage. — E vira seu avião na direção indicada.

Os dois policiais inclinaram os bustos para olhar melhor enquanto o avião descia com rapidez.

Os minutos se escoavam enquanto êles sobrevoavam a localidade de Wantage. Mick já começava a se enervar. Já eram quatro horas menos cinco minutos e êle ainda não conseguira descobrir em terra o avião que tanto lhe interessava.

Sùbitamente ouviu uma exclamação a seu lado, e viu Sandy a estender, nervosamente, a mão para o lado direito. Mick fixou também o ponto indicado. Um avião decolava a dois quilômetros de onde estavam êles e partia a tôda velocidade em direção de Leste.

Mick se inclinou para o pilôto, e Pat lhe fêz sinal de que havia compreendido perfeitamente, e, abrindo o mecanismo de velocidade, lançou-se em perseguição do aparelho suspeito.

Durante alguns minutos Mick teve a impressão de que êles não avançavam; em seguida nota que o avião perseguido parecia não se ter distanciado nada. Mick olha o painel de bordo e lamenta ìntimamente não ter jamais aprendido a pilotar.

Mas êles ganhavam, visìvelmente, a distância. O tal avião já não estava a mais do que um quilômetro dêles.

— Parece que êles se dirigem à Irlanda, diz Sandy.

— Em quanto tempo acha que o alcançaremos, indaga Mick.

O pilôto ergue os ombros:

— Talvez uns vinte minutos. Nosso aparelho não é muito mais rápido do que o dêles.

Já estavam sobrevoando Swindon. O avião perseguido toma a direção do sul e Pat o segue. Sandy parecia agitado em sua cadeira.

— Estamos muito alto, reclama Mick. Desçamos um pouco.

Pat desceu verticalmente e procurou reequilibrar o aviãozinho quando estavam a cêrca de uns mil metros do solo. Agora, apenas uns trezentos metros separavam os dois aparelhos.

— Bristo! — Grita Pat indicando uma cidade que ficava por baixo dêles.

Pat já estava muito próximo do avião perseguido, cujos tripulantes perceberam que estavam sendo seguidos. Uma bala silvou pelos ares. Cem metros, se tanto, separavam os rivais e Milsom Crosby começou a batalha. Êles sobrevoavam nesse instante o canal Severn a duzentos metros acima da água e o avião de Pat já estava a uns quarenta metros do de Milsom. Mick puxa seu revólver, mira e faz fogo. Êle não viu onde foi cair sua bala. Repetiu mais vêzes sem parar. Quando estavam ainda mais perto, Mick fêz uma descarga sôbre o motor do avião inimigo. Pôde então ver a cara do homem que os visava, por sua vez.

— Ah! exclama Pat, — êles estão incendiando!

Com efeito, espessa fumarada começou a sair do avião perseguido. Duas silhuetas se desenharam de súbito na carlinga, e, depois de um instante de hesitação, precipitaram-se na água que estava por baixo dêles. Mick mordeu os lábios. Depois, erguendo-se à borda do avião, salta com o seu pára-quedas e grita:

— Vou pegá-los vivos! Fique rodando em tôrno a mim.

Sandy empalideceu diante do arrôjo do colega e o seguiu com os olhos naquela descida rápida.

Capítulo XXIII

A CAMINHO DE DARTMOOR

Mick fechou os olhos por uma fração de segundo. O ar era sufocante. Mick estava temendo que o pára-quedas não abrisse; mas um ruído como de sêdas que se roçam num fru-fru animador o advertiu que o pára-quedas funcionara perfeitamente. Já distinguia as pequeninas vagas do canal, quando raciocinou sùbitamente sôbre o perigo que havia para êle ao mergu-

lhar alí com todo o pêso daquela panaria incômoda, certamente embaraçando-o em suas dobras. Ao chegar bem perto da superfície da água, Mick desembaraçou-se do pára-quedas e mergulhou sòzinho.

Nadador emérito, fàcilmente alcançaria a margem. Meteu o braço nas águas e movimentou as pernas em direção à margem, vencendo a dificuldade de nadar vestido. Dominando as águas, sentia apenas zumbidos e barulho nos ouvidos em virtude do mergulho profundo que dera com a queda. Mas, voltando à tona e respirando bem, os distúrbios foram passageiros e êle seguiu na direção em que se orientara. Súbito parou, boiando, a fim de desfazer-se de seus sapatos que o embaraçavam muito. Em seguida, olhou em volta. A poucos metros de onde êle estava, uma cabeça morena emergiu das águas. Mick reconheceu imediatamente que não era a de Milsom Crosby e sim de seu pilôto. Voltou-se então para perscrutar o canal.

Estava a observar atentamente quando percebeu, a uns vinte metros Milsom Crosby a debater-se nas vagas. Imediatamente Mick nadou para êle. Não tardou muito que Mick se convencesse de que seu terrível inimigo não podia ficar por mais tempo a debater-se na água. Dentro em pouco estaria afogado, pois os seus movimentos de braços já denunciavam a desordem de quem não pode nadar mais.

No mesmo instante em que Mick ia segurá-lo, viu Crosby suspender os braços fora dágua e se deixar afundar sem mais remédio. Mick mergulha e, depois de alguns esforços consegue segurá-lo, pois desejava ardentemente prendê-lo com vida. Agarrou-o pelo queixo e o suspendeu fora dágua. Crosby estava totalmente esgotado e não suportaria mais uma só braçada. Continuando a mantê-lo fora dágua, Mick olha em volta e foi com imensa alegria que percebeu que um bote a motor vinha a tôda velocidade em direção a êle. Ao mesmo tempo viu que o avião de Pat rondava em volta quase a tocar na superfície do canal. Sandy lhe fêz sinal com a mão ao passar sôbre êle.

Mas Mick já estava a desfalecer de fatigado quando os tripulantes da lancha os içaram para bordo.

— Socorram êsse homem que está quase afogado, gritou, e procurem outro que não deve estar muito distante.

Mick se refugia na pequenina cabine do barco e respira profundamente, acompanhando o processo de salvamento de Crosby que parecia morto. Enquanto isso, davam busca no canal à procura do pilôto de Crosby; não custou muito a ser encontrado e levado para bordo.

Mick se aproxima dos seus salvadores:

— Êstes dois homens são perigosos criminosos, diz indicando Crosby e seu pilôto. Êles poderão tentar saltar nágua logo que adquirirem fôrças. Cuidado com êles.

A embarcação muda de rumo em direção ao cais mais próximo e Mick nota, a boiar, o pequeno avião dos fugitivos. Quando êles se aproximavam da margem, avistou Mick, Sandy e Pat que já os esperavam com quatro policiais. O avião de Pat havia aterrado num campo vizinho. Muitos curiosos haviam afluido ao cais para ver a chegada dêsses protagonistas que haviam representado um drama no ar e nas águas.

Sandy prevenira a polícia, e, desde que o barco amarrou, um sargento se aproximou de Crosby para algemá-lo. Milsom Crosby já havia voltado a si e recobrado a consciência mas parecia tomado de estupor. Olhava para Mick como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Mick! — Pergunta Sandy ansiosamente — como se sente você?

— Ah! Estou escangalhado, meu caro. Mas não há de ser nada. Nada de importância, afinal, tanto mais que valeu a pena todo êste esfôrço, pois acabamos de cumprir nossa última ronda.

— O senhor me meteu um mêdo dos diabos, disse Pat, ao vê-lo saltar, inesperadamente, do avião. Eu julguei que estivesse voando muito baixo para usar um páraquedas.

— Eu também tive êsse receio, disse Mick. Mas eu não podia deixar que Crosby se afogasse assim tão simplesmente.

A êsse instante chega ao local um carro da ambulância, e os policiais instalam Crosby e seu pilôto. Mick os seguia lentamente.

— Se êsses homens precisarem permanecer por algumas horas no hospital, é preciso que êles sejam guardados por quatro policiais, pelo menos. — Disse Mick. Em seguida, dirigiu-se a Pat e a Sandy: Vocês fariam bem em sentar-se cada um ao lado do leito de Crosby; eu não quero arriscar-me a perder êsse homem depois de tantas aventuras e tanto trabalho perigoso para capturá-lo vivo.

Sandy e Pat entraram na ambulância para cumprir as instruções de Mick.

— Vou repousar um pouco, Sandy, tornou Mick. Você me faça o favor de telefonar a meu pai narrando-lhe o que se passou. Depois me traga roupa e sapatos. Durante êsse tempo Pat se encarregará de montar guarda a Crosby com policiais. Não deixem que êle beba nada, a não ser por ordem médica. Êste homem' prefere morrer agora, a permanecer vivo.

Mick despertou às sete menos vinte e ficou durante algum tempo sem dizer uma palavra. Depois de relembrar todos os acontecimentos, sentou-se no leito. Estava num aposento de hospital privado e vestia um pijame que não lhe pertencia. Roupa nova estava colocada numa cadeira. Mick pressionou um botão de campanhia e um enfermeiro apareceu à porta, entrando no quarto.

— Ora bem! Êste soninho lhe deve ter feito bem, não?

— Não há dúvida. Tenho apenas alguma

dor de cabeça. Dê-me um calmante qualquer enquanto eu me visto.

— Com prazer. O senhor ficará contente ao saber que os seus dois prisioneiros já voltaram à normalidade de consciência, se bem que o mais idoso ainda esteja muito perturbado.

— Êle se sentirá ainda mais confuso dentro dêstes dois meses, diz Mick entre dentes.

Às sete horas entra na sala vizinha e, apoiando-se à barra do leito, olha Milsom Crosby. Vários minutos decorreram antes que um dêles rompesse o silêncio. Os olhos de Crosby brilharam de ódio. Mick sorria friamente.

— Sou um homem que sabe cumprir a palavra, Milsom Crosby, diz o detetive, por fim.

— Apresente suas condições de paz, Cardby, resmunga o falsário.

— Pensou você que eu ia deixá-lo afogar-se quando saltou para o canal?

— Eu preferia morrer afogado a ser prêso. Por que não me deixou morrer?

— Você deve sabê-lo. Não lhe prometi vê-lo afogar-se, nem tão pouco assistir ao seu suicídio. Deixar a vida dessa maneira teria mesmo sido muito fácil para um homem como você. Mergulhar para sempre no canal de Severn a fim de escapar à prisão, nunca foi o programa que eu lhe comuniquei... — E Mick, com voz pausada e irônica, prosseguiu:

— Não faz muito tempo eu o adverti de que o senhor iria fazer uma viagem a Dartmoor, da qual não regressaria senão após longo tempo. E estou cumprindo o prometido, Milsom Crosby. Dentro de dois meses você será julgado. Pessoalmente você não poderá ser condenado por humicídios, uma vez que, dos que houve, você não tomou parte direta e testemunhada. Mas será condenado por todos os demais crimes existentes. E isto me agrada muito mais do que vê-lo morrer nas águas do Severn. Quando você estiver em Princetown, terá catorze anos para refletir sôbre tudo o que fêz. Catorze anos durante os quais estará na companhia de seus amigos. Catorze anos para lamentar não haver morrido afogado hoje. Catorze anos que o alquebrarão, que destruirão o porte e o orgulho daquele homem arrogante de outrora, e que arruinarão de tal maneira sua saúde, que você reclamará a morte...

Ao ouvirem estas palavras proféticas e vingativas de Mick, os que estavam em volta do leito de Milsom, chegaram a empalidecer. Crosby se mexeu no leito e voltando o rosto para o travesseiro, ocultou os olhos nas mãos.

Mick, sem piedade, prosseguiu:

— Eu sabia muito bem que, um dia veria tremer de mêdo o fanfarrão que era você. Milsom Crosby, sua mania de colecionar criminosos, muita satisfação lhe deu, ao lado de grandes proventos. Mas agora é o xadrez que vai colecioná-lo. Duvido muito que você disponha de vida para de lá sair com os seus próprios pés; mas, se isso acontecer, ninguém virá ao portão recebê-lo de automóvel!

Crosby retira as mãos do rosto e murmura, a fitar o seu aprisionador:

— Eu não fiz nenhum mal a sua mãe.

— Não, mas também nada fêz para impedir que outros lhe fizessem mal. Em todo caso, prefiro que minha mãe esteja em nossa casa. Se eu a houvesse retirado de suas garras, eu o teria matado, há vinte horas passadas. E agora Milsom Crosby, levante-se e se vista. Você vai voltar para Londres comigo.

Mick chamou Sandy à parte:

— Telefone para Ringwood e diga a Gribble que vamos levar todo o bando. Êle agora pode liberar todos os que estão no hotel. Que lhe disse meu pai?

— Quase nada; apenas que vai esperá-lo no Pôsto de Polícia de Canon Row, que mandou sua mãe para a casa de amigos e que Iris Crosby continua sob chave no escritório. Vau ligar para Ringwood.

Meia hora depois, Mick saiu abraçado a Pat pelo corredor do hospital e lhe disse eufórico:

— Pat, você êste magnífico, e eu muito lhe agradeço, pelo muito que nos fêz. Se, chegar, no futuro, a precisar de uma ajuda nossa, é só avisar-nos. E não esqueça que esperamos a continha.

— Que conta, que nada! Seria não ter cabeça não sentir prazer em trabalhar com um homem como o senhor, Mick. E não esqueça que o "calhambeque voador" e seu pilôto estarão sempre ao seu dispor. Adeus, e espero que nos vejamos em breve.

Mick lhe aperta a mão com fôrça. O aviador acena com seu casquete em sinal de adeus e corre para voltar em seu aviãozinho para Cambridge.

Em dois carros todos voltaram a Londres. O pilôto de Crosby sentou-se entre dois policiais. Milsom, abatido e desolado, se acomoda no outro guardado por Mick e Sandy. Sua carreira de crimes e contravenções estava terminada, e êle bem o sabia. De espaço a espaço, um calafrio lhe percorria o corpo, dos pés à cabeça. Pensava na sua residência "confortável" e "tépida", que o esperava, portões abertos, em Princetown.

Mick se espreguiça e suspira em desafôgo quando o carro, dando uma volta em Whitehall, passa por Westminster e entra na rua estreita que conduz à Scotland-Yard e ao pôsto policial de Canon Row.

— Meu Deus! — Geme Milson Crosby. Mas só diz isso. Cala-se acabrunhado.

Quando o automóvel parou diante do pôsto de polícia, a porta se abriu e tôda uma multidão correu ao seu encontro. Dentre êles estava o Inspetor Gribble, o pai de Mick, um comissário e mais dois outros inspetores. Os prisioneiros foram indicados como fabricantes de moeda falsa, o primeiro cri-

me que viera ao espírito de Gribble, e mandados para a prisão.

Todo mundo queria cumprimentar Mick pelo sucesso de suas diligências. Sua mão já não suportava mais tanto apêrto. Em volta as mais calorosas exclamações de aplauso pelo memorável feito. Finalmente seu pai o estreitou ao peito, emocionado e orgulhoso.

— Vamos ao escritório por alguns minutos, Mick. Em seguida, iremos para casa. — E convidando Gribble: Venha também conosco, meu amigo. Eu não sei o que fazer de Iris Crosby.

— Mas eu sei, responde Gribble. Vou prendê-la. Posso encontrar bastante indício contra ela. A propósito, Mick, seu pai me falou qualquer coisa a respeito de você e de Butch Davies. Que há?

— E' que eu devo pedir-lhe um favor, meu amigo. Quando você fôr chamado para depor e dizer algo sôbre a vida de Butch Davies, faça tudo o que puder para atenuar-lhe a pena. Êle me prestou grande serviço.

— Está combinado, Mick. Eu nada posso recusar-lhe.

— Tenho outra razão pela qual desejo que êle se sinta bem em Dartmoor, continua Mick a esboçar um riso intencional, é que não desejo que êle esteja desnutrido quando se encontrar com Milsom Crosby.

Quando os três chegaram ao escritório, miss Rayne ainda estava lá, pois não queria deixar Iris sòzinha. Ao entrarem se surpreenderam por ver alí Edwin Lasser com sua filha e Gordon Talbot. Mick se inclina diante dêles, e, deixando-se cair numa cadeira, chama seu pai.

— Que se passou a propósito de Percy Swale, — pergunta.

— Êle confessou tudo. Descobriram na oficina tipográfica grande quantidade de cédulas falsas e uma parte da maquinaria. Você adivinhou perfeitamente tudo quanto ao caminhão. Estava cheio de material destinado à impressão das notas falsas. Você se sentirá feliz ao saber que Swale é o homem que tentou esmagá-lo com um auto em Ringwood. Gribble o prendeu por tentativa de assassínio.

— Pelo que vejo conseguimos esclarecer tudo. Agora vou dizer uma palavra a Jeanne e, depois, verei Iris Crosby, antes de sua partida.

Jeanne Lasser corre ao encontro de Mick:

— Acabo de saber, mais ou menos, tudo o que você fêz, Mick e o acho simplesmente maravilhoso! Eu estava, durante todo êsse tempo muito preocupado sôbre o que pudesse acontecer-lhe de mal. Gostaria muito se você me contasse tudo.

— Amanhã lhe contarei tudo, minha querida amiga. Telefone-me para o escritório a fim de almoçarmos juntos. Tenho a impressão de que há um ano que não durmo.

— Compreendo, Mick. Vou-me embora; mas ficarei ansiosa à espera do momento de tornar a vê-lo.

— Eu também, respondeu o detetive com um olhar terno. Durma bem, Jeanne.

Lasser e Talbot lhe agradeceram calorosamente por tudo que Mick fizera. O rapaz os ouvia como se estivesse a sonhar, e, em seguida, dirigiu-se ao quarto dos fundos. Iris Crosby estava sentada em uma poltrona, meio adormecida.

— Boa noite, diz-lhe Mick. Devo dizer-lhe que Milsom Crosby foi encontrado. Esta tarde êle tentou fugir tomando um avião. Caiu no canal de Severn, mas foi retirado da água. Está agora no pôsto policial de Cannon Row, com o seu pilôto. Dali, irá para Dartmoor. Prevejo bastantes incômodos para a senhorita. Gribble virá falar-lhe. Não lamenta ter-me blefado a respeito do encontro de Hanover Stairs?

— Conversa! — Resmunga ela. Lamento apenas que você não tenha ido lá.

Mick a observa durante alguns segundos. Depois deixa o quarto sem pronunciar uma só palavra.

— Que se passou em Rotherhithe, papai? — Indaga êle ao velho Cardby.

— Foram prêsos dois tipos que te esperavam para levá-lo à China. Por quê?

— Nada. Vem comigo, Gribble.

Mick volta à prisão de Iris acompanhado de Gribble. Êle desejava assistir ao seu interrogatório. Súbito a moça leva a mão à bôca como quem vai bocejar. Mas Mick lhe segura o braço. Uma pastilha branca cai ao chão. Iris Crosby, louca de raiva, vibra uma bofetada no rosto de Mick, mas êste se desvia, exclamando calmamente:

— Que jovem distinta!

— Por que não me deixou morrer? — Grita ela. — Prendendo meu marido, despedaçou-me a vida.

Mick a olha admirado:

— Iris, — diz êle depois de um instante — se Milsom é seu marido, eu prestei a você o maior serviço que um homem poderia prestar a uma mulher. Afastei um grande pêso de sua vida.

— Êle era tudo para mim, respondeu ela.

— Você não era a única, intervem rìspidamente Gribble. Sabe por que motivo êle fazia passar você por sua filha?

— Eu consenti nisso porque êle m'o pediu, — declara Iris convictamente.

— Havia muitas razões para que êle assim agisse, volta friamente a falar o inspetor. Esta tarde eu descobri que êle estava sendo procurado por crime de bigamia há quarenta anos!

Iris desata em soluços convulsivos e desfalece.

Mick aponta para ela e diz calmamente:

— E' a você que compete encarregar-se dela, Gribble. Deixo Milsom Crosby a refletir a respeito de sua próxima viagem a Dartmoor, e vou, por minha vez, fazer longa viagem ao país dos sonhos.

FIM.

NO MUNDO DOS SELOS

NORUEGA — Com grande atraso foi emitida nova série comemorativa do 450.º aniversário da descoberta do Lago Maracaibo, por Alonso Hojeda, em 1499. Um só desenho cujo motivo central é a efígie do descobridor com sua armadura da época sôbre um mapa em que se vê o lago já citado. Os selos têm êstes valores: 5 centésimos, azul; 10 c, encarnado; 15 c. ardósia; 20 c, ultramar; 1 Polivar, verde. Há ainda os selos aéreos em 5 c, castanho, 10 c, encarnado, 15 c, castanho, 25 c, violeta, 30 c, amarelo e 1 Bolivar, verde.

JAMAICA — O sêlo comemorativo da fundação do Colégio Universitário das Índias Ocidentais foi editado em 16 de fevereiro e nos valores de 2 pence, marron e prêto, com as armas do colégio e 6 d. malva e prêto, com o retrato da princesa Alice de Athlene, chanceler do colégio.

JAPÃO — Conforme já havíamos anunciado relativamente às séries dêsse país, acaba de surgir o 1.º sêlo da anunciada emissão "Homens Ilustres". Trata-se agora do pintor Hogai Kano, que viveu de 1872 a 1911. O valor, como o dos selos anteriores, desta série, é de 2 yens, verde-cinza, com o retrato do pintor. Gravado em talha doce pelo Bureau de Imprenssão de Tóquio.

FRANÇA — Dois selos mais, da série beneficente, com sobretaxa que reverterá em benefício da Cruz Vermelha Francesa e que foi denominada "Emissão do Natal". Reproduz quadros célebres. Um dêles (12 francos mais 3 francos, castanho e vermelho) representa o Pequeno Rei, orando, segundo o quadro de Moulins; outro 15 fr. mais 15 fr., azul e verde) reproduz o retrato de Nicole Ricard, do famoso quadro de Quetin Latour.

MONTSERRAT: — Dessa ilha-colônia britânica da América Central que continua sob influência norte-americana (Os Estados Unidos foram seus protetores durante a última Grande Guerra) acaba de trocar sua moeda, de pences e libras para cents e dólares antilhanos. Também acaba de emitir nova série de selos, formada de dez valores e com desenhos referentes à própria ilha. Os valores são os da sua nova moeda. 1 cens, prêto (Palácio do Govêrno); 2 cents, verde (Plantação algodoeira). O mesmo motivo surge num sêlo de 1 dólar e 20, azul e verde; 3 cts., castanho (Mapa Geral da Ilha); 4 cts., encarnado e 24 cts., verde e encarnado (Plantação de Tomates); 5 cts., lilás (Templo de Santo Antônio); 6 cts., sépia (Brazões da Ilha); 8 cts. e 60 cts., o primeiro azul e o segundo encarnado e prêto (Algodoal). À esquerda, efígie de George VI, em oval, sob coroa britânica.



Um dos novos selos chineses comemorativos do 30º aniversário da fundação do Partido Comunista e 2º da instalação do Govêrno Central Popular. Valor: 400. Côr: marron

CHINA: — O Partido Comunista Chinês, comemorando a passagem do seu 30º aniversário e também o 2.º do estabelecimento do Govêrno Central Popular, emitiu nova série de selos que têm como motivo principal a efígie de Mao-Tse-Tung, em perfil, além das inscrições chinesas e da "foice e martelo". Os valores são, 400, castanho; 500, verde; 800, vermelho carminado. A moeda é a yuan, baseada no antigo dólar de prata, chinês.

LUXEMBURGO: — Uma belíssima série acaba de ser emitida por êsse pequenino grão-ducado, em homenagem à última reunião do Conselho Europeu. Os valores são: 80 c., verde e verde escuro, 2,50 frc., carmim e ocre, com desenho simbolizando o "Progresso Econômico Social da Europa Unida"; 1 fr., violeta e 3 frs., castanho, simbolizando Os Direitos do Homem; finalmente, 2 frs., cinza e violeta e frs., azul (balança tendo de um lado Europa Unida e do outro a Paz).

ARGENTINA: — Sêlo de 2p. 45 mais 7.55, verde escuro, editado em 22 de dezembro último, para a Fundação Eva Peron. Impresso na Casa de Moneda, de Buenos Aires tem como motivo central La Piedad, estátua de Miguel Ângelo representando Cristo nos braços de sua mãe, após a crucificação.

BÉLGICA: — Série de selos semi-postais, editada em 17 de dezembro último, precedida de uma venda em benefício da campanha contra a tuberculose; os valores são 65 mais 10 c., violeta; 90 — mais 10 c., magenta; 1,20 frc. — mais 30 c., violeta; 1,75 frc. — mais 76 c., marron; 3 mais 1 frc., oliva; 4 mais 2 frc., violeta e 8 mais 4 frc., verde.

TCHECOSLOVÁQUIA: — Dois selos em honra a Petr Jilemnicky, escritor slovaco, foram editados em dezembro último, nos valores de 1 1/2 koruna, marron e 2 k. azul.

HUNGRIA: — Série de selos representando uma criança chorando, acaba de ser editada para angariar fundos em favor da campanha soviética na Coréia. Os valores são de 5, 10 e 50 forint.

ITÁLIIA: — Sêlo de 50 lire, magenta brilhante.

LIECHTENSTEIN: — Dois selos de elevado valor, impressos em papel com marca d'água.

ÁUSTRIA: — O 10.º aniversário da morte do célebre compositor Wilhelm Kienzi, que nasceu em 1857 merecem um sêlo comemorativo, aparecido em 3 de outubro último, no valor de 1,50 sh., azul escuro. Nêle figura o retrato de Kienzi, enriquecendo as fôlhas dos álbuns dos colecionadores que se dedicam a essa espécie de tema: "Música". O desenho é de autoria do co-

nhecido artista Dachauer que tem gravado os mais belos selos dêste país. Impressão pela Casa Oficial do Estado, leva a picotagem, 13 1/2.

ESPANHA: — Depois da aparição do sêlo com o retrato do escritor Calderon de la Barca, a Espanha homenageou ao poeta Lope de Vega, que viveu de 1562-1653 qualificado por Cervantes "Monstro da Natura", tendo sido um dos mais célebres poetas dramáticos espanhóis, e Santo Antônio Maria de Claret, fundador da Congregação dos Missionários Filhos do Coração de Maria; sendo êste do valor de 50 c., azul cinza e aquêle de 10 c., na côr vinhada. Os selos são heliogravados pela Fábrica Nacional de Moneda y Timbre.



Novo sêlo do Luxemburgo em homenagem a última reunião do Conselho Europeu. Valor: 80 centavos. Motivo: «Progresso Econômico-Social da Europa Unida» (verde-escuro e verde)

FRANÇA: — Em memória do famoso aviador francês, Maurice Noguès, que realizou o "1º vôo postal aéreo entre Paris e Saigon, na Indo-China, um sêlo do valor de 12 frs., nas côres azul escuro e azul claro, foi emitido, aproveitando a Esposição Filatélica, que se realizou na cidade de Rennes, por ocasião do seu bimilenário, e que aliás, é a terra natal de Noguès. No sêlo em questão, figura o busto do famoso aviador que foi um dos mártires da aviação, na direção de um avião, figurando acima um mapa mundi com o traçado percorrido pelo vôo supracitado. O sêlo, embora tenha tôda a caracteristica de aéreo, não contém a palavra aérea fazendo entretanto, parte da sua especialização. O desenho é de autoria do famoso artista Gandon. Impressão em fôlhas de 50 selos, levando a picotagem, 13.

BOLÍVIA: — Êste país sul-americano, comemorando o "Centenário da sua Bandeira", emitiu uma série de seis novos selos, cujo motivo principal é a sua bandeira em côr natural, isto é, vermelho, amarelo e verde, em largas listas horizontais, e cuja haste é mantida pelo "condor", pássaro simbólico dêste país, e que, aliás, faz parte também de seu escudo. Esta emissão constitui sem dúvida, não sòmente o enriquecimento das coleções de selos sul-americanos, como também dos temáticos, "bandeiras e símbolos". Os valores são: 2 bolivianos, verde; 3,50 b., azul-claro; 5 b., violeta; 7,50, cinza; 15 b., castanho-avermelhado, e o de 30 bolivianos, na côr castanha. Foram litografados pela "La Papelera, S. A., de La Paz, Bolívia. Papel sem filigranas, levando a picotagem 12.

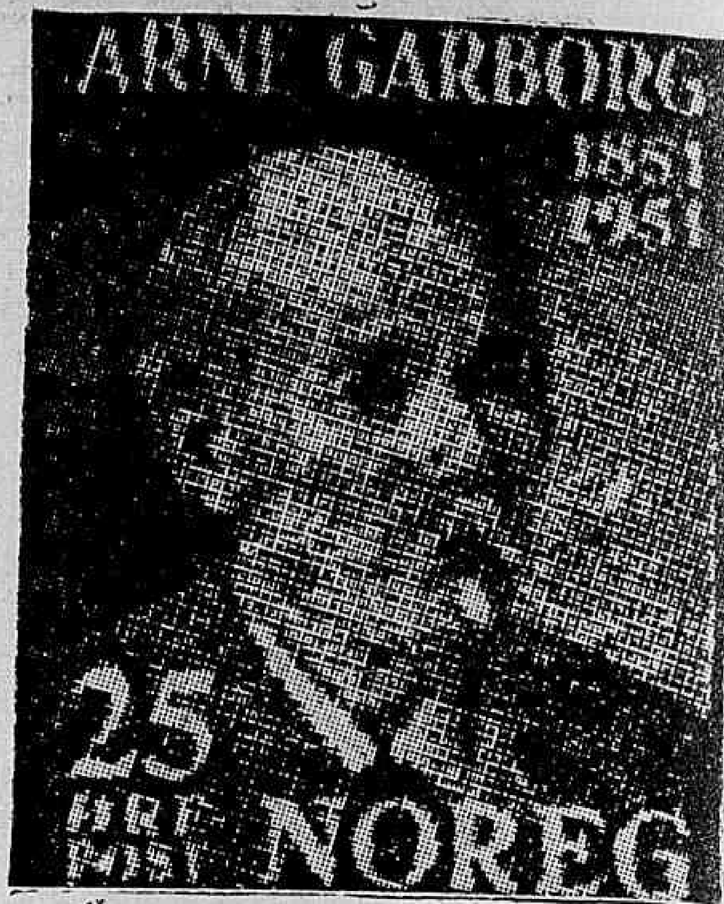
MALTA: — Esta ilha do Mediterrâneo, sob domínio britânico, não deixou de comemorar o "VII Centenário do Escapulário", com uma série de selos de três valores em desenho único, tendo como motivo a Virgem, entregando o Escapulário dos Carmelitas a S. Simon Stock em 1251, quando da sua aparição milagrosa no Convento de Aydesford, na Inglaterra.

Os valores são de 1 d., na côr verde; 3 d., violeta, e1 sh., prêto. Gravura em talhe doce, pela Bradbury Wilkinson, de Londres. Filigrana, letras C.A. em múltiplas, usadas comumente nos Domínios e Colônias inglêses.

BÉLGICA: — Por ocasião da "Exposição Filatélica", realizada em Anvers, em 22 de setembro último, mais uma emissão beneficente, composta de cinco valores, foi lançada à venda, tendo como objetivo do seu valor adicional que leva em sobretaxa, obter fundos em proveito das obras de sua Majestade a Rainha



Outro sêlo do Luxemburgo em homenagem ao Conselho da Europa. Valor: 1 fr. Côr: violeta. Motivo: «Os direitos do Homem».



Mãe, Elizabeth. Os selos, além dos dizeres alusivos ao assunto, figura como motivo principal o retrato da citada Rainha. Valores: 90 mais 10 cts., cinza-esververdeado; 7,75 mais 25 cts., vermelho; 3 mais 1 fr., verde-bronze; 4 mais 2 frs. azul, e 8 mais 4 frs., castanho-escuro. Foram heliografados em fôlhas de cinqüenta selos, pelos Ateliers dos selos de Malines, Bélgica.

★

"Caminhando pela praia de uma ilhota do Pacífico, fui intimado a parar por um nativo. Êle olhou para minhas pernas, meus braços, meu peito, calcou vigorosamente com os dedos sôbre meu estômago e afastou-se.

"— Olá, você! — gritei, afinal, irritado. — Você é maluco?

— Quem? Eu? — respondeu o "nativo", voltando-se. — Não senhor! Sou apenas o inspetor geral de alimentação." (Do sargento fuzileiro, H. S., numa base do Pacífico, para uma cunhada em San Francisco).

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página ...)

Tratamos de dar alimento aos porcos, que foram conduzidos para um lugar bastante espaçoso. Quando acabaram de comer e se sentiram fartos, desejaram fazer a "sesta" e repousar. Assim os porcos do meu vizinho foram todos para um canto do terreno, enquanto os meus se instalaram confortàvelmente em outro canto. Nessas condições foi fácil a separação e logo tratamos de dividir o campo em dois, como mais tarde foi feito no próprio vagão.

MATERIAL GRÁFICO

VENDE-SE

MÁQUINA IMPRESSORA

marca WALTER SCOTT, formato 4-B, com motor General Eletric de 5-HP, dupla rotação, alimentador manual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macête, 2 escôvas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnições de ferro.

GUILHOTINA

marca MARRIL & SONS, com 1,49 mts., de bôca, 2,38 metros de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.

CORTADOR

Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.

BANHEIRAS

Quatro banheiras de pedra sabão para ácidos.

Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

A QUALIDADE DOS OVOS E' HEREDITÁRIA

Por meio de seleção de galinhas que haviam pôsto constantemente ovos com uma alta proporção de clara espêssa, os técnicos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos desenvolveram uma variedade de aves que produzem ovos contendo 68 por cento de clara espêssa, e alguns até 75 por cento. Êsses ovos são especialmente apropriados para serem batidos, escalfados e para irem ao forno. Os mesmos pesquisadores lograram também formar uma variedade de aves cujos ovos se mantêm frescos por duas ou três semanas a uma temperatura de, aproximadamente, 43º C. Embora já se tenha conseguido galinhas suficientes dessas variedades melhoradas para continuar o trabalho experimental no laboratório, elas não estão ainda à disposição do público.

Não só conseguiram êsses técnicos melhorar a qualidade interior dos ovos, e sua capacidade para resistir ao calor, como descobriram que as manchas de sangue na gema são, na maioria das vêzes, hereditárias, e podem ser eliminadas de um grupo separando-se as aves que as produzem. Por meio de um acasalamento seletivo, desenvolveram aves cujos ovos tinham casca que podia resistir de 2.7 a 4 quilos de pressão antes de se romper. Os ovos comuns se rompem na máquina de prova antes que a pressão chegue a 2 quilos. As experiências com ovos de casca grossa e de casca delgada demonstraram que os de casca grossa e densa perderam sòmente uns 6 por cento de seu pêso durante um determinado período de armazenagem, enquanto que os de casca fina e porosa perderam 10 por cento. Tôdas as experiências se realizaram com galinhas que tinham recordes de mais de 200 ovos por ano, e êstes eram de pêso e forma de boa aceitação no mercado.

Em todo êsse trabalho, os investigadores do mencionado Departamento insistiram em que as galinhas devem receber a quantidade e espécie de alimentos que as ajudem a produzir ovos superiores, embora a capacidade para produzir ovos semelhantes seja principalmente hereditária.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Se quisermos ser entendidos do nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua, com os têrmos e locuções que êle entende, e que lhe traduzem os usos e sentimentos".

JOSÉ DE ALENCAR

QUESTÕES ORTOGRÁFICAS

No sistema ortográfico vigente, há o acento tônico (**fônico, próximo, órfão**) e o acento diferencial (**govêrno, encôsto, enfêrma**).

A regra geral, na diferenciação, é acentuar as vogais fechadas **e** e **o**, quando houver homônimos imperfeitos homógrafos: **êrro** (subs.), ao lado de **erro** (verbo); **dôbro** (subs.), ao lado de **dobro** (verbo). No plural, deixa de haver acentuação, quando desaparece a homonímia. **Erros** (subs.) não leva acento, porque não existe **erros**, verbo. Há **Govêrno** (subs.), ao lado de **Governo** (verbo). Mas **Governos** (subs.) dispensa acento, porque não há **Governos**, verbo.

Outros exemplos, de uso comum:

êle, êles, ao lado de **ele, eles** (subs., nome da letra; no entanto ela, elas)

dêle, dêles, ao lado de **dele, deles** (verbo delir, dissolver)

nêle, nêles, ao lado de **nele, neles**

êsse, êsses, ao lado de **esse, esses** (sub., nome da letra; no entanto **nesse, nesses**, demonst., porque não há **nesse**, subs.).

Aquêle, aquêles, ao lado de **aquele, aqueles** (verbo **aquelar**, arranjar, fazer; no entanto **naquele, naqueles**, de **em** + **aquêle**)

aquela, aquelas, demonstrativo, ao lado de **aquela, aquelas**, verbo, porque a pronúncia é a mesma.

êste, êstes (demonstrativos), ao lado de **este, estes** (subs.). No entanto: neste, nestes (**em** + **êste, em** + **êstes**), porque não há **neste** (é)

sêres (pl. de **ser** e verbo), ao lado de **seres**,

vêzes (pl. de **vez**), ao lado de **vezes**, verbo vezar = ter, possuir.

dêste, dêstes (prep. + dem.), ao lado de **deste, destes**, verbo.

côr, côres (subs.), ao lado de **cor**, subs. e **cores**, verbo.

fôlha, fôlhas (subs.), ao lado de **folha, folhas**, verbo folhar = fazer fôlhas.

CORRESPONDÊNCIA

J. B. (Nesta) — Realmente, na **Réplica**, foi defendida a sintaxe **indenizar a alguém** (em que o verbo **indenizar** seria objetivo indireto). Entendia Rui que, por se dizer **indenização à metra** também se deveria dizer **indenizar à mestra**.

Carneiro Ribeiro, porém, refutou: "Então, porque se diz em português: **indenização da mestra** segue-se que sem êrro se possa dizer **indenizar à mestra**? Porque se diz em linguagem portuguêsa **amor às letras, respeito à velhice**, reverência às cousas sagradas, segue-se que se poderá, sem incorrer em êrro palmar, dizer **amar às letras, respeitar à velhice, reverenciar às cousas sagradas**?"

Na verdade, quem indeniza indeniza alguém de ou por alguma cousa.

Vejamos:

"João da Cunha, maravilhado da mansidão de seu filho, visitou-o, **indenizando-o** com afagos **das asperezas** que precederam a sua entrada no colégio".

Camilo

"O govêrno obrigara-se além disso a **indenizar a Câmara** apostólica **por tôdas as despesas**.

Latino Coelho

Como transitivo, constrói-se com objeto direto:

"Cumpre indenizar o expropriado".

Herculano

Importar é transitivo indireto (constrói-se com a prep. **em**), quando significa **atingir certo preço, chegar a tal quantia**.

"Êste fato **importou em** dez libras."

Când. Figueiredo

Importar é transitivo direto (constrói-se sem prep.), quando significa **trazer para dentro, levar comigo**.

"Não sabendo cortejar nenhuma opinião quando isso **importava um sacrifício** de consciência."

F. de Castro

JOSÉ RICARDO NETO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JANEIRO DE 1952

1 — Terça-feira:

Depois das férias de Natal e Ano Novo reencetam-se os trabalhos das diversas Comissões da ONU. — Na Comissão Política vários delegados falam sôbre o plano Acheson de rearmamento. — O Vietmin pede admissão na Organização das Nações Unidas. — Falece em Moscou o ex-Ministro das Relações Exteriores da Rússia. — General Robertson, Comandante das fôrças britânicas no Oriente Médio, em enérgico discurso pronunciado em Ismaila, declara que a Inglaterra se encontra determinada a manter a sua posição no Canal de Suez e a garantir a liberdade de tráfego ali.

2 Quarta-feira:

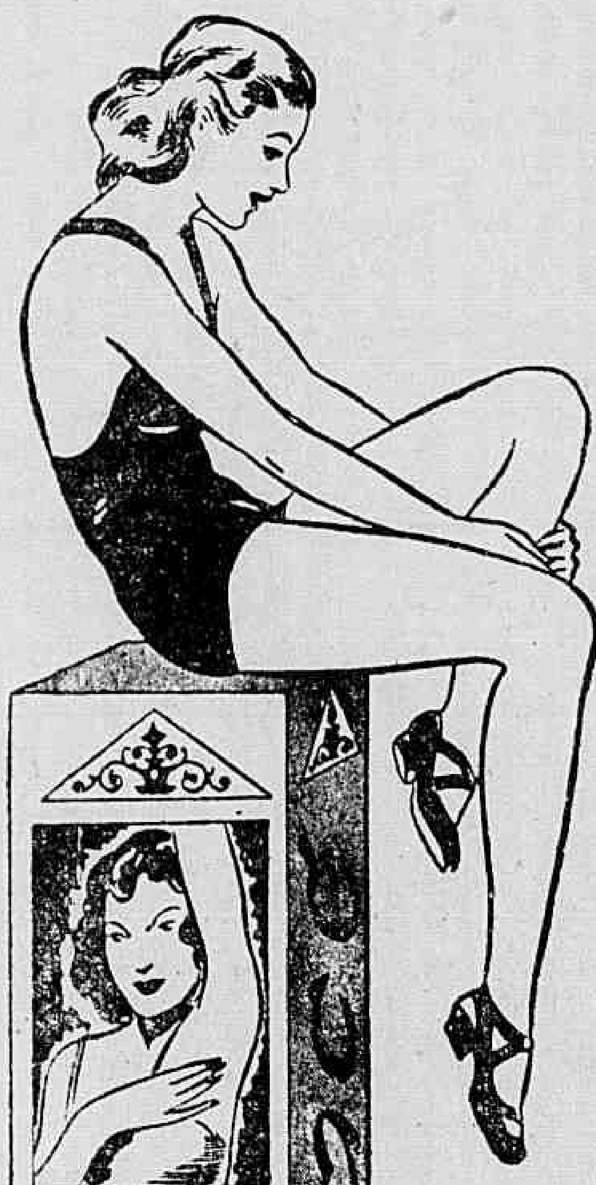
Círculos financeiros de Londres tecem comentários em tôrno do discurso pronunciado no dia 31 de dezembro pelo presidente Getúlio Vargas. — Também o "Jornal of Commerce" de Nova York refere-se à oração proferida pelo Chefe do Govêrno brasileiro. — Ocorrem novos choques entre inglêses e grupos do "batalhão da libertação". — O Departamento de Estado confirma que existem certas divergências entre os Estados Unidos e a Inglaterra na questão egípcia. — A delegação das Nações Unidas submete aos comunistas uma proposta de cinco pontos, a qual se destina a resolver o impasse reinante sôbre a troca dos prisioneiros de guerra. — Num choque ocorrido em Suez perecem 15 soldados inglêses e 14 policiais egípcios. — Comandos egípcios lançam uma bomba sôbre instalações britânicas em Suez. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Governador do Território Federal do Acre o Sr. João Kubitscherk. — Instala-se em Maceió a IV Semana Nacional de Folclore.

3 — Quinta-feira:

O Sr. Vishinsky pronuncia um discurso na Comissão Política combatendo a proposta de estabelecimento de "medidas coletivas" para a garantia da paz mundial. — O delegado soviético fêz acusações às potências ocidentais, dizendo, inclusive, que os Estados Unidos estão fornecendo auxílio militar aos nacionalistas chineses. — A Rússia apresenta uma proposta no sentido de se encontrar um acôrdo para a eliminação da tensão internacional. — Os comunistas regeitam a nova proposta das Nações Unidas sôbre a troca de prisioneiros. — Os aliados recebem com surprêsa a negativa comunista, admitindo que os representantes vermelhos ou não compreenderam a proposta ou pretendem tornar mais obscura a questão. — O govêrno da Alemanha Oriental elabora um projeto para a realização de eleições gerais na Alemanha, afirmando que se encontra disposto a aceitar a criação de uma Comissão de Inquérito destinada a efetuar investigações para conhecer as possibilidades de eleições livres em tôda a Alemanha. — Na Assembléia Nacional francesa são iniciados os debates acêrca das medidas econômicas solicitadas pelo Gabinete Pleven. — A moção de confiança foi aprovada por 351 votos contra 247. — Anuncia-se em Washington um acôrdo pelo qual os Estados Unidos proporcionarão ajuda militar e econômica ao Brasil. — O General Vandenberg, Chefe do Estado Maior da Fôrça Aérea norte-americana, declara que o poderio aéreo da Rússia constitui uma iniludível ameaça à paz mundial.

4 — Sexta-feira:

Na Comissão Política da Assembléia Geral da O. N. U. prosseguem os debates sôbre a proposta de medidas coletivas para reprimir a agressão. — Os delegados do Brasil e da França falam favoràvelmente. — Os Estados Unidos repelem a proposta soviética no sentido de se convocar o Conselho de Segurança para se discutir a questão coreana. — Nos últimos choques entre egíp-







O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana, 104-5º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R — 2

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

cios e inglêses houve mais de cinqüenta mortos de ambos os lados. — Em Suez registramse novos e sérios distúrbios, tendo os britânicos utilizado "tanks" pesados para combater os terroristas. — Suez é completamente isolada do resto do Egito. — Os comunistas regeitam totalmente a nova proposta aliada referente à troca de prisioneiros. — Os vermelhos, negam-se a aceitar a cláusula que proíbe o aumento do poderio aéreo durante o armistício. — O navio-cargueiro norte-americano. "Flytg Enterprise", prêsa da tempestade, encontra-se na iminência de submergir com o seu comandante a bordo, o Capitão Carison, que continua no firme propósito de não abandonar o barco. — Falece em Moscou o Sr. Suritz, ex-embaixador da Rússia no Brasil. — O Arcebispo de Paris condena a organização denominada "Comunidade da Esperança Cristã", excomungando todos que seguissem as suas diretrizes. — O Sr. Presidente da República assina decreto sôbre o retôrno do capital estrangeiro.

5 Sábado:

Na Comissão Política da Assembléia Geral das Nações Unidas continuam os debates sôbre a proposta de medidas coletivas para garantir a paz internacional. — Criada uma Comissão de três membros para procurar uma solução para a questão entre a Índia e a África do Sul. — Chega a Washington, o Primeiro Ministro britânico, que manterá importantes conversações com o Presidente Truman. — Após vários dias à mercê de violentas tempestades, e finalmente amarrado a um rebocador, que o conduz para um pôrto britânico, o navio-cargueiro norte-americano "Flying Enterprise". — Prepara-se festiva recepção a seu comandante, o Capitão Carlson, que permaneceu sòzinho firme em seu pôsto, durante todo o tempo em que o barco se encontrava na iminência de submegir. — Na luta em grande escala verificada nas ruas de Suez, foi de cêrca de 2.500 o número de soldados britânicos nela empenhados, com a ajuda de 6 tanks pesados. — Cresceram sensìvelmente os ataques contra as tropas britânicas pelos patriotas egípcios.

6 Domingo:

Vishinsky insiste em que a Rússia está desejosa de obter um acôrdo entre o Oriente e o Ocidente, em reunião especial do Conselho de Segurança, e ataca vivamente o Ocidente por se recusar a fazer uma reunião imediata para tratar do caso da Coréia. — O Almirante Charles Turney Joy, Delegado da O. N. U. às conversações de cessar-fogo, disse que "em cada dia que passa menor se torna a crença de que os comunistas desejam realmente um armistício estável". — O govêrno húngaro envia violenta nota de protesto a Washington contra o fechamento dos consulados húngaros nos Estados Unidos.

7 Segunda-feira:

A declaração conjunta do Presidente Truman e do Primeiro Ministro Churchill, depois de sua primeira entrevista oficial, na Casa Branca, informa que foram passados em revista problemas econômicos e assuntos relacionados com a Organizoção do Tratado do Atlântico Norte. — O govêrno francês do Primeiro Ministro René Pleven cai quando a Assembléia Nacional lhe recusa um voto de confiança. — O General Dwight Eisenhower admite o levantamento de sua candidatura à presidência dos Estados Unidos, pelo Partido Republicano. Disse, porém, que só aceitaria a candidatura se ela fôsse claramente levantada. — Noticia-se que se encontravam sèriamente ameaçada de rompimento as conversações de armistício na Coréia. — Na última reunião dos delegados houve violenta troca de insultos entre as duas partes.

8 Terça-feira:

A Comissão Política das Nações Unidas conclama os estados membros a reservarem unidades especialmente treinadas e equipadas para servir na O. N. U. contra agressões futuras. — O Presidente Truman e o Primeiro Ministro britânico, Winston Churchill, ordenam aos seus secretários do Exterior que entrem a trabalhar imediatamente nos planos de harmonização das normas norte-americanas e britânicas no Oriente Médio, no Sudeste Asiático e no Extremo Oriente. — O Presidente Vincent Auriol pede ao dirigente socialista Henri Pineau que trate de formar o novo govêrno e ponha fim ao que ameaça converter-se na pior crise política da Quarta República Francesa. — A Grã-Bretanha decide intensificar as medidas de segurança para assegurar a lealdade de tôdas as pessoas que tenham aceso a segredos atômicos, com a evidente intenção de partilhar segredos atômicos com os Estados Unidos. — Edouard Herriot é reeleito presidente da Assembléia Nacional Francêsa. — Em Israel, duzentas pessoas ficaram feridas quando a polícia dissolveu manifestantes que tentavam impedir que o Parlamento discutisse a reclamação de reparações à Alemanha.

9 Quarta-feira:

O Presidente Truman e o Primeiro Ministro britânico Winston Churchill declaram que "não acreditam que a guerra é inevitável" e prometem redobrar seus esforços,

junto com os demais países livres do mundo, para "garantir a paz e a segurança". — Os delegados aliados declaram categòricamente aos delegados comunistas que "não farão mais concessões" a respeito do problema da construção de aeródromos militares na Coréia do Norte. — A Comissão Política da Assembléia Geral da O. N. U., depois de acalorados debates, decide por 47 votos contra 6, tendo havido três abstenções, adiar o exame da questão coreana. — O Presidente Truman em sua mensagem anual ao Congresso, convoca a nação a "prosseguir a todo o vapor" com a corrida rearmamentista, porque "a ameaça de guerra é ainda muito real". — Georges Bidault, um dos líderes do movimento de resistência na França durante a guerra, aceita o convite do Presidente Vincent Auriol para formar um novo govêrno, resolvendo, assim, a crise motivada pela queda do Gabinete Pleven. — Mais de 30 pessoas, inclusive oficiais do Exército, são prêsas em Lisboa após a descoberta de um "complot" contra o regíme do Primeiro Ministro Salazar.

10 Quinta-feira:

Anthony Eden, titular do "Foreign Office", e o Secretário de Estado, Dean Acheson, terminam a série de conferências que realizaram em Washington e informa-se que conseguiram "bons progressos" em sua tarefa de harmonizar a política britânica e norte-americana, especialmente no Oriente Médio e no Extremo Oriente. — A China comunista adverte que não haverá armistício na Coréia a menos que as Nações Unidas concordem em permitir que os comunistas construam aeródromos militares na Coréia do Norte durante a trégua. — O Presidente Truman declara que não seria obstáculo no caminho do General Dwight Eisenhower, se êste se candidatasse à presidência dos Estados Unidos. — O "Jounal of Commerce", de Nova York, anuncia que o Departamento de Estado Americano protesta junto ao govêrno brasileiro contra a imposição das novas normas que regulam o retôrno dos capitais estrangeiros, alegando que as companhias norte-americanas temem que tal medida possa vir a reduzir, severamente, seus lucros e dividendos. — O Iran acusa a Grã-Bretanha de intervir em seus assuntos internos e adverte que "não pode tolerar" essa situação. — O Egito adverte às tropas britânicas de que evacuem a aldeia de Kafr Abdou ou arquem com as conseqüências. — O Secretário de Estado Dean Acheson, propõe que os Estados Unidos e a Rússia apresentem à Côrte Internacional de Justiça sua longa disputa sôbre 670 navios americanos emprestados aos russos na última guerra mundial.

11 Sexta-feira:

A Assembléia Geral da O. N. U. dá aprovação final ao plano ocidental de desarmamento, por etapas, e de criação de uma comissão de desarmamento de doze potências dentro de 30 dias. — A agência oficial comunista "Nova China" informa que o Alto Comando Comunista concluiu seus planos para a guerra em maior escala contra a O. N. U., no caso de fracassarem as atuais negociações de armistício na Coréia. — A Grã-Bretanha rejeita uma nota em que o govêrno iraniano acusa o govêrno britânico de ingerência nos assuntos internos irarianos qualificando a referida nota de "contrária à cortesia diplomática". — Os mais altos chefes militares, francês, britânico e norte-americano entabolam discussões secretas sôbre o que seus países devem fazer se os comunistas chineses invadirem a Indo-China e o Sudeste da Ásia. — O Brasil solicita aos Estados Unidos assistência para aliviar sua carência de trigo. — Quatrocentos paráquedistas britânicos atravessam o Canal de Suez, perto de Abu Swoir, num assalto de botes, a fim de realizarem cuidadosas investigações em duas aldeias, das quais — segundo

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L.B. de Almeida & CIA.

DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca "Progresso" — Prênsas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE

CHAPAS DE FERRO PRETAS, GALVANIZADAS E CORRUGADAS PARA PORTAS — FERRO EM BARRAS — VERGALHÕES — CANTONEIRAS — T — U — e EIXOS PARA TRANSMISSÕES — TUBOS DE FERRO GALVANIZADOS, PRÊTOS, VERMELHOS, E DE AÇO PARA CALDEIRA.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO 52-2104
SECÇÃO DE VENDAS 52-2102
SECÇÃO DE VENDAS 22-0409
EXPEDIÇÃO 22-1584
SECÇÃO TÉCNICA 52-2103
CONTABILIDADE 22-1342
GERÊNCIA 22-2549

Rua dos Arcos, 28-42

RIO DE JANEIRO

se acredita — foram disparados tiros contra um comboio britânico. — O deputado radical Yvon Delbos recusa o convite do Presidente Vincent Auriol para formar o novo govêrno.

•

12 Sábado:

A União Soviética altera inesperadamente sua posição no problema das armas atômicas, ao propor que se ponha em funcionamento um completo sistema de contrôle, antes que se proiba o uso da bomba atômica. — Os comunistas informam aos negociadores das Nações Unidas que quanto mais insistirem na proibição da construção de aeródromos durante o armistício, tanto mais se prolongarão as conversações sôbre a trégua. — A emissora de Moscou irradia o texto da nota soviética entregue aos Estados Unidos em 9 do corrente, na qual afirma que a lei de segurança mútua daquele país, "é um ato de agressão contra a União Soviética", e que a Rússia insiste na revogação de tal lei, que, segundo diz, viola o tratado de 1933. — "Tanks" pesados britânicos entram em ação para apoiar os guardas de elite e os soldados escoceses no tiroteio com guerrilheiros egípcios, em Tel el Kebir. — Soube-se que nas conversações entre os líderes militares anglo-franco-americanos, que se realizam no Pentágono, sôbre a segurança do sudeste asiático, e considerado o emprego de fôrças aéreas americanas na Indo-China, se os comunistas chineses invadirem aquêle país. — A rádio de Praga anuncia que cinco cidadãos tchecos, treinados pelo serviço de espionagem norte-americano na Alemanha Ocidental foram condenados à morte e outros três à prisão perpétua, por alta traição e espionagem contra o estado.

13 Domingo:

O "Financial Times" e o "Daily Telegraph", de Londres, tecem comentários em tôrno do ato do govêrno brasileiro que regulamenta o repatriamento de capitais. — O Papa Pio XII fala aos nobres romanos advertindo-os da necessidade da união íntima das fôrças católicas para enfrentar a crise que está atravessando a civilização cristã. — Belonaves britânicas visitarão portos espanhóis. — Continuam as negociações para a organização do gabinete belga. — Divulga-se que a Princesa Margaret dentro em breve tornar-se-á noiva do Conde de Dalkaith. — No auditório da A. B. I., instala-se o I Congresso de Diretores Regionais dos Correios e Telegrafos. — Prossegue os trabalhos da I Reunião sôbre Colonização.

14 Segunda-feira:

Diversos representantes na Comissão Política falam a respeito da proposta soviética sôbre o contrôle da bomba atômica. — O delegado do Brasil, Embaixador Pimentel Brandão, declara que a proposta russa não contém nada de novo. — As grandes potências ocidentais sugerem que a proposta russa seja submetida à Comissão de Desarmamento da O. N. U. — Noticia-se que se registrou na Bôlsa de Londres brusca queda na cotação dos títulos de companhias industriais que operam no Brasil. — Prosseguem as conversações de armistício entre aliados e comunistas, sem qualquer resultado positivo. — Na sub-comissão de troca de prisioneiro ocorre sério incidente provocado por acusações comunistas, tendo o representante aliado ameaçado suspender definitivamente as negociações. — Renuncia o Sr. Irarrazoval, Ministro das Relações Exteriores do Chile. — Travaram-se novos choques entre a polícia boliviana e os bandoleiros.

15 Terça-feira:

Os comunistas insistem que no acôrdo de armistício seja estipulada a repatriação incondicional de todos os prisioneiros de guerra. Os delegados aliados, por sua vez, continuam rejeitando a proposta comunista por proibir, a Convenção de Genebra, o repatriamento forçado. — Os comunistas comunicam que aviões das Nações Unidas bombardearam um campo de prisioneiros aliados na Coréia do Norte. — Inaugura-se em Londres uma reunião dos representantes de todos os países da comunidade britânica, cuja missão principal é estudar a posição da libra esterlina em relação ao dólar — Notícia-se que se encontra em curso a batalha pela posse de importante eixo de comunicações para Hoabinch. — Fontes francesas informam que a França contará com o auxílio aéreo e naval dos Estados Unidos, caso os chineses intervenham na luta. — O govêrno de Bonn planeja a construção de uma fôrça militar de 280 mil homens. — Em Londres divulga-se um artigo do correspondente do Times no Rio de Janeiro sôbre a situação interna no Brasil. — E' inaugurado o Museu de Arte Moderna. — Prosseguem no Ministério da Agricultura, os trabalhos da I Reunião sôbre Colonização.

16 Quarta-feira:

A Rússia concorda com uma inspeção a sua produção de energia atômica, em troca de um acôrdo internacional proibindo o uso de armas atômicas. Os Estados Unidos recebem com cepticismo essa proposta. — O Presidente Truman, em sua mensagem anual ao Congresso, pede o aumento de impostos em mais de cinco bilhões de dólares, como parte do programa anti-comunista de trágica necessidade. — O Primeiro Ministro inglês, Winston Churchill, regressa a Washington, procedente de Ottawa, a fim de falar perante uma sessão conjunta do Congresso dos Estados Unidos. — E' oficialmente revelado que o Primeiro Ministro Shigeru Yoshida assegurou aos Estados Unidos que o Japão não reconhecerá a China comunista, e espera concertar

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

um tratado de paz bilateral com o regime nacionalista de Chiang Kai Shek. — Em nota entregue pelo Embaixador da Grã-Bretanha, Sir Francis Shepherd, ao Ministério do Exterior do Irã, o govêrno britânico protesta expressamente contra a decisão tomada pelo govêrno iraniano de fechar os consulados britânicos. — O Ministro da Justiça do Gabinete demissionário, Sr. Edgar Faure, aceita formalmente, perante o Presidente da República, Sr. Vincent Auriol, a incumbência de formar o novo Govêrno francês. — O Ministério do Exterior da Rússia envia uma circular às missões diplomáticas estrangeiras, informando-as de que o movimento do pessoal diplomático, no distrito administrativo de Moscou, fica limitado a um raio de 40 quilômetros da capital.

17 Quinta-feira:

Regeitada a proposta soviética sôbre o contrôle da bomba atômica, por 58 votos contra 5. — O Conselho de Segurança trata da questão de Cachemira. — O Primeiro Ministro britânico pronuncia um discurso perante o Congresso norte-americano, no qual focaliza os esforços da Inglaterra e Estados Unidos em defesa do mundo livre. — Os tribunais italianos condenam a Rússia a pagar 57 milhões de liras por ter êsse país rompido, sem motivo, o contrato para o fornecimento de madeiras. — Os círculos iranianos tecem comentários em tôrno da suspensão do prometido auxílio norte-americano ao Irã. — O govêrno persa envia nova nota à Inglaterra a propósito do fechamento dos consulados britânicos no Irã. — O Sr. Prefeito do Distrito Federal inaugura no Salão Assírio a I Exposição de Sangue.

18 Sexta-feira:

Estêve reunida a Comissão Política da Assembléia Geral da ONU, para debater a proposta peruana de admissão de novos membros. O delegado peruano Victor Andres Belaunde propõe que a ONU admita qualquer estado soberano que seja "Amante da paz" e apresente provas jurídicas de adesão aos princípios da Carta da ONU. Entretanto, Belaunde não propôs nem proporá a admissão da Espanha. — Uma tempestade de críticas recebeu o que se interpretou como sugestão, pelo Primeiro Ministro Churchill, em seu discurso de Washington, de que a Inglaterra poderia concordar com ataques aéreos contra a China vermelha, se for quebrada a trégua na Coréia. — O Egito ameaçou invocar o pacto de defesa mútua dos sete Estados árabes e solicitar a intervenção do Conselho de Segurança das Nacões Unidas, caso os Estados Unidos, a França e a Turquia enviem tropas à zona do Canal de Suez, em resposta ao apêle nesse sentido feito pelo Primeiro Ministro britânico. — As nações que têm tropas na Coréia estão estudando a possibilidade de enviar uma advertência à China comunista no sentido de que se usaria o bombardeio estratégico caso os comunistas violassem a trégua depois de sua assinatura.

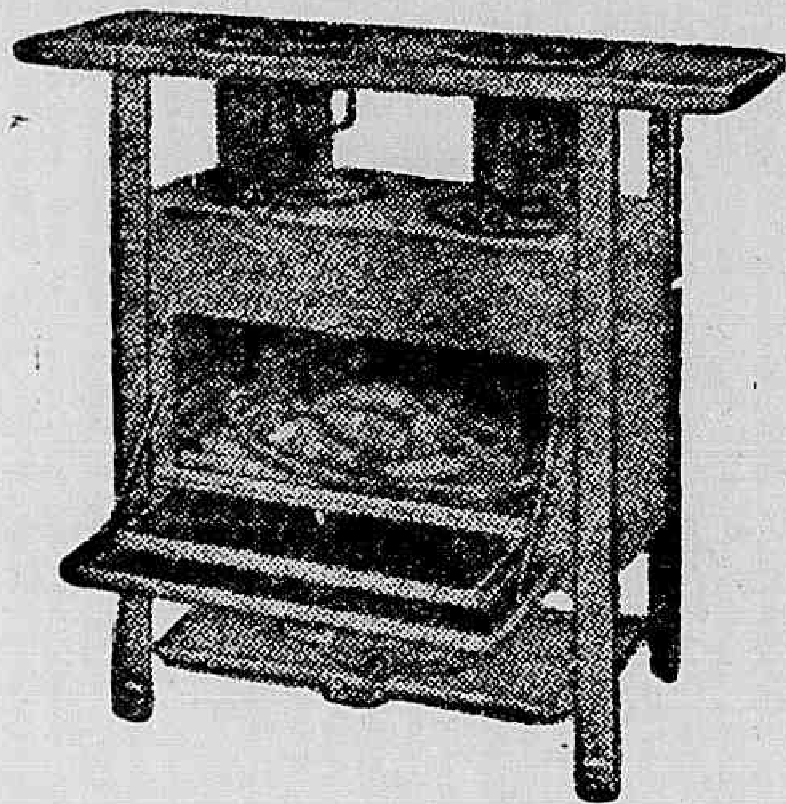
19 Sábado:

A Assembléia Geral da O. N. U., rejeita por 45 votos contra 5 e 6 abstenções, a moção soviética censurando como "agressivo" o Pacto do Atlântico. — As conversações para o armistício coreano entram em nova fase crítica, e estão sendo feitas conjecturas quanto à possibilidade dos comunistas virem a rompê-las. — O

FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo crú ou querosene

R E I



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"

RUA DAS MARRECAS, n.º 5

Fabricantes do afamado

CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

General James. A Van Fleet declara que as Nações Unidas possuem um exército que "derrotará qualquer coisa que a China, a Rússia e a Coréia do Norte" lancem contra essas fôrças na Coréia. — Os comunistas denunciam num "grave protesto" que aviões americanos a jato atacaram, acima de Kaesong, um comboio da delegação comunista às conversações da trégua, que se achava devidamente identificado, ferindo duas pessoas. — O govêrno da Alemanha Ocidental anuncia que contribuirá com 300.000 a 400.000 homens para a defesa ocidental, sob o planejado exército europeu, e diz que os homens provavelmente serão recrutados, pelo Serviço de Seleção. — O Sr. Presidente da República, no Hotel Quitandinha, preside à solenidade da inauguração da IV Exposição de Flores e Frutos de Petrópolis.

20 Domingo:

O Sr. Edward G. Miller declara que seja qual fôr o resultado das próximas eleições gerais, não haverá qualquer alteração na política dos Estados Unidos para a América Latina. — Rumorosas manifestações nacionalistas realizam-se em Tunis, tendo a polícia enfrentado os manifestantes, em sua totalidade estudantes. — O navio-cargueiro "Loide Brasil", é abalroado, no pôrto do Havre, pelo cargueiro "Karnia". — A "Brazilia Traction", em comunicado, divulgou que não está de acôrdo com a declaração da Câmara de Comércio Internacional acêrca da regulamentação do repatriamento dos capitais estrangeiros no Brasil.

21 Segunda-feira:

Reiniciam-se os debates sôbre a admissão de novos países, tendo sido apresentadas diversas propostas tenden-

tes a solucionar o impasse criado com a exigência da Rússia para o ingresso das nações satélites. — O Embaixador Pimental Brandão, Chefe da nossa delegação na Assembléia Geral da O. N. U., pronuncia um discurso sôbre a política externa do Brasil. — A Frente Nacional Marroquina hipoteca solidariedade aos tunisianos. — O Embaixador Pimentel Brandão recebe convites para visitar a Inglaterra, Espanha e a Alemanha Ocidental. — O Ministério das Relações Exteriores presta homenagem ao Sr. Levi Carneiro eleito Juiz da Côrte Internacional de Justiça, em Haia.

22 Terça-feira:

São divulgadas declarações do General Eisenhower à imprensa. — Disse o Supremo Comandante das fôrças aliadas na Europa que a Rússia seria muito insensata se provocasse a guerra mundial. — Eisenhower prega também a convocação imediata de uma Assembléia constitucional sôbre a unidade européia. — Novas conversações infrutíferas realizam as delegações que negociam o armistício na Coréia. — Os aliados advertem que, para se chegar a um acôrdo, é necessário que os comunistas façam importantes concessões. — Brasil, Chile, México, Peru e Colombia receberão ajuda militar dos Estados Unidos. — O govêrno persa declara que não aceita a nomeação do Sr. Francis Shepherd para embaixador da Inglaterra em Teerã. — O Chanceler do Erário, Sr. Richard Butler, declara que o govêrno britânico enfrenta a mais grave crise financeira dos últimos cinco anos.

23 Quarta-feira:

O Primeiro Ministro Shigeru Yoshida diz que um dos principais objetivos do Japão ao aproximar-se o momento de conseguir sua nova soberania é obter um pôsto nas Nações Unidas. — O govêrno japonês anuncia ainda que reiniciará relações diplomáticas com o Vaticano e trocará enviados quando o Tratado de Paz entrar em vigor. — O Secretário de Estado norte-americano, Sr. Dean Acheson, desmente as notícias de que os Estados Unidos estivessem auxiliando as fôrças nacionalistas chinesas na Birmânia. — Anuncia-se que o acôrdo de "emigração e colonização" firmado entre o Brasil e a Holanda entrará em vigor hoje, após a troca dos instrumentos de ratificação. — O Ministro do Exterior soviético, Andrei Vishinsky, regressa a Moscou. — Indicação de que a Rússia fêz sua última grande jogada na VI Reunião da Assembléia Geral da O. U. N. Essa última jogada foi a "proposta de paz" de Stalin, rejeitada em todos os seus pontos pela Assembléia, sábado passado, com exceção das últimas propostas atômicas russa, que foram encaminhadas à Comissão de Desarmamento, para teste da sinceridade das mesmas. — O Secretário de Estado, Sr. Dean Acheson, diz que os Estados Unidos continuam tentando negociar um acôrdo com o Irã, em virtude do qual aquêle país se decida a aceitar a ajuda militar norte-americana.

24 Quinta-feira:

Inicia-se na ONU, um movimento no sentido de serem admitidos todos os países que se candidataram. — Pedida a intervenção do Presidente da Assembléia Geral, Sr. Padilha Nervo na questão franco-tunisina. — Persiste o impasse nas negociações de armistício, em releção à troca de prisioneira. — Divulga-se que aliados estariamdispostos a fazer novas concessões com o objetivo de se alcançar um acôrdo. — Tanks e aviões recebem franceses para se defender dos ataques partidos dos nacionalistas tunisianos. — O Presidente Geral da França na Tunisia dirige um apêlo à população para que se mantenha em calma, em prol do interesse comum franco-tunisiano. — Novos atos terroristas cometidos pelos egípcios, que, entre outras coisas, fazem explodir um depósito de munições do Exército britânico. — O Ministro do interior do Egito faz uma série de acusações aos inglêses pela sua ação contra a população de Ismaila. — Revolução extremista no Nepal, onde os rebeldes ter-se-iam apoderado de diversos setores. — Posteriormente anunciou-se que o govêrno conseguiu dominar a situação, decretado o Estado de emergência. — O Sr. Vincent Massey é nomeado Alto Comissário no Canadá em substituição ao Visconde Alexander. — Líderes trabalhistas declaram que aguardam a chegada de Churchill para interpelá-lo acêrca das declarações proferidas perante o Congresso americano, principalmente sôbre a situação no Extremo Oriente.

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

25 Sexta-feira:

A Comissão Política principal aprova a resolução soviética que, pede ao Conselho de Segurança que reconsidere os 13 pedidos de admissão anteriormente rejeitados, justamente com o novo pedido, da Líbia. — O gabinete egípcio reune-se em sessão extraordinária para debater a "batalha de Ismaila", entre a polícia auxiliar egípcia e o exército britânico, sendo possível o rompimento total das relações diplomáticas anglo-egípcias. — A polícia armada egípcia rende-se às tropas blindadas britânicas, após seis horas de furioso cêrco que reduziu suas instalações a escombros. — Falece, após longa enfermidade, o Presidente da Islândia, Sr. Sveinn Bjornsson. — Estudantes cubanos enviam um telegrama ao Presidente Truman, pedindo-lhe que ordene a comutação da pena do portorriquenho Oscar Collazo, condenado a morte por tentativa de assassinato contra a pessoa do presidente dos Estados Unidos. — O Presidente Truman reafirma sua intenção de nomear um Embaixador para o Vaticano.

26 Sábado:

— O Rei Farouk proclama a Lei Marcial no Cairo, a pedido do govêrno. — O exército ocupa o centro da capital depois de proclamação do estado de sítio pelo soberano. — Essa medida extrema é tomada não só pelo aparecimento de movimentos de revolta de caráter anti-britânico mas mesmo de oposição à pessoa do Rei. — Vários milhares de manifestantes anti-britânicos se reunem na Praça de ismailia, perto do distrito das embaixadas e depois marcham ao longo das ruas com cartazes contra os inglêses e pedindo a ruptura de relações diplomáticas com o govêrno de Londres. — As potências ocidentais, propõem que se convoque a Assembléia Geral da ONU em sessão extraordinária, caso seja concertado o armistício na Coréia ou se "outros acontecimentos reclamarem a adoção de novas medidas militares. — As conversações em Pan-Mun-Jom sôbre os prisioneiros de guerra e a supervisão do armistício são adiadas até hoje, sem que se alcançasse qualquer progresso. Os comunistas protelaram novamente a decisão sôbre a proposta da ONU no sentido de que os oficiais do estado maior trabalhassem juntamente com os negociadores a fim de acelerar as conversações de supervisão do armistício.

27 Domingo:

Regressa a Londres, de sua viagem aos Estados Unidos, o Primeiro Ministro Churchill. — O "premier" nega-se a falar sôbre a situação internacional, mas disse que medidas imediatas e drásticas serão tomadas para enfrentar a crise econômica que o país atravessa. — O Rei Farouk demite o gabinete Nahas Pachá por ter o mesmo fracassado em manter a ordem no país. — Forma novo govêrno o líder independente Ali Maher o qual declara que a sua política consiste em evacuar e unir o Vale do Nilo sob a egide da coisa egípcia. — Noticia-se que vinte soldados britânicos morreram nas ocorrências de sábado, no Cairo.

28 Segunda-feira:

— Os ministros dos países da Europa Ocidental reunem-se mais uma vez em Paris para tratar da criação do Exército europeu. — A Alemanha adverte que logo após a assinatura do acôrdo sôbre a criação do exército europeu deseja ser filiada ao Pacto do Atlântico. — Os aliados apresentam proposta visando solucionar definitivamente a questão da troca de prisioneiros. — O nôvo plano é aceito, em princípio pelos comunistas. — Reiniciam-se na Comissão Política da Assembléia Geral da O. N. U. os debates acêrca da queixa apresentada pela China Nacionalista contra a Rússia. — O delegado norte-americano, apoiando a queixa chinesa, adverte a União Soviética que qualquer nova agressão comunista na Ásia não será tolerada pelos Estados Unidos. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Presidente da Comissão Federal de Abastecimento e Preços o Sr. Benjamin Soares Cabello.

29 Terça-feira:

A Comissão Política condena a Rússia pelo não cumprimento do Tratado de Amizade e Aliança com a China. — O Brasil e mais 23 nações aprovam a moção chinesa naquele sentido. — Designada pela Assembléia a Comissão de quatro países, entre os quais o Brasil, para investigar as possibilidades de realização de eleições livres na Alemanha. — Em sua primeira sessão depois das férias de Natal e Ano Novo, a Câmara dos Comuns ouve uma exposição do Sr. Eden acêrca dos acontecimentos no Egito. O Secretário do "Foreign Office" reitera ao Egito o oferecimento para a revisão do Tratado de 1936. — Churchill anuncia para a próxima semana o início dos debates sôbre a política externa. — A Rússia enviou nota de protesto às potên-

QUANDO SE SENTIR NAUSEADA...



Recorra ao ENO, há mais de 70 anos consagrado como a melhor defesa contra as intoxicações do sistema intestinal. ENO restitúe o bem estar, eliminando a prisão de ventre ENO é laxante suave e seguro, alcalinizante e estomacal.

"SAL DE FRUCTA"

ENO



... de Hoje Precisa do ENO

cias ocidentais contra a constituição do Comando no Oriente Médio e o ingresso da Turquia e da Grécia no Pacto do Atlântico. — Iniciam-se em Tóquio as conversações entre o Japão e os Estados Unidos sôbre acôrdos administrativos. — Apresenta-se calmo o ambiente nas principais cidades egípcias com as medidas enérgicas postas em prática pelo novo govêrno. — Anuncia-se que cêrca de 40 milhões de libras e prejuizos causaram as desordens de sábado último no Cairo, sendo que são estimados em cinco milhões os prejuizos sofridos pelas firmas britânicas. — A Inglaterra protesta contra os atentados a vidas e empresas de súditos britânicos no Egito.

30 Quarta-feira:

Primeiro Ministro Winston Churchill adverte que uma prolongada guerra na Coréia ou sua propagação à China comunista, constituiria uma "guerra errônea, em um lugar não adequado e em ocasião inoportuna". Acrescentou que a Grã-Bretanha não tinha contraído nenhum compromisso com os Estados Unidos a respeito do curso de que seria tomado se os comunistas chineses e norte-americanos assinassem um instrumento de armistício e depois o quebrassem. — O Conselho de Segurança da O. N. U. dissolve formamente a Comissão de Armamentos Convencionais para criar a Comissão de Desarmamento de doze nações, destinada a controlar tanto as armas atômicas como as convencionais. — O Secretário de Estado Dean

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV.BRIG.LUIZ ANTÔNIO,4289-S. PAULO
Peça prospectos

Achson, critica a recente nota de Moscou protestando contra a projetada constituição de um comando unificado no Oriente Médio. Diz que a nota moscovita dirigida aos Estados Unidos, Inglaterra, França, Turquia na segunda-feira passada, não é senão uma repetição de queixas formuladas anteriormente pelo Kremlin. — A oposição trabalhista opõe-se ao programa de austeridade proposto terça-feira pelo Chanceler do Erário, R. A. Butler, e apresenta uma emenda à moção do govêrno, a qual, caso venha a ser aprovada, poderia determinar a queda de Churchill e de seu govêrno conservador. — O gabinete de De Gasperi é derrotado na Câmara por 4 votos ao ser aprovada, apesar da oposição do govêrno, uma emenda concedendo aos funcionários públicos aumentos suplementares, acima do aumento das 2 mil liras aprovado na semana passada.

31 Quinta-feira:

A câmara dos Comuns, segundo se espera assistirá a um primeiro grande choque entre o 1º Ministro Churchill e seus adversários Trabalhistas, por motivo das suas combinações com o Presidente Truman. — Caças a jato das Nações Unidas põem em debandada aviões a jato dos comunistas, na Coréia. — Novos choques armados entre estudantes e policiais egípcios, de um lado, e tropas britânicas de outro, sendo registradas dezenas de baixas. — Não será considerada derrota do govêrno a derrota de De Gasperi, ôntem anunciada e relativa ao aumento do funcionalismo público. — Incidente entre tropas indianas e paquistanas. — Na fronteira entre a Argentina e o Brasil são trocados tiros entre guardas e supostos contrabandistas. — Greve de ferroviários em todo o Norte da Itália, ordenada pelos Comunistas. — Chegam a esta capital, vários artistas do cinema francês, que aqui permanecerão dois dias, antes de prosseguir viagem para o Uruguay, onde se realiza um certame internacional cinematográfico.

MATERIAL GRÁFICO
VENDE-SE
MÁQUINA IMPRESSORA
marca WALTER SCOTT, formato 4-B, com motor General Eletric de 5-HP, dupla rotação, alimentador banual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macête, 2 escovas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnições de ferro.
GUILHOTINA
Marca MARRIL & SONS, com 1,49 mts., de bôca, 2,38 metros de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.
CORTADOR
Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.
BANHEIRAS
Quatro banheiras de pedra sabão para ácidos.
Propostas e informações com o sr. WENCESLAU - CIA. EDITÔRA AMERICANA - Tel.: 22-8647 - Rua VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 - RIO

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLI Ú — ANO XXXV — N. 10 — Março — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

PRIMEIRO TORNEIO

JANEIRO — MARÇO

ENIGMAS

AOS CONFRADES PAULISTAS

104 — Se em uma carta patente
Uma letra fôr detida,
Verão surgir de repente
Faixa estreita e repetida
No campo do escudo, as-
[sente,
De tal forma refletida,
Que pasmados ficarão
Perante esta perfeição.
Heron Silpes (Canavieiras)

———

105—O teu vestido de luto
Com poeira fica **cinzenta;**
É necessário que o sacudas
Fora do meu *aposento*
... *Violeta* — G.C.N. (Recife)

———

106—Quem mata cão por mal-
[dade,
Por prazer, sem coração,
Um *naco*, sinceridade,
Da vida não vale, não.
Onde?
Vesper (Rio)

———

107—Que destino tem o réu
Recebendo a pena amarga,
Pois o juiz só lhe deu,
Carregar pesada *carga*.
Fusinho (Bangu — Rio)

———

108—Ri no meio das pontas
Um sujeito *maçador*,
Das finanças e nas contas
Conhecido *sabedor*.
Perseu (Salvador)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

109 — Duas — uma Os *grandes* erros da moderna geração *até* já conduzem a humanidade para um perigoso *labirinto*.
Mário Noval (Bissau, Guiné)

110 — Duas — duas — Quando foi recapturada a capital da "*Coréia*", o povo *mostrava-se alegre* com o esplêndido *triunfo*.
Alô Tropina — (H.C., Rio)

111 — Três — uma — De *chapéu velho* na cabeça e com o *instrumento de música chinês em forma de tambor*, entrei no *casinholo muito apertado*.
Centauro — (S. Paulo)

———

112 — Duas — duas — *Qualquer indivíduo* avêsso a andar calçado *está arriscado* a ficar como aquêle macobeba *que tem os pés compridos*.
Dr. Zepanta — (Coruripe)

———

113 — Uma — duas — *A perversa* e aquela pessoa manhosa fizeram uma grande *trapaça*.
Edur Gomes Monteiro — (Cuiabá).

———

114 — Duas — uma — *Êle faz mau juizo* da minha *profissão*, não será *malícia?*
El Principe — (Uberaba)

———

115 — Duas — duas — *Quando* se falou no *antigo tributo* a população ficou *agitada*.
Gil Virio — (Andradina)

———

116 — Duas — uma — A *jactância* é *um* sentimento peculiar ao *vaidoso*.
Jayreis — (Salvador)

———

Para EDSON PARENTE

117 — Uma duas — *Amanhã* tomarei *conhecimento* das últimas notícias sôbre a guerra da Coréia, pela leitura do *matutino*.
J.A. Pimentel — (Itapoci, Go)

———

118 — Três — duas — *Corrida veloz* é um *movimento* que corresponde à *galopada*.
Roazo — (Maranhão)

———

119 — Duas — uma — O *alimento* sem vitaminas é uma *lástima* para quem é *magro*.
Seamra — (Santos)

———

120 — Uma — uma — No *abrigo de malfeitores* encontrei uma *velha* que me pôs de *castigo*.
Sertaneja — (Rio)

———

121 — Uma — uma — *Além*




de ser um bonito *relicário, foi feito* nesta *região*.

Guilherme Tell — (Rio)

---

122 — Uma — uma — Escreveram a *giz* um *pronome antigo* no quadro negro do *asilo diurno* para crianças pobres.

Eva Dio — (Rio)

---

123 — Duas — uma — O *décimo terceiro* dia *não* é o menor da *devoção de treze dias*.

Segon (Rio)

---

124 — Duas — uma. Na *esquina* junto ao *pilar*, o macumbeiro deixou um despacho a fim de tirar o *azar*.

Paulistinha — (Rio).

---

125 — Duas — duas — A polícia *toma* nota das *informações* da *disputa*.

Velo-Vela — (Rio)

LOGOGRIFOS

126—*Em retribuição ao confrade Bisilva*

Aquela *mulher formosa* — 5 — [7 — 3 — 2
Que usa jóia de *alto preço*, — [1 — 2 — 5 — 4
Se julga muito ditosa
Pois não conhece tropêço.
Existe muita *alegria* — 5 — 6 [— 3 — 7
Em sua rica mansão,
Dificuldade não sente — 1 — 2 [3 — 4
Em nenhuma ocasião.
Mas, se fala em *casamento*,
Fica triste num momento.

Violeta, — (G.C.N., Recife)

Ao Conselheiro

127—*Desocupa* a minha casa —
Desocupada a minha casa — [8 — 1 — 5 — 6 — 9
Pois tu és muito *grosseira* — 2 [5 — 6 — 10 — 9
Tornou-se *difícil* a vida — 11 [3 — 4 — 5 — 6 — 9
Entre nós, dessa maneira.

Para seu *conhecimento* — 7 — 8 [11 — 7 — 9.
Daqui não levarás nada
Eu também irei pra longe
Ter uma *vida retirada*.

Bisilva — (Manaus)

CHARADAS CASAIS

128—Três — Ela *exprime com* [*tristeza*,
Tôda a desdita que a in- [vade,
Nesse *som triste e suave*,
Misto de dor e saudade.

Heliotrópio — (Pôrto Alegre)

---

129 — Quatro — O peculatário livrou-se, afinal, da *detenção* conseguindo uma ordem de "habeas-corpus", recurso legal *que protege* os defraudadores da fazenda nacional.

Conselheiro — (R.G. do Norte)

---

130 — Duas — Se você *pretende* vencer êste torneio, tenha *cuidado* com os veteranos.

E. de Souza — (Rio)

131—Quatro — Só *pensas* em *fantasias* meninas!

Ed Vep — (Maceió)

132—Quatro — Eu estava *contente*, por vê-la *satisfeita*.

Isaac Wajsbrot — (Rio)

133—Três — Quem lhe *tributa* afeição? Êste seu *amigo dedicado*.

Joleno — (S. Paulo)

134—Duas — Almoxarifado é uma *misselânia de coisas muito diversas*, nem sempre arrumadas como o devido *cuidado*.

Nilva — (C.E.C., Rio)

135—Três — Tem *balda* aquê*le que se saracoteia muito*.

O Sineiro — (S. Paulo)

136—Três — O *namôro* acabou em *contenda*.

Plá — (Rio)

137—Três — *Outeiro* é o *título dum capítulo* daquele livro de verso.

Rafinha — (Pôrto Alegre)

138—Cinco — *Franca, sem mais palavras*, tornou o caso mais *verdadeiro*.

Sertanejo II — (Lavras)

139—Já se foi o tempo em que com *quatrocentos réis* se podia iniciar uma *campanha de propaganda*.

Zytho — (C.E.C., Rio)

140—Três — Quem age com *prudência* em seus atos, não se *esconde* no anonimato.

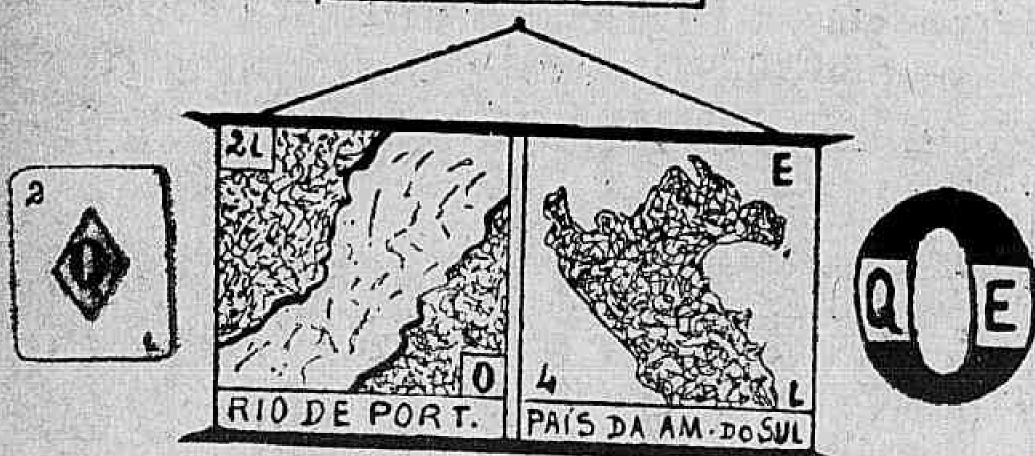
Emidlej — (A.C.C.B. — Salvador).

CHARADAS ANTIGAS

Ao talentoso cruzadista *Antônio C. Pina*, agradecendo o seu problema de dezembro:

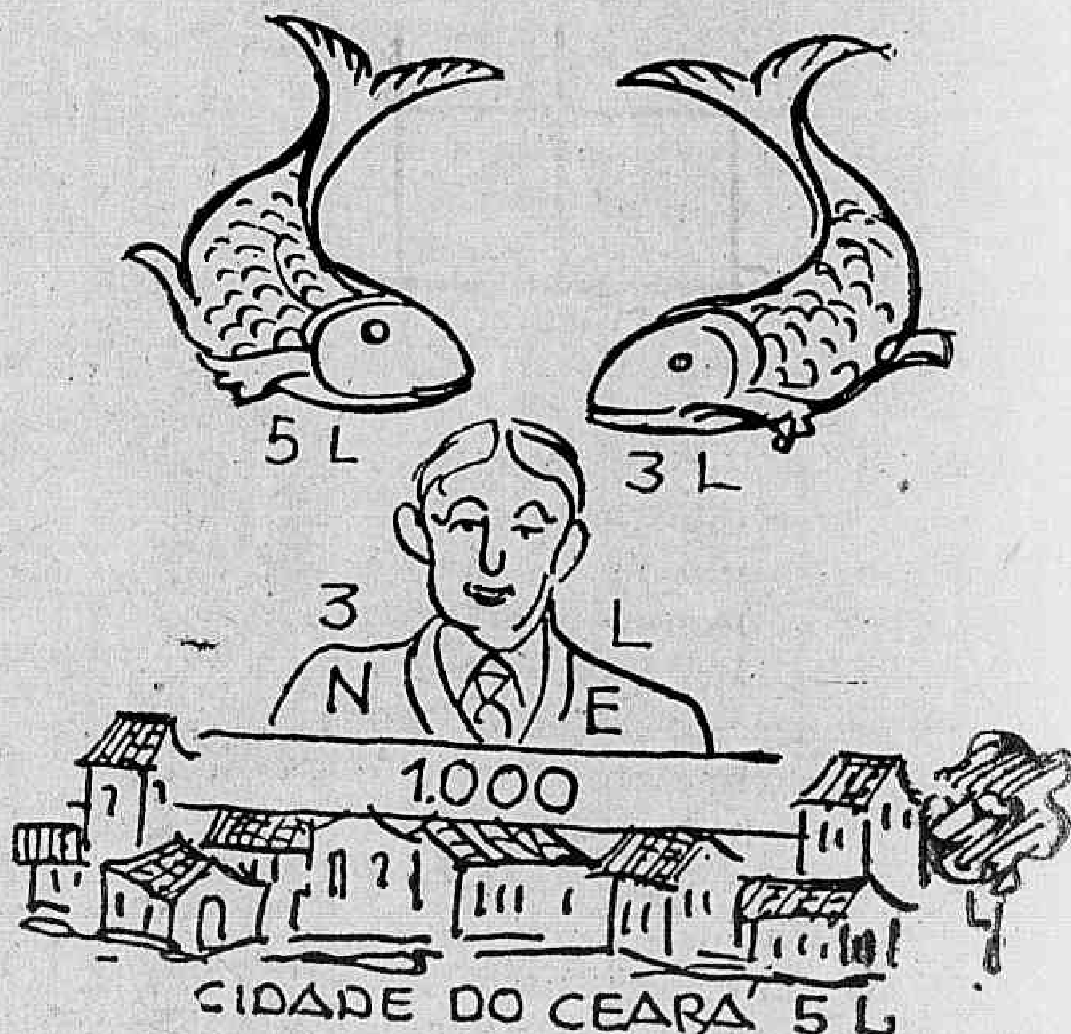
ENIGMA PITORESCO — 157





Sotnas — (Rio Grande)

ENIGMA PITORESCO — 158



De Souza — (T.G., Rio)

141—Como me punge, a lem-
[brança
De ter morto a esperança,
Da tua grande paixão.
Eu era o teu lindo sonho,
O teu futuro risonho...
E *magoei* teu coração. — 2

É *pena* que nada reste — 1
Daquilo que me disseste,
Um dia com tanto agrado...
Tu tens razão minha flor,
Fui o grande causador
Do teu viver tão *magoado*.

Nomisio Nuno — (Feira de Sant'Ana).

142—Quem vive *em pais estra-*
[*nho*, — 2
O seu prazer é tamanho
Que não chega a dar ca-
[vaco.
De mim o mesmo não di-
[go. — 1
Eu vejo sempre um perigo...
Enxergo em tudo um *bu-*
[*raco*.

Euclides Vilar — (Campina Grande)

143—Se neste mal *continuo* — 2
e sôbre teus lábios atuo
com beijos doces e frios,
por certo a nossa *jorna-*
[*da*, — 2
pelo amor tão bem ornada,
seja *gasta em desvarios*...

KTQZ — (São Paulo)

CHARADAS SINCOPADAS

144—Três (duas) — O *pregui-çoso* sente *enfado* até em falar.

Jorge de Guimarães — (Maceió)

145—Três (duas) — Aa chegar ao *outeiro*, desembainha *a espada*.

Gumercindo Leite — (João Pessoa)

146—Três (duas) — Gosta de beber *garapa*, o *agente* de *polícia*.

Fusinho — (Bangu, Rio)

147—Três (duas) — Um certo gatuno *tôsco*, hoje *de madrugada* estêve na sua porta.

Fiote — (Cuiabá)

148—Três (duas) — O coração da *virgem ferve* ao sôpro do amor.

Levon — (São Paulo)

149—Três (duas) — O aparelho que inventei já se acha *pronto para qualquer aplicação*, mas ainda não o demonstrei, receiando o *motejo* dos críticos.

Lutercio — (H.C., Rio)

150—Três (duas) — Raro é ver-se alguém *disposto* e *cheio de prazer pela vida*.

Matsuk — (T E, Rio)

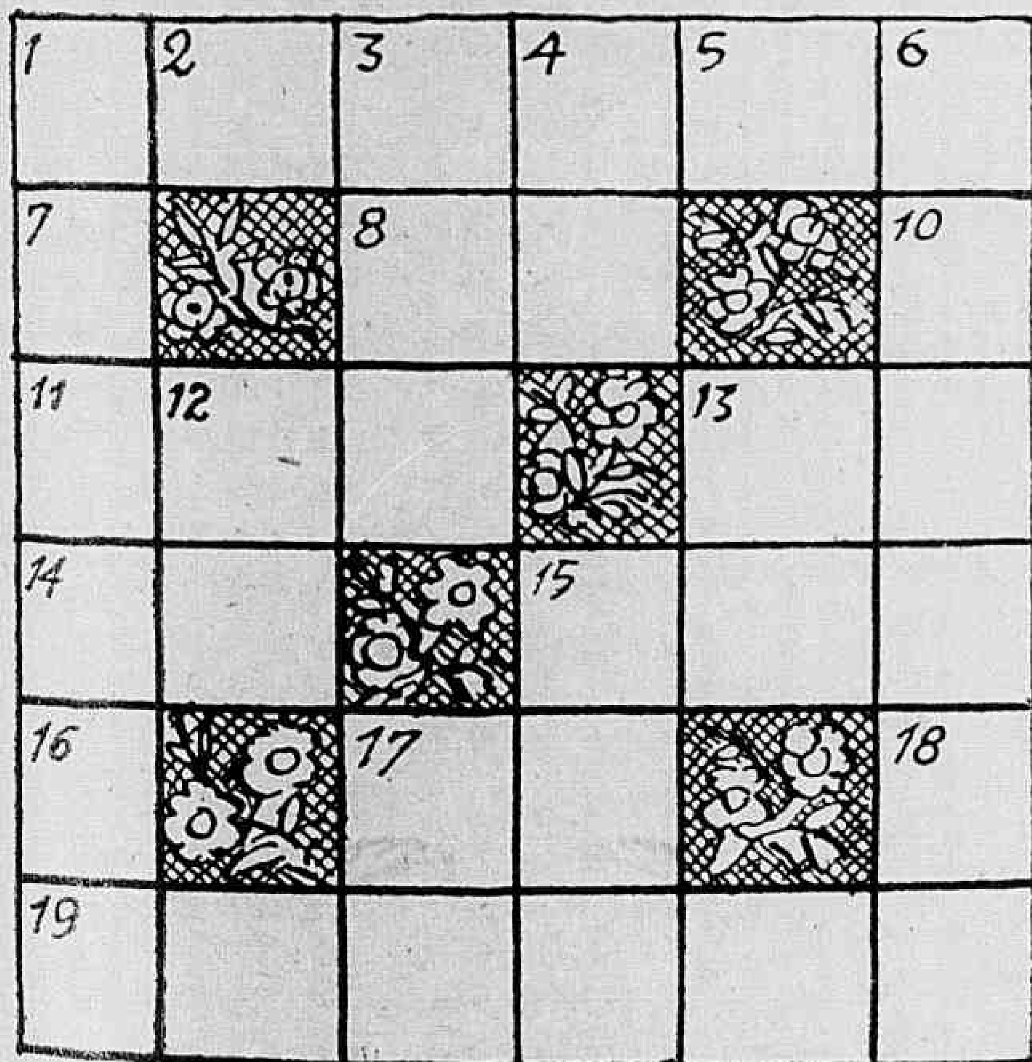
151—Três (duas) — É uma *grande extravagância* deixar de aceitar um *libra esterlina*.

Tony — (Perdizes)

152—Três (duas) — *Dou por* errado êste *cálculo*.

Cydar — (Belém, Pará)

PROBLEMA Nº 6

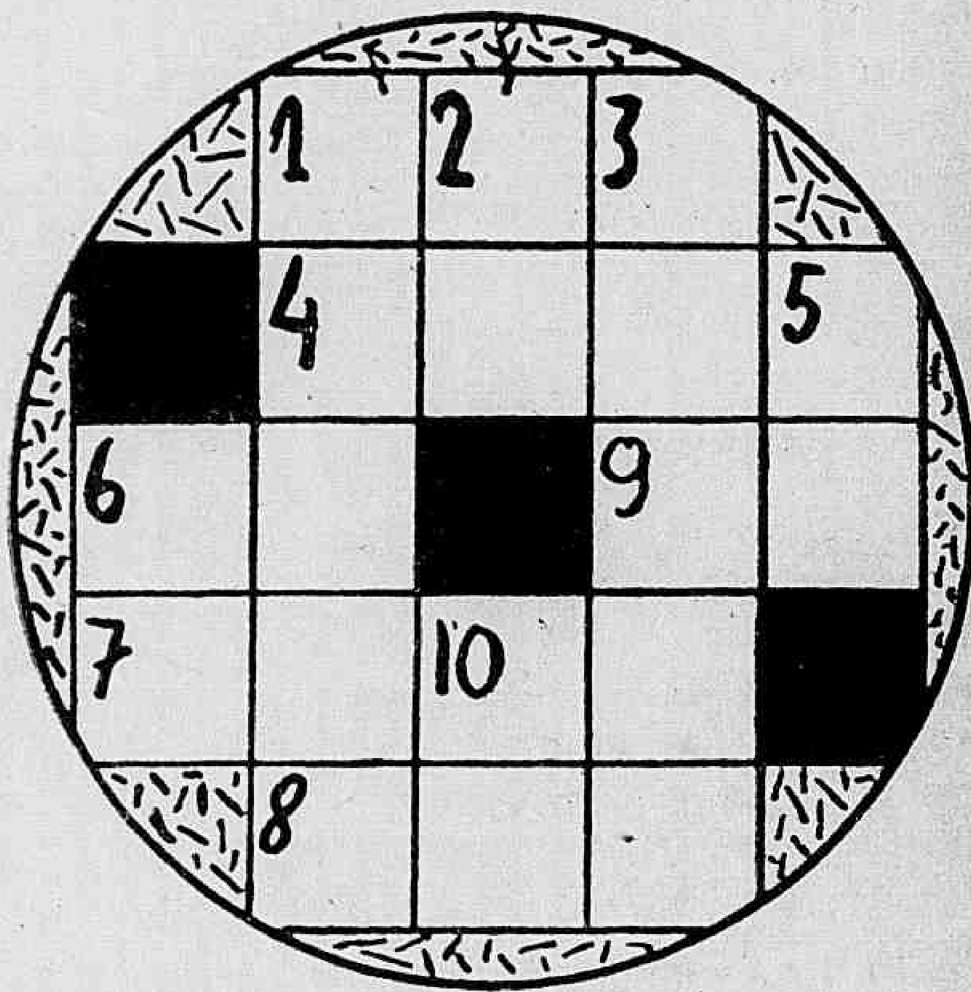


Ao Mestre Dr. LAVRUD
Eva Dio — (Rio)

HORIZONTAIS: — 1 Irmã de caridade; 7 — No calendário republicano francês designava o oitavo dia da década; 8 — Suf. designativo de aumento; 10 — Décimo oitavo; 11 — Grande quantidade; 13 — Meio social ou moral; 14 — Uma das consoantes do alfabeto sanscrito; 15 — Argola; 16 — Primeira; 17 — Prep. significa "a"; 18 — Abrev. de bom; 19 — Albino.

VERTICAIS: — 1 — Espécie de doce (pl.); 2 — Primeira; 3 — Fôlha; 4 — Coisa diversa; 5 — Vigéssimo numa série; 6 — Tempera com frutas; 12 — Apostara; 13 — Indício; 15 — Nome de mulher; 17 — Caráter.

PROBLEMA Nº 5



Velo-Vela — (Rio)

HORIZONTAIS: — 1 — Ilha da Dinamarca; tinta amarela; 4 — Mau humor; 6 — Cidade antiga da Babilônia; 7 — Escavar; 8 — Constelação astral; lavra; 9 — Medida etinerária no Japão; mofa.

VERTICAIS: — 1 — Embarcação pequena de duas velas; raspa; 2 — Rio da Sibéria; 3 — Nódoa que a aproximação do fogo produz na pele; 5 — Interjeição, exprime espanto; 6 — Ilha do rio Inacho; 10 — Estupor.



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante

Pilulas DE WITT

para os Rins e a Bexiga

Em vidros de 40 e 100 pilulas

O grande é mais econômico

153—Três (duas) — Nos campos esportivos pela *vozeria confusa* da assistência, observa-se quão *importante* é a partida.

Conde de la Fére — (Salvador)

154—Três (duas) — Quando o *mulato corpulento* apareceu na briga, foi água fria na *fervura*.

Eva Dio — (Rio)

155—Três (duas) — Um *pedaço* de pão é uma *bagatela* de alimento.

Alô Tropina — (H.C. — Rio)

156—Três (duas) — Com gôs*to* é que leio uma obra *completa* de conceitos morais.

Conde de la Fére — (Salvador).

ALMANAQUE EU SEI TUDO
DESEMPATE

1º lugar — Janota 001 a 007; Julião Riminot 008 a 014; Irahydes 015 a 021; Jotoledo 022 a 028; Mira 029 a 035; Duridana 036 a 042; Alô Tropina 043 a 049; Jota 050 a 056; Cuiabano 057 7a 0 63; Sertanejo II 064 a 070; Orcaroh 071 a 077; Don Roal 078 a 084; Durmel 085 a 091; Aguia 092 a 098; O Sineiro 099 a 105; Fiote 106 a 112; Vi Ana 113 a 119; El Príncipe 120 a 126; Jairo 127 a 133; Xisto 134 a 140; Bragamo 141 a 147; Major Agá 148 a 154; Otsuaf 155 a 161; Cantagalo 162 a 168; Valerio 169 a 175; Vasco 176 a 182; Dupla Jarisa 183 a 189; Nostradamus 190 a 196; El Campeador 197 a 203; Dopasso 204 a 210; Peralta 211 a 217; Carlino 218 a 224; Cysneirense 225 a 231; Radge 232 a 238; Sônia 239 a 245; Dimas 246 a 252; Ferrameda 253 a 259; Sam 260 a 266; Lord Kalvin 267 a 273; Nerff 274 a 280; Farani 281 a 287; Ronega 288 a 294; Ycaro 295 a 301;; Violeta 302 a 308; Johanes Latium 309 a 315; Tio Sam 316 a 322; El Dani 323 a 329; Seamva 330 a 336; Centauro 337 a 343; Perseu 344 a 350; Andes 351 a 357;; E. Fabrício 358 a 364; Aufergo 365 a 371; Conde de la Fére 372 a 378; Jaguaretê 379 a 385; Ziul 386 a 392; Mambira de Jiquitaia 393 a 399; Imara 400 a 406; Jayreis 407 a 413; Galo Prêto 414 a 420; Formiga Leão 421 a 427; Cartos 428 a 434; De Souza 435 a 441; Diamante 442 a 448; Ledaci 449 a 455; Paraná 456 a 462; Ralvo Ilvas 463 a 469; Sinhô 470 a 476; Tutancamon 477 a 483; Ueniri 484 a 490; Tony 491 a 497; Vinicius Fernandes 498 a 504; Debrito 505 a 511; Emidlej 512 a 518; Arpetra 519 a 525; Lupe 526 a 532; Alvasco 533 a 539; Plá 540 a 546; Lutércio 547 a 553; Nilva 554 a 560; Caboclo 561 a 567; Edpim 568 a 574; Jotorácio 575 a 581; Zoraco 582 a 588; Pompeu Júnior 589 a 595; Pele Vermelha 596 a 602; Paco 603 a 609; Raul Petrocelli 610 a 616; R. Kurban 617 a 623; Aço 624 a 630; Dropê 631 a 637; M. A.P.M. 638 a 644; Sphgnx 645

AGORA

sou o "craque" do meu time!

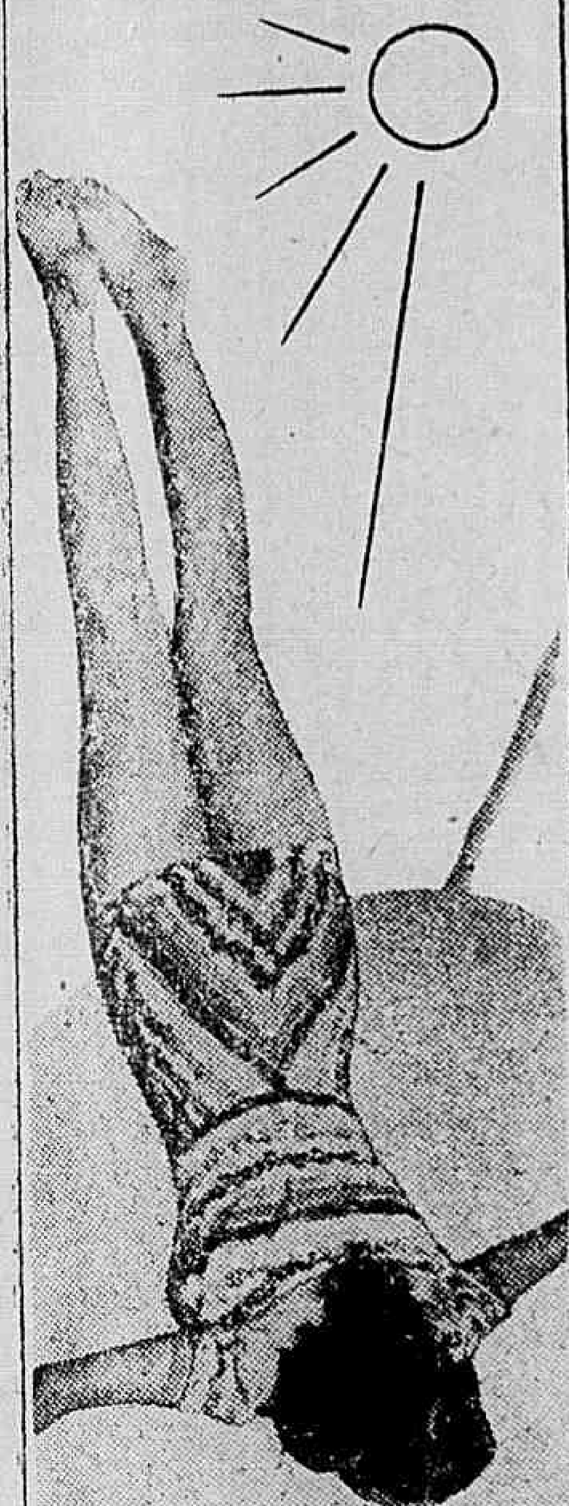


E não era, não senhor! Tr tavam-me até de "molenga" e di iam que eu os ava de "mo'eza". Um di aconse haram minha mãe a que me desse Emulsão de Scott que enriquece o sangue, combatendo a anemi e a debili ade. E hoje estou corado, forte e robusto. E o medo a frcque a desapareceu. E agora sou o primeiro a ser convida o para todos os esportes. O apelido ficou para tráz e às refeições nunca me falta a colherinha de Emulsão de Scott!



EMULSÃO DE SCOTT

Tonico das Gerações





Polvilho Antisséptico
GRANADO

DESODORANTE
CICATRIZANTE

a 651; Plutárco 652 a 658; Donatila Borba 659 a 665; Odnaref 666 a 672; Nami 673 a 679; Gil Virio 680 a 686; Mip 687 a 693; Rei Peratompes 694 a 700; Black Rose 701 a 707; Begoal 708 a 714; Epate 715 a 721; Adhemar Dias de Carvalho 722 a 728; Jofesil 729 a 735; Agalves 736 a 742; Júpiter 743 a 749; Alguém 750 a 756; Édipo 757 a 763; Lujoca 764 a 770; Varetas 771 a 777;Elviro 778 a 784; Jocati 785 a 791; R.P. 792 a 798; Leiria Dias 799 a 805; Malba Tantan 806 a 812; Sefton 813 a 819; Dr. Zinho 820 a 826; Toberal 827 a 833; O. Janz 834 a 840; Padre Chagas 841 a 847; Juca Pirolito 848 a 854; Joleno 855 a 861; Bigi Neto 862 a 868; Zuncronitano 869 a 875; Chico Bacamarte 876 a 882; Buridan 883 a 889; Rafinha 890 a 89; Botucarahy 897 a 903; Lord 904 a 910; Antero 911 a 917; Dick 918 a 924; Envergonhado 925 a 931; Ordése 932 a 938.

2.º lugar — Magali 1; Milon 2; Jobair Soares 3; Laranjeirense 4; Heliotropio 5; Ed Vep 6; Nomisio Nuno 7; Carsiali 8; Salierf 9.

Desemfate no dia 5 de março.

PALAVRAS CRUZADAS

Carsiali, Botucarahy, Jasesil, Oicaroh, Don Roal e Durmel não concorreram aos problemas de palavras cruzadas; ocuparão os seus lugares os seguintes decifradores: Pinguim, Mme. Paulette, Padre Pedra, O Magro e o Gordo e Segon.

Para não repetir a lista, que tomará muito espaço, faremos o desempate dos dois lugares, invertendo a ordem dos números, assim: o último da lista que é *Ordêsi* com 932 a 938 passa para o primeiro com 001 a 007; o penúltimo — *Envergonhado* — 925 a 931 — passa a 008 a 014 e assim por diante.

Desempate no dia 8 de março.

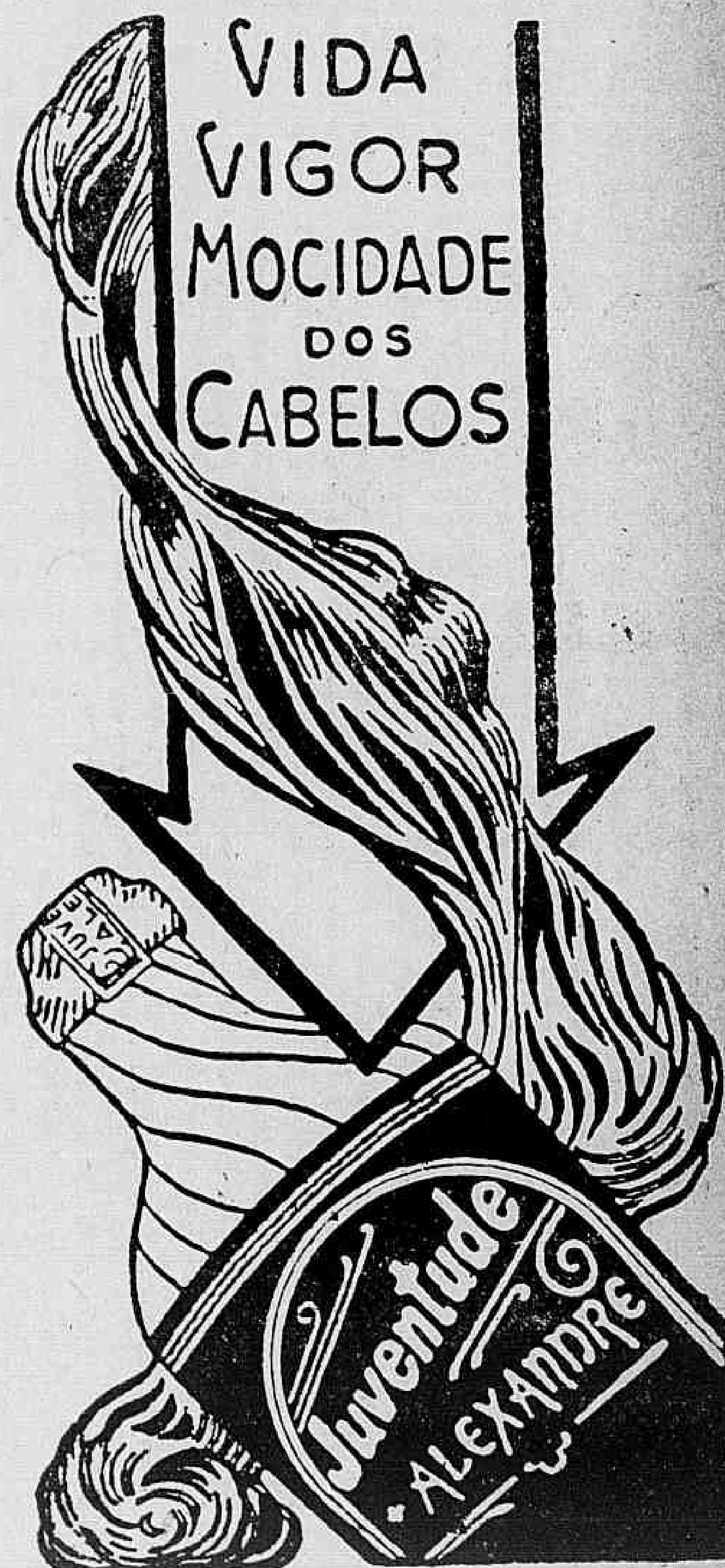
MAJOR AGÁ

Foi promovido no dia 25 de janeiro a Tenente-Coronel o nosso colaborador e amigo *Major Agá* (major Antônio Homem de Almeida), de Itajubá, já classificado no Quartel General. Estamos de parabens com a aproximação do *Major Agá*.

Nossas felicitações.



JUVENTUDE
ALEXANDRE



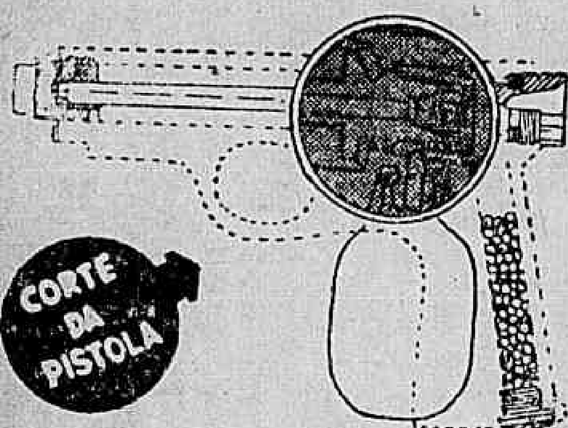
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA:

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



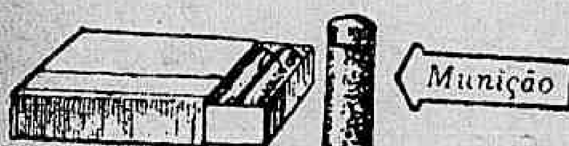
FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

TEL.: 43-0766







Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins. c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

JAYREIS

O nosso velho colaborador e amigo *Jayreis* (Jayme Reis), superintendente da Companhia Sul América em Salvador, Bahia, veio trazer-nos o seu cativante abraço num gesto de gentileza.

Jayreis teve ocasião de sentir a dedicação e admiração dos seus confrades cariocas.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Enigmatista, de Santos; *Norte Charadista*, do Grêmio Charadistico do Norte, Recife; *Ilustração Policial*, órgão oficial do Clube dos Investigadores onde *Ueniri* mantém ótima seção charadística; *Radar*, revista de Rádio, Cinema e Teatro, São Paulo; *O Charadista*, órgão oficial da Terlulia Edípica, Lisboa; *Seleções Recreativas*, direção de Sylvio Alves; *Edipismo e Palavras Cruzadas*, Estremoz, Portugal.

ALMANAQUE DE SELEÇÕES RECREATIVAS

Em substituição ao antigo Anuário Brasil-Portugal, Sylvio Alves organizou êste novo almanaque, repositório charadístico, literário e instrutivo.

E' mais uma iniciativa de Sylvio Alves que soube dar um aspecto interessante ao *Almanaque de Seleções Recreativas*, quer no seu formato, quer no testo.

GRÊMIO ENIGMÁTICO MINEIRO

Foi fundado no dia 12 de janeiro em Pará de Minas, o *Grêmio Enigmático Mineiro*, do qual fazem parte os confrades: *Joia, Merode, Lotônio, Valério Vasco e D'Avila*.

CORRESPONDÊNCIA

Gumercindo Leite (João Pessoa); *D'Avila* (Pará de Minas); *Nelmos* (São Paulo); *Marcimento* (S. Paulo) — Inscritos com muito prazer.

Milon (Recife) — Não conhecemos a Geografia do Charadista.

Isaac Wajsbrot (Capital) — Inscrito. Mande seu endereço.

Nemus Nulus (Feira de Sant' Ana) — Mande a solução da sua sincopada. — *Musculoso* — O endereço que pediu é: Coletoria — Paramirim — Bahia — *Mascobei* (Barra do Mendes, Bahia) — A sua nova residência já foi anotada.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser dirigida ao seu diretor.

Dr. LAVRUD

COMO APRENDER A DANÇAR



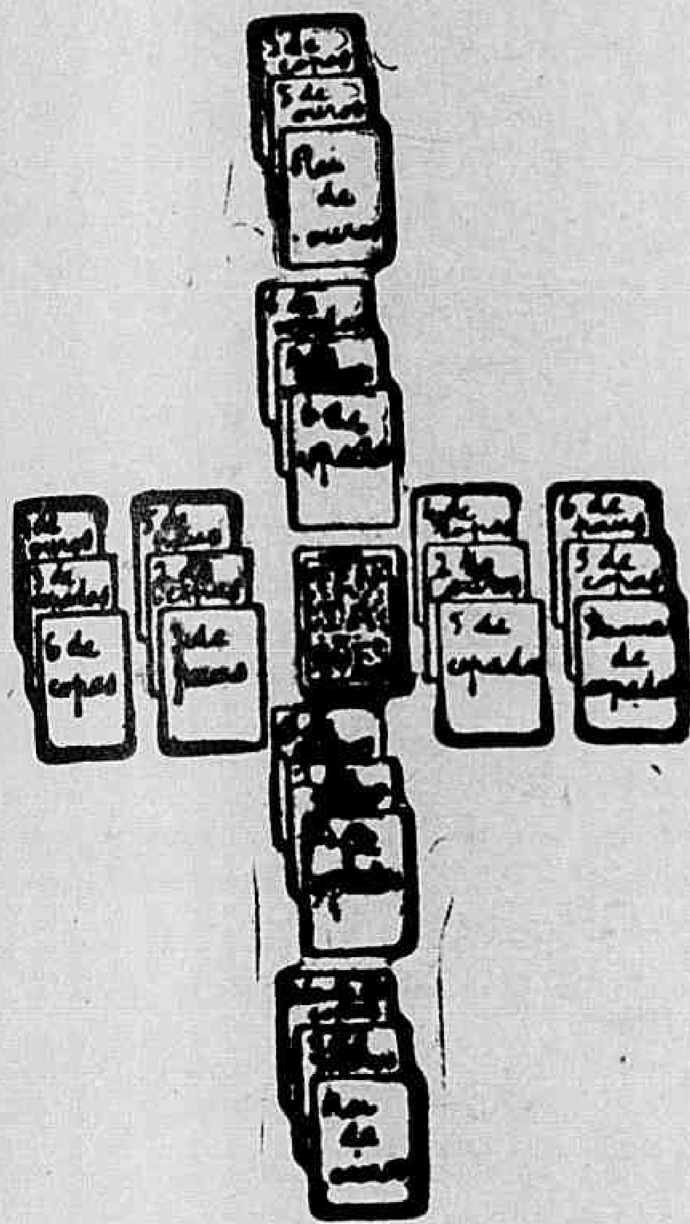
4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CARTOMÂNCIA

FLOR DO MATO (solteira, Rio de Janeiro) — Noto muita alegria causada pela chegada de uma carta. Há indícios de incerteza num caso de dinheiro. Pessoa de sua família se ausentará por motivo de negócios. Haverá festas, devido a um casamento feliz. Sua vida será longa.



Mapa em que têm que ser escritos os valores das cartas; deve ser cortado e enviado a esta redação, com o nome ou pseudônimo do consulente e localidade de onde vem

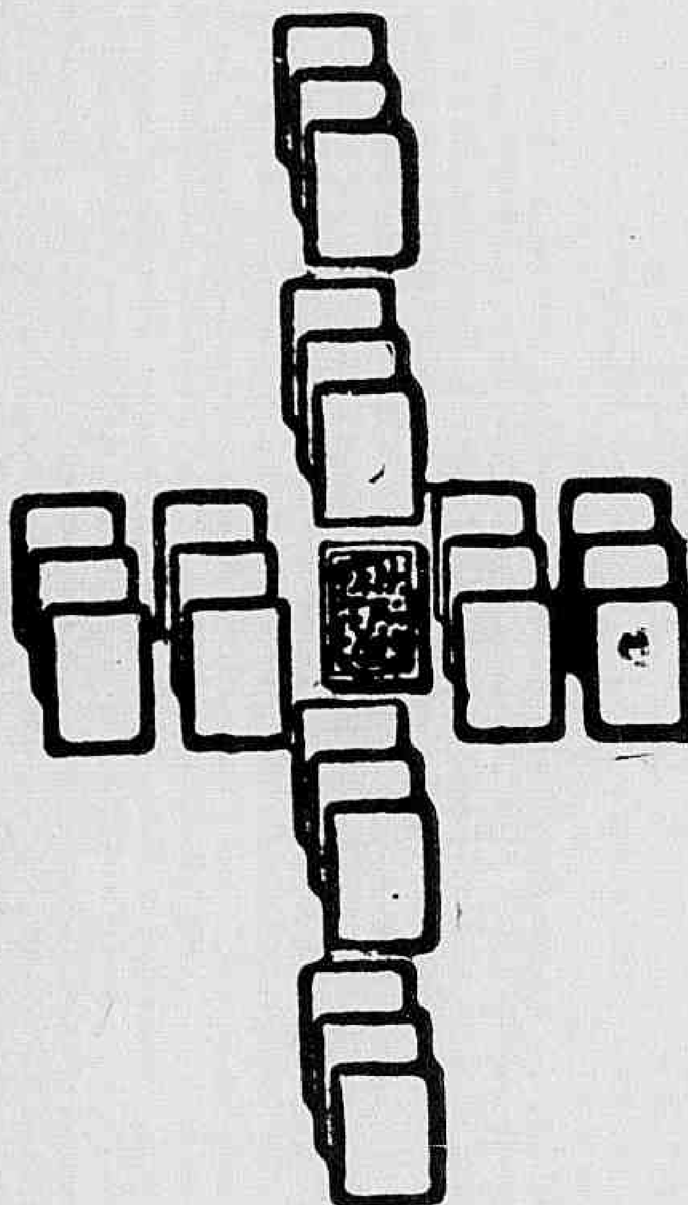
SINHAZINHA (solteira, Distrito Federal) — Seu temperamento é místico e contemplativo. Vejo que uma mulher de côr clara lhe dará valiosos conselhos. Devido a uma queda, uma criança de sua família será prêsa ao leito. Sua vida financeira passará por sensível mudança. Durante uma festa será elogiada.

CARIDOSA (solteira, Minas Gerais) — Alguém que lhe dedica sincera afeição, se desintenderá por causa de uma intriga. Noto que em horas de refeições ficará a par de relevantes assuntos. Vejo perigo de ser vítima de armas brancas. Uma intriga envolverá seu nome. Uma de suas amigas lhe dará provas de sinceridade.

SÍLVIA DORA (solteira, Rio de Janeiro) — Vejo que terá vida longa, com indícios de êxito no futuro. Um homem de estatura elevada, dará apoio a um jovem de sua família. Durante um passeio, perderá um objeto de valor estimativo. Vejo uma senhora de sua amizade, sendo vítima de pequeno acidente. Seus dias propícios serão os pares.

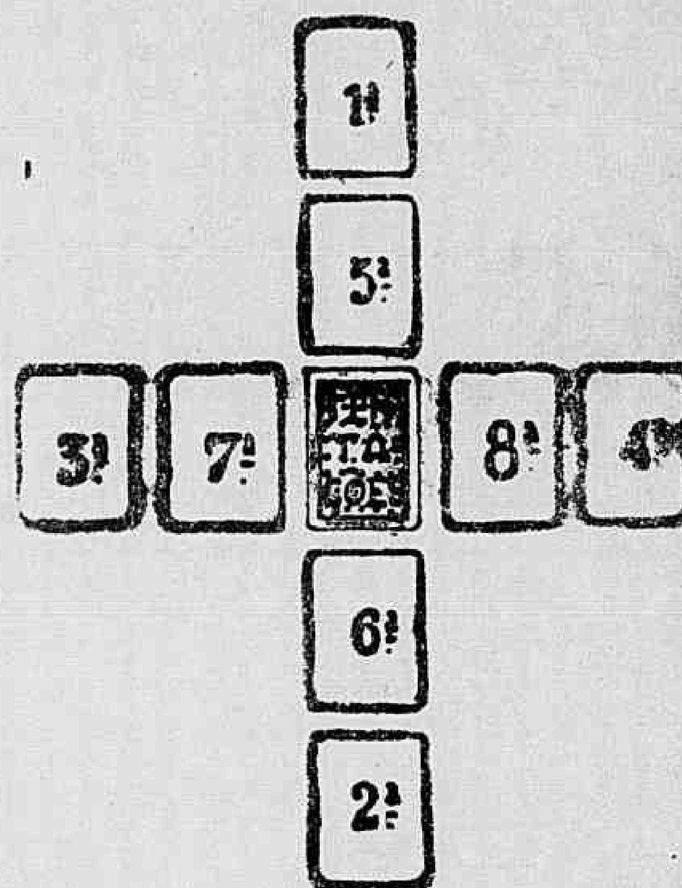
MEDROSA (solteira, Belo Horizonte) — Suas cartas revelam que a consulente ainda terá agradáveis surprêsas, num caso de amor. Em horas de alegrias, uma carta trará notícia triste de alguém que há muito se ausentou. Uma moça pretende causar-lhe um dissabor. Seu talismã deve ser um rubi. No futuro terá vida abastada.

ESTUDIOSA (solteira, Rio de Janeiro) — Uma pessoa intermediária num caso de amor, lhe dará boas notícias. Os meses ímpares serão mais venturosos para novos empreendimentos. Brevemente será encontrado um documento que há muito estava extraviado. Pessoa de sua família terá ganho de causa, numa questão de terras. Vida longa e feliz.



Modêlo de como tem que ser escrito o mapa

FÃ DE EU SEI TUDO (Distrito Federal) — Vejo alguma discórdia nesta casa, motivada por uma jovem leviana. Uma de suas amigas será vítima de infâmia. Pela porta da rua chegarão novas alvissareiras de uma emprêsa lucrativa. Noto o plano de uma viagem que lhe será proveitosa. Seus dias felizes serão pares..



Maneira de deitar as cartas em cruzeta, na ordem numérica em que estão dispostas

SAPECA (solteira, Santos, São Paulo) — Para seu talismã, procure usar uma pedra de côr verde. Uma quantia que há muito lhe era devida, será agora resgatada. Surgirá uma intriga envolvendo seu nome e de um jovem de côr clara. Irá a uma festa, onde seu nome será muito elogiado. Vejo a realização de seus ideais no porvir.

MÍSTICA (solteira, Rio de Janeiro) — Uma criança de sua família adoecerá, porém, sem gravidade. Noto radical mudança em sua vida social e financeira. Durante um passeio campestre, receberá um mimo de amor. Um senhor de farda cumprirá uma promessa sôbre um emprêgo. Tenha cuidado com os tóxicos. Vida longa.

COUPON PARA A RESPOSTA

NOME OU PSEUDÔNIMO ....

SEXO ....

LOCAL DA CONSULTA ....

ESTADO CIVIL ....

IDADE ....

ANO XXXV
N. 418 DO

EU SEI TUDO

N. 10 — 1952
MARÇO



SUMÁRIO:

Frontispício: Telefona Mais Tarde (Conto-côres) 5

Como "criar" espaço? 8
Êste automóvel resolveu o problema da casa 10

Alguma Coisa Mais (De uma entrevista com o Dr. Albert Schweitzer) 11

Aprenda a Combater o Calor (Devemos ingerir alimentos frios? Devemos evitar a carne de porco? Os gelados ajudam a refrescar? Devemos comer maior quantidade de sal? Devemos evitar o álcool? Os movimentos e caminhadas? A ação direta do ventilador? O ar condicionado? Os banhos frios?) 12

Enfim, conseguiram... 12
Oh, o Dinheiro 16

O Divórcio Combatido pelos Divorciados 17
Quem Matou o Carrasco? (O sargento Wods tinha muitos laços e muitos inimigos) 23

A "Boa Resposta" do Mês 26
O Irã é Importante porque é Fraco! (Um solo rico e uma população paupérrima fazem dêsse país uma prêsa tentadora) . 27

Público e Privado 31
Esteja em Dia com o Mundo 32

O Cérebro do Morto (Resumo de um romance de Curt Siodmark) 33
O Ponto de Vista da Infantaria (Uma anedota do post-guerra) . 37
Gibraltar é inexpugnável? (Opina um técnico militar espanhol) 38

Como Você Resolveria Isto? 42
O Coração de Luísa (Início de novo romance, de Henry Gréville) 43
Cavalos de Alto Preço (Episódio real — Côres) 51

Correspondência das trincheiras (Episódios reais) 52
Para os desenhistas 52
O Segrêdo do Farol (Conto-Côres) 53

Problemas Municipais 57
Quia Pulvis Est 57
Água Enlatada 58

Hitler e o Mistério de sua Morte (Martin Bormann prepara o retôrno de Hitler — Um ano após o fim da guerra, um submarino pirata no Atlântico Sul — Os Estados Unidos procuram Hitler) 59

Nossos Momentos de Maior Perigo (Muito cuidado e ôlho no relógio!) 64

Sim! Nada Disto Está Certo! 66
Explorando o Brasil Meridional (continuação) 67
Prisão Aberta (Romance — Conclusão) 75

Vida do Campo (A Produção da Borracha) 83
No Mundo dos Selos 95
Nos Domínios da Gramática 98

Memento Eu Sei Tudo (Janeiro de 1952) 99
Charadas 107
Cartomancia 113

CORRESPONDÊNCIA

ALCIDES DE SOUZA, Rua Bernardo Mascarenhas, 1654, J. de Fora, Minas Gerais — As abelhas da Índia pertencem a três espécies, a saber: Apis índica, Apis floralis e Apis dorsata. Esta satisfeito?

ODON PÔRTO ALMEIDA, Agência Municipal de Estatística, Pedra, Pernambuco — Agradecemos o seu interêsse e, sem compromisso, ficamos aguardando o que nos oferece, para melhor exame do assunto.

C. D. DUBEUX — Caixa Postal 71 — Recife — Pernambuco — Agradecemos a sua oferta. Esta emprêsa possui coleções completas.

A. HIGINO CAMPOS — Madureira — Distrito Federal — O seu pedido está prejudicado em razão do endereço enviado estar incompleto. Aguardamos informações mais detalhadas. Gratos.

ANTÔNIO B. GUIMARÃES — Praia das Flechas — E. do Rio — Para onde devemos mandar? Só «Praia das Flechas»? E o número? Aguardamos.

ALICE MENDES — Distrito Federal — Quando? Pois... neste mesmo número. Ver, por obséquio, a página 43. Satisfeita?

BENEDICTO PEREIRA DUARTE — Campos — E. do Rio — Não podemos publicar o que deseja, pois foge totalmente ao programa desta revista. Gratos pelas fotografias.

VITOR AUTUORI — S. Paulo — Preliminarmente, considerado interessante o assunto tratado em sua carta. A direção desta revista se dirigirá diretamente ao amigo, por meio de carta.

★

A CAPA: — Uff! Está quente, hein? Vamos tomar um gelado?... Calma. Muita calma. Você não deve convidar um amigo para tomar um gelado, só porque o dia está quente. Sabe lá se isso vai piorar a situação em vez de «refrescar»? E há outros «conselhos» errados para os dias de calor. Por isso mesmo será conveniente o leitor — ou a leitora — antes de recorrer aos sorvetes, aos banhos frios, etc., etc., ler o artigo que se encontra à página 12 desta edição, sob o título APRENDA A COMBATER O CALOR.